

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo – 2023

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

CICLO DE DEZ PALESTRAS



de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES



CICLO DE DEZ PALESTRAS

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

1

MAS EXISTE O HOMEM? JOÃO PAULO PIMENTA

joão paulo pimenta

MAS EXISTE O HOMEM?

APRESENTAÇÃO DO CICLO
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto, João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pimenta, João Paulo

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 1 / João Paulo Pimenta ; coordenação Fernando Rios , Terezinha Azerêdo Rios. -- 1. ed. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, 2023.
PDF.

ISBN 978-65-87592-18-3

1. Humanidade - Antropologia filosófica
2. Humanidade - História
3. Humanidades - Filosofia I. Rios, Fernando. II. Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-159682

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia filosófica 128
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Humanidade no plural

Refletir sobre o humano, levando em conta a pluralidade dessa condição, reaviva indagações que nos acompanham desde os tempos mais antigos. Como viver conjuntamente, em um mundo caracterizado pela multiplicidade de experiências e distribuição desigual de recursos? É possível enfrentar desigualdades, preservando as diferenças? De que forma encontrar o equilíbrio entre os seres, e entre estes e o ambiente?

Examinar as variadas formas que pessoas e grupos encontraram para morar e comer, se comunicar e rezar, trabalhar e fruir o tempo de lazer, tudo isso estimula o contato com a alteridade, convidando a um olhar sobre si - e pode, quem sabe, abrir portas à reinvenção. Mobilizado por perguntas-chave, o ciclo “De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? Seres humanos e suas humanidades” instiga o debate e a reflexão sobre temas que atravessam a experiência humana, e que seguem se atualizando a partir dos contextos e da produção de sentido que elaboramos no mundo, em nossas relações e na diversidade.

Realizado pelo Sesc São Paulo, por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), a partir da proposição dos educadores Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios, o ciclo contou com dez encontros online, de agosto

a outubro de 2022, e reuniu pesquisadores e pesquisadoras com diferentes formações e atuações. O objetivo foi destacar diversos modos de pensar e problematizar as várias áreas que se interseccionam na construção do ser social, político, econômico e cultural, sobretudo após a drástica mudança de conjuntura que enfrentamos a partir de 2020, frente a uma crise sanitária em nível mundial. A presente publicação reúne a transcrição das palestras e foi elaborada com o intuito de garantir o acesso e a circulação das ideias e provocações desenvolvidas em cada encontro.

Uma boa leitura.

SESC São Paulo

Apresentação

Respostas que nos ajudem a compreender e construir diariamente nossas humanidades.

Esta série de encontros “DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES” foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Andréa de Araújo Nogueira e Sabrina da Paixão Brésio.

Nosso agradecimento a todos os palestrantes e participantes dos encontros.

Com este projeto, pretendemos destacar alguns elementos no percurso dos seres humanos e na criação de suas múltiplas humanidades e destacar algumas das características que elas foram adquirindo, a partir dos encontros e desencontros das diferentes culturas nos diversos espaços de construção da vida social.

Acreditamos que o conhecimento proporciona os melhores instrumentos para investigar e interpretar a realidade e propor mudanças significativas que aperfeiçoem a convivência, tendo como horizonte o bem comum.

Assim, a discussão sobre cada um destes temas procurará trazer respostas que nos ajudarão a entender melhor o ser humano e suas humanidades. E a pavimentar melhor nossos caminhos.

Queremos refletir sobre os desafios que temos enfrentado, e que na certa enfrentaremos, com as mudanças que acontecem a cada dia mais rapidamente, para encontrar algumas respostas que nos auxiliem na compreensão e na diuturna tarefa de construção de nossas sociedades, de nossas culturas, enfim, de nossas humanidades.

Terezinha Azerêdo Rios

ESTRUTURA DO CICLO

DE ONDE VIEMOS?

ONDE ESTAMOS?

PARA ONDE VAMOS?

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

**Ser humano, natureza e a transformação do planeta.
Que caminhos nós temos trilhado para chegar a tantas
humanidades?**

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO, CURADORIA

Fernando Rios

Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA

Terezinha Azerêdo Rios

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

PAULO FREIRE, *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA*

O pós-coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise. Poderia tanto ser apocalíptico quanto portador de esperança. Muitos comungam a certeza de que o mundo de amanhã não será o mesmo de ontem. Mas como será? A crise sanitária, econômica, política e social conduzirá ao desmembramento de nossa sociedade? Saberemos extrair lições dessa pandemia que revelou a comunhão de destinos para todos os humanos, em ligação com o destino biotecnológico do planeta? E eis que entramos na era das incertezas.

O futuro imprevisível está em gestação hoje. Tomara que seja para a regeneração da política, para a proteção do planeta e para a humanização da sociedade: está na hora de mudar de via.

EDGAR MORIN, *É HORA DE MUDARMOS DE VIA – AS LIÇÕES DO CORONAVIRUS*

INTRODUÇÃO

O progresso não consiste necessariamente em ir sempre adiante a qualquer custo.

UMBERTO ECO, PAPE, SATAN, ALEPPE – CRÔNICAS DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA

I

Raramente paramos para responder a algumas perguntas que atravessam séculos. Costumamos aceitar respostas prontas, para não aumentarmos nossas muitas preocupações. Grande parte das pessoas vive sem muitos questionamentos. Mas compreender o mundo e suas transformações pode ajudar na criação de uma vida melhor e de uma sociedade mais justa e solidária.

II

O que caracteriza fundamentalmente a realidade é o movimento. A transformação constante se manifesta em todos os espaços, sobretudo na vida e nas relações humanas. Portanto, estamos sempre mudando. Por que, então, destacamos o apelo de Morin? O que existirá nesta hora que indica a necessidade de uma mudança de caráter mais radical? Julgamos que há alguns aspectos que merecem atenção especial neste momento das histórias das humanidades. No lugar de um universo – ou de um pluriverso, como poderíamos dizer – passamos a fazer referência a uma metafísica do metaverso, instância de criação de subjetividades virtuais ainda não exploradas a não ser na ficção. Em quantos eus, reais ou virtuais, cada um de nós se multiplicará?

ENCONTRO I MAS EXISTE O HOMEM?

APRESENTAÇÃO DO CICLO
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO – CULTURA, SOCIEDADE,
HISTÓRIA.

CONVIDADO **JOÃO PAULO PIMENTA**

Mais do que falar numa natureza/essência humana, talvez valesse mencionar uma condição humana, uma vez que é próprio da humanidade ir se construindo, a partir da intervenção na natureza e da relação com os outros.

ENCONTRO 2 GANHARÁS O TEU PÃO COM O SUOR.

TRABALHO, LAZER, ÓCIO. DA PUNIÇÃO BÍBLICA AO HOME
OFFICE. ESCRAVIZAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS. CAPITAL E
TRABALHO. VIVER PARA TRABALHAR OU TRABALHAR PARA
VIVER

CONVIDADO **LADISLAU DOWBOR**

Trabalho é um conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim. A humanidade, bem ou mal, assalariada ou escravizada, sempre trabalhou. Está aumentando o número de desempregados? Aumentou a exploração do trabalhador? A inteligência artificial está substituindo a força de trabalho humana? O que é "Uberização"? Capital e trabalho continuam em conflito?

ENCONTRO 3 QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA

COMUNICAÇÃO: LINGUAGENS, LÍNGUAS, CONSCIENTE, INCONSCIENTE.

DA CAVERNA AO METAVERSO, O MUNDO CONECTADO. ARTE: DOMINAR O REAL, MITIFICAR, REPRODUZIR, EXPRESSAR EMOÇÕES

CONVIDADA **RITA VON HUNTY**

O ser humano é o animal mais comunicativo que existe. Simplesmente porque inventou vários jeitos, várias maneiras de expressar aquilo que experimenta, sente, pensa. Em cada ação há uma comunicação. O ser humano jamais se comunicou tanto! Com o corpo todo. Mas os seres humanos se entendem?

ENCONTRO 4 ANDAR COM FÉ EU VOU

ESPIRITUALIDADE, CRENÇAS, RELIGIOSIDADE, TRANSCENDÊNCIA. RAZÃO E EMOÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.

CONVIDADO **FREI BETTO**

O ser humano sempre manifesta o desejo de ser mais – essa é a sua dimensão de transcendência. Isso tem levado o ser humano a criar múltiplas interpretações sobre a vida e a morte, o natural e o sobrenatural. Cria mitos, seitas, religiões. Além das três mais difundidas religiões, há um sem-número de outras. Quantas razões precisamos para “enfrentar” a vida? Quantos significados? Por que precisamos superar a morte?

ENCONTRO 5 UMA CIDADE SEM PORTAS, DE CASAS SEM ARMADILHA.

CASAS E CIDADES, URBANO E RURAL. MEGALÓPOLES, FAVELAS, FLORESTAS E DESERTOS. ONDE MORA O SER HUMANO? A NECESSIDADE DE UM URBANISMO SUSTENTÁVEL

CONVIDADA **RAQUEL ROLNIK**

As primeiras cidades surgiram e se desenvolveram-se na Mesopotâmia, em torno do Rio Eufrates, cerca de 3500 a.C. A partir daí, a humanidade registrou, através dos tempos, um movimento do campo para a cidade. Surgem as megalópoles. Mas o inchaço das cidades não trouxe boa vida para a população. Que cidades podemos esperar num mundo de 8 bilhões de habitantes?

ENCONTRO 6 É IMPOSSÍVEL SER HUMANO SOZINHO

AGRUPAMENTOS, COMUNIDADES, SOCIEDADE, LAÇOS, CONFLITOS, VIDA POLÍTICA. AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA, CRUELDADE.

CONVIDADO **TALES AB'SÁBER**

Viver é conviver. Como tem sido a constituição de comunidades em várias partes do mundo? O que trouxemos dos hominídeos? E dos povos originários? E as diferentes famílias da atualidade? Mesmo com conflitos, guerras, adversidades, consciente ou inconscientemente, os seres humanos e as sociedades têm buscado uma convivência pacífica. Conseguiremos?

ENCONTRO 7 COMER PARA VIVER OU VIVER PARA COMER?

AGRICULTURA E PECUÁRIA. FOME E ABUNDÂNCIA. ALIMENTAÇÃO, GASTRONOMIA. O CORPO E SEUS MODELOS. HÁ COMIDA PARA AS HUMANIDADES?

CONVIDADA **MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO**

Foi com a domesticação de vegetais e animais, cerca de 10.000 anos AC, a partir do crescente fértil, uma região localizada entre os rios Tigre, Eufrates, Jordão e Nilo, que a humanidade ampliou sua capacidade de sobreviver. A população mundial deverá ter quase 10 bilhões de pessoas em 2050. A produção de alimentos terá que aumentar 70%, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Conseguiremos?

ENCONTRO 8 O MUNDO É UMA ESCOLA

EDUCAÇÃO: PRESERVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA. O QUE OS POVOS ORIGINÁRIOS NOS ENSINAM? A PÓS-PANDEMIA. AULAS PRESENCIAIS E À DISTÂNCIA. A INTERNET E O PROFESSOR GOOGLE. AVALIAÇÃO DO CICLO.

CONVIDADO **CÉSAR APARECIDO NUNES**

A educação é um processo de construção contínua da humanidade, de socialização da cultura, de criação, recriação e partilha de conhecimentos e valores. A velocidade com que essas mudanças acontecem é reflexo dos avanços tecnológicos que, nos últimos tempos, vêm gerando uma revolução em todos os setores. Como será a escola acoplada à tecnologia digital? Que educação vem por aí?

ENCONTRO 9 PROGRESSO A QUALQUER PREÇO?

TECNOLOGIA. OS OSSOS E A PEDRA POLIDA. O FOGO E A RODA. OS METAIS, OS TRANSPORTES, OS TIPOS MÓVEIS. A COMUNICAÇÃO DE MASSA. A COMUNICAÇÃO DIGITAL. O METAVERSO.

CONVIDADA **TATIANA ROQUE**

Desde sempre, a tecnologia faz parte da humanidade. Quais tecnologias contribuíram para mudá-la significativamente? A cada dia, uma inovação tecnológica é introduzida no contexto social. Em franco progresso estão a Inteligência Artificial, o Metaverso, a Biologia Genética, a Robótica. seres humanos concorrerão com espécimes criadas artificialmente.

ENCONTRO 10 O PLANETA ESTÁ ENFERMO

MEIO AMBIENTE NO BRASIL E NO MUNDO; CAPITALISMO, CONSUMO E CONSUMISMO; DESMATAMENTOS, RESÍDUOS, POLUIÇÃO; MODA E MODISMOS. É POSSÍVEL ENFRENTAR A DOENÇA PLANETÁRIA?

CONVIDADA **SÔNIA GUAJAJARA**

Nós, seres humanos, somos consumidores desde que iniciamos nosso périplo pela Terra. Originalmente, havia tempo para a caça e pesca, para a família, para festas e rituais. Com a transformação das sociedades e com o advento do capitalismo, um novo comportamento se consolidou na sociedade: o consumismo. Esse consumo desenfreado está comprometendo a sobrevivência da humanidade.

sabrina da paixão brésio

Questões clássicas

Bem-vindos e bem-vindas, todos e todas, ao ciclo *De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos?* São questões clássicas as aqui trazidas pelos curadores, a professora Terezinha Azerêdo Rios e o jornalista e antropólogo Fernando Rios. Este ciclo é promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação, CPF, do Sesc São Paulo. Temos o prazer de iniciá-lo hoje. Ele terá dez encontros *online*, com inscrições abertas no nosso site.

Antes de dar início à atividade de hoje, queria dar algumas informações. O encontro é ao vivo e síncrono e sua gravação não será disponibilizada posteriormente. As palestras serão transcritas e, depois de aprovadas pelos palestrantes, serão publicadas no site do CPF.

As perguntas podem ser feitas pelo chat e serão repassadas à Terezinha.

A declaração de participação pode ser solicitada por e-mail, com o nome completo do participante, o nome e a data da atividade, e enviada ao endereço - declaracao.cpf@sesc.org.br.

Agora, tenho prazer em apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios. Ela é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e

doutora pela faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. É palestrante em instituições educacionais e empresas e pesquisadora do GEPEFE - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores, da FEUSP. Passo a palavra para a professora, que apresentará o nosso convidado, e desejo a todos e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

“Doncôvim, oncotô, proncovô, quemcossô?”

Muito bom dia a todas as pessoas que estão conosco. A nossa primeira palavra - minha e do Fernando - é de agradecimento pela presença de vocês e, também, ao Sesc São Paulo, pela generosa parceria.

Este é o segundo projeto que desenvolvemos com o Sesc e temos tido sempre a acolhida calorosa da Andréa Nogueira e, muito especialmente, da Sabrina Brésio, que nos tem acompanhado desde o ano passado. Agradeço, portanto, e desejo que possamos fazer um trabalho muito bom. Na verdade, temos certeza de que será assim, já que podemos contar com a presença de vocês e desses convidados da melhor qualidade que estão conosco.

Sabrina anunciou e foi assim que apareceu no Sesc, *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?*. Vamos começar traduzindo em mineirês: *doncovim, oncotô, proncovô?* E a pergunta mais séria que está embutida é *quemcossô?*. Quem somos nós?

A nossa intenção aqui, como anunciamos, é exatamente responder a essas perguntas, que são perguntas antigas da humanidade, e com a intenção de responder a uma outra:

- que caminhos temos trilhado para chegar a tantas humanidades?

Não falamos em humanidade, no singular. Falamos das múltiplas e complexas humanidades

que temos visto e experimentado ao longo da história.

A ideia é exatamente estabelecer um diálogo, fazer uma reflexão do ponto de vista da filosofia, que é o meu espaço, da antropologia, que é o espaço do Fernando, e de tantos outros caminhos dessas pessoas que trarão a sua colaboração para que possamos caminhar juntos no sentido de partilhar nossas ideias.

Tenho dito sempre que, no departamento das ideias, não podemos falar em troca. Uma troca implica sempre uma perda. Se troco algo com vocês, perco algo e ganho aquilo que vocês me trazem. Mas há sempre uma perda quando se trata de objetos, de materialidade. No departamento das ideias, não existe isso: se trago uma ideia, ao partilhá-la com vocês, não perco a ideia, nem vocês as suas. Não dividimos, somamos, multiplicamos. Por isso mesmo queremos que seja uma partilha.

É isso que vamos fazer e, exatamente por isso, estamos nos perguntando sobre as humanidades, sobre os seres humanos, como eles têm vivido, como têm se comunicado. Eles e elas: sempre estará implícito todos os gêneros, como se relacionam entre si, com a transcendência, como criam, como vivem... Tínhamos planejado um encontro em que ti-

véssemos o João Paulo Pimenta (1972) e o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940), para trabalharmos os temas da história e da cultura simultaneamente. Mas, antes de qualquer coisa, quero dizer da minha alegria, da nossa alegria muito particular de ter aqui conosco o João Paulo Pimenta, amigo antes de tudo, e um intelectual respeitado e admirado.

O João é doutor em História, professor do departamento de História da USP desde 2004 e foi professor visitante de universidades no México, na Espanha, no Uruguai, no Equador e no Chile. É especialista em História do Brasil e da América dos séculos 18 e 19, especialista também em Teoria da História e Questão Nacional. É autor de uma centena de publicações acadêmicas e de divulgação, incluindo dez livros editados em seis países. As suas obras mais recentes são: *O livro do tempo: uma história social*, publicado pelas Edições 70, em 2021, e *Independência do Brasil*, publicado pela Contexto em 2022. Também organizou *E deixou de ser colônia, uma história da independência do Brasil*, pela Edições 70.

É dele que aguardamos uma palavra a propósito da questão da história. Mas eu dizia que queríamos buscar também uma perspectiva da antropologia, na palavra do Carlos Rodrigues Brandão (1940). Ele não está conosco devido a um problema de saúde. Estamos na torcida para que ele se recupere logo e possa participar da nossa atividade. O livro de refe-

rência que buscamos do Brandão foi: *Nós, os humanos*¹.

Nós, os humanos, quem somos os humanos e as humanas?

E agora, quem nos ajuda a lançar a provocação é um conterrâneo meu da melhor qualidade, Carlos Drummond de Andrade. Drummond tem um poema belíssimo, que se chama *Especulações em torno da palavra homem*², que está no seu livro *A vida passada a limpo*, publicado pela Companhia das Letras.

Especulações em torno da palavra homem

Mas que coisa é homem, que há sob o nome:

uma geografia?

um ser metafísico? uma fábula sem signo que a desmonte?

Como pode o homem sentir-se a si mesmo, quando o mundo some?

Como vai o homem junto de outro homem, sem perder o nome?

E não perde o nome e o sal que ele come nada lhe acrescenta

nem lhe subtrai da doação do pai? Como se faz um homem?

Apenas deitar, copular, à espera de que do abdômen

1 NÓS, OS HUMANOS: DO MUNDO À VIDA, DA VIDA À CULTURA

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Editora Cortez, 2018.

2 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Aeroplanos da Birmânia

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

brote a flor do homem? Como se fazer a si mesmo, antes de fazer o homem? Fabricar o pai e o pai e outro pai e um pai mais remoto que o primeiro homem? Quanto vale o homem? Menos, mais que o peso? Hoje mais que ontem? Vale menos, velho? Vale menos, morto? Menos um que outro, se o valor do homem é medida de homem? Como morre o homem, morre a cada passo? Sua morte é fome que a si mesma come? Morre a cada passo? Quando dorme, morre? Quando morre, morre? A morte do homem consemelha a goma que ele masca, ponche que ele sorve, sono que ele brinca, incerto de estar perto, longe? Morre, sonha o homem? Por que morre o homem? Campeia outra forma de existir sem vida? Fareja outra vida não já repetida, em doido horizonte? Indaga outro homem? Por que morte e homem andam de mãos dadas e são tão engraçadas as horas do homem? Mas que coisa é homem? Tem medo de morte, mata-se, sem medo? Ou medo é que o mata com punhal de prata, laço de gravata, pulo sobre a ponte? Por que vive o homem? Quem o força a isso, prisioneiro insonte?

Como vive o homem, se é certo que vive? Que oculta na frente? E por que não conta seu todo segredo mesmo em tom esconso? Por que mente o homem? Mente mente mente desesperadamente? Por que não se cala, se a mentira fala, em tudo que sente? Por que chora o homem? Que choro compensa o mal de ser homem? Mas que dor é homem? Homem como pode descobrir que dói? Há alma no homem? E quem pôs na alma algo que a destrói? Como sabe o homem o que é sua alma e o que é alma anônima? Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos? Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem? E sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte? Que milagre é o homem? Que sonho, que sombra? Mas existe o homem?

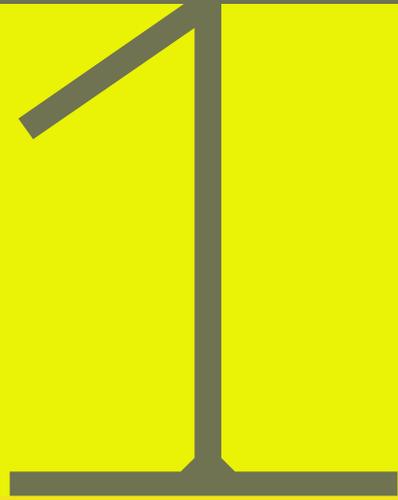
Ninguém nasce humano, torna-se humano.

... mas existe o homem?
Esta é a pergunta que nos trouxe até aqui. Cada um desses versos de Drummond nos remete a coisas de que trata o Brandão, quando diz que nós, seres humanos, somos os artesãos do oitavo dia. Ele brinca dizendo que é como se o criador tivesse feito o mundo em sete dias

e nos criado nesse sétimo. A partir daí, assumimos a criação. Assim, as humanidades resultam exatamente da interferência dos seres humanos, homens e mulheres, na natureza, criando múltiplas culturas.

Ninguém nasce humano, torna-se humano. Dizemos, parafraseando a escritora, filósofa existencialista, ativista política e feminista Simone de Beauvoir (1908-1986), quando diz que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Somos sim, uma espécie biologicamente *sapiens sapiens*, mas de *homo sapiens* a seres humanos há um longo caminho que é o da cultura, da criação, da interferência na natureza e da mudança.

E como mudança é movimento e é história, hoje conversaremos com João Paulo Pimenta. Esperamos que haja a possibilidade de ele nos trazer um pouco da contribuição tão rica que ele tem. Ele falará por cerca de 50 minutos e, em seguida, abriremos para as perguntas de vocês e para o diálogo. Obrigada, João, antes de tudo, e a palavra é sua.



JOÃO PAULO PIMENTA



Existem muitos e muitos tempos em cada ser humano e em cada sociedade. Porém, no mundo de hoje, há um tipo de tempo que não é “único e exclusivo”, mas “dominante”. Que tempo é esse, mais poderoso do que todos os outros? É o tempo que não pode ser desperdiçado, que precisa ser bem utilizado. É o tempo da produção, do lucro, da hiperatividade e do trabalho incessante ou maximizado, seja ele do homem ou da máquina. É ainda o tempo da valorização incessante do novo sobre o velho, o antigo e o obsoleto. É, em síntese, o tempo da modernidade capitalista.

joão paulo pimenta

O homem não tem natureza, mas tem história.

Eu é que agradeço a vocês, Terezinha, Fernando e Sabrina, pelo convite e organização deste evento. Também agradeço a todos os presentes, a quem devo fazer uma advertência: não sei se poderei corresponder às expectativas que em mim foram depositadas, uma vez que, após apreciarmos Carlos Drummond de Andrade, convenhamos, não há graça nenhuma em ouvir um historiador. Mas farei meu melhor, tratando de valorizar o objeto que, em si, é o cerne de nossa atividade, e que é um grande objeto em todos os sentidos. Agora entendi exatamente, Terezinha, de onde veio esse título, “mas existe o homem?”. Acho que o Fernando tinha feito a advertência que era uma passagem do Drummond, mas eu não registrei isso bem. Não foi um título que eu escolhi, foi um título que a mim foi atribuído e que aceitei, inclusive, por uma questão de educação. Mas é um título que eu jamais daria para uma fala minha, uma vez que soaria excessivamente pretensioso eu me colocar como capaz de dele dar conta satisfatoriamente. Não apenas porque sou apenas um historiador, mas porque também sou, afinal e limitadamente, humano. Feita tal advertência, começo com dois esclarecimentos. Em primeiro lugar, Drummond já deu o tom, mas nunca é demais reforçar:

por homem, aqui, estamos nos referindo a um grande e singular coletivo, que indica uma ideia possível de humanidade. Não tem nada a ver com classificações de gênero, com distinções entre homens, mulheres ou outras categorias similares. Refere-se apenas a um termo clássico, de fácil reconhecimento: homem no sentido de representante de *humanidade*. Em segundo lugar: a pergunta, “Mas existe o homem?”, pode ter um peso estético enorme, bem como um peso filosófico. Mas seu peso histórico é bastante discutível. Afinal, por ser ampla demais, bem como redundante - toda história é, estrito senso, humana - ela pode soar, no limite, como puramente retórica. Se for um pretexto para uma fruição estética ou uma reflexão filosófica, ela se justifica plenamente. Mas em muitos outros quadrantes da nossa sociedade, essa pergunta pode ser uma pergunta sem sentido. Mesmo assim, acredito que com uma argumentação histórica é possível objetivá-la e, de certo modo, respondê-la. *Mas existe o homem?* De “cara”, sim, o homem existe. Mas em que termos? Começo com uma frase do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), que se encontra em um texto escrito em 1935, *História como sistema*. Nele, afirmou Ortega y Gasset:

“o homem não tem natureza, mas tem história”. Repito: “o homem não tem natureza, mas tem história”. O que isso quer dizer? Na obra do Ortega y Gasset, quer dizer aquilo que em parte se depreende do contexto histórico e do sistema filosófico que envolvem tal afirmação. O contexto histórico pode ser muito brevemente indicado como sendo o de adensamento da consciência crítica em relação à ideia oitocentista de progresso.

O homem é aquilo que ele faz no tempo e com o tempo.

A ideia de progresso começou a ser gestada, no mundo europeu e no ocidental por ele organizado, no século XVII, e triunfou como um conceito social, normativo e central no século XIX. Quando a ideia adquiriu a força de um conceito, este ensinava às pessoas que o aprimoramento da humanidade não apenas era positivo, mas também inevitável. Foi com essa semântica fundamental que a Europa consolidou e globalizou tal conceito, esparando-o para outras partes do mundo ainda no século XIX.

Esse *progresso* ainda estava em vigência no século XX, fortemente amparado por desenvolvimentos tecnológicos originados nas diferentes fases da Revolução Industrial. A ideia de que a humanidade estava caminhando para o seu aprimoramento positivo e inevitável ainda era forte quando Ortega y Gasset escreveu sua obra; mas sendo cada vez mais

afrontada e enfrentada.

A Primeira Guerra Mundial foi um dos momentos cruciais do declínio do conceito de progresso, uma vez que escancarou as limitações de concepções de mundo a ele atreladas. Afinal, ela foi uma inaudita catástrofe criada, inclusive, pelo progresso tecnológico. Foi a primeira grande guerra ao mesmo tempo tecnológica, industrial e universal do mundo moderno. Uma guerra de aviões, submarinos, armas químicas e deslocamentos rápidos. Uma guerra à exaustão, de mutilações e massacres de não-combatentes.

Também a crise global do capitalismo de 1929 deu um golpe poderoso no conceito vigente de progresso, porque escancarou desigualdades das oportunidades, das distribuições e das benesses materiais prometidas pelo capitalismo. Já em 1929 alguns países se recuperavam rapidamente, enquanto outros levaram décadas para fazê-lo. E dentro dos países, as penalidades sociais, embora largamente distribuídas, também se mostraram profundamente desiguais. Progresso para quem e para quê? Finalmente, em 1935 havia um contexto político de ascensão do fascismo e do nazismo na Itália, na Alemanha e em outros países europeus. Na Espanha, a crise e o fim da República Espanhola, da qual Ortega y Gasset era um defensor, foi, como sabemos, um processo de dimensões mundiais, e que mobilizou corações e mentes em diferentes países. Regimes brutalmente autoritários, assentados em força militar e profundamente excludentes de

diferenças sociais, culturais e ideológicas, inclusive na União Soviética, pareciam confinar o tão sonhado progresso universal da humanidade à condição de piada de mau gosto. Pois bem, Ortega afirma que o homem não tem natureza, mas tem história, porque, afinal de contas, o filósofo está em busca de algo distinto do que ele mesmo chama de “razão natural do homem”. E aqui entra o contexto filosófico. O que seria essa “razão natural”? Seria, de algum modo, a atribuição de uma essência ao homem, relacionado a uma natureza apreensível e explicável pela ciência? Tal definição se coadunava perfeitamente com o conceito de progresso.

Em 1935, a crença na possibilidade de decodificação da natureza humana pela ciência declinava junto com o conceito de progresso que, como vimos, tinha desde as suas origens uma base fortemente cientificista. Porém, segundo Ortega y Gasset, o declínio da ideia de que o homem seria definido por uma “natureza humana” não vinha oferecendo nenhuma alternativa viável à que declinava. Insatisfatória seria, inclusive, a atribuição ao homem de uma “natureza do espírito”, como pretendia, ainda no século XIX, a tradição filosófica hegeliana. Segundo Ortega, o homem não se realizaria nem por sua natureza, nem por seu espírito. Sem “natureza” ou sem “espírito”, o homem teria “história”. Isto é, em vez de se definir por uma suposta essência, ele se definiria por uma vida, por uma trajetória, por sua realização no

mundo, pelo seu viver, estando, assim, em uma permanente reconfiguração. Essa seria a razão histórica do homem segundo Ortega y Gasset. De acordo com essa forma de pensar, se o homem é aquilo que faz no mundo, não a sua suposta essência, mas sim a sua história, o homem dotado de história é definido por aquilo que faz “no tempo”. Continuo fiel à letra de Ortega y Gasset: o homem “faz” no tempo, logo, só “existe” no tempo.

Agora, ideia minha: se o homem é aquilo que faz “no tempo”, e se essa é a sua “razão histórica”, então o homem é também aquilo que faz “com o tempo”. O homem está no tempo, é humano no tempo; contudo, ele também faz, constrói, inventa, concebe o tempo, pois não existe tempo que não seja uma construção humana.

A natureza não elaborou ideias de tempo. A natureza não chamou nada de “tempo”. O movimento dos astros não se chama “tempo”, tampouco o período de revolução dos corpos celestes ou os ciclos biológicos da vida. Quem inventou o tempo como ideia, obviamente, foi o homem. O que ele fez com o tempo? O que ele ainda faz com o tempo?

Voltando ao título geral desta jornada e pensando historicamente, entendo um pouco mais “de onde vim?” do que “onde estou?” ou “para onde vou?”. Mas claro que, quando entendemos de onde viemos, entendemos um pouco onde estamos e, com maiores dificuldades, para onde vamos. E já que chegamos até aqui, não custa continuar tentando.

É possível estabelecer uma história da humanidade a partir de uma história de suas formas de viver, pensar e representar o tempo. É, portanto, possível fazer uma história da “razão histórica” de Ortega y Gasset não apenas pela posição do homem no tempo, mas pelas muitas e muitas coisas que ele, homem, fez e ainda faz com isso que chamamos, com uma palavra tão geral que não nos diz muita coisa, de “tempo”. Se admitirmos, então, que não existe tempo que não seja tempo humano, que o tempo - mesmo o da natureza - é sempre uma criação humana, não é difícil admitirmos que nunca um homem ou uma sociedade viveram ou vivem um único tempo.

No passado, a humanidade fez muito mais com os céus do que nós fazemos hoje.

A história dá significado para o homem e define uma de suas - talvez a principal - formas de ser. Mas claro que não podemos deixar de lado as determinações biológicas da existência humana. Há aqui, de nossa parte, um certo exagero na pretensão de se substituir, por completo, uma “razão natural” do homem por uma “razão histórica”. Mas mesmo algo exagerada, tal pretensão não deixa de ser verdadeira.

Se fizermos uma história de como o homem se define ao “lidar” com o tempo, perceberemos coisas muito interessantes acerca não apenas de onde viemos, mas também acerca de onde estamos e para onde vamos. Vou agora dar al-

guns exemplos do que o homem fez com o tempo ao longo da história e como isso significou definir a si mesmo na história.

O homem, por exemplo, sempre olhou para os céus. Hoje em dia, é difícil olhar para os céus e ver algo para além de nuvens, o sol ou a lua, talvez uma estrela solitária, um helicóptero ou um passarinho. Contudo, durante a maior parte de sua existência, a humanidade fez muito mais com os céus do que nós fazemos hoje. No passado, o homem olhou para os céus e lá, muito primitivamente, distinguiu a escuridão da luminosidade; sentiu mais calor ou mais frio em certos momentos de sua vida; aprendeu bons e maus períodos para plantar, colher e armazenar. A tudo isso, o homem organizou inventando coisas que ele chamou de dias, semanas, meses, estações e anos. Os dias ele subdividiu, e inventou as horas, que nem sempre foram as mesmas coisas. As horas foram mudando ao longo da existência humana. Em algumas sociedades, por exemplo, os antigos egípcios, a primeira hora era quando o sol nascia. Então tinha início o dia. Em muitas outras, por exemplo, povos da antiga Mesopotâmia, antigos gregos e hebreus e, muitos séculos depois, os primeiros muçulmanos, os dias tinham início com o pôr do sol. O calendário muçulmano até hoje é regido dessa maneira. Outro tipo de dia, muito esquisito, hoje é quase universal: ele começa com uma escuridão, uma tal de “meia noite”. Os antigos romanos já o praticavam, mas ele só foi

oficializado no mundo todo em primeiro de janeiro de 1925. E mesmo que ele não seja o único dia praticado no mundo, a única forma de contar a primeira hora, temos que reconhecer que ele é o mais poderoso (como costume dormir cedo, bem antes da meia-noite, quase nunca eu vejo o início oficial do dia; em compensação, com frequência testemunho o nascer do sol).

O homem também agrupou dias, emparelhou meses, juntou anos e com isso ele criou uma coisa chamada “calendário”. No passado, os calendários quase sempre foram formas humanas de invenção do tempo que tinham vigência apenas em alguns momentos da vida das pessoas, em somente certos dias ou períodos do ano. Os calendários perpétuos, que estão sempre, continuamente, organizando nosso tempo, são exceções na história dos calendários. A maior parte das pessoas que já existiu nesse nosso planeta viveu, repito, segundo a lógica de calendários que só tinham alguma importância em pequenos períodos. Nessas ocasiões, um calendário começava a ter vigência quando uma autoridade política ou religiosa definia: “a partir de agora, estamos começando a contar segundo um determinado calendário”, que podia se encerrar pouco ou muito depois. Para todos os efeitos, o calendário, então, desaparecia ou “adormecia”, até ser acordado de novo, no futuro, por uma autoridade. Calendários, como invenções humanas de tempo, sempre foram também instrumentos políticos de controle, domina-

ção e reforço de hierarquias sociais.

Hoje em dia, vivemos majoritariamente sob calendários perpétuos graças àquele que é o mais conquistador, o mais imperialista e o mais poderoso de todos os calendários que já existiram: o calendário cristão gregoriano. Criado em 1582 a partir de pequenos ajustes do antigo calendário juliano (este, estabelecido em 46 a.C.), e valorizando celebrações e marcos históricos ou míticos do cristianismo, o calendário gregoriano começou a se expandir e a se globalizar como um dos braços culturais, políticos e econômicos da expansão mercantilista e religiosa da Europa que começou com as grandes navegações e que levaria a essa globalização na qual vivemos no século XXI.

Mas embora esse seja o calendário majoritário, no mundo atual existem centenas de outros. Só que são calendários que se subordinam ao gregoriano. Mesmo em sociedades nas quais esses calendários específicos têm larga tradição, como por exemplo entre bilhões de chineses, hindus ou muçulmanos, quase todos eles também vivem, de alguma forma, o calendário gregoriano, em uma convivência mais ou menos pacífica com os seus calendários específicos. Calendários inventados pelo homem, tempos inventados e vividos pelo homem.

O homem também inventou muitos e muitos instrumentos para subdividir e contar horas. Por exemplo, as clepsidras, que são instrumentos dentro dos quais o transcur-

so da água indica períodos de tempo; ou as ampulhetas, relógios de areia geralmente de vidro, nos quais a areia passa de um recipiente para o outro e assim também marca períodos. E os relógios de sol? São invenções muito engenhosas, que projetam a sombra de um determinado ponteiro fincado na terra a partir da posição de latitude e longitude que esse instrumento estiver em relação ao Sol. E claro, quando o homem sentiu necessidade, inventou também relógios mecânicos, de uso coletivo ou particular, que foram se tornando cada vez mais precisos, e que deram origem aos relógios digitais, aos relógios atômicos, aos relógios de ultraprecisão que existem hoje.

Dois tempos: o tempo de Deus e o tempo dos homens.

Os relógios mecânicos começaram a surgir na Europa, e não em outras sociedades, no final do século XIII, porque a Europa estava se expandindo em termos de população, de criação de cidades e de práticas comerciais de alcance geográfico cada vez maior. Pouco antes, tinha havido outra expansão, religiosa e militar, mas também econômica, com as Cruzadas. Povos europeus foram, assim, criando a necessidade de instrumentos de mensuração de distâncias, de contagem de volumes e de divisão das horas. Com o surgimento dos relógios mecânicos, o homem inventou também minutos, segundos e outras subdivisões

das horas, até chegar aos dias de hoje, com negócios muito curtos e muito estranhos tais como o “zeptosegundo”.

O que é zeptosegundo? Se dividirmos um segundo por um bilhão, teremos uma partículazinha de tempo, a ser novamente dividida por um bilhão: então é um bilionésimo de bilionésimo de segundo. Mas para que serve um zeptosegundo? Isso tem a ver com o desenvolvimento da ciência, em especial da ciência das pequenas coisas: 200 zeptosegundos, por exemplo, indicam o tempo que a luz leva para atravessar uma molécula de carbono. São coisas que estão muito distantes da maioria das pessoas, mas que frequentam os laboratórios e as cabeças de alguns cientistas. São concepções de tempo, inúteis no passado, mas que hoje têm alguma serventia. E é por isso que foram inventadas.

Por toda parte, o homem inventou também deuses, deusas, criaturas sobrenaturais, espíritos responsáveis pela criação e pela destruição do mundo. Essas destruições periódicas do mundo seriam uma forma de regenerá-lo e purificá-lo. O mundo deveria ser destruído periodicamente para voltar a existir. Na antiga Mesopotâmia, surgiu uma das versões mais conhecidas desse mito: o dilúvio, que foi apropriado pelos hebreus até virar um mito judaico-cristão com Noé e sua arca. Diferentemente dos astecas e dos hindus, que inventaram destruições e recriações do mundo periódicas e constantes, os judaico-cristãos estabeleceram apenas duas: o dilúvio e o juízo final.

As religiões são talvez as maiores e mais duradouras potências de invenções de tempo pelo homem. As religiões, em sua enorme variedade, são sempre concepções de mundo e, nessa condição, também concepções de tempo. Santo Agostinho, o célebre bispo de Hipona, escreveu suas Confissões no final do século IV da Era Cristã. Ele dizia:

- Se me perguntam o que é o tempo, digo que sei; se me pedem para explicar o que é o tempo, digo que não sei.

O que Santo Agostinho queria dizer com isso? Ele queria afirmar a existência de dois tipos de tempo: um tempo da eternidade e um tempo dos homens. Um tempo de Deus, que não se confunde com o tempo no qual ocorrem os eventos mundanos, no qual as pessoas nascem e morrem e no qual existem os governos, a igreja e os sucessos políticos. O tempo dos homens seria subordinado ao de Deus, mas os homens só poderiam atingir a eternidade por meio de uma operação espiritual. Essa concepção de dois tipos de tempo teve vida longa. Ela é uma poderosa criação de tempo humano, a afirmar que certas coisas não são mensuráveis, definíveis ou explicáveis pelos homens simples mortais, pois pertencem a um tempo que está na esfera exclusiva de Deus.

Nenhum ser humano vive um único tempo.

O poderoso tempo que não pode ser desperdiçado.

Pois bem, por que estou falando tudo isso?

Porque a história de todos esses tempos humanos, a história de todas as imagens, palavras, sentimentos e artefatos culturais relativos ao tempo colocou o homem em algum lugar. Na verdade, em muitos lugares. Não apenas os lugares de onde viemos - a história -, mas também os lugares onde estamos. Que lugares são esses, hoje, agora? Eles são, dentre outras definições possíveis, a forma dominante de tempo do mundo atual.

Existe hoje em dia um tempo mais poderoso do que os demais tempos que com ele convivem. Atenção: eu acabo de dizer que o mundo possui hoje em dia - também no passado sempre foi assim - não "apenas" um, mas "muitos tempos simultâneos". Nenhuma sociedade, nenhum ser humano vive um único tempo, mas muitos: os tempos das religiões, dos calendários, do trabalho, do descanso, do viver e do morrer, da fruição estética e artística, das lembranças do passado, dos temores e expectativas do presente, da realização ou frustração do futuro. O tempo que às vezes é da pressa, às vezes do descanso. Típico da infância, da juventude, da maturidade, da velhice.

Existem muitos e muitos tempos em cada ser humano e em cada sociedade. Porém, no mundo de hoje, existe um tipo de tempo que não é "único e exclusivo", mas "dominante". Que tempo é esse, mais poderoso do que todos os outros? É o tempo que não pode ser desperdiçado, que precisa ser bem utilizado. É o tempo da produção, do lucro, da hiperativi-

dade e do trabalho incessante ou maximizado, seja ele do homem ou da máquina. É ainda o tempo da valorização incessante do novo por sobre o velho, o antigo e o obsoleto. É, em síntese, o tempo da modernidade capitalista. A ideia de que o tempo é algo em si, e que não pode ser desperdiçado, parece ter sido formulada pela primeira vez, na Europa do século XII. Temos isso na pena do teólogo inglês John of Salisbury (1115-1180):

“O tempo não pode ser desperdiçado; perda de tempo é pecado.”

Por que perder tempo era pecado? Porque, segundo Santo Agostinho, o mais importante dos tempos era o tempo de Deus e da eternidade; logo, sendo uma criação divina, tempo algum poderia jamais ser desperdiçado, pois isso implicaria afrontar a criação divina. Não tardou para os europeus adaptarem essa ideia de condenação da perda de tempo para interesses menos místicos e mais mundanos. Foi assim que surgiu a ideia, bem adequada à expansão comercial da Europa, de que “tempo é dinheiro”. Essa elaboração medieval foi sendo parcialmente revisada até chegar aos dias de hoje. Primeiro, porque ela é, lá nas suas origens, uma elaboração religiosa do tempo, o que lhe garantiu credibilidade e prestígio por muitos séculos. Segundo, porque se perder tempo é perder dinheiro, essa ideia pôde se ajustar muito bem a outros contextos não necessariamente cristãos, se-

quer explicitamente religiosos. É o tempo do dinheiro, algo em si meio sagrado. Sabemos muito bem como formas de pensamento econômico nos dias de hoje têm origens, sobretudo a partir dos séculos XVIII e XIX, em concepções religiosas de mundo, nas quais as verdades de dogmas religiosos forneceram bases para o surgimento de dogmas econômicos (mesmo que muitos de seus atuais praticantes não percebiam ou não queiram admiti-lo).

O tempo da modernidade capitalista começou a ser preparado, no plano intelectual, na cristandade medieval europeia. Mas só deslançou a partir da Revolução Industrial, principalmente no século XIX, quando esse tempo começou a pautar todos os interstícios da vida social. E de lá chegamos até aqui, a esta situação que todos vivemos atualmente, na qual o tempo da modernidade capitalista se impôs como um tempo dominante, como se fosse absoluto, como se não existisse alternativa a ele. É um tempo especializado em efeitos deletérios, pelo menos para quem tem uma consciência crítica de como é a sua vida: ele nos pressiona, porque estamos sempre com a falta de tempo; ele é volátil, está sempre correndo e sempre parece nos escapar, criando a sensação de que somos incapazes de controlar o nosso próprio tempo, nossa própria vida.

É um tempo que cria e estimula desenraizamentos sociais, descontinuidades de relações humanas, familiares, comunitárias. É um tempo que define coisas (objetos, práticas,

ideias, e também pessoas) como sendo, por natureza, inferiores às novas. Por que as pessoas chamadas de “velhas” são consideradas feias e descartáveis? Porque, nas lógicas temporais da modernidade capitalista, elas são pouco ou nada produtivas, ineficientes ou incapazes de, por meio de atividades ininterruptas e aceleradas, gerar lucro. Assim, nosso tempo dominante criminaliza a depressão, desvaloriza a individualidade subjetiva, desqualifica o luto e a memória, sequer nos permite morrer lentamente. Tudo deve correr, sempre, em franca atividade... produtiva. Quem nunca pensou:

- Nossa, já estamos em junho ou julho, como esse ano está correndo.

O ano não está correndo. Em termos matemáticos, o ano é mais ou menos a mesma coisa desde que ele começou a ser definido com essas medidas matemáticas que nós temos para definir o que é o ano (ou os meses, as semanas, um dia, as horas, um minuto). Desde que isso foi estabelecido, matematicamente, ele está sempre mais ou menos igual.

Eu disse, cuidadosamente, “mais ou menos a mesma coisa”, porque nessa semana eu li uma notícia estranha, muito interessante e verdadeira. Há pouco vivemos um dia que foi o mais curto da história recente da terra.

O dia, a princípio, é o intervalo de tempo que a terra leva para fazer um movimento de rotação em torno do seu próprio eixo. Não é essa uma boa definição para “dia”? Só que esse movimento não é puramente uma definição

científico-matemática: ele tem uma correspondência com o tempo dominante da modernidade capitalista, do trabalho, da produção, do lucro, da pressa e de uma mensuração incessante de tudo, e que passa a ser tematizado em escalas cada vez menores. Assim, pode-se mensurar que a Terra girou, digamos, alguns décimos ou centésimos de segundo mais rápido do que de costume. Não deixa de ser incrível...

Para a imensa maioria da humanidade, na prática, isso não quer dizer absolutamente nada. Variações muito pequenas no movimento de rotação da terra são normais, mas imperceptíveis à avassaladora maioria das pessoas. Porém, quando dizemos algo como “nossa, como o tempo está correndo rápido” ou “parece que o tempo voa cada vez mais depressa”, estamos acusando os golpes das pressões desse mesmo tempo da modernidade capitalista que criou a demanda e permitiu a prática de mensurações matemáticas ínfimas. E assim podemos novamente nos perguntar: “aonde quero chegar”, se vivemos dessa maneira? Existe alternativa?

A história das relações do homem com o tempo mostra que sim, existem alternativas. Ao destacá-lo, já vou encaminhando para o final da minha exposição.

O declínio da ideia de um tempo absoluto

Há um outro capítulo dessa história das vivências, pensamentos e representações huma-

nas do tempo que convêm abordar agora: é a passagem da concepção de um tempo “absoluto” para um tempo “relativo”. Os antigos filósofos gregos conceberam o tempo como uma decorrência das coisas, do movimento das coisas (para Platão, o tempo era a imagem movente da eternidade) e, se as coisas tinham uma essência (isso é mais Aristóteles do que Platão), o tempo poderia ser algo em si. A leitura medieval dos antigos gregos, em uma chave agostiniana, consolidou a ideia do tempo em si, do tempo absoluto.

No século XVII europeu, o século da chamada “revolução científica”, triunfa a concepção de um tempo absoluto: o tempo que flui independentemente da vontade humana ou dos fenômenos da natureza. Quando Galileu Galilei (1564-1642) fez suas experimentações em torno da aceleração ou quando Isaac Newton (1643-1727) formulou seus princípios matemáticos para explicar o mundo, eles partiram do pressuposto de que as coisas só eram observáveis na natureza, admitindo-se um referencial fixo, um referencial externo aos fenômenos. O tempo seria então o tempo absoluto. Galileu, Newton e outros cientistas do século XVII formularam isso de maneira muito clara. No entanto, não é assim que o tempo é pensado hoje em dia. Embora muita gente acredite que exista um tempo independentemente dos fenômenos, e diríamos nós, aqui, independentemente do homem, não é bem assim. O tempo não é uma coisa só. No final do século XIX, esse tempo absoluto começou a ser

relativizado por várias frentes. Por exemplo, de maneira prática, por engenheiros, por técnicos que estavam construindo ferrovias e cabos telegráficos, e que estavam sincronizando horas em diferentes pontos do mundo, com distâncias geográficas muito grandes, e que foram percebendo que era impossível uma mensuração precisa e absoluta de um tempo supostamente universal. Eles perceberam que uma hora em um lugar não era a mesma uma hora no outro lugar; que não era possível tratar o tempo de um determinado ponto como sendo o mesmo tempo de outro ponto dele distante, digamos, 10.000 quilômetros. O tempo, assim, começou a se relativizar pelo espaço.

A dessacralização do tempo leva a uma humanização do tempo

Mais ou menos na mesma época, o tempo começou a ser relativizado também na filosofia. Por exemplo, o pensamento do Henri Bergson (1859-1941), para quem o tempo é duração. A duração bergsoniana é um estado de consciência, depende de um estado psíquico; o que, por um lado, batia de frente com a concepção de mundo grego; mas que, por outro, se aproximava do desenvolvimento religioso de um tempo absoluto, de um tempo independente dos fenômenos e das pessoas. Outro Henri, o Henri Poincaré (1854-1912), um grande matemático da época, também elaborou princípios de relativização do tempo. É fundamental mencionar, ainda, a psicaná-

lise: por que ela começou a surgir no final do século XIX e não em outras épocas? Não porque Sigmund Freud (1856-1939) tenha “descoberto” a psicanálise, evidentemente, mas sim porque ele inventou a psicanálise em um ambiente propício a tal invenção, um ambiente de declínio da ideia de um tempo absoluto. A psicanálise está fundamentada, dentre outras coisas, no tempo da vivência pessoal. Portanto, não pode haver um tempo absoluto, se o que importa é a experiência de vida de cada indivíduo, ainda que essa experiência siga pressupostos estruturais comuns da sociedade do indivíduo. Daí a possibilidade de se teorizar acerca do psiquismo.

Chegamos, então, a Albert Einstein (1879-1955), sim, outro grande pensador, mas não porque ele estivesse à frente do seu tempo (Freud tampouco estava). Nada está à frente do seu tempo. Tudo está no seu tempo. Não porque ele tenha pensado algo que ninguém mais poderia pensar, mas sim porque ele pensou de maneira especialmente acurada, contundente, algo que a sua época o estava estimulando a pensar: a relativização do tempo que vinha sendo elaborada e praticada em muitos quadrantes da sociedade daquela época. A teoria da relatividade, então, não é criação de uma genialidade individual, mas sim o produto social de um contexto histórico que estava tornando o tempo absoluto obsoleto, disfuncional.

Antes de fins do século XIX, as pessoas não precisavam de uma teoria da relatividade, da

psicanálise ou de uma filosofia da duração. Na Austrália dos aborígenes, no império mongol dos Khan, na América dos astecas ou na Europa mercantilista, ninguém tinha necessidade de nada disso. Essas necessidades foram sendo criadas no século XIX, não apenas com o desenvolvimento do tempo acelerado da modernidade capitalista, mas também com as suas consciências críticas: filósofos, cientistas, artistas...

O que os diz a teoria da relatividade? Muito, muito brevemente: diz que o tempo depende do espaço. Por quê? Porque existem coisas na natureza que deformam o tempo. A deformação do tempo implica que as coisas são mais rápidas ou são mais lentas a depender, basicamente, de dois fatores: de gravidade e de velocidade. A gravidade criada pela massa dos objetos, e a velocidade de seus deslocamentos, deformam o espaço e o tempo. O tempo não é idêntico para duas coisas submetidas a gravidades diferentes. O tempo não é o mesmo quando está sendo observado para dois objetos em lugares ou com velocidades diferentes. E tudo no universo está submetido a gravidade e está em deslocamento, nada está totalmente parado.

Portanto, não existe um tempo absoluto, único da natureza. O tempo - isto é uma constatação físico matemática - passa mais lentamente, por exemplo, para quem vive no primeiro andar de um edifício do que para quem vive no 15º. Por que o tempo no 15º andar é mais rápido? Porque no primeiro andar

sofre-se mais gravidade, criada pela grande massa do planeta terra, que é o centro da terra. Quem está no 15º andar sofre menos essa gravidade, portanto lá o tempo passa mais rápido. Mas viver longe das alturas não é uma boa estratégia para retardar o envelhecimento de ninguém, porque as diferenças entre as duas situações são muito pequenas, praticamente imperceptíveis, e só podem ser mensuradas com relógios de altíssima precisão.

Na natureza, portanto, não existe um tempo absoluto. O tempo é sempre relativo, vários tempos. Por que fiz essa explicação aqui, do declínio da concepção de um tempo absoluto em prol de um tempo relativo? Porque a relativização do tempo é, de certo modo, uma perspectiva fortemente histórica. Einstein e todos aqueles que hoje praticam a teoria da relatividade e seus pressupostos estão focados não nas pessoas (não são cientistas sociais), mas sim na natureza e, claro, nos componentes naturais das pessoas. No entanto, se pensarmos em termos de tempos da sociedade, quando observamos os tempos da história, constatamos que nunca existiu um único tempo. Sempre existiram muitos, mesmo quando os tempos se organizam em torno de um tempo dominante, como esse tempo da modernidade capitalista dos dias de hoje. O que eu quero dizer então - e com isso concluo - é que a transição parcial de uma "razão natural" para uma "razão histórica" pode ser pensada como uma atitude crítica de

transição de um tempo supra-humano (único e absoluto) para um tempo profundamente humano (plural e relativo). A dessacralização do tempo, que levou a uma humanização do tempo, tem como corolário obrigatório que, se todos os tempos são em última instância criações humanas, eles são parcialmente controláveis por quem os criou: o homem. Claro, o homem também cria coisas que fogem ao seu controle. O caso do aquecimento global é um exemplo contundente. Foi o homem que provocou o aquecimento global? Sim. Então basta ele querer para reverter o aquecimento global? Não. Pode ser que o aquecimento global já tenha escapado do controle humano; certamente ele pode mitigar seus efeitos ou até mesmo diminuir a aceleração do aquecimento global. Mas há cientistas que dizem que talvez já estejamos em um ponto de não retorno, ou muito próximos dele.

Nem tudo que o homem cria, ele consegue controlar. Mas a consciência do tempo, como uma criação humana, encontra uma correspondência na ideia de que aquilo que define o homem não é algo a ele imanente, mas algo histórico. E assim, se temos queixas em relação ao tempo dominante sobre cuja égide vivemos atualmente, podemos manejá-lo criticamente, pelo menos em alguns dos seus aspectos, se é que não conseguiremos mais abolir esse tempo e propor sua substituição por outro, de alguma forma, melhor.

Voltamos a Ortega y Gasset. Penso que ele tinha certa razão ao propor uma "razão his-

tórica”, não como substituição completa de uma “razão natural”, mas para identificação e valorização do homem como homem, ou seja, como agente de sua história. Um homem que existe em função daquilo que vive e daquilo que faz, em função de sua história e dos tempos da história, que são sempre criações humanas.

Se isto tudo tem algum sentido, terei agora o maior prazer de ouvi-los e de ouvi-las.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A transição de um conceito de natureza humana para o de condição humana

Obrigadíssima, João. Ganhamos esse maravilhoso tempo que você nos trouxe. Creio que não falo só por mim, mas por todos que aqui estão. Muitos terão vontade de propor questões, perguntas e considerações. Mas antes eu queria lhe dizer que nada poderia ser melhor do que nossa escolha de você, do seu pensamento e da sua palavra, para iniciarmos os trabalhos. Quando fizemos a pergunta “que caminhos temos trilhado para chegar a estas humanidades”, antes de mais nada, estávamos pensando na perspectiva da história. Vamos então refletir sobre essas invenções-intervenções do homem no tempo.

Acho excelente o que você nos traz a propósito do que o homem faz com o tempo. Não é só “no tempo”, mas “com o tempo”, em uma perspectiva de invenção-intervenção. E você

nos ajuda quando busca Ortega y Gasset, que afirma que “o homem não tem natureza, mas tem história”. Temos explorado a ideia de que, mais do que uma natureza, mais do que uma essência do ser humano, deveríamos falar em “condição humana”, isto é, inserção do sujeito dentro de um contexto e na perspectiva de receber influências desse contexto bem como influenciá-lo. Então, acho que a ideia de transição de um conceito de natureza para o de condição é fundamental. Eu queria que você explorasse essa perspectiva de um tempo de todos, embora cada um tenha o seu tempo, como você afirmou, um tempo chamado “presente”. Você não chegou a falar dessa tríade - passado, presente e futuro -, mas eu queria que você a pensasse conosco. Assim, eu só faço história, só faço alguma coisa com o tempo em um tempo, em um momento. Temos a mania, muitas vezes, principalmente nós, os mais velhos, de dizer: “no meu tempo...” E sempre brinco dizendo, o único tempo que tenho, é este. Este é o meu tempo, é o seu, é o do meu neto, este momento, digamos, que estamos vivendo. E uma última coisa: na filosofia, principalmente atualmente, temos explorado muito aquelas perspectivas do tempo “chronos, kairós, aión,” sentidos dados ao tempo. Isso também acho que é algo para explorarmos. MUITÍSSIMO obrigada. Um beijo para você.

JOÃO PAULO PIMENTA

O tempo de todos é uma síntese de muitos tempos

Obrigado, Terezinha. Como historiador, aprendi em um determinado momento do meu pensar e do meu fazer História que só nos interessa a individualidade daquele indivíduo que é, representativamente, uma individualidade comum, compartilhada. Por quê? Porque se estivermos nos preocupando com o indivíduo que não é coletivo (e que, em última instância, sequer existe), estaremos forçosamente distorcendo a realidade, voltados a exceções sem compreendermos as regras. Não existe um indivíduo que seja completamente individual, embora exista, isso sim, uma concepção de indivíduo, que é, justamente, uma concepção, um construto intelectual, e é relativamente nova na história da humanidade.

O individualismo moderno também tem a sua história, uma história parcialmente convergente e que flerta com essa história que esbocei do surgimento e da consolidação do tempo dominante da modernidade capitalista. Também é possível se escrever uma história do estabelecimento do indivíduo como o locus preferencial de uma sociedade. A crença cega nisso, contudo, é uma ilusão. A constatação dessa crença é a constatação de um dado da realidade, de um fenômeno histórico a ser observado e explicado; mas acreditar que o indivíduo é apenas, ou principalmente, “in-

divíduo”, e não “sociedade”, é uma ilusão. Pois bem, o indivíduo só faz aquilo que a sociedade “permite” que ele faça. Não quero dizer “permitir” no sentido estrito, de alguém autorizar legalmente determinada ação por parte de outrem, mas de submissão - muitas vezes inconsciente - a leis, códigos sociais, tradições, crenças, costumes e tradições, relação de mando, de poder, de reciprocidade e de obrigações. Isso também sempre existiu.

No entanto, o indivíduo só pode fazer aquilo que está dentro das condições de possibilidade do seu tempo, isto é, da sua história como parte de uma sociedade. Por isso que anteriormente eu disse, de passagem, que não existe ninguém à frente do seu tempo. Presupor tal condição é uma aberração, implica a presunção de que alguém pode estar prevenido o futuro, pode estar adiantando o futuro, chegando a um futuro que já estaria pronto em algum lugar antes do que outras pessoas. O tempo de todos é uma síntese de muitos tempos, e essa síntese gera uma unidade, uma estrutura. Em todas as sociedades, existem estruturas temporais que são as sínteses dos muitos tempos vividos, pensados e representados por essa sociedade, inclusive aqueles de cada indivíduo, de cada vida e de cada psiquismo. Desde sua origem, a psicanálise sempre lidou muito bem com isso: só é possível analisar um indivíduo se seu terapeuta entender as particularidades daquele indivíduo como sendo representativas e, de

certo modo reiterativas, de uma determinada sociedade (Freud sempre foi, em certa medida, sociólogo, em alguns textos mais, outros menos).

Então, não existe indivíduo puro e absoluto, nunca existiu e nunca existirá. Assim, essas expressões como “no meu tempo” ou “do meu tempo” só tem alguma legitimidade se referidas a um tempo que se refere a um ser singular coletivo, porque nunca temos um único tempo apenas nosso, apenas de um indivíduo. Por isso, do ponto de vista do rigor linguístico, o mais adequado seria “no nosso tempo”, “no tempo daquelas pessoas que viveram...”.

Só podemos afirmar ou intuir que um certo tempo deixou de existir porque, como criações humanas, os tempos são fenômenos quase sempre de transformação lenta. Não se inventa um tempo novo a cada dia, a toda hora. É possível, assim, observar como a síntese dos muitos tempos de uma sociedade vai se transformando e agregando novos elementos. A transformação dos tempos humanos nunca é uma transformação abrupta. Temos um bom exemplo nas nossas atuais mudanças de linguagem, porque a linguagem também é um fenômeno social, também está sempre se transformando. Mas, de repente, nós que temos já uma certa idade, que temos filhos ou netos, ou então somos professores, tivemos que aprender a falar “todes” em vez de “todos”, tivemos que declinar pronomes correndo o risco de sermos acusados de comportamentos

socialmente condenáveis.

No meu caso, uma palavra que me custa incorporar ao meu linguajar é “escravizado”, porque aprendi história - e creio poder dizer que tive uma boa formação - lendo e falando “escravo”, e sem que tal termo implicasse qualquer sentido pejorativo àqueles que sofreram - ou ainda sofrem - a brutalidade da compulsão ao trabalho, do racismo etc. Em termos políticos, a substituição de “escravo” por “escravizado” carrega uma legítima carga de denúncia; mas, do ponto de vista dos rigores intelectuais e conceituais imprescindíveis ao estudo da história, não faz muito sentido. Se nos referimos a uma política da linguagem, verificamos então que há dinâmicas muito recentes e ainda em curso. E daí surgem pessoas mais “jovens” que já estão sendo educados política e formalmente com essa linguagem, e que começam a cobrar os mais “velhos”, querendo impor-lhes “um dos tempos sociais” como se fosse “um tempo absoluto”.

Isso pode sinalizar para uma falta de compreensão de que as pessoas vivem em sínteses temporais, só que com componentes que diferem para cada indivíduo. O tempo de uma pessoa que tem 14 anos e de uma pessoa que tem 80, em muitos sentidos, esses singulares coletivos, o tempo delas será diferente, embora, se elas estão convivendo em um mesmo mundo, - também haverá muitos pontos em comum. E é assim que acho que temos que pensar passado, presente e futuro. O passado é algo

que já deixou de ser, mas nunca as coisas deixam de ser completamente. Assim como o presente é algo com uma permanente crise de identidade entre o passado e o futuro. E o estudo da história permite a abertura de novos tempos, inclusive de futuros.

Mas nem todo mundo pensa ou se preocupa com o futuro. O que não quer dizer que o futuro não possa ser uma categoria social válida. Então, pensar passado, presente e futuro significa, para mim, entrar nos meandros dessas estruturas temporais e ver “como uma determinada época pensa tais ideias”, passado, presente e futuro.

Estava conversando esses dias com meu filho de 18 anos sobre isso. O que é pensar o futuro para alguém de 18 anos? É diferente de pensar o futuro para alguém que tem 50 anos. E quando eu tinha 18 anos, pensar o futuro também era diferente do que é hoje. Isso significa que cada um está pensando o futuro de uma maneira totalmente nova, puramente individual? Não. Significa apenas que, compartilhando as mesmas estruturas temporais, as pessoas podem dar a seus componentes ênfases diferentes, a depender não apenas de suas idades e das fases da vida em que se encontram, mas também dos grupos sociais aos quais pertencem, a depender de suas formações e experiências individuais.

JOÃO PAULO PIMENTA

A história dos termos relativos a tempo é uma história fascinante de desenvolvimento de formas de pensar o próprio homem

Agora, a questão dos termos gregos e suas concepções de tempo. Eu desenvolvi isso no meu *O livro do tempo: uma história social*, das Edições 70. Termos gregos como *chronos*, *kairós* e *aión*, dentre outros, são muito interessantes, porque eram utilizados em uma sociedade que não necessariamente estava conceitualizando esses termos do modo como nós o fazemos. O que quer dizer “tempo”? Quando nos deparamos com essa palavra, não encontraremos uma correspondência perfeita em outras línguas. Se essas línguas forem da mesma época, do mesmo tronco, possuem fronteiras compartilhadas, pode ser que sim. Mas, mesmo assim, discrepâncias poderão existir: “time”, em inglês, pode ser utilizado para coisas distintas daquelas que, em português, são referidas por “tempo”.

O que quero dizer é que a história dos termos associados a “tempo” é uma história fascinante de desenvolvimento de formas de pensar o próprio homem. E aí aquela dificuldade, Terezinha: não sabemos com absoluta precisão o que o grego queria dizer com o *Kairós*, em 500 antes de Cristo, menos ainda os modos pelos quais ele eventualmente escrevia e, principalmente, pronunciava e escutava tal palavra. Uma aproximação pos-

sível e válida é o que nós acreditamos que o grego kairós significava majoritariamente “circunstância”, “momento”. Ou ainda aión (um tempo longo, uma “eternidade”) e chronos (um tempo abstrato, criado por marcos). Há que se fazer também um estudo de história para se perceber esses desenvolvimentos. Inclusive das próprias definições do homem como homem. Respondi satisfatoriamente suas duas perguntas, Terezinha?

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Claro. Obrigada, João. Vamos agora passar às questões dos outros amigos que aqui estão. A primeira pergunta é de Anaximandro Orleans Calle de Paula:

- O que o homem está fazendo (ou deixando de fazer), em tempos da Covid-19, que possa já ter definido para onde a humanidade está indo?

JOÃO PAULO PIMENTA

Vivemos em uma época que desprestigia o passado como fonte de ensinamentos para o futuro

É uma das questões inescapáveis na nossa época, do mundo em que vivemos (e ao qual muitos conseguimos sobreviver). Eu teria apenas duas coisas a dizer sobre isso, Anaximandro.
A primeira é o seguinte: durante séculos,

muitas pessoas acreditaram que o passado ensinava como seria o futuro. Há uma expressão latina para representar essa concepção, é uma expressão do Cícero: Historia magistra vitae. História, mestra da vida.

A concepção implicava que se estudava o passado para se viver o futuro com segurança. Por quê? Porque no passado estavam os ensinamentos sobre o futuro, e o futuro nunca seria completamente descolado do passado. Era uma visão de mundo. Muitas sociedades viveram sob esse conceito, com variações. Mas o sentido da expressão, desse pensamento, era de que a história “fundamentalmente” ensinava “coisas fundamentais”. A história era a mestra da vida.

Essa concepção começou a entrar em declínio com a Revolução Industrial e com as grandes revoluções políticas do mundo ocidental de finais do século XVIII e começos do XIX. Ela começou a se tornar incompatível com o tempo dominante da modernidade capitalista. O passado foi deixando de ser importante, pois o que realmente deveria guiar os homens era o futuro. Mas um futuro novo, e não velho. Um futuro sempre melhor do que o passado, aprimorado pela força irrefreável e benigna do progresso. Um futuro a ser produzido a cada instante, o tempo todo, e cada vez mais rapidamente.

Como vimos anteriormente, a constante reprodução do novo como um valor se coaduna perfeitamente com a própria lógica de reprodução do capital, que é uma das essências do

sistema capitalista que começou a ser criado e que, em suas premissas essenciais, continua em vigência. Seguindo essa lógica, não é mais possível acreditar que a história seja a mestra da vida. Embora tal ideia continue existindo residualmente, como uma espécie de fraca resistência ao tempo dominante da modernidade capitalista.

Há muita gente que ainda acredita na necessidade de se estudar o passado para fazer alguma coisa com ele no futuro. Para aprender, para aprimorar, para não repetir erros. Por exemplo, diríamos nós, para que em uma eventual nova pandemia, governos nacionais e organismos internacionais não repitam essa vergonha em escala planetária que foram muitas das políticas de combate ao vírus, inclusive - com amplo destaque negativo - no Brasil.

É perfeitamente plausível achar que, estudando a história dessa pandemia terrível, seja possível aprender algo de útil para o futuro. No entanto, acho que a chance de isso acontecer é pequena. Por quê? Porque vivemos em uma época que desprestigia o passado como fonte de ensinamentos para o futuro. Muitos conseguimos sobreviver à pandemia, e as vacinas, desenvolvidas em tempo recorde por cientistas, empresas e certos governos, e aplicadas por agentes sanitários em condições quase sempre adversas, foram uma salvação para a humanidade. Não há nenhuma dúvida quanto a isso.

Mas acho que daqui a alguns anos, quase

ninguém vai ter aprendido nada com isso, a maioria das pessoas e dos governos se comportará mais ou menos do mesmo jeito, a distribuição de vacinas e dos serviços de saúde seguirá as mesmas assimetrias sociais e transnacionais de sempre. E quem sobreviver a tudo isso ainda terá que aguentar milhões de pessoas a acreditarem que vacinas, ao invés de salvar pessoas, as matam.

Um tempo passando muito rapidamente, dentro de um tempo específico, e um tempo mais próximo que não passava.

A segunda coisa que tenho a dizer: Anaximandro, talvez você tenha vivenciado, como muitos de nós, o confinamento social, um isolamento que criou uma experiência temporal estranha. Por vezes, uma grande monotonia em que as coisas pareciam não acontecer, envolvidas em um tempo estacionário. Mas simultaneamente, era um tempo que corria muito rapidamente. Havia um transcurso do tempo, os dias, as semanas, os meses, e esses dois anos em certo sentido passaram muito rapidamente, embora estivéssemos como que aprisionados em cápsulas de tempo estacionárias. Essa foi uma dupla e contraditória percepção de parte da sociedade, apontada inclusive por sociólogos, antropólogos e outros cientistas sociais. Houve quem estudasse esse fato, realizando um diagnóstico de um fenômeno social: o tempo passando muito rapidamente, dentro de um tempo específico, e um tempo

mais próximo que quase não passava. A aparente incongruência desse duplo tempo é, na verdade, perfeitamente coerente com algo que enfatizei anteriormente, e mostra como nunca vivemos um único tempo, que estamos sempre submetidos a uma pluralidade de tempos que vão estabelecendo relações, assimetrias e, eventualmente, hierarquias entre si.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A seguir temos uma pergunta do Ismael Oliveira, que é um companheiro, professor de filosofia. Diz ele:

- O poeta Gilberto Gil trata o tempo como rei. Professor João Paulo: estamos a serviço do tempo, somos vassallos do tempo, ou existem outras possibilidades?

JOÃO PAULO PIMENTA

Quanto mais as pessoas economizam tempo, mais elas querem economizar tempo.

Penso que somos vassallos com potencial subversivo.

O tempo como rei é uma imagem que pode ser belíssima. É uma imagem, inclusive, que tem a sua história. Também analisei um pouco dela no meu O livro do tempo. O tempo como rei pode ser, por exemplo, o deus sol dos romanos ou o deus sol dos incas. Um deus sol porque, claro, se refere a uma observação celeste fundamental para a organização

da vida, com a luminosidade do dia, do conhecimento, da proteção, do calor. O deus sol romano foi descaradamente substituído, no cristianismo primitivo, por Jesus Cristo. O dia da festa do Sol romano virou dia do nascimento de Cristo, como um tipo de dispositivo de jogos de poder que tantas vezes permeiam as religiosidades e os tempos das religiosidades humanas.

Eu diria, então, que somos vassallos do templo porque, como vimos, não controlamos totalmente as criações humanas, principalmente as anteriores a nós mesmos. Quando nascemos, já nascemos em uma sociedade que tem os seus tempos. No entanto, a tomada de uma consciência crítica em relação a isso, se não muda por completo a estrutura temporal em que vivemos, pelo menos pode nos fazer um pouco mais felizes e um pouco mais saudáveis nas nossas relações com o tempo.

Há um livro, já tem uns 10, 15 anos, de um sociólogo alemão, Hartmut Rosa (1965) muito interessante, chamado Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade, da editora da Unesp. Rosa escreve que é praticamente impossível modificar uma estrutura temporal como a estrutura temporal da modernidade baseada na aceleração. E que quanto mais as pessoas economizam tempo, mais elas querem economizar tempo. Veja que coisa interessante. Quando as pessoas compram um eletrodoméstico, que permitirá a otimização de certas tarefas, poderíamos pensar que, ao economizar uma parcela de

tempo, essa pessoa está resistindo e combatendo o tempo da pressa, está desacelerando uma parcela de sua vida cotidiana, pois ela poderá dispor de mais tempo livre. Mas não é o que costuma ocorrer. A economia de tempo parece criar uma necessidade permanente e acelerada de novas economias de tempo, o que é uma reiteração da pressa e não do descanso. É uma reiteração da aceleração e não da desaceleração do tempo.

Mesmo assim, se é difícil mudar as estruturas temporais do mundo, o que escapa a qualquer ação puramente individual, certamente é possível desenvolver maneiras de viver e sobreviver melhor. Talvez, como vassalos do tempo, estejamos confinados a continuar prestando obediência ao nosso rei, mas que pelo menos consigamos fazer com que esse rei escute algumas de nossas reivindicações e se dobre a algumas de nossas necessidades não atendidas.

ARTHUR HARDER

Professor, poderias falar um pouco sobre o nosso tempo presente, considerando essas ideias correntes no campo da história de "regime de historicidade presentista" (François Hartog [1946])¹, "passados presentes"

1 Ver na Revista de História, nº 172, primeiro semestre de 2015, p. 399, História do presentismo, história presentista? A propósito de regimes de historicidade, de François Hartog, artigo/resenha de João Paulo Pimenta a propósito da tradução brasileira do livro de François Hartog, Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo, da Editora Autêntica. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/98813/97373>

(Andreas Huyssen [1942])²? Vês nosso presente dessa forma, um presente que não consegue vislumbrar o futuro, um "presente preso nele mesmo"?...

JOÃO PAULO PIMENTA

O presente como resultado coerente das forças de aceleração do tempo.

Na prática, as pessoas agem sem passado e sem futuro, coletivamente.

Sim, como diagnóstico de uma tendência dominante, esse presentismo faz sentido. O que é o presentismo desses autores? Estou colocando a convergência entre eles, que é a seguinte: se admitirmos passado, presente e futuro - voltando à Terezinha - como percepções de tempo, o que é uma percepção de tempo socialmente válida? As pessoas se referem a "passado" como sendo certas coisas, a "presente" como outras diferentes, a "futuro" como outras mais. Em termos práticos, de suas vivências cotidianas concretas, as pessoas pensam passado, presente e futuro como coisas diferentes entre si. E na estrutura temporal dessa modernidade capitalista, um deles tem ampla prevalência sobre os outros dois, que é o presente. As pessoas em geral estão muito menos preocupadas com o futuro

2 Referência: obra Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia, de Andreas Huyssen, editora Aeroplano, 2000. Ver artigo/resenha de Gustavo Grein, "Passados presentes: mídia, política, amnésia" [...], no blog De tudo um pouco. <https://lendoeuaprendo.blogspot.com/2013/06/passados-presentes-midia-politica.html>

(menos ainda com o passado) do que estão com o presente, porque o presente é resultado coerente das forças de aceleração do tempo, de consideração de que o tempo não pode ser desperdiçado, que o tempo é dinheiro, que uma pessoa digna vive para acumular cada vez mais dinheiro, que uma pessoa não pode perder tempo. Enfim, todas essas concepções jogam o indivíduo nessa representação social dominante do presente.

Como vimos, a história é vista como sendo cada vez menos útil socialmente como material de ensinamentos para o futuro, e o futuro é cada vez menos planejado, embora continue a ser pensado. Assistamos a um debate político agora que estamos em época de eleição. Todo o mundo fala em nome do futuro o tempo todo, não é assim? Porque falar em nome do futuro tem legitimidade social, é sedutor aos ouvintes. No entanto, a maioria das políticas públicas efetivamente implementadas são muito imediatistas. Dificilmente são pensadas para 10, 15 ou 20 anos, dificilmente transcendem os horizontes de um determinado mandato, embora o discurso do futuro seja um discurso dotado de grande peso. E o eleitorado espelha bem tal postura. Na prática, as pessoas agem como se não houvesse passado e futuro, apenas presente. Nada disso significa que a modernidade deixou de existir, que a pós-modernidade se instaurou com o presentismo na sua bagagem. Acho que é próprio da modernidade, no estágio em que a modernidade se encontra, esva-

ziar o passado e o futuro, embora ela esteja sempre falando em nome do futuro. Mas, na prática, ela esvazia o futuro. Na prática, o que resta é o presente.

LUCIANA LACHINI

Essa "presentificação" poderia estar ligada também ao fim das utopias e da possibilidade de imaginar mundos diferentes?

JOÃO PAULO PIMENTA

O projeto utópico se justifica como uma resistência às insuficiências de um mundo que está preso demais no presente

Sim, sem dúvida alguma. As utopias não acabaram totalmente e o pensamento utópico ainda tem modalidades vigentes no mundo atual, mas que são muito residuais. O que é um pensamento utópico? É um pensamento que insiste na concepção de um futuro ideal ou, pelo menos, de um futuro melhor, a despeito das evidências contrárias à possibilidade de que esse futuro se concretize. É uma espécie de meio do caminho entre um planejamento e um sonho. O projeto utópico se justifica como uma resistência às insuficiências de um mundo que está preso demais ao presente. Então, ele precisa ser um escape, mas, ao ser um escape, ele é também uma afronta a essa forma dominante de se viver no presente. As utopias já foram muito mais prestigia-

das na história da humanidade. Nos séculos XVIII, XIX, sobretudo o século XIX, que foi o século por excelência das grandes utopias (em parte, porque foi também o século também do progresso). Naquela época era mais fácil, na imensa maioria dos países do mundo, as pessoas pensarem em um futuro melhor, porque a ideia de progresso lhes dizia que esse futuro era inevitável. Hoje, as pessoas até podem pensar nas possibilidades de um futuro melhor, mas ele deixou de ser inevitável. Esse declínio do conceito de progresso fez surgir uma modalidade de “utopia pessimista”, que costumamos chamar de “distopia”. Hoje, como representações sociais de tempo, as distopias são ainda mais fortes do que as utopias, porque elas são menos idealizadas, romantizadas, e mais críticas, sombrias, denunciadoras. Mas distopias são formas de utopia também, só que utopias negativas, pessimistas. Elas entendem que o futuro será pior e não melhor, e que a culpa disso é do presente. É significativo, assim, que em um mundo presentista, o futuro só possa ser levado a sério não mais como sonho, mas como pesadelo. Como algo ainda pior do que o presente. E quem quiser escapar desse presente majoritário, que arque com as consequências.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, João. Quero insistir aqui que a nossa proposta, o nosso projeto atual, quer ter um caráter utópico. Utópico no sentido

de ser esse ideal que você mencionou e que chamamos de algo que é desejado e necessário, e que só não será uma quimera se for possível. E aí acho que temos que abrir os olhos criticamente, no sentido de verificar onde estão as possibilidades do ideal neste real que estamos vivenciando. Quero um mundo mais justo, porque tenho experiências de justiça. Quero uma vida feliz, porque tenho experiências, pequenas, poucas etc., mas existentes, o que me dá a possibilidade de dizer que a utopia não é o que é impossível de existir, mas é o que “ainda não existe”. Ainda é a expressão da esperança. Quando eu digo ainda não somos os professores que queremos ser, significa que, quem sabe, a gente chega lá. É nessa medida que sustentamos esse caráter utópico.

Sabrina já pôs uma referência ao trabalho que vamos fazer na próxima quinta-feira, mas como a inscrição foi por mesa, quero brevemente dizer que começamos brilhantemente com o João e temos a esperança de seguir adiante na próxima quinta, com o professor Ladislau Dowbor, que vai explorar o tema: *Ganharás o teu pão com suor*. Vamos na próxima semana ter dois encontros. O primeiro, na terça-feira, com Rita von Hunt, que vai explorar o tema da comunicação. “*Quem não se comunica se trumbica*”, como dizia lá o apresentador de TV Chacrinha.

Na quinta-feira, teremos Frei Beto. O título, como o Ismael mencionou o Gilbeto Gil, vamos buscar nele: *Andar com fé, eu vou*. Depois a

gente segue com: *Uma cidade sem portas de casa sem armadilha*, quando vamos explorar o “morar”, com Raquel Rolnik.

Depois: *É impossível ser humano sozinho*. Esse coletivo aí é a que você se referiu, não é, João? Vamos trabalhar com o Tales Ab'Saber. Na sequência: *Comer para viver ou viver para comer*. Quem vai trazer a sua contribuição rica é a professora Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, que está aqui conosco. Em seguida, *O planeta está enfermo*, e quem vai nos ajudar a pensar isso é Sonia Guajajara.

Por fim, os dois últimos encontros: Tatiana Roque falará sobre *O progresso a qualquer preço*. E terminaremos com a contribuição do professor César Aparecido Nunes, com o tema: *O mundo é uma escola*.

Como vocês podem ver, é importante essa contribuição de João para puxarmos o fio desses outros encontros que ainda teremos.

Estão todos, todas e todes (não é, João?) convidados para a continuidade deste trabalho. Queremos muito voltar a encontrá-los aqui e agradecemos muito a presença de todo o mundo. Queremos saber se tem mais alguém que quer dizer algo...

ISMAEL OLIVEIRA

Eu queria só dar uma dica, Terezinha. Em cima de tudo o que o professor João Paulo falou, eu, que sou bem musical, você sabe disso, gostei muito e recomendo para vo-

cês assistirem a série do Gilberto Gil e da família dele. Muito legal como ele traz a questão do tempo e da música através do tempo. Vale a pena. Parabéns a todos. Parabéns para o João Paulo, Terezinha, Fernando, todos os envolvidos. Foi muito bom o encontro.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Obrigada, gente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Acho que ainda temos uma participação. Fernando Rios quer se manifestar.

FERNANDO RIOS

Primeiro, quero agradecer ao João, essa maravilha de fala. Segundo, é uma questão que me preocupa muito: apesar dessa apropriação capitalista, essa presentificação do tempo acontece de maneira diferente no Ocidente, no Oriente, na África. Como conviver com essas diferentes presentificações?

JOÃO PAULO PIMENTA

Capitalismo não é uma criação divina. A globalização do tempo é uma das facetas dessa nova geografia capitalista. Sua pergunta é muito pertinente. Aliás, como todas as demais. E aqui, não é uma declaração de simpatia em relação ao público. Outro

dia gravei um depoimento para o programa da TV Cultura, do Luiz Felipe Pondé e da Thaís Oyama. O tema: Tempos geracionais, tempos das idades das pessoas e seus impactos na vida dos jovens nos dias de hoje. É engraçado como as pessoas acham que quando apon-
tamos, analítica e criteriosamente, limites, contradições, pressões e efeitos deletérios de uma estrutura temporal associada ao sistema capitalista, as pessoas acham que estamos “falando mal” do capitalismo. É uma postura infantil, bobinha, que se expressa em reações inúteis do tipo:

- Ele deve ser marxista, já que está falando mal do capitalismo.

Ou:

- O capitalismo não é tão mau, e o socialismo é pior.

Aqui, diante de vocês, aponte que o capitalismo é um fenômeno histórico. Portanto, mesmo para quem acredita em Deus, não é uma criação divina. Tem suas estruturas, suas lógicas, seus desenvolvimentos e, também, suas geografias.

As geografias do capitalismo foram muito bem desenvolvidas, dentre outros, por David Harvey (1935) a partir de Karl Marx (1818-1883). Tais geografias são espaços assimétricos, coerentes e devidamente contemplados (assim como os tempos assimétricos de que falamos anteriormente) pelo sistema. É não só muito interessante, mas também fundamental, entender essas diferenças de espaços e de tempos no nosso mundo atual.

Tive a oportunidade de passar alguns dias na Índia recentemente. Foi uma experiência muito rica. O tempo todo eu me perguntava:

- Que língua é essa? Isto aqui é um templo? Isto é um deus, uma divindade? De quando são essas coisas? Esse grupo é minoria, é uma maioria?

Típicas perguntas de um viajante minimamente interessado e respeitoso pelo que via e vivia, ainda que em uma viagem breve.

Em todo lugar eu vi, claro, pessoas que usavam relógios e telefones celulares, pessoas com pressa, preocupadas com dinheiro ou em busca de lucro, e que, no fundo, viviam ritmos de vida que eram essencialmente os meus. Mas também havia diferenças. Por exemplo, o fuso horário que não era de diferença de hora em hora em relação aos outros países, mais de meia hora. Na Índia, a hora local tem uma diferença de meia hora em relação ao restante do mundo. Além disso, milhões de pessoas vivem sob o marca-passo de calendários religiosos que são bastante diferentes do nosso calendário gregoriano, mas que acabam por se ajustar aos de outros países em termos, digamos, de produção, exportação e importação de bens, de comércio exterior, ou de movimentações de mercados financeiros globalizados. E tudo isso em uma mesma sociedade, ao mesmo tempo.

Com certa melancolia, e sem pretensões à originalidade, diagnostico que o mundo todo é muito parecido nos dias de hoje. Ele já foi muito, mas muito mais diversificado, plu-

ral. O que implica que os reconhecimentos e aceitações de diferenças, em certo sentido, encontram terrenos pouco propícios de enraizamento (também é verdade que, no passado, tais diferenças eram ainda mais condenadas). Isso vale igualmente para a pluralidade de tempos de nosso mundo. O que poderia ser um verdadeiro fascínio do estranhamento, da contemplação maravilhada da alteridade, me parece uma quimera nos dias de hoje. As diferenças só são reconhecidas e aceitas quando submetidas a tendências majoritárias e padronizadoras. E a globalização do tempo é uma das facetas das atuais geografias do capitalismo

FERNANDO RIOS

Muito obrigado.

JOÃO PAULO PIMENTA

O conhecimento tem sempre uma força política, uma inquestionável potência transformadora da realidade. Peço desculpas pelo meu tom parcialmente pessimista. Por favor, encarem-no como uma dose necessária de realismo, sem o qual a transformação da realidade não é possível. O conhecimento do mundo é uma forma de qualificar a sua transformação, não tenho nenhuma dúvida. O homem não controla todos os vetores de transformação do mundo, mas aquilo que controla demanda diagnósticos. E, nesse

sentido, o conhecimento tem sempre uma força política, uma inquestionável potência transformadora da realidade. Acho que é um pouco isso que estamos exercitando aqui. Muito obrigado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Isso mesmo. Muitíssimo obrigada, João, a você e a todas as pessoas que estão aqui conosco. Estamos com o tempo esgotado. Queremos convidá-los para estar conosco nas próximas mesas. Até lá. Um beijo bem grande para todo mundo. Obrigada, inclusive à Sabrina.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Imagina. Foi um prazer e espero vê-los e vê-las na próxima mesa. As inscrições, abertas no nosso site, encerram-se hoje. Quem está por aqui e ainda não se inscreveu a gente convida que vá até lá rapidinho, para receber o link de acesso amanhã, que vai ser diferente do link de hoje. Foi um prazer, professor João Paulo e a todos vocês, uma ótima tarde. Até a próxima. Vou encerrar a gravação e encerrar também a sala para todos. Até a próxima!

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

2

GANHARÁS O PÃO COM O SUOR LADISLAU DOWBOR

ladislau dowbor

GANHARÁS O PÃO COM O SUOR

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

2

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e
Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dowbor, Ladislau
De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 2 / La-
dislau Dowbor. -- 1. ed. -- São Paulo : Centro de
Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina
de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia
ISBN 978-65-87592-16-9

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia 4.
Humanidade - História 5. Sociedade I. Título.

23-147902

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

sabrina da paixão brésio

Introdução

Olá, todas e todos. Sejam bem-vindas e bem-vindos ao ciclo *de onde viemos, onde estamos, para onde vamos?* promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação, CPF, do SESC São Paulo. O ciclo contará ainda com mais oito mesas online, com inscrições abertas no nosso site - centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br -. Deixamos o convite a quem ainda não se inscreveu, para se inscrever nas mesas da próxima semana.

No dia 16, teremos Rita von Hunty com a palestra: *Quem não se comunica se trumbica* e, no dia 18, Frei Betto, com a palestra *Andar com fé eu vou*. As inscrições ainda estão abertas no nosso site. Pedimos também a gentileza de compartilharem com seus contatos. Vou apresentar a mediadora deste encontro, que também é a proponente curadora desse ciclo, Terezinha de Azerêdo Rios.

Ela é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais; mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo; doutora em Educação, pela Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores, GEPEFE, da Faculdade de Educação da USP. Relembro que o encontro é ao vivo e síncro-

no. Esta gravação não será disponibilizada. A declaração de participação deste encontro pode ser solicitada por e-mail em declaracao.cpf@sescsp.org.br.

As perguntas podem ser feitas via chat e serão repassadas ao convidado. Passo a palavra à professora para apresentar o nosso ilustre convidado de hoje. Desejo a vocês um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Que caminhos temos trilhado para chegar a tantas humanidades?

Obrigada, Sabrina. Muito bom dia para todas as pessoas que estão aqui conosco. Obrigada pela presença de vocês e obrigadíssima, em primeiro lugar, ao SESC, ao CPF, nas pessoas de Andréa (Andréa de Araújo Nogueira, gerente do CPF) e Sabrina (Sabrina da Paixão Brésio, da Equipe de Programação do CPF) por esta parceria rica que nos tem proporcionado a possibilidade de ampliar, de aprofundar o conhecimento e de fazer um diálogo a propósito dos temas que nos trazem aqui.

Como a gente tem inscrições por mesa e nem todos estarão em todas as mesas, sempre procurarei localizar o trabalho fazendo algumas ligações para que a gente possa levar adiante a conversa.

Sabrina anunciou *de onde viemos, onde estamos, para onde vamos?* e Fernando Rios e eu queríamos que a coisa ficasse no estilo mineirês: *“doncovim, oncotô, proncovô?”*. E a pergunta que se coloca como nuclear, que é: *“quemcossô?”* Quem eu sou? Quem somos nós, os humanos? Como é que a gente tem se construído? Por isso mesmo que colocamos como pergunta desencadeadora das discussões: *“Que caminhos temos trilhado para chegar a tantas humanidades?”*.

E vejam que fizemos questão de colocar humanidades no plural, por causa da complexidade e da diversidade dessas humanidades. Nosso objetivo é retomar essas perguntas fundamentais, que têm percorrido a história humana, que têm recebido respostas variadíssimas e respostas que também elas são múltiplas, são diferentes e não satisfatórias, porque continuamos a fazer as perguntas.

Mas, na verdade, do ponto de vista da filosofia (é esse o meu espaço), a gente sempre costuma afirmar que as melhores respostas são aquelas que ainda guardam perguntas. É nessa medida que a gente volta a fazer perguntas como motores de uma reflexão. Nosso objetivo é retomar essas perguntas realizando encontros. Encontros daquele jeito de que fala Vinicius de Moraes, de que “a vida é a arte do encontro”, mas ele mesmo lembra: “apesar de haver tanto desencontro pela vida”.

Queremos que efetivamente estes sejam verdadeiros encontros e que possamos promover um exercício de reflexão neste contexto conturbado em que estamos. Achamos que há ausência de reflexão, tem faltado um olhar mais agudo, mais claro, mais largo, mais amplo, para a nossa presença no mundo, para a nossa

intervenção nele. E o que queremos com estes encontros é promover um exercício de reflexão por meio de diálogos, e que essa reflexão possa ser mesmo um espaço dialógico. Sempre repito, não há diálogo do mesmo, embora, às vezes, a gente goste de dizer que dialoga porque é beleza quando as outras pessoas têm as mesmas ideias que a gente. Nada disso. Se for assim, não há diálogo. O diálogo se faz na diversidade, por vezes até no conflito, nunca no confronto, claro. E o que queremos é promover esse diálogo.

Na verdade, hoje, como disse Andréa, é um dia importante: a gente vai querer dialogar em torno de algo muito significativo, que é a defesa da democracia. Este é um dia significativo, porque não há democracia sem diálogo, sem disponibilidade para essa partilha de ideias.

Começamos com uma pergunta que vai percorrer todo o nosso trabalho: “Mas existe o homem?” Para isso, nós recorremos a Carlos Drummond de Andrade nas suas *Especulações em torno da palavra homem*¹. Vou repetir alguns trechos do poema ousando fazer alguns cortes. Mas, até o final de nossos encontros, a gente vai saber quase de cor o poema. Drummond diz:

1 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

"mas que coisa é o homem, que há sob o nome? Uma geografia, um ser metafísico, uma fábula sem signo que a desmonte?".

Segue ele e, quando chega no final, diz:

"Para que serve o homem? Para estrumar flores? Para tecer contos? Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem? E sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte? Que milagre é o homem? Que sonho? Que sombra? Mas existe o homem?".

É essa a pergunta. E para começar a respondê-la, tivemos na terça-feira aqui conosco o professor João Paulo Pimenta, que nos fez uma aula brilhante a propósito de uma das dimensões que é ressaltada quando a gente faz a pergunta pelos seres humanos. Ele mesmo já trouxe uma contribuição rica, quando disse que, ao falar sobre o homem, estava fazendo uma referência a um singular coletivo. Quer dizer, falo em homem, falo em homens, mulheres e de todos os tipos, de todos os jeitos. E é por isso que vamos manter aqui essa ideia do ser humano, representado por esses homens e mulheres que somos e que temos sido.

João Paulo trouxe a contribuição da história. O tripé que queríamos explorar é: cultura, sociedade e história. E ele quis responder à pergunta do Drummond dizendo: “Sim, o homem existe, mas só existe na história”.

Ele recorreu ao filósofo José Ortega y Gasset (1883-1955) que disse: "o homem não tem natureza, mas tem história". E a gente reafirmou isso dizendo que não há uma natureza humana, há uma *condição* humana. E essa condição leva em conta exatamente esse contexto no qual ele interfere na natureza, junto com outros homens.

Não há humanidade sem trabalho. Mas o que é isso, o trabalho?

Foi desse jeito que a gente começou a conversa e quer seguir adiante. E convidamos o professor Ladislau Dowbor para ir adiante conosco, entrar aqui na nossa roda, fazendo a gente pensar em como é a organização dessa produção da vida feita pelo ser humano. O professor Ladislau é superreconhecido, mas é importante trazer aqui um pouco de quem é ele.

O professor Dowbor é formado em economia política pela Universidade de Lausanne, na Suíça, e doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, da Polônia. É professor titular no Departamento de Pós-graduação da PUC São Paulo nas áreas de economia e administração. É consultor da ONU, de governos, municípios e de várias organizações do Sistema S, Sebrae e outros, conselheiro no Instituto Pólis, no Idec, no Instituto Paulo Freire, autor e coautor de cerca de 45 livros. Toda a sua produção intelectual está disponível

gratuitamente online no site: dowbor.org.

Vamos aqui colocar no *chat* algumas referências que nos foram trazidas pelo professor Ladislau e que vão nos ajudar a recorrer as suas ideias depois. Ele vai falar para a gente retomando o tema do trabalho e da produção da vida. No ano passado, no nosso ciclo de ética, ao discutir a questão da ética e da economia, quem esteve conosco foi o professor Ricardo Antunes (1953), da Unicamp. O professor Ricardo nos ajudou a entender um pouco essa questão da intervenção dos seres humanos na natureza, criando a cultura por um gesto fundamental, atividade vital, ele dizia, que é o trabalho: não há humanidade sem trabalho. Mas o que é isso, o trabalho? Trabalho e sobrevivência, trabalhar para viver.

E aí, quando falamos em trabalho, nos vêm à mente na frase bíblica: "ganharás o teu pão com o suor". Trabalho associado a esforço, a suor. O professor Ladislau tem um livro que se chama exatamente: *Pão nosso de cada dia*². Como é que a gente ganha, busca, faz o pão nosso de cada dia?

É um pouco disso que a gente vai discutir hoje, como é essa face da humanidade quando

2 PÃO NOSSO DE CADA DIA Opções econômicas para sair da crise

LADISLAU DOWBOR

Download gratuito:

https://dowbor.org/wp-content/uploads/2021/09/paonossodecadadia_comcapa.pdf

Para compra:

<https://autonomialiteraria.com.br/loja/economia/pao-nosso-de-cada-dia-opcoes-economicas-para-sair-da-crise/>

ela se organiza para produzir bens. São bens para todos? Que caráter tem essa produção, essa distribuição?

A economia explora isso e este economista brilhante vai nos ajudar a compreender melhor. Obrigadíssima, professor Ladislau, por estar aqui. Este dia frio fica um pouquinho mais quente com a sua presença e a sua generosidade de trazer as suas ideias. Vamos lá. O professor tem 50 minutos e depois a gente pode trazer nossas observações e perguntas.

2

LADISLAV DOWBOR



Não há democracia política sem democracia econômica. Boa parte da sociedade diz assim: “ganharás o teu pão com o suor dos outros”. E aqui estão em grande parte os nossos problemas. Tem gente que ganha seu pão com o próprio suor “dos outros”. Querem ganhar com o suor dos outros, isso complica. Isso provoca uma ruptura social que simplesmente se aprofunda.

ladislau dowbor

O estudo é um investimento nas pessoas, não é gasto como se diz no Brasil

Obrigado, Terezinha. Bom dia a todos. Agasalhem-se. Deixem-me só comentar esse negócio de ganhar o teu pão com suor, porque boa parte da sociedade diz assim: “ganharás o teu pão com o suor dos outros”. E aqui estão em grande parte os nossos problemas. Tem gente que ganha seu pão com o próprio suor dos outros. Querem ganhar com o suor dos outros, isso complica. Isso provoca uma ruptura social que simplesmente se aprofunda.

Deixem-me me apresentar um pouquinho mais. Sou economista, mas já trabalhei com a economia social. Estudei tanto com bons banqueiros na Suíça, que entendem de dinheiro, quanto com bons administradores da organização do sistema de planejamento na Polônia socialista nos anos 70, o que é particularmente interessante.

Terezinha, quando nasceu o meu filho... Eu me casei com a filha de outro exilado da época, Paulo Freire. Digo que herdei o melhor de Paulo Freire. Foi na Polônia que nasceu nosso primeiro filho. Chegou o bebê em casa. No dia seguinte, apareceu uma enfermeira:

– “Está tudo bem, estão precisando de alguma coisa, como é que vocês estão esterilizando

as coisas do bebê?”

Um negócio nada invasivo. Quer dizer, não precisei fazer plano de saúde, nada dessas coisas. Depois, pensei quantas doenças podem ser evitadas com uma simples melhora do plano de saúde, representada por algumas visitas para pais de primeira viagem, para esclarecerem bem a condição do bebê, para trazerem informações básicas, tipo, tira o bercinho de junto da janela, não é bom.

É interessante. A Polônia também criou sistemas extremamente eficientes de apoio a pequenos produtores agrícolas. Cada cidadezinha ajuda os agricultores locais, eles têm um serviço de apoio. Vão encontrar um sistema de apoio para não entrar na mão dos atravessadores. Recebem informação comercial primária, acesso a máquinas, porque, individualmente, o pequeno agricultor não vai comprar grandes máquinas. Na realidade, você tem todo um processo muito interessante de serviço de apoio que torna os pequenos produtores muito mais operacionais, muito mais produtivos.

A Polônia deu um salto econômico na fase socialista. Tem muita gente que fala tanta

bobagem sobre socialismo. As que deram certo foram sociedades que se organizaram em função das necessidades da população. Isso é muito interessante. Em particular, sem desemprego. Quer dizer, há tantas coisas a fazer, não tem sentido ter a gente parada. Então, na Polônia daquela época, eles asseguravam a todo mundo um emprego remunerado, como asseguraram bolsas de estudo. Até hoje se mantém essa filosofia, que o estudo é um investimento nas pessoas, não é gasto como se diz no Brasil.

Tem tantas coisas que a gente aprendeu lá, sobre produtividade, que pode e deve ser um sistema organizado em função das necessidades da população. Os problemas da Polônia não eram econômicos; a Polônia até hoje está navegando nessa pujança. É um país que nos últimos 16 anos está crescendo 4% ao ano. De certa forma, a gente sabe o que fazer. Trabalhei lá durante cinco anos.

O problema do Brasil não é a pobreza, é de organização política e social.

Depois, trabalhei sete anos na África, trabalhei em diversos países e hoje sou muito mais orientado, digamos, no que funciona e não no discurso ideológico. Este livrinho ajuda muito e é bem nessa linha: Pão nosso de cada dia. O subtítulo é: *Opções econômicas para sair da crise*. E isso ajuda. Na realidade, nós temos que trazer soluções prá-

ticas para os nossos dilemas.

Eu queria trazer alguns pontos de referência básicos. Primeiro, que nosso problema não é pobreza. Trabalhei em países africanos onde realmente era um drama. Tinha que tirar leite de pedra. Queria lembrar que um país enorme, que era o antigo Congo, quando se tornou independente, tinha 27 pessoas com curso superior. A Europa, os Estados Unidos e diversos países fizeram lá um desastre, inclusive o Brasil, através do processo de escravidão. A África está penando até hoje para se levantar. Estive há semanas na África do Sul. Eu tinha feito um trabalho para o Mandela em termos de planejamento, de desenvolvimento social. É espantosa a dificuldade para você sair dessa desigualdade e desse travamento que resultou da falta de recursos que se herdou do colonialismo.

O Brasil não: pego o PIB de 2021, 8,7 trilhões, divido pela população, 214 milhões. Isso dá R\$13.000,00 por mês, por família de quatro pessoas. Poucos fazem essa conta. PIB é o que a gente produz de bens e serviços. Ou seja, na realidade, o que a gente produz de bens e serviços dá para todo o mundo viver de maneira digna e confortável. Nosso problema não é pobreza, não é falta de recursos. Nosso problema não é econômico, é de organização política e social. Esse é o ponto de partida que acho que vai abrir, Terezinha, para toda essa dimensão da reinserção

da produtividade, do trabalho. Na realidade, se trata de fazer a sociedade funcionar.

Nós temos outro ponto de referência. Estou abrindo janelas. A gente não resolve tudo em 50 minutos, mas, para mim, são eixos estruturantes que fazem a gente entender as coisas.

Temos hoje 33 milhões de pessoas passando fome, isso é catastrófico. Fome não é brincadeira, 20% deles, cerca de seis milhões, são crianças que estão passando fome. Sabe o que é os pais não poderem dar comida para suas crianças?

Agora, o Brasil produz, só de grãos, pega a última safra, 3,7 quilos de grãos por pessoa, por dia. Estamos exportando isso. Por quê? Porque rende mais para os *traders* e para os grandes grupos. Quem controla todo o sistema de alimentos no Brasil hoje, tirando o pequeno, médio agricultor ou MST, esse trabalho do mercado interno, toda essa grande máquina do agro é controlada por quatro grupos. Internacionalmente, se chama ABCD - ADM, Bunge, Cargill e Dreyfus. Oitenta por cento do sistema alimentar está controlado por quatro grupos internacionais que buscam o que rende mais no nível internacional.

Essa grande agricultura de exportação primária gera pouco emprego, gera desastre ambiental, não gera impactos multiplicadores

em termos de avanços tecnológicos, de industrialização. Porque é exportação primária. Vejam o que faz a JBS, sem falar das outras exportações, minérios, petróleo etc. A própria privatização do petróleo é um desastre ligado justamente a esses grandes grupos. Portanto, o fenômeno da fome, 33 milhões passando fome e 125 milhões em insegurança alimentar, isso paralisa a economia, gera um sofrimento atroz, porque quando as pessoas não têm capacidade de compra nem de comida, que dirá de comprar outras coisas.

Isso paralisa a indústria, paralisa todo o processo produtivo. E aqui estamos hoje, em 2022, no nono ano de paralisia econômica. Aliás, o último ano em que a gente cresceu foi 2013: crescemos 3%. De lá para cá, estamos paralisados. No ano passado, 2021, crescemos 4% simplesmente porque em 2020 a queda tinha sido tão profunda que a gente voltou um pouco à tona, foi uma recuperação. No conjunto, todo esse período que a gente está vivendo nos leva a que a economia hoje esteja mais ou menos no nível de 2011.

Esse retrocesso foi causado a partir dos governos de Michel Temer (presidente de 2016 a 2019 com o golpe que depôs Dilma Rousseff, que governou o Brasil de 2011 a 2016) e de Jair Bolsonaro (governou de 2019 a 2022). Nesse tempo, grandes grupos internacionais lavaram a burra. Mas, na realidade, geramos fome, geramos desemprego, geramos paralisia

econômica e grandes discursos ideológicos no topo, que não têm nenhum sentido ou fim, a não ser para os grandes bancos e os exportadores de bens primários.

Só temos dois setores que estão funcionando no Brasil: a exportação de bens primários e o setor financeiro. Os bancos estão se entupindo de dinheiro, com crescimentos de lucros de ano para ano na faixa de 15, 20, 25%, simplesmente porque drenam os recursos das famílias e das empresas com agiotagem.

Não sei se quem está me assistindo está com dívida. Mas a realidade é que no Brasil temos 70 milhões de adultos que estão atolados em dívida com juros absolutamente surrealistas. Peguei, por exemplo, a Anefac, Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade. Vocês vão ver lá o que a taxa de juros, por exemplo, do rotativo do cartão de crédito é de 400%. Isso aí sai da sua conta, você nem acompanha os cálculos: 400%. A mesma tarifa no Canadá é 11%, não 400%, é 11% ao ano. O empréstimo pessoal na França está na faixa de 4% ao ano. Lá, o empréstimo hipotecário para pessoa física, para você comprar a sua casa, é 0,95% ao ano. O crédito na China, se você quer abrir um negócio, é 4,6% ao ano, com uma inflação de 2%. O juro real na China é 2,6% ao ano.

Compare com o que se paga aqui. Isso aqui é

uma agiotagem generalizada, está baseada no fato de que eles, os bancos, conseguiram mudar a Constituição de 1988, tirando o artigo 192, que proibia a agiotagem. De lá para cá, é o caos que a gente acompanha. Caos não é um conceito econômico sério, digamos, mas não encontro a palavra mais adequada para definir o que estão fazendo neste país. É um caos que tem sentido porque, no plano internacional, com seus associados internos, eles estão ganhando rios de dinheiro.

Desigualdade: 1,1% tem mais riqueza do que a metade mais pobre da população mundial, 4 bilhões de pessoas.

São pontos de referência que estou trazendo. No plano internacional, o que está sendo discutido basicamente é a convergência de processos críticos. Temos a convergência da problemática ambiental, estamos destruindo o planeta. Nisso entra o aquecimento global, a destruição de biodiversidade, a perda de cobertura florestal, a perda de solo agrícola por excesso de química nas plantações, por mau manejo e por monoculturas, a contaminação generalizada da água doce pela poluição química, inclusive e em particular do agro-negócio, que entope o solo de agrotóxicos e isso vai para os lençóis freáticos. Não existe tecnologia para limpar águas subterrâneas.

É um desastre e todos eles amplamente docu-

mentados. E temos todas as informações necessárias sobre a desgraça que estamos fazendo. Estamos indo para o brejo em termos ambientais, estamos destruindo a natureza.

O segundo eixo crítico é a desigualdade. A desigualdade atingiu níveis absolutamente espantosos no mundo, 1,1% têm mais riqueza do que a metade mais pobre da população, 4 bilhões de pessoas, a partir de atividades improdutivas. Basicamente, manipulação de recursos naturais, manipulação extrativista, manipulação financeira, enfim, todas as atividades que documentei em um livro que tem circulado muito e está na 12ª reimpressão: *A era do capital improdutivo*¹. É um livro que ajuda bastante a entender esse processo perverso.

Temos, portanto, o problema ambiental, mas o problema da desigualdade é também absolutamente crucial. No mundo, a insegurança alimentar atinge 2,3 bilhões de pessoas. Pensem que isso atinge grande parte da humanidade, sendo que no mundo o que a gente produz de grãos, só de grãos, sem falar dos tubérculos, peixe, enfim, só de grãos a gente pro-

| A ERA DO CAPITAL IMPRODUTIVO A nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta

LADISLAU DOWBOR

Download gratuito

<https://dowbor.org/wp-content/uploads/2012/06/a-era-do-capital-improdutivo-2-impress%C3%A3oV2.pdf>

Para compra:

<https://autonomialiteraria.com.br/loja/teoria-politica/a-era-do-capital-improdutivo-a-nova-arquitetura-do-poder-dominacao-financeira-sequestro-da-democracia-e-destruicao-do-planeta/>

duz mais de um quilo por pessoa por dia. Mas a gente prefere alimentar animais ou produzir combustível “limpo” para veículos. Enfim, rende mais... É absolutamente espantoso. Estou trazendo os desafios porque tem uma problemática ambiental, a problemática da desigualdade, o drama social, e temos a problemática do caos financeiro. O dinheiro está servindo para aplicações financeiras. Os sistemas generalizados de especulação não estão servindo para o que precisamos. O sistema financeiro é apenas sinais magnéticos, não é um setor econômico, é uma dimensão das atividades. Precisamos que o sistema financeiro sirva justamente para reduzir o desastre ambiental e para incluir a massa da população, reduzir a miséria, reduzir a fome...

O sistema financeiro está se autoalimentando em um processo extremamente poderoso. Só para dar um exemplo, que isso não sai no jornal, mas a BlackRock, por exemplo, é uma empresa de *asset management*, gestão de ativos. Ela não produz nada, é um grupo mundial de base estadunidense. A BlackRock administra 10 trilhões de dólares. Para se ter uma ordem de grandeza, o orçamento do Biden, o orçamento do Governo Federal dos Estados Unidos, para resolver os problemas dos Estados Unidos, é de 6 trilhões de dólares.

Larry Fink, o chefe da BlackRock, administra 10 trilhões. O sistema mudou, há um deslocamento geral e isso é que recoloca em questão

todo o nosso problema do trabalho, da utilidade do que a gente faz. Porque não se trata só de emprego, se trata de emprego para fazer o quê? Estamos destruindo o planeta em proveito de uma minoria e quem está enriquecendo é através de sistemas que justamente excluem as pessoas.

Eu gostaria de sugerir a vocês este trabalho: *Resgatar a função social da economia: uma questão de dignidade humana*². É um texto curto, de 70 páginas no meu computador. Saiu recentemente pela editora Elefante. O link para o texto está no rodapé. Aliás, todos os meus trabalhos estão online gratuitamente. Todos os meus livros, artigos etc. É uma rede de professores no mundo que disponibilizam ciência online, porque a situação está crítica e a gente precisa dar ferramentas para as pessoas entenderem o que está acontecendo.

Basicamente, o sistema financeirizado que enfrentamos mudou as formas de apropriação de riqueza, isso é central. Uso o exemplo do produtor de sapato. O cara vai produzir sapato, a gente chia porque ele está explorando o trabalhador, mas para ele explorar o trabalhador, pelo menos ele tem que gerar

2 RESGATAR A FUNÇÃO SOCIAL DA ECONOMIA: uma questão de dignidade humana

LADISLAU DOWBOR

Download gratuito

https://dowbor.org/wp-content/uploads/2022/09/22-Resgatar_-_13-setembro.pdf

Para compra:

<https://elefanteeditora.com.br/produto/resgatar-a-funcao-social-da-economia/?fbclid=IwAR2kl9GJU-G7IIZIHkXjCOIUsB6wAlxkwS-w-gykrHU8ETIB8SL59hHTA5E>

o emprego, e ele tem que produzir o sapato, e o sapato é útil, gerar emprego também é útil. Ele vai ter que pagar imposto na venda dos sapatos. Isso financia o Estado. E a roda gira. É o que a gente conheceu, o Estado de bem-estar, aqueles 30 anos de ouro do pós-guerra, em que a gente tinha, ao mesmo tempo, produção, emprego e distribuição. Claro que isso é diferente nos países mais pobres, mas você tinha essa dinâmica que gerou a ideia mais positiva do capitalismo.

Não há democracia política sem democracia econômica

Atualmente, a forma de apropriação do excedente social mudou, porque, quando um banco coloca uma tarifa no teu cartão, ele não precisa gerar um emprego para te explorar. Eu faço uma compra de 100 reais na papelaria; antigamente, pagava com dinheiro. Hoje, chego na caixa e me perguntam “crédito ou débito?”, digo “crédito”, bom, o banco vai cobrar 5% daquela compra. O custo do banco é praticamente nulo, ainda mais porque o dinheiro é virtual, e é a gente que faz tudo. A publicidade ensina: “Você mesmo vai poder resolver teus problemas”. Claro, empurraram para nós essas burocracias.

Na realidade, o sistema financeiro, esse dinheiro imaterial que hoje domina, o dinheiro impresso representa apenas 3% da liquidez no mundo; 97% são sinais magnéticos. Esse di-

nheiro imaterial gira, chama *high frequency trading*. No planeta, temos um sistema financeiro global, mas os governos são nacionais. As coisas simplesmente não estão funcionando. Estou trazendo essa convergência da crise ambiental, da crise social e da crise financeira, que se transformam em uma crise política, na desagregação da democracia: esse é o eixo de discussão hoje no mundo.

O Brasil, dentro disso, está em uma situação particularmente catastrófica por causa, em particular, do tipo de governo que tivemos desde quando se quebrou o sistema distributivo a partir de 2013, 2014, a era de transição, culminando no golpe de 2016, e, de lá para cá, se paralisou a economia do país. E o Brasil está entre os 10 países mais desiguais do planeta. Está lá embaixo, entre os mais mal administrados dos 193 países membros da ONU. Você não pode fazer funcionar um país com esse grau de desigualdade. Para mim, no que você estava comentando, Tereziinha, sobre democracia, é que não há democracia política sem democracia econômica e, a partir de um certo grau de desigualdade, a democracia não funciona.

Francamente, falar em democracia no Brasil, com 125 milhões de pessoas em insegurança alimentar, em um país que é o terceiro produtor mundial de alimentos, quer dizer, do que a gente está falando?

60 milhões de pessoas subutilizadas no país

Deixem-me pegar o tema propriamente do trabalho dentro disso. Acho que a característica fundamental para nós é a subutilização. No meu livro *Resgatar a função social da economia*, tenho um capítulo sobre isso. No Brasil, somos hoje 214 milhões de habitantes. Temos 150 milhões, arredondando, em idade ativa. Eu utilizo o critério da ONU de 16 anos a 64 anos. Temos 106 milhões de pessoas na chamada força de trabalho e temos apenas 33 milhões de empregos formais privados.

Esse é o nível de subutilização da força de trabalho. E estamos esperando que os mercados resolvam. Os mercados não vão resolver. Sobretudo porque estamos nos desindustrializando e os únicos setores funcionando são os de intermediários financeiros e exportadores de bens primários. Esse é o nível, resumindo em uma pílula, do desajuste. Aos 33 milhões, eu poderia acrescentar um pouco de empregadas domésticas com carteira. Não muda grande coisa. A meu ver, ser empregada doméstica é uma subutilização de força de trabalho.

Temos também 40 milhões de pessoas no setor informal. No setor informal, segundo o IBGE, a remuneração é a metade do setor formal. Na realidade, moro em São Paulo, no bairro da Lapa. Desço alguns quarteirões próximos à minha casa e encontro um monte de gente na rua vendendo bugiganga de plástico, fazendo

coisas inúteis. É gente que tem a mesma capacidade intelectual que eu, tem o mesmo cérebro, a mesma capacidade de contribuir para a sociedade, e está aí vendendo coisinhas na rua: 40 milhões. Acrescentem quase 13 milhões de desempregados e seis milhões de desalentados, que são as pessoas que gostariam de trabalhar, mas desistiram porque não estão encontrando atividade que compense. O resultado é cerca de 60 milhões de pessoas subutilizadas no país, 60 milhões de adultos. É mais da metade da força de trabalho. Esse é o nível.

As soluções são extremamente práticas. Quando vim da Polônia, lá não havia desemprego. Ninguém ficava parado, com tanta coisa para fazer: saneamento básico, terra parada que precisa de alguém para cultivá-la. A comunidade, o Estado, se organizavam. É questão de organização social.

Costumo ir a Imperatriz, vou de vez em quando, porque meu pai está enterrado lá. Imperatriz é a segunda cidade do Maranhão, distante 626 quilômetros da capital, São Luiz. Lá, encontro um monte de gente parada, muita gente parada e, em volta da cidade, um monte de terra parada. Visitei o supermercado local e o que vejo: 80% dos alimentos no supermercado são trazidos de São Paulo, de caminhão, gastando diesel e pneu. Esse é o grau da estupidez generalizada aguardando mercados, enquanto o governo vai se entupin-

do de dinheiro, com favorecimento do agronegócio latifundiário. É ridículo.

Ando na China, em diversos países na Europa. O solo em volta das cidades é considerado solo precioso. Todas elas têm o cinturão verde, hortifrutigranjeiro, produzindo alimentos frescos. Esse alimento gera a pequena indústria de transformação, gera empregos, gera alimento fresco para as escolas, para o município, gera autonomia local, gera recursos para o município.

Pessoal, é básico! Por aqui, no Brasil, estão esperando os mercados. Esse negócio é questão de bom senso elementar. Na realidade, para mim, esse é o eixo central da subutilização. Subutilizamos a mão de obra de maneira dramática. Subutilizamos a terra. Façam o cálculo simples. Pego o censo de 2017 do IBGE, o censo agropecuário. Tenho cerca de 160 milhões de hectares de boa terra, no Brasil, que estão parados ou subutilizados: 160 milhões de hectares. Neste país de 850 milhões de hectares, cultivamos apenas 63 milhões de hectares, somada a agricultura permanente e temporária. Tirando as florestas, pantanal etc., são 160 milhões de hectares parados, ou subutilizados com pecuária extensiva, Terezinha. Isso dá cinco vezes o território da Itália. E temos o MST lutando por terras e uns caras dizendo: “Meu Deus, então invadindo terras”. Na Europa, cobram um imposto de tal tamanho sobre terra im-

produtiva que o cara ou produz, ou vende para quem vai produzir.

Temos que dar utilidade à nossa terra parada. Está na Constituição. É a utilidade social dos recursos. É escandalosa a subutilização da terra, a subutilização da mão de obra, a subutilização dos recursos financeiros. Porque fazer aplicação financeira está rendendo mais do que fazer investimento produtivo. Isso é o centro da importância do economista francês Thomas Piketty (1971), que mostrou que, hoje, o crescimento do PIB no mundo, a produção real, é da ordem de 2%, 2,5%, ao ano, quando as aplicações financeiras, todo o sistema financeiro está ganhando, aumentando a sua fortuna entre 7% e 9% ao ano. Para onde vai o dinheiro? Vai para onde rende mais. Vai para as aplicações financeiras. Você liga o rádio e te dizem: faz aplicação assim; assado vai render tanto. Não recomendam que você abra uma empresa produtiva.

Se você tem uma poupança, vai fazer uma aplicação. Os bancos chamam isso de investimento. Não é investimento. É aplicação financeira. Tenho a minha poupança como professor. A gerente lá da Caixa pergunta em que o senhor quer investir, professor? Digo: “Meu amor, isso aqui não é investimento”. Posso até ganhar dinheiro fazendo uma boa aplicação financeira, mas não aparece uma escola a mais nem um quilômetro de estrada a mais. Quer dizer, essa dimensão improdutiva

do sistema é um grande problema. O dinheiro que aplico, o banco vai utilizar para comprar títulos da dívida pública, e drenar o orçamento para ganhar mais dinheiro.

Estamos subutilizando a mão de obra, subutilizando a terra, subutilizando o capital, quando o que funciona é você articular esses três fatores de produção mais a educação/tecnologia. Você precisa utilizar o dinheiro para gerar uma dinamização das atividades produtivas, para você assegurar também um emprego e o resultado é que isso gera impostos. O investimento produtivo gera imposto em volume suficiente para o Estado financiar infraestruturas e políticas sociais de educação, saúde, segurança etc. Nós sabemos o que deve ser feito. É o ciclo virtuoso da economia. O problema é que a estrutura política está nas mãos de uma articulação de grupos nacionais, através da “Faria Lima”, como chamam hoje as empresas financeiras, e através delas, do ABCD, dos grandes grupos dos traders e dos grandes grupos financeiros como BlackRock, State Street, Vanguard etc. O Brasil está sendo simplesmente drenado nas suas riquezas.

Onde funciona, a economia é administrada basicamente de baixo para cima, com forte participação das comunidades.

O que acontece com o petróleo é característico. Ninguém produz petróleo. É um recurso

natural. Você extrai e o Brasil domina a totalidade da cadeia técnica do petróleo, desde as plataformas, as pesquisas, a base tecnológica, o refino, o transporte, a distribuição, a indústria petroquímica. Tínhamos tudo isso e estava servindo para reinvestimento na Petrobrás, e estava servindo, em particular, para financiar políticas públicas de ciência e tecnologia, infraestrutura, educação etc. Hoje, se vocês pegarem nos jornais, são dezenas de bilhões de reais transferidos, a cada trimestre, para grandes grupos internacionais. Quando você privatiza, você desnacionaliza porque você abre o capital da empresa para quem compra ações; e quem compra ações é a BlackRock, são grandes grupos internacionais que passam a ter o lucro sobre um produto que não precisaram produzir. De certa maneira, você encarece os produtos porque, de algum lugar, têm que sair essas fortunas: saem do preço do botijão de gás, do preço que você paga para encher o tanque e tudo isso vai para grupos internacionais, ao invés de servir para o financiamento do desenvolvimento. É um dreno.

O que estou trazendo, Fernando (Rios), é basicamente o seguinte, é que você não pode discutir trabalho em si. Você tem que pensar quais são os recursos subutilizados, para onde se orienta o trabalho e como você financia e como você organiza isso. Então, por exemplo: a China tem um governo que é politicamente forte, mas muito pequeno. Na

China, o essencial da gestão cotidiana dos recursos é feito no nível do município, pois é o município que sabe das suas necessidades, seja saneamento básico, arborização de ruas, produzir energia solar, segundo situações diferenciadas. Ou seja, cada município se organiza para o seu desenvolvimento, com apoio do governo.

Alguns anos atrás, estive com a ministra do planejamento da Suécia. Ela disse: 72% dos recursos públicos recolhidos pelos impostos, 72%, vão diretamente para o nível local. Ou seja, você dá às comunidades a capacidade de resolver os seus problemas. Se precisa de mais uma escola, constrói mais uma escola. Quer fazer centro cultural? Faz centro cultural. Quer fazer eventos? Fazem eventos. De certa maneira, onde funciona, isso é geral, onde funciona, a economia é administrada basicamente de baixo para cima, certo? Com forte participação organizada das comunidades, dos municípios.

Anos atrás, a pedido do presidente Lula, fiz a coordenação científica de uma pesquisa. Trabalhei um ano e meio com um grupo de economistas - Paulo Singer (1932-2018), com Ignacy Sachs (1927), Marcio Pochmann (1962), Pedro Paulo Martoni Branco (1950) -, o jornalista Paulo Vanuchi (1950), mais uma série de gente. Mobilizamos mais de 400 pessoas. Produzimos um documento, um relatório de pesquisa: *Política nacional de apoio ao desen-*

*volvimento local*³. É um documento online. São 89 propostas práticas para desenvolver o município: política de financiamento, política comercial, política de acesso à tecnologia; política, o processo decisório, como criar um conselho local de desenvolvimento, política de informação e de controle da comunicação, políticas ambientais, e política, evidentemente, de emprego e renda.⁴

Não há solução de emprego, de certa maneira, sem você resolver o problema do ciclo econômico. Os empregos não aparecem. Aguardar “os mercados” é idiotice. Agora, quando você tem um Estado que, por exemplo, repassa recursos para os municípios, para os municípios gerarem cinturão verde hortifrutigranjeiro, isso vai gerar emprego, vai gerar um conjunto de atividades industriais, vai gerar demanda por tecnologia, gerar parcerias entre o município e as universidades para ter o apoio técnico. Estão entendendo? Quer dizer, você não gera emprego. Você gera um processo dinâmico, interativo, que é o ciclo econômico e o ciclo econômico, essencialmente, ele depende de repassar recursos para a base da sociedade. Esses recursos podem ser públicos. Não importa de onde eles vêm. Pode ser endi-

3 POLÍTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

ORGANIZADORES: LADISLAU DOWBOR / MARCIO POCHMANN
<https://dowbor.org/wp-content/uploads/2012/06/10PochmannLivroLocalPoliticas-I.pdf>

4 POLÍTICAS NACIONAIS DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO LOCAL: EMPREENDEDORISMO LOCAL E TECNOLOGIAS SOCIAIS

LADISLAU DOWBOR
RAP, Rio de Janeiro 39(2):187-206, Mar./Abr. 2005

vidamento. Pode ser simplesmente orçamento. Pode ser a conversão das reservas cambiais. Pode ser emissão monetária. O essencial é o seguinte: passando mais recursos na base da sociedade, e condicionando o repasse ao investimento produtivo ou preenchimento de necessidades básicas, você dinamiza o ciclo. A demanda aumenta, dinamiza as empresas, têm para quem vender.

O conceito de Estado mínimo é uma farsa interessada

No Brasil, as empresas estão atoladas. Temos essa desindustrialização e as empresas que sobreviveram estão trabalhando a 70% da sua capacidade. Por quê? Por um lado, porque não têm para quem vender, por outro lado, porque enfrentam a agiotagem dos bancos. Estão atoladas em dívidas também, como as famílias. Uma empresa produtiva, Terezinha, é bem simples. Não é misterioso. Ela precisa ter gente com dinheiro para ter para quem vender e ter crédito barato para poder financiar a produção. Isso funciona na Europa. Funciona na China. Funciona em qualquer parte. No Brasil, não tem nem uma coisa e nem outra. Porque a população está quebrada. Não está comprando. E o sistema de crédito, ao invés de ser sistema de fomento à produção, essencialmente, é um sistema financeiro especulativo que ganha com juros elevados. Agora, se você põe dinheiro na base da sociedade, gerando mais demanda, e você controla o siste-

ma bancário através do sistema público, você reduz a taxa de juros mais ou menos no nível em que se utiliza na OCDE, nos países desenvolvidos, tipo, 4%, 5% ao ano, que é o que se pratica no nível internacional, você dinamiza a economia pela base. Você dinamiza tanto o consumo, que gera recursos para o Estado, imposto sobre consumo, quanto você dinamiza a atividade empresarial e emprego. E isso também resulta em receita para o Estado. E o Estado, com isso, pode financiar as políticas públicas, saúde, educação, segurança, infraestruturas etc., que melhoram a produtividade das empresas... E a roda gira...

Isso aqui não tem mistério. Vejam um vídeo-zinho de dez minutos, *Entender a economia*⁵. O drama é o seguinte. Sabemos o que deve ser feito. Temos a lembrança de tudo o que foi feito durante os governos Lula e Dilma. Na fase 2003 a 2013, tivemos um crescimento médio de 3,8%, com geração de cerca de 18 milhões de empregos formais e redução dramática do desmatamento da Amazônia, que baixou de 28 mil quilômetros quadrados em 2002, para 4,5 mil em 2012. Continua um desastre, mas, enfim, um milagre em termos de resgate ambiental.

Tivemos o social, o ambiental, tivemos o emprego e tivemos o crescimento econômico e não é complicado. E não é só Bolsa Família,

⁵ **10 MINUTOS PARA ENTENDER ECONOMIA: VÍDEO COM O PROF. LADISLAU DOWBOR**
<https://j.pucsp.br/noticia/10-minutos-para-entender-economia-video-com-prof-ladislau-dowbor>

porque teve também a elevação de salário-mínimo. Tenho todos os projetos da época. Acompanhei. Foram 149 projetos. Tinha, por exemplo, o Luz para Todos. A gente sabe o que fazer. Agora, o país está sendo drenado por um sistema político que quebrou a capacidade de investimento. A quebra do ciclo virtuoso que o Banco Mundial chamou The Golden Decade, a década dourada do Brasil, 2003 a 2013, isso foi rompido exatamente porque os bancos foram aumentando a taxa de juros e atolando as pessoas. A Dilma tentou quebrar as taxas de juros e os lucros dos bancos. Não conseguiu. É a guerra de 2013, 2014. Lançam a Lava Jato, que está muito ligada aos Estados Unidos e à apropriação do petróleo. Enfim, todo o caos que se criou, e a gente entra nas crises de 2015, 2016 e, de lá para cá, o país está paralisado. Resumindo a história: temos um país que não é pobre, mas que está sendo drenado de maneira absolutamente irresponsável por uma coligação de interesses nacionais e internacionais. Isso significa que precisamos reorientar a economia para o bem-estar da população, o que gera emprego e gera recursos para o Estado.

O conceito de Estado mínimo é uma farsa interessada. Porque o Estado tem que justamente ajudar a dinamizar o conjunto das atividades. Isso significa, nesse sentido, democratizar a economia, certo? E democratizar a economia passa pelo resgate da soberania porque, hoje, o controle do sistema

econômico, no Brasil, está ligado aos grandes *traders* internacionais, com a BlackRock, com Credit Suisse, todos os grandes grupos, inclusive os seus intermediários internos como o BTG Pactual.

Peguei o organograma dele no *Valor Econômico*: tem 38 filiais em paraísos fiscais. Para que um banco brasileiro tem tantas filiais em paraísos fiscais? Porque é um repassador das fortunas dos brasileiros para paraísos fiscais para diversos usos internacionais. É dinheiro de evasão fiscal, é dinheiro de droga, é um dinheiro simplesmente não declarado. Enfim, sem falar que, nos paraísos fiscais, temos fortunas do ministro da Economia, Paulo Guedes; do presidente do Banco Central, Roberto de Oliveira Campos Neto.

Temos todo o conhecimento necessário para resolver nossos problemas. Falta-nos reorganização política e social.

Gente, do que estamos falando? Isso aqui, gente, em termos econômicos e sociais, virou um caos. É um caos que tem um sentido em termos internacionais. Os grandes grupos não perdoam. Um país que não sabe defender os seus interesses fica à deriva. Não tem Papai Noel no planeta. Eu acompanho isso. São muitos anos de organizações internacionais. Fui, inclusive, consultor do secretário geral da ONU para países em crise, acompanhando esse tipo de problema. Esse é o dilema que a

gente enfrenta e todos nós estamos ali esperando. Está se abrindo uma fresta política. Quem sabe, a gente consegue transformar esse processo.

Gente, fechando, aqui, é o seguinte. Como ferramenta de trabalho, indico novamente este pequeno livro: *Resgatar a função social da economia*. É o básico do que tenho falado hoje. E mais este sobre o qual já falei: *O pão nosso de cada dia*. Todos eles estão *online* gratuitamente. Isso não significa que não se compre o livro, mas acho honesto uma pessoa poder folhear o livro para ver se interessa comprar. Ou seja, ela pode ler gratuitamente. Um professor não vai dizer aos alunos: “Comprem o livro do Ladislau Dowbor”, certo? Porque não seria muito realista. Mas ele pode dizer, olha, vamos discutir o capítulo oito do livro do Ladislau na próxima aula. Dá oito páginas. Até no celular o aluno lê.

O nosso objetivo aqui hoje é multiplicar o conhecimento, é dar ferramenta de conhecimento para o Brasil se apropriar do seu desenvolvimento. Este livro aqui, *O capitalismo se desloca*⁶, publicado pelo SESC, está

6 **O CAPITALISMO SE DESLOCA: novas arquiteturas sociais**

LADISLAU DOWBOR

Download gratuito

<https://dowbor.org/wp-content/uploads/2020/05/Dowbor-0-capitalismo-se-desloca-Edicoes-SescSP-2020.pdf>

Para compra:

https://portal.sescsp.org.br/loja/III44_0+CAPITALISMO+SE+DESLOCA#/content=detalhes-do-produto

acessível também gratuitamente *online* no meu site. O diretor do SESC de São Paulo, Danilo Miranda, escreveu uma coisa muito simpática. Vou ler uma parte da apresentação dele:

A iniciativa de publicar O capitalismo se desloca, respeitando a coerência do autor em disponibilizar gratuitamente a versão digital, é resultado de uma convergência de pontos de vista sobre a capacidade do mundo editorial de esboçar novas sendas.

Muita gente está começando a colocar os livros *online*. Isso democratiza a economia e sabe o que acontece? Não reduz as vendas, entende? Tanto assim que este outro livro que recomendo, *A era do capital improdutivo*, está há cinco anos *online*. Está atualizado. *A era do capital improdutivo* está na 12ª reimpressão. Está vendendo direto por universidades, por toda a parte. Até o linguista, filósofo e sociólogo contemporâneo Noam Chomsky (1928) leu o livro, porque foi publicado em inglês. Ele escreveu:

O trabalho do Dowbor é um estudo revelador e profundamente informado sobre o enorme poder que as instituições financeiras acumularam e o impacto na economia global, cujas transações financeiras drenam a economia e reduzem os investimentos produtivos. Uma contribuição muito importante.

Fico feliz com isso, mas, na realidade, temos que generalizar esse conhecimento para

a base da sociedade, para as diversas instituições. Toda essa pandemia nos jogou para dentro das *lives*. Antigamente, para eu fazer uma palestra em Fortaleza, os caras tinham que fazer um projeto, financiar a passagem, hotel etc. Hoje, o pessoal me liga como me ligaram aqui. Professor, vamos fazer uma *live*? E pronto. Ou seja, a capacidade de multiplicarmos conhecimento é absolutamente dramática, gente. Com um ambiente como este que estamos fazendo hoje e com toda a iniciativa que vocês tomaram como que aproveitando de maneira inteligente essa bandidagem do Facebook etc. Eu coloquei, Terezinha, três minutos do Paulo Freire, uma gravação dele sobre a ditadura militar. Coloquei no meu *Face*: deu 4,5 milhões de acessos, ok? Ou seja, a capacidade que a gente tem de chegar a muito mais gente se expandiu.

Acho que todos nós, na universidade, no centro de pesquisa, estamos ainda nos adaptando nesse recurso imensamente subutilizado, que é a conectividade, que se expandiu no Brasil. Esse é o ponto. Queria fechar com isso. Parabéns pela iniciativa. Estou aqui abrindo janelas, oferecendo ferramentas que ajudam a entender o que está sendo discutido, os rumos que estamos buscando.

Voltando à base. Não temos falta de recursos. Não temos falta de tecnologias e de gente que sabe o que deve ser feito. Temos todo o conhecimento necessário e o proble-

ma é, realmente, de reorganização política e social. Esperemos que tenhamos um bom governo, um bom próximo governo para o país voltar a encontrar o seu rumo. É isso aí, gente. Obrigado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Nossas humanidades, especialmente as brasileiras, estão deixando a desejar?

Muitíssimo obrigada, professor Ladislau. Essa aula rica que você faz conosco nos ajuda mesmo a caminhar na direção daquele objetivo de que eu falava antes, que é esse que você menciona de ampliar o conhecimento, de partilhá-lo no sentido de que ele vá aumentando cada vez mais. Efetivamente, acho que você cumpriu aquilo que eu anunciava nesta manhã friorenta. Que você ia nos ajudar a aquecer um pouco com essa contribuição rica que você traz, só que permanece o frio no estômago, na barriga. Por quê? Porque o que você nos mostra é uma humanidade ou humanidades que se constroem de uma forma que vai ao encontro daquilo que a gente julga que é o que caminha na direção de princípios éticos, de realização do bem comum.

Essa trajetória dos seres humanos está mostrando que, efetivamente, essas humanidades estão deixando a desejar, especialmente essa realidade brasileira sobre a qual você joga o seu foco. Gosto de uma brincadeira que o

filósofo Mario Sérgio Cortella costuma fazer. Ele diz que cada um de nós é representante, cada um e cada uma de nós é representante da humanidade. As sociedades, as humanidades vão se constituindo a partir daí e ele diz assim:

– *“Imagine que um marciano desce aqui para fazer uma pesquisa sobre o ser humano e dá de cara com você. O que ele vai falar desse ser humano? O que ele vai falar dessa humanidade?”*

Então, eu, indo na esteira do Cortella, digo: imagine que um marciano desce no Brasil e olha a organização desta humanidade, principalmente do ponto de vista que você fala, política e social. O que que ele vai fazer, não é? Você diz que há soluções. As coisas estão, aí, à disposição, digamos. E também diz que há, quem sabe, uma possibilidade de a gente realizar isso. Que entraves você vê do ponto de vista econômico para, quer dizer, do ponto de vista social, para que haja uma perspectiva econômica mais positiva? Que entraves mais do que possibilidades? Temos, já, pessoas fazendo as suas perguntas, mas gostaria de ouvi-lo a respeito disso.

LADISLAU DOWBOR

O problema não é um mau presidente. O problema é quem financia o mau presidente no poder.

Olha, o básico é que o país está sendo drenado pelos grandes grupos internacionais associados a grupos locais. Se você olhar, no nosso congresso, você tem a bancada do agro. Eles têm, mais ou menos, a metade dos deputados. Desde 97, quando, no governo Fernando Henrique, se autorizou o financiamento corporativo das campanhas, isso durou até 2015. Tivemos 18 anos em que as empresas puderam, literalmente, comprar postos públicos. Isso determinou uma deformação política extremamente profunda que gerou essa perda de coincidência entre o que o governo faz e os interesses da nação. O governo fala em atrair investimentos externos; portanto, em tornar o país muito mais *business friendly*, favorável às corporações, o que facilita, simplesmente, o dreno.

O entrave principal é efetivamente político. O centro do problema político é resgatarmos a capacidade de o governo organizar os nossos potenciais em função dos interesses da nação. Isso simplesmente não é fácil. Quando outros países tentam, por exemplo, em vez de passar pelo dólar, fazer trocas comerciais entre as moedas dos países vizinhos, os Estados Unidos protestam, invadem, brigam, derrubam governos. Esse é o nível. Deixem-me lembrar o desnível de poder.

Se eu somar Black Rock, State Street e Vanguard, temos três empresas financeiras, de asset management (gestão de ativos), que não

produzem nada. Administram dinheiro dos outros. Elas administram 20 trilhões de dólares. Vinte trilhões de dólares é o PIB dos Estados Unidos. Esse é o nível.

Na realidade, o resgate da soberania é fundamental e você tem que traduzir isso em iniciativas concretas. Por exemplo: as subvenções do governo estão indo para o agroexportador, em vez de irem para a agricultura familiar, que tem menos de 20% das terras agricultáveis no Brasil, mas assegura 70% da nossa alimentação. Então, você tem que ter essa reorientação. Aqui, você vai entrar em choque com o agro que está acostumado a mamar nas exportações. Lembrem que quem produzir para exportação, no Brasil, não paga impostos. A Lei Kandir de 1996 isenta de impostos quem produz para a exportação. No entanto, quem produz alimentação para a população brasileira paga imposto. Esses grandes grupos agroexportadores não pagam.

Vamos pegar os 315 bilionários aqui da revista Forbes. São vinte páginas. Eles são muito sorridentes. Para bilionário brasileiro, é uma glória aparecer na revista Forbes, mas aqui vocês têm fortuna por fortuna, o que eles fazem, com que grupos estão interligados. Aqui, em vinte páginas, você tem a estrutura, a radiografia do poder real do Brasil. São essas pessoas que mandam. Não é o Bolsonaro. A gente não tem que considerar o Bolsonaro um problema. O problema é quem

colocou o Bolsonaro no poder! A realidade é que esse é o poder.

A família Marinho tem 30 bilhões de fortuna. Sabe o que são 30 bilhões de reais? Faço esse cálculo diminuindo aqui para vocês levarem em conta. Se a pessoa aplica, digamos que eu seja um bilionário de um bilhãozinho só. Se aplico isso a 5%, o que é muito moderado, a 5% ao ano, sabem o quanto estou ganhando? Cento e trinta e sete mil por dia. No dia seguinte, estou ganhando 5% sobre um bilhão mais 137 mil e por aí vai. É o que a gente chama, em finanças, de *snowball effect*, efeito bola de neve. Quanto mais você é rico, a cada rodada da bola de neve, mais você recolhe. Isso gera esse grau absolutamente espantoso de desigualdade. Esse pessoal não está interessado em fazer mais uma fábrica, em gerar emprego, em fazer produtos. Eles estão ganhando rios de dinheiro simplesmente usando aplicações financeiras. Resgatar o que se opõe a isso, o uso produtivo do dinheiro, vai ser uma luta política.

Tanto assim que eles estão tentando travar qualquer tentativa de a gente voltar a usar a exportação do petróleo para financiar políticas internas. Estão tentando travar. Estão tentando travar a renacionalização, enfim, ou a desprivatização dos sistemas. Uma coisa essencial é acabar com a lei que isenta de imposto os lucros e dividendos. Não sei se vocês sabem, mas eu, professor

Ladislau, pago 27,5% sobre os meus ganhos. Agora, esses bilionários aqui não pagam. Desde 1995, lucros e dividendos distribuídos não são sujeitos a impostos no Brasil. O Brasil, a Estônia e mais alguns países têm esse negócio absurdo.

O objetivo é que o dinheiro, o trabalho, as nossas tecnologias voltem a servir para o país. Essa é a reorientação sísmica, digamos assim, que a gente precisa fazer. Vai depender de uma guerra política, porque vão inventar um monte de coisa para defender os interesses deles, em particular com narrativas. Vocês lembram da narrativa de que a boa dona de casa deve gastar o que tem? Como pegou, ainda mais com presidente mulher. O slogan foi elaborado por essas empresas de relações públicas, de formação de narrativas, que hoje são uma grande indústria. Usam o Face, as fakes news etc. Temos que desmontar esses discursos. É vital que tenhamos gente com informação para conseguirmos empurrar essa reorientação da economia para o bem-estar do país.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, professor. Temos já mais duas perguntas aqui no *chat* e queremos voltar a afirmar, como a Sabrina fez no início, que aqueles que desejarem fazer a sua pergunta abrindo o fone e a imagem também podem fazê-lo.

A primeira pergunta que se segue é a do Anaximandro (Anaximandro Orleans Calle de Paula). Ele pergunta:

– “É utopia a transformação do Estado mínimo em um Estado ético?”

A seguir, o Érico Veríssimo diz:

– “Em um cenário em que os avanços tecnológicos, geralmente, são sequestrados pelo ‘sistema’, para que sirvam aos seus interesses, como transformar o aumento da capacidade de multiplicação de conhecimento em um instrumento de redução de desigualdades?”

LADISLAU DOWBOR

Quando a gente analisa uma pergunta apontando a questão da ética, passamos a distinguir o que é legal e do que é legítimo.

Terezinha, deixa eu pegar as duas perguntas porque são temas essenciais. Primeiro, é mais do que Estado ético. É a ética geral na economia. São os valores. Se vocês pegarem todas as declarações de departamentos de relações públicas das grandes empresas, todas estão falando em ESG, que é a sigla em inglês de *environmental, social and governance*. Ou seja, que não basta a empresa gerar lucro para os seus acionistas, ela tem que assegurar o bem-estar do ambiente, o

environment. Políticas ambientais. Parar de gerar desastres, desmatamentos, contaminação da água etc. Ou seja, passar a se responsabilizar pelo meio ambiente, se responsabilizar pelo social, pela desigualdade, por um sistema de gestão responsável dos recursos, preocupar-se com a fome.

Por enquanto, todo esse movimento do ESG, que é mundial, na verdade está muito mais no departamento de relações públicas das empresas. Ainda não entrou na discussão do presidente e de sua diretoria. Portanto, a dimensão ética é fundamental. Temos que resgatar os valores. Tem muita gente repetindo isso por toda a parte.

No meu site, tem uma área que chama “Resenhas”⁷. O que eu faço? Pego principalmente a literatura internacional, coisas mais importantes, e faço não resenhas comerciais, resenhas de ideias chave. Vocês pegando cada livro, por exemplo, dos e das economistas - Joseph Stiglitz (1943) , prêmio Nobel, Thomas Piketty (1971), Ann Pettifor (1947), Mariana Mazzucato (1968) -, enfim, um conjunto de pesquisadores que estão desenvolvendo essa nova visão de mundo, todos eles trazem a ética com muita força no centro de suas ideias.

⁷ **Resenhas** Notas e comentários sobre os livros mais importantes recebidos pelo prof. Ladislau Dowbor. Com mais de 150 obras analisadas, permitem visualizar um leque de pesquisas nacionais e internacionais. Não são resenhas comerciais, e sim sistematização de ideias-chave. <https://dowbor.org/category/trabalhos-conexos/resenhas>

Em uma manifestação na avenida Paulista, lembro-me de um desses caras que hoje se em-
brulham em bandeira do Brasil, estava com
uma placa dizendo que evasão fiscal não é
roubo. Bom, o cara está saindo fora dos im-
postos, mas ele gosta de ter o filho estudan-
do na USP. Pago por quem? Pelos impostos dos
outros, imposto do professor Ladislau e de
todos nós. Como não é roubo? Quando o minis-
tro Paulo Guedes colocou 8,7 milhões de dóla-
res em paraíso fiscal, ele utilizou um nome
fictício. E não no nome próprio. Ele disse:
“Mas não é ilegal”. Sabe por que que não é
ilegal? Porque são eles que fazem as leis.

Quando a gente considera uma pergunta apon-
tando a questão da ética, a gente passa a
distinguir o que é legal do que é legítimo.
Você ganhar dinheiro com a intermediação fi-
nanceira, que é a fortuna do Guedes, é ex-
plorar pessoas através de juros e mecanismos
semelhantes, e botar isso em paraíso fiscal
e dizer para os empresários brasileiros: “Vo-
cês têm que ter confiança na economia”. Só
que ele, por via das dúvidas, ele tem razão
quando diz que não é ilegal, vai esconder
dinheiro fora do país. É legal, mas não é
legítimo, evidentemente, como não é legítimo,
por exemplo, todo o sistema que faz com que
grandes propriedades, gigantescas proprie-
dades de terra paradas no Brasil não paguem
impostos porque imposto territorial rural é
simplesmente ignorado. Quase ninguém paga.
É legal. Legítimo não é. O cara está parali-

sando uma terra que poderia ser produtiva.

E está aí, enfim, na realidade, acho que
isso toca a todos nós. Tive reuniões com o
pessoal do sindicato dos engenheiros. E é
interessante porque uma coisa é um engenhei-
ro, um bom técnico, pode ser um informático,
o que for, ele quer ganhar o dinheiro para
a sua família. É legítimo. Certo? Agora, ele
fazer isso para ajudar os bancos a levarem
dinheiro para fora do Brasil e para paraísos
fiscais, é certo? Ele está ganhando bem a
vida e tal. Como é que ele se sente?

Tem um livro que menciono muito, do jornalis-
ta e antropólogo Joris Luyendijk (1971)⁸. É um
cara que, a pedido do jornal inglês The Guar-
dian, fez uma pesquisa na City de Londres,
que é um grande sistema especulativo mundial
junto com Wall Street. Ele conversou com di-
versos investidores. Está no meu livro *A era
do capital improdutivo*. Trago os argumentos.
Ele entrevistou pessoas em diversos níveis.

Alguns, dizem:

– “Olha, sabe o que é? Vou fazer o meu pri-
meiro milhão ou dois milhões e caio fora.
Isto aqui não tem sentido. Isto aqui é um
dreno sobre a economia.”

Outro diz:

⁸ **SWIMMING WITH SHARKS: my journey into the world of the bankers**
JORIS LUYENDIJK
Guardian Books, London, 2015

- “Que se dane, meu. Estou ganhando o meu dinheiro. Não tenho que prestar contas a ninguém.”

Outros simplesmente se sentem muito mal, na contradição entre ganhar dinheiro e fazer uma coisa que está paralisando a economia mundial. E tem até aqueles que se suicidam!

O conhecimento é o principal fator de produção

Ética tem que ser um conceito central e estar em todas as dimensões econômicas: a economia do Papa Francisco; em todas as discussões empresariais sobre ESG. O apelo mais recente que vocês têm é do secretário geral da ONU, Antônio Guterres, que diz como é que todos esses grupos que estão no ramo do petróleo aumentam brutalmente os seus lucros, porque eles mesmos aumentam os preços. Os preços não sobem sozinhos. Eles aumentam os preços. Lucram muito mais quando acontece algum desastre planetário, como por exemplo, essa guerra Rússia/Ucrânia.

O secretário geral da ONU, na semana passada, afirmou que é necessário recolocar os valores, ou seja, a economia tem que servir para a sociedade. Essas empresas têm que servir à economia, não se servir dela. E a economia tem que servir à sociedade. Para mim, esse é o negócio central. A pergunta do Érico é central no seguinte: dou imensa im-

portância a esse tema que está no meu livro *O capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais*, publicado pelo SESC.

O conhecimento, para mim, é o principal fator de produção. Por que isso é tão importante? Porque, quando o principal fator de produção era a máquina, as coisas eram diferentes. Uma pessoa produz bicicletas. Recebe encomendas de mais bicicletas. É bom. Só que ele tem que comprar mais máquina, mais equipamento. Tem custo para gerar mais bicicletas. O conhecimento não. Se desenvolvo um conhecimento, o fato de mais pessoas se apropriarem desse conhecimento não exige recursos adicionais. O físico Albert Einstein (1879-1955) desenvolveu todo aquele conhecimento. Ele não patenteou para cobrar de cada pessoa que queira acessá-lo, como fazem as empresas farmacêuticas sobre todo o sistema de vacinas que está baseada em pesquisas públicas que desenvolveram o DNA.

Na realidade, o que para mim é central, Érico, é que, quando o principal fator de produção é conhecimento, a colaboração se torna muito mais produtiva do que a competição. Estou falando de uma base cultural essencial do capitalismo, que era uma narrativa que vem do filósofo e economista do iluminismo escocês Adam Smith (1723-1790), ainda em 1776. O padeiro não precisa se preocupar com o bem social. Ele precisa se preocupar com enriquecer. Para enriquecer, ele vai ter que

fazer um bom pão. Se não, não vai vender. E tem que fazer em quantidade, se não, não rende. E se ele cobrar muito caro, vai aparecer outra padaria na esquina. Resultado, com ele cuidando do seu interesse, o resultado vai ser o interesse social. Essa visão se rompe e se rompe em profundidade. O enriquecimento das grandes corporações é antagônico com o bem-estar tanto por destruição ambiental como por generalização da miséria e da fome no planeta. Por que faço associação disso com a economia do conhecimento e a construção do acesso? Peguem o trabalho de Mariana Mazzucato (1968), *O estado empreendedor*⁹, é um excelente livro. O básico é que o conhecimento é diferente. Quando o pessoal da Pastoral da Criança desenvolveu aquele soro que salva as crianças da desidratação, eles não patentearam. Tanto assim, que está salvando crianças na África, na Ásia, em qualquer parte do mundo. Estão me entendendo? Você desenvolveu uma ideia. Ela pode servir para todos. Então, isso é uma mudança fundamental porque a colaboração, hoje, é muito mais produtiva do que a competição.

Uma pessoa desenvolve uma ideia, senta-se em cima, com patente ele tem 20 anos de exclusividade. Isso é um latifúndio. Há cem anos, tudo bem que o cara ter patente sobre aquilo. Todo mundo tem que pagar para usar

⁹ **O ESTADO EMPREENDEDOR: desmascarando o mito do setor público x setor privado.**
MARIANA MAZZUCATO
São Paulo: Portfolio-Penguin, 2014.

a ideia dele. Hoje, no ritmo atual, 20 anos é um feudo! Estive várias vezes na China. Eles publicaram trabalhos meus. A China tem um sistema completamente diferentes de patentes. Ela usa para o plano internacional, mas, internamente, por exemplo, um cara desenvolveu uma tecnologia na universidade. Em vez de sair, patentear e esperar que alguém compre, ele recebe um bônus da universidade e a ideia é imediatamente repassada para toda a rede de universidades e centros de pesquisa da China. Chama-se CORE, *China Open Resource for Education*. Ou seja, todo mundo lá trabalha na crista da onda. O cara não fica buscando uma ideia que já foi desenvolvida em outro canto.

O sistema da competição, do segredo, patentes, *copyrights*, *royalties* e todo esse negócio é uma herança do século passado em que a gente tem a modernidade da era digital, da era do conhecimento no centro das atividades econômicas, mas que obedecem às leis e regras do jogo da era analógica, do século passado. Esse é um desajuste e a questão que se levanta é o resgate do conhecimento.

Érico, você fala em capacidade de multiplicação de conhecimento. É absolutamente central. Veja a bandidagem do que se chama internacionalmente de Big Pharma. Aproveitam as pesquisas que são essencialmente públicas das grandes universidades, transformam em uma vacina e cobram o que querem por-

que podem dificultar, impedir outros países de aplicar esse conhecimento. Na realidade, a gente tem que generalizar o acesso. Isso é um movimento mundial. Não é só o CORE da China. O MIT, dos Estados Unidos, usa o OCV, *Open Course Ware*. Harvard já entrou nisso. Nós temos, aqui, modestamente, o professor Ladislau que disponibiliza cerca de 1300 títulos online gratuitamente para Deus e o mundo. Cresçam e multipliquem-se!

Mas, na realidade, essa é uma tônica e fiquei muito feliz, inclusive, quando o SESC publicou meu livro dizendo que também disponibiliza. Sabe por quê? Porque a economia, no século XXI, que se organiza em torno do conhecimento, tem tudo, em termos econômicos, para gerar um sistema colaborativo. Podemos usar a fórmula que os japoneses usam para apoiar a pequena e média empresa, reconstituir o ministério do Desenvolvimento Agrário e organizar o apoio científico e tecnológico aos milhões de pequenos produtores rurais no país. Isso são coisas que multiplicam. Agora, ficar sentado em cima do conhecimento esperando que paguem o direito para utilizá-lo é pré-história! Pré-história. Vivemos uma contradição: temos leis do século passado para uma economia moderna que não consegue reencontrar os seus rumos.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, professor. Temos mais duas coloca-

ções, uma de Fernando (Fernando Rios) e uma da Patrícia (Patrícia Teresa Karchiloff). Fernando traz um monte de perguntas. Quando li aqui, fiquei pensando que a gente teria que ter um tempo maior com Ladislau para as respostas. São muitas as dúvidas dele. Ele pergunta:

– “O capitalismo é suficientemente poderoso para se perpetuar? A China traz um modelo econômico que pode desafiar o capitalismo internacional? O petróleo e o gás continuarão a definir os rumos da energia mundial? Como combater o capitalismo financeiro? Qual é o papel da África auxiliada pela China em uma nova realidade mundial?”

A seguir, a Patrícia diz:

– “Piketty (1971)¹⁰ afirma que os problemas econômicos são usados por políticos como propaganda e causam populismo, geram incertezas para a democracia. Só a informação pode mudar mesmo com a mídia que hoje é tendenciosa?”

Depois, Fernando, ainda, recoloca:

– “Capitalismo e socialismo continuarão a gerar as grandes discussões sobre sistemas econômicos voltados para a melhoria das con-

¹⁰ **Thomas Piketty** (1971) é um economista francês que ficou famoso internacionalmente com seu livro *O Capital no século XXI* (2013). Sua obra mostra que, nos países desenvolvidos, a taxa de acumulação de renda é maior do que as taxas de crescimento econômico. Segundo Piketty, tal tendência é uma ameaça à democracia e deve ser combatida através da taxação de fortunas.

dições de vida e da sociedade?”

É com você, Ladislau.

LADISLAU DOWBOR

Na China, o estado é usado como motor de arranque. Ele não substitui o setor privado.

Indo por partes. Primeiro, essa pergunta sobre a China tem duas dimensões. Inicialmente, é importante entender a China. Todo mundo tem opiniões sobre a China. Ninguém entende. É fundamental lembrar que China e Índia reúnem 40% da população mundial. Lendo jornal, ouvindo rádio, vendo tv, sabemos de cada espirro do Bolsonaro ou do presidente dos Estados Unidos; mas não sabemos nada da China ou da Índia. Nós simplesmente somos desinformados em termos internacionais. Isso é fundamental. A China é um sistema misto. Estive lá três vezes. Estive até de uma forma muito didática. Fizemos reuniões, inclusive, com a escola de formação de quadros do Partido Comunista Chinês. Vejam Xi Jinping, o presidente da China. Você não imagina, na China, um cara chegar à presidência sem qualquer experiência da gestão pública ou dos problemas sociais. Ele passou por administração local, por administração provincial, por toda uma escola para entender as dinâmicas, os problemas.

Eu não me preocupo muito se a gente chama

de capitalismo de Estado, socialismo, disso, daquilo, enfim, o pessoal adora etiquetas. Mas acho que a gente tem que entender como funciona. A imagem que Xi Jinping usa eu gosto muito. Como é que se monta um sistema que funcione? É como atravessar um rio. Para atravessar o rio, você tem que ir em sentido às pedras com o pé. É uma imagem poderosa. Ele usa isso. Sabe o que a população entende. Não vem com equações.

Por exemplo, a China tem que sair do carvão porque ele é uma tragédia em termos ambientais. Por isso ela está com políticas de energia solar. Bom, ela não criou uma grande empresa estatal de painéis solares, mas sim criou uma grande empresa estatal de máquinas e equipamentos para a produção de painéis solares, o que permite que qualquer pequena empresa, em uma cidade da China, pegue um empréstimo a 4,6% no banco, compre essas máquinas e consiga apoio tecnológico.

Basicamente, ele vai criar uma empresa em função do mercado local e, se não administrar bem, vai fechar como qualquer empresa capitalista. Estão entendendo? Ou seja, o Estado é usado como motor de arranque. Não substitui setor privado. É um sistema encaixado de dinamizar o conjunto e, no caso, um sistema descentralizado. Esse é um sistema misto e extremamente produtivo porque é muito descentralizado e com grandes rumos. Por exemplo: sair do carvão, reduzir o desmata-

mento, rearborizar. Os grandes rumos são fixados em nível central. A gestão é radicalmente descentralizada e extremamente ágil. Lembro-me de que, viajando pelo interior da China, por toda parte, via árvores pequenas com estacas de apoio. Plantadas por quê? Porque o governo tinha decidido: tem que rearborizar. Deus e o mundo rearborizando e os chineses são 1,4 bilhão de pessoas. É muito interessante como sistema. É um sistema muito eficiente.

Há um livro no meu site que se chama *China's Economy*¹¹. Fiz uma resenha de ideias chave de Arthur R. Kroeber, especialista em economia política da China. Vale a pena uma leitura.

A segunda dimensão da pergunta do Fernando é o seguinte. Há uma fratura se operando no mundo de hoje. Os americanos fizeram uma armadilha, botaram uma armadilha para ver se quebram a Rússia. Isso não está dando muito certo. Utilizando as divisões internas, pois a Ucrânia tinha feito parte da Rússia durante séculos e, depois, da União Soviética. Na parte sudeste da Ucrânia, você tem muita população russa. Então, em 2014, foi promovido um golpe e, depois, começaram a incitar massacres dessa população russa. Não tinha como o presidente da Rússia não reagir ao processo. Gerou-se a guerra. A realidade é

11 **CHINA'S ECONOMY** What everyone needs to know
ARTHUR R. KROEBER
Oxford, Oxford University Press, 2016
Resenha por Ladislau Dowbor / 15 de novembro de 2016.

que eles esperavam uma fragilização interna do Putin e uma derrubada de governo, como fizeram em tantos outros países. Se eles derrubam o governo Putin, significa que a OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte chega à fronteira norte da China. Essa é a visão estratégica.

Vocês podem acessar meu *site*. Vocês colocam Ucrânia. Vocês têm ali, em vinte minutos, quais são os principais argumentos em torno desse processo. A reação foi curiosa porque vocês têm uma reaproximação da China e da Rússia. Eles foram proibidos de usarem o *swift*, o sistema em dólares de transferência de recursos. Então, criaram um sistema próprio, o *mir* e o sistema chinês. Expandiram esse sistema.

Agora, o que não estão vendendo de petróleo para a Europa ocidental, estão vendendo para a Índia. A Índia se acoplou nesse processo. O Irã veio junto. Agora, a Argentina pediu entrada. O BRICS (grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) está se expandindo. Então, está se rompendo um principal eixo de dominação estadunidense no mundo que durava desde o fim da Segunda Guerra Mundial, com o dólar sendo a moeda base do planeta.

Como é que funciona isso? Os Estados Unidos podem emitir quantos dólares quiserem. Pelo acordo de Bretton Woods (1944, acordo

que elaborou regras para o sistema monetário internacional), eles teriam que garantir uma reserva de ouro para esse papel ter lastro. Em 1971, os Estados Unidos saíram. Deram um calote mundial. De lá para cá, eles emitem dólar à vontade. Não gera inflação nos Estados Unidos por quê? Porque eles usam esse dinheiro fora do país. Foi assim que financiaram a guerra do Vietnã, a guerra do Afeganistão etc. Eles emitem mais moeda. Compram coisas fora do país. Não geram inflação. Ou seja, De Gaulle começou na época, no fim dos anos 60, a trocar os dólares por ouro. Isso precipitou os Estados Unidos a desvincularem o dólar do ouro. Mas De Gaulle dizia, na época: "nós lhes pagamos para que nos comprem".

Hoje, esse sistema continua, se chama *Quantitative easing*, um nome simpático, mas basicamente se trata de um enriquecimento à custa dos outros. Os Estados Unidos se desindustrializaram. Dependem essencialmente do poder militar e do poder do dólar. Vejam se qualquer país que tentou fazer as suas transações internacionais sem passar pelo dólar... Mas como o Brasil exporta para a China e vice-versa? Passando pelo dólar e pagando pedágio sobre isso.

Na realidade, qualquer tentativa de sair desse esquema, eles mandam os militares. Tenho a impressão de que, com a presença muito maior da China num conjunto de países que

estão tentando entrar no BRICS, como a Argentina, haverá mudanças. Muito possivelmente, o interesse do Brasil e a tentativa mais ampla da China, Índia e Rússia de sair do dólar, isso muda, pela primeira vez, o arranjo de dominação estadunidense absoluto, que dura desde 1945, às custas de uma guerra que foi essencialmente feita pela Rússia. Não sei se é familiar para vocês, mas na Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos tiveram 600 mil baixas; a Rússia teve 27 milhões. Quem fez a guerra não é quem desembarcou em 1944 na Normandia, quando a guerra já estava encerrando. É interessante esse processo.

Você tocou num problema central, Fernando: também acho que está havendo um deslocamento. O mundo não comporta mais esse tipo de dominação dos Estados Unidos, ainda mais que perderam sua base produtiva, que dominam através de sistemas financeiros. Isso aqui simplesmente não funciona.

Tem o terceiro ponto, que é capitalismo e socialismo. Nesse livro, Fernando, pedi um prefácio ao economista Ignacy Sachs (1927)¹², um grande nome, um dos criadores do conceito de sustentabilidade. Ele já está fora, está velhinho. Foi um grande amigo, a gente fez vários trabalhos juntos. A gente trabalha

12 DESENVOLVIMENTO INCLUDENTE, SUSTENTÁVEL E SUSTENTADO

Prefácio de Celso Furtado

IGNACY SACHS,

Garamond/Sebrae, Rio de Janeiro, 2004

Resenha de Ladislau Dowbor

<https://dowbor.org/2004/11/desenvolvimento-includente-sustentavel-e-sustentado.html>

com o conceito de economia mista.

Eu, por exemplo, trabalhei na Nicarágua, organizando o sistema de informação econômica da presidência. Fui cortar cabelo e o barbeiro era um funcionário público. Por quê? Porque o ditador anterior tinha salões de beleza, cabeleireiros, um monte de coisa, tudo isso que, quando derrubaram a ditadura, nacionalizaram os bens do presidente. Então, de repente, estou cortando o cabelo com um funcionário público. O país fica mais socialista por isso? Isso é uma bobagem. Na realidade, o sistema chinês, em que indústria pesada, sistema bancários e políticas sociais -saúde, educação etc. -são essencialmente públicos, pois são de interesse público. Mas a produção de batata, de tomate, de pão na esquina, tudo isso, são empresas privadas - o cara faz, abre, fecha, inventa um bolo maravilhoso, o que for -se associa à iniciativa individual da pequena e média empresa. Isso garante o suporte para a construção de grandes infraestruturas: a China criou 40 mil quilômetros de estradas de ferro para trens de grande velocidade. Trens de grande velocidade asseguram transporte mais barato, porque sai muito caro você andar de avião.

Agora, um transporte coletivo como ferrovia barateia os custos de toda a população e de todas as empresas. Na realidade, você gera o que a gente chama de economias externas,

através de boas infraestruturas, porque sai mais barato transportar para todos.

Veja o Brasil, que desativou quase todas as suas ferrovias. Em 1930, tínhamos 30 mil quilômetros de ferrovias - bitolas diferentes, fragilidades etc., tudo bem, mas tinha. Hoje, no Brasil, o cara produz soja lá no Mato Grosso do Sul, transporta de caminhão até o Paraná. Só com o custo do diesel nesse transporte, o custo da saca já aumentou brutalmente. Isso é uma idiotice absolutamente radical.

Eu andei em Xangai. Você tem duas faixas para o automóvel, tem uma ampla faixa separada para bicicletas, e tem uma calçada muito ampla e arborizada, com metrô passando por baixo.

Em São Paulo, o paulistano perde, em média, duas horas e 43 minutos por dia - estou citando uma pesquisa de alguns anos atrás -, não mudou nada, só piorou um pouco. O motorista fica andando em primeira e segunda. Agora, o cara que mora na Capela do Socorro ou que mora na Cidade Tiradentes sai às cinco horas da manhã para estar às oito em Pinheiros para trabalhar, volta às nove horas da noite, adormece no sofá vendo bobagem na Globo. Daqui a pouco, são cinco horas de novo. Você quer ter vida de família, cuidar das crianças? Isso aqui é um caos. Esse conceito de organizar a economia em função das

necessidades sociais é vital, é central em tudo isso que a gente está discutindo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Muito obrigada. Agora temos a pergunta da Patrícia, a propósito da exploração dos problemas econômicos como propaganda:

– “Piketty afirma que os problemas econômicos são usados por políticos como propaganda e causam populismo, geram incertezas para democracia. Só a informação pode mudar esse quadro, mesmo com uma mídia que hoje é muito tendenciosa?”

LADISLAU DOWBOR

Piketty e a propaganda.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Isso.

LADISLAU DOWBOR

Em termos de dinheiro, rende muito mais fazer especulação financeira do que produzir bicicletas, tomates - dá trabalho produzir.

O Piketty ajuda imensamente a entender os problemas. Ele está ligado a um grupo de pesquisas que organizou um site chamado WID

Núcleo de Pesquisa -*World Inequality Database*¹³, o banco de dados mundiais da desigualdade. A desigualdade é o ponto central no mundo. O mundo tem muitos recursos. Se eu divido o PIB mundial pela população mundial, isso dá 20 mil reais por mês por família de quatro pessoas. Não há nenhuma razão para ter pobreza no mundo, para ter fome. Isso é o caos criado pelas grandes corporações. O aporte central do Piketty, Patrícia, é o que eu mencionei. Ele mostrou que rende muito mais você fazer a especulação financeira em termos de dinheiro do que produzir bicicletas, tomates - dá trabalho produzir.

Você faz aplicações financeiras, ou então, se você é esperto, simplesmente usa a BTG Pactual para transferir para um paraíso fiscal. A partir daí, os ganhos vão deixar de pagar imposto. Você repassa a gestão para a BlackRock, que faz essa administração para você e vai organizar, por exemplo, o reforço da exportação de soja pelo Brasil, que vai, por sua vez, aprofundar a tragédia social e ambiental do país.

A denúncia da rentabilidade do circuito financeiro trouxe fama para Piketty. Foi esse o primeiro impacto mundial dos livros dele. Depois dele, saíram vários outros livros sobre o tema.

¹³ World Inequality Database
<https://wid.world/>

Você pega o Joseph Stiglitz nos Estados Unidos; todos os trabalhos do Roosevelt Institute; os trabalhos da Anne Pettifor; da Mariana Mazzucato; os trabalhos do Michael Hudson; e muitas mulheres - Kate Raworth, Marjorie Kelly, Helen Brown, Hazel Henderson. Aliás, as mulheres estão trazendo essa revolução para o Brasil: veja a economista Conceição Tavares (1930) que, décadas atrás, levantou o problema financeiro. Temos hoje economistas como Leda Paulani, Tereza Campello, Laura Carvalho, Juliane Furno, Tânia Bacelar, Rosa Marques. Você tem uma massa de gente que está fazendo uma revisão radical. As pessoas precisam parar de ficar discutindo e tentando refutar os economistas neoliberais de direita como Milton Friedman (1912-2006) e Friedrich Hayek (1899-1992), e não sei quem mais. Isso aí é para a história. Nós estamos reconstruindo a economia social, trazendo uma nova visão.

O que funciona é a economia ser usada diretamente para o interesse da população, e não indiretamente através de corporações internacionais, para atrair investimentos.

Agora o problema da propaganda. Na realidade, são narrativas sobre personagens que a mídia transforma em heróis. Por exemplo, Elon Musk (1971), agora dono da Twitter; Jeff Bezos (1964), empresário estadunidense fundador da Amazon. Eles e outros tantos executivos simplesmente estão drenando a economia

mundial. Você veja uma coisa tão simples: tenho uma faxineira que vem uma vez por semana aqui em casa. Pago a ela 200 reais. Ela tem problema de saúde e entrou na Notre-Dame, que é um plano de saúde. Plano de saúde, o que é? É um grupo financeiro que contrata sistemas de saúde. Ele se coloca no meio entre você e o médico, e ganha uma baita grana. Uma parte do dinheiro que pago para ela - uma pessoa modesta de São Paulo - vai para a Notre-Dame. Sou curioso, verifiquei quem são os acionistas da Notre-Dame. Tem, entre outros, a BlackRock, o gigante mundial que tem mais dinheiro do que o orçamento do Biden.

Veja que, com o dinheiro imaterial e através de algoritmos, em frações de segundo, o que paguei para essa senhora vai para acionistas internacionais, inclusive brasileiros, que aplicam na BlackRock através de paraísos fiscais. Essa microdrenagem atinge bilhões de pessoas, e esse é o eixo central, por exemplo dos usuários do Uber e tantas outras plataformas.

Entre a propaganda que é feita desse sistema (que eu chamo de narrativas e tem gente que chama de conto de fadas) de que eles estão contribuindo para a economia, estão gerando empregos, e a realidade, há uma discrepância evidente.

Na verdade, temos que criar um ambiente

favorável para as empresas produtivas, reorientar os impostos para ganhos improdutivos. Aí empresários vão poder investir, gerar produtos e empregos, gerar impostos para o Estado. E a economia vai rodar.

Gente, o que funciona é a economia ser usada diretamente para o interesse da população, e não indiretamente através de corporações internacionais, para atrair investimentos.

Na China, as grandes infraestruturas e o sistema financeiro são controlados pelo sistema público, para evitar agiotagem e para assegurar economias externas no conjunto da economia, com boas infraestruturas. Ao lado disso, cada município tem inúmeras pequenas empresas privadas que concorrem entre si e tudo bem. E você tem os grandes grupos internacionais. Os chineses se sentam com grupos internacionais que estão interessados em entrar na China, discutem com eles onde eles vão instalar a empresa, quantos chineses estarão no conselho de administração, quanta transferência de tecnologia vai ser assegurada, que proteção ambiental eles asseguram. É *business*, é negócio, não é mercado. Ou seja, você tem, na China, um sistema articulado de subsistemas.

Eu gostaria muito que vocês vissem este livro, porque, como organizei o Ministério de Planejamento em diversos países no quadro da ONU, vi que não dá para tratar da mesma ma-

neira a produção de tomate, o corte de cabelo e a saúde. Algumas coisas estão melhor na mão do Estado, e outras não. Não é tamanho do Estado, é quem faz o quê. São sociedades complexas demais para nos trancarmos, Fernando: tipo “isso aqui é socialismo ou capitalismo”.

Agora, entendo que socialismo e capitalismo - só para fechar, Terezinha -são o seguinte: para mim, o que a gente está vivendo não é mais capitalismo. O capitalismo resultou da Revolução Industrial: o capitalista é o dono das máquinas, das fábricas etc. Hoje, no sistema de intermediação financeira de controle de pessoas, controle de plataformas e controle da comunicação, tudo isso aí tem pouco a ver com o sistema de acumulação de capital. É tanto assim que ele simplesmente extrai do que a gente produz. O que eu trago, Patrícia, é essa visão de que a revolução digital é tão profunda, hoje, como foi a Revolução Industrial há dois séculos e meio. É um novo sistema que se criou. E esse sistema não está funcionando. Estamos muito melhor na linha da China, que sempre vão dizer: "meu Deus, é uma ditadura", como se o nosso sistema, que leva mais de 100 milhões de pessoas a passar fome, fosse democracia. Essa é a piada.

Gente, leiam os trabalhos, estão ali os livros. Compre os livros, leiam *online*, façam o que quiser, mas se informem, porque a gen-

te tem que multiplicar o conhecimento.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

São os princípios éticos - respeito, justiça, solidariedade - que poderão nos nortear na direção do bem comum.

É isso mesmo, Ladislau. É uma pena que o nosso tempo está se esgotando, porque a gente beberia, por muito tempo, nessa fonte que é a sua, de conhecimento, de possibilidade de partilha generosa. Vamos aproveitar mesmo. Eu sempre digo que a gente ganha o dia quando começa a pensar algo não pensado, e embora a gente tivesse a pretensão de conhecer muito a propósito disso, você traz um ensinamento para nós muitíssimo rico. Começamos a olhar de ângulos diferentes.

Reforço isso que você traz, da necessidade de ampliação do conhecimento, nesse sentido de que é isso que vai, quem sabe, produzir esse mundo novo de que a gente precisa, e que, como diz o Fernando, a gente está esperando por isso.

Quero agradecer a você, agradecer muito a todos aqueles e aquelas que estiveram conosco, e convidá-los para continuar conosco, principalmente anunciando os dois encontros da semana que vem: *Quem não comunica se trumbica*, com Rita von Hunty; e *Andar com fé eu vou*, com Frei Betto.

Mais uma vez, vamos conversar como essa humanidade, esses seres humanos que somos, têm se organizado na convivência, na maneira de lidar uns com os outros, na transcendência. Quero fechar reforçando a sua ideia de que a perspectiva ética é fundamental, porque são os princípios éticos - respeito, justiça, solidariedade - que poderão nos nortear na direção desse bem comum que está tão bem expresso por você, nessa perspectiva de um bem social, das necessidades sociais. Portanto, muitíssimo obrigada, boa tarde para todo mundo, e até a próxima semana.

LADISLAU DOWBOR

Gente, obrigado a vocês. Terezinha, o problema do sucesso pessoal não é o quanto consegui arrancar, é quanto eu consegui contribuir, essa é a mudança profunda. E para Érico (Érico Veríssimo) e Andréa, até daqui a pouco, quando estaremos juntos numa banca de defesa de tese.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Pois é. Felicidades para você, Érico, lá na defesa ou na qualificação do trabalho. Boa sorte.

ANDRÉA DE ARAÚJO NOGUERA

Para todos nós. Obrigada, Ladislau, também. Até mais.

LADISLAU DOWBOR

Que bom.

ANDRÉA DE ARAÚJO NOGUERA

Obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Tchau para todos. Obrigada, gente.

ANDRÉA DE ARAÚJO NOGUERA

Obrigada pela belíssima palestra, não é, Sabrina?

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Boa tarde a todos e todas, e os esperamos em breve na próxima semana. Deem uma olhada no Centro de Pesquisa e Formação -CPF, no nosso site, para as atividades presenciais e online que estão acontecendo este mês. Estão todos convidados. Até logo, gente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Sabrina. Obrigada, Andréa.

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

3

QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA RITA VON HUNTY

rita von hunty

QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e
Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hunty, Rita Von

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 3 :
quem não se comunica se trumbica / Rita Von Hunty ; idealiza-
ção e coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo
Rios. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São
Paulo : Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-26-8

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II.
Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180566

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

sabrina da paixão brésio

Consultem gratuitamente os conteúdos da biblioteca virtual do CPF do Sesc: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br>

Olá, todas e todos, sejam bem-vindas, sejam bem-vindos ao ciclo “de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?”, promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, hoje com nossa terceira mesa. Relembramos que as inscrições são por mesas e que ainda estamos com inscrições abertas para a mesa 4, na próxima quinta-feira, "Andar Com Fé Eu Vou", com a presença de Frei Betto.

Aqueles que não se inscreveram, convidamos a entrarem no nosso site e se inscreverem. Vou deixar aqui o link para inscrição: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/andar-com-fe-eu-vou>

Antes de dar início à conversa de hoje, reforço algumas informações prévias: este encontro é ao vivo e síncrono, a gravação não será disponibilizada posteriormente e esta palestra será transcrita e disponibilizada gratuitamente na biblioteca virtual do Centro de Pesquisa e Formação.

A declaração de participação pode ser solicitada pelo e-mail declaracao.cpf@sescsp.org.br com seu nome completo, nome e data da atividade.

A dinâmica vai ser colocada daqui a pouco: as perguntas podem ser feitas através do chat; também há recurso de levantar a mão e abrir o microfone. Fiquem à vontade.

Agora, tenho prazer em apresentar a idealizadora e mediadora dos encontros, Terezi-
nha Azerêdo Rios: graduada em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (FEUSP). É pesquisadora do GEPEFE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores, da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra à professora para apresentação da nossa convidada de hoje e desejo a vocês um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Não queremos trocar conhecimento, porque, quando trocamos, perdemos alguma coisa; queremos partilhar, compartilhar.

Obrigada Sabrina. Muito bom dia para todas as pessoas que aqui estão conosco. Como disse a Sabrina, este é o terceiro encontro deste ciclo que eu e Fernando Rios estamos propondo, nesta parceria com o Sesc, a que voltamos a agradecer, principalmente na pessoa da Sabrina, que nos tem acompanhado há muito tempo.

Estamos felizes por tê-los e tê-las aqui e, como as inscrições são por mesa, tenho feito uma propostazinha inicial de retomada do que vimos anteriormente, para que a gente possa fazer a conexão e seguir adiante de um jeito bom.

O título “*de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?*” sempre tenho traduzido em mineirês: “*doncovim? oncotô? proncovô?*”, complementando com a pergunta que está embutida aí é: “*quemcosô?*” Quem sou eu? Quem somos nós, os seres humanos? Como é que a gente tem se construído, como é que temos construído as nossas humanidades? As perguntas são antigas, mas não são velhas, elas permanecem aqui conosco na perplexidade, no espanto das descobertas e das invenções. Por isso é que a gente quis retomá-las e com elas estabelecer um diálogo. Volto a dizer: o diálo-

go se faz na diversidade, na diferença, não há diálogo do mesmo. Por isso, a gente quis buscar inúmeras vozes, inúmeras palavras, para que pudéssemos fazer isso que se chama uma partilha do conhecimento. Não queremos trocar, porque, quando trocamos, perdemos alguma coisa, queremos partilhar, compartilhar. E, no departamento das ideias, acho que é isso que acontece mesmo: quanto mais partilhamos, mais nos enriquecemos e é essa a nossa intenção.

No primeiro momento, fomos buscar a relação, ou melhor, a articulação entre sociedade, cultura e história. E é isso que a gente quer continuar fazendo, articular esses elementos, pensando exatamente na interferência dos seres humanos na construção da história e da cultura nesses ajuntamentos que fazemos. E a nossa primeira inspiração foi Carlos Drummond de Andrade, no seu poema *Especulações em torno da palavra homem*¹. Esse homem do Drummond é muito mais amplo do que um simples varão. Ele contém a humanidade, fala de cada um de nós seres humanos. Vou voltar a ele.

| ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

Até brinquei na semana passada que, no final do ciclo, aqueles que nos acompanharem em todos os encontros vão saber de cor o poema de Drummond e isso é uma beleza.

Ele começa perguntando:

*Mas que coisa é homem? O que há sob o nome:
uma geografia?
um ser metafísico? Uma fábula sem signo que
a desmonte?*

E segue com algo que vai nos preocupar hoje:

*Como pode o homem sentir-se a si mesmo quan-
do o mundo some?
Como vai o homem junto de outro homem, sem
perder o nome?*

E vou lá para o fim:

*Para que serve o homem? Para estrumar flo-
res, para tecer contos?
Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe
Deus do homem?
E sabe o demônio? Como quer o homem ser des-
tino, fonte?
Que milagre é o homem? Que sonho, que som-
bra?
Mas existe o homem?*

Drummond faz a pergunta e a gente junta-se a ele para repeti-la. João Paulo Pimenta, no primeiro encontro, afirmou categoricamente:

- O homem existe, mas existe na história.

O ser humano tem algo mais do que natureza, tem uma história, faz cultura e, juntando tudo isso, temos a condição humana. No contexto em que vivemos é que vamos nos tornando seres humanos: ninguém nasce humano, torna-se. E torna-se por um processo mesmo de cultura, de intervenção na realidade. Claro que nascemos humanos biologicamente. Enchemos a boca para dizer que somos *sapiens sapiens*, mas de *sapiens sapiens* a seres humanos tivemos um longo caminho. E é disso que a gente quer falar.

Nós nos preocupamos em explorar o tema da história no primeiro momento. No segundo, o professor Ladislau Dowbor explorou um pouco da organização social do ponto de vista da economia e trouxe uma coisa muito bonita:

- Não há problemas econômicos, há problema sociopolíticos.

É isso.

Hoje temos a alegria e a honra de contar com essa pessoa ótima que é Rita Von Hunty. No ano passado, quando organizamos o ciclo sobre ética, tentamos trazê-la. Mas não foi possível. Por isso, estamos mais alegres ainda de agora ela poder estar conosco.

Rita Von Hunty é a *persona drag* do ator e

professor Guilherme Terreri, que tem formação em Artes Cênicas pela Unirio e Língua e Literatura Inglesa pela USP. Rita conduz, por meio de estudos de cultura, discussões com seu público sobre temas sociais, com o horizonte emancipatório radical. Gosto desse “emancipatório radical”, Rita. E ela tem atuado no cinema, no teatro, na TV e no YouTube, com um canal que na certa a maioria, senão a totalidade de vocês, já conhece: *Tempero Drag*.

Ela tem também trabalhos como colunista, videocolunista, colunista da revista Carta Capital, videocolunista em uma série de outros meios. Obrigada, Rita, por estar conosco. Sabemos que será mesmo um ótimo diálogo. Fui buscar um recurso em alguém que você cita muito, seu Raimundinho, o escritor Raymond Williams (1921-1988), sociólogo, teórico da comunicação e da cultura, crítico de arte. No seu livro que se chama *Palavras-chave*², procurei a palavra “comunicação”. E o verbo diz:

Ato de tornar comum a muitos, de partilhar.

Ele diz que é diferente de transmitir, é isso. Então, vamos partilhar. Obrigada, Rita.

2 PALAVRAS-CHAVE: UM VOCABULÁRIO DE CULTURA E SOCIEDADE

RAYMOND WILLIAMS

Boitempo Editorial, São Paulo, 2007.

3

RITA VON HUNTY



Então: existe índio gay? Índio é uma ficção colonizadora. Gay também é. Este é o absurdo: separar seres humanos pela forma como eles fazem sexo. Gente, vocês estão entendendo a arapuca em que a gente se meteu? Quantos séculos vamos precisar para desconstruir esse lixão de sociedade? E, de novo, é um tripé que estou movendo. Qual é esse tripé que estou movendo? O que faz de um ser um ser humano? O que pode um discurso? E pode o subalterno falar? Vocês sabem por que estão me ouvindo? Porque falo como o dominador. Porque estudei como dominador. Porque fui às instituições do dominador; porque fui certificada pelo dominador; porque fui autorizada pelo genocídio a falar. Se aqui estivesse uma travesti preta, pobre, periférica, desdentada, prostituída, alguém se inscreveria para ouvi-la falar? Ela ia poder falar? E falar não é emitir discurso. Hoje, quando a professora Terezinha abriu o nosso encontro, ela sumariou este nosso encontro. A fala pressupõe a escuta. Quando Gayatri Spivak está nos perguntando “pode o subalterno falar?”, ela mesma está respondendo: não! Porque os dispositivos políticos não permitem que o subalterno fale, não permitem que ele seja ouvido, não permitem que aquilo que ele emite seja reconhecido como discurso.

rita von hunty

A educação não transforma o planeta, educação transforma seres humanos; seres humanos transformados transformam o planeta.

Sou eu quem agradece, Terezinha. É uma honra imensa estar aqui. Estou muito contente. Para mim, poder ocupar esta posição hoje, estar junto com todas essas pessoas que se inscreveram, poder estar aqui tanto ao seu lado como do Fernando, e ocupar esta posição no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc é uma alegria.

Começo dando boas-vindas e dando bom dia a todo mundo que está conosco. Vou apenas, antes de começar, propor, reiterar algo que já foi colocado aqui. Todo mundo tem, na sua tela, na barra de ferramentas, um rostinho com uma estrela. Quando se clica nesse rostinho com estrela, aparece um “levantar a mão”. Se você clicar nesse “levantar a mão”, aparece o seu nome e você aparece em primeiro lugar em uma lista de pessoas. E depois que eu terminar minha fala, alguma coisa em torno de 45 minutos a uma hora, teremos mais 45 minutos a uma hora para fazer partilhas com as pessoas. São partilhas, não são trocas, são comunhões, para que a gente possa comungar alguma coisa entre nós.

Tem algo muito bonito que a professora Terezinha está trazendo, quando cita Raymond Williams nesse *Palavras-chave, um vocabulá-*

rio de cultura e sociedade. Para quem não conhece, essa talvez seja uma das obras derradeiras e decisivas, tanto para os estudos de cultura como para as humanidades do século XX como um todo. E também ajuda a entender o século XXI.

Raymond Williams começa a organização desse livro nos anos 1970. A primeira publicação dele foi em meados de 1970. Raymond Williams já havia se consolidado como uma referência desse campo que está surgindo na Inglaterra, que é a nova esquerda britânica. Uma geração de pensadores que vai, nas palavras do E. P. Thompson (1924- 1993) (importante historiador britânico, ao lado do não menos famoso Eric Hobsbawm [1917-2012] que, de alguma forma, está também filiado a essa mesma escola de pensamento, a nova esquerda britânica), tirar a Inglaterra da situação de periferia provinciana para torná-la a mais pungente república das letras socialistas europeias.

Então, quem pensa sociedade, quem pensa acesso, quem pensa democracia, quem estuda, quem está pensando essas questões no século passado, com certeza, nos seus estudos, vai passar, seja como referência, seja como fonte, por essa geração de historiadores e

cientistas sociais: Raphael Samuel (1934-1996), Robin Blackburn (1940), Stuart Hall (1932-2014), o próprio E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, uma série de intelectuais que vai organizar esse movimento.

E nesse livro *Palavras-chave, um vocabulário de cultura e sociedade*, Raymond está pensando algo que vou tentar pensar aqui com vocês. Vou por outro caminho, mas, como a Terezinha trouxe ele primeiro, acho superimportante a gente falar disso. Nessa obra, Raymond está preocupado, por exemplo, como a aceção de cinco palavras (indústria, democracia, classe, arte e cultura) dá cabo de uma guinada no eixo cognitivo das nossas sociedades no século passado. Ele vai mostrar como, a partir do pós-guerra, os significados que a gente atribuía a alguns termos sofrem uma mudança profunda e como essa mudança profunda (que a gente que está acostumado a pensar em termos marxistas) é uma mudança superestrutural. Ela dá indícios e reflete uma disputa e uma mudança estrutural.

Para quem tiver interesse depois, há um texto fundamental do Raymond Williams chamado *Base e superestrutura na teoria cultural marxista*¹. O Raymond está falando sobre essas duas esferas, por assim dizer, de

1 BASE E SUPERESTRUTURA NA TEORIA CULTURAL MARXISTA

RAYMOND WILLIAMS:

Neste ensaio, publicado pela primeira vez em 1973, o mentor do materialismo cultural inglês Raymond Williams problematiza os conceitos marxistas de base e superestrutura. Portal Insurgência <https://www.insurgencia.org/blog/r-williams-base-e-superestrutura-na-teoria-cultural-marxista>

forma muito abreviada, muito simples, também, porque quero discutir outras coisas, hoje. Base ou infraestrutura é o universo, o reino através do qual a gente produz a vida material, produz os nossos significados e valores. Essa superestrutura seria a forma através da qual a gente atribui significação ou reproduz os significados e valores de um povo no tempo. Quando em *Palavras-chave* Raymond Williams começa com cinco, mas termina com mais de uma centena de palavras, quando ele está olhando para aquelas cinco palavras - indústria, democracia, classe, arte e cultura -, quando está olhando para essas palavras e pensando:

- Quando muda o sentido atribuído a essas palavras, do 1700 para cá, do 1600 para cá? Nessa época, há uma disputa social acontecendo e a mudança desse significado é resultado dessa disputa.

Vou tentar colocar a mesma coisa de outra forma. Com relação à citação que a professora Terezinha traz para gente, o filósofo e educador Paulo Freire (1921-1997) disse alguma coisa muito parecida:

- Educar não é falar para, é falar com.

Raymond Williams está batendo nessa mesma tecla: a comunicação é a capacidade e a habilidade de a gente tornar algo comum. A política dos comuns, o encantamento da política

dos comuns, muito diferente da transmissão, a gente transmite uma ordem, a gente transmite uma lei, e essa é hierárquica, essa não tem nada de horizontal, ela é bastante verticalizada. A gente vai falar um pouco sobre isso, mas também sobre outras coisas.

Acho derradeiro, mas toda vez que isso acontece dentro de mim, meu coração dá uma festa, quando a professora Terezinha começa o nosso encontro de hoje retomando Drummond, com essa indagação acerca do homem, e provoca a gente com a escritora e filósofa existencialista Simone de Beauvoir (1908-1986), falando "ninguém nasce homem, a gente se torna". Alguns vão ter a capacidade material e subjetiva de se tornarem humanos, porque homem já é uma palavra que está velha, a gente precisa chutar essa palavra para fora dessa significação de "humano". Deus me livre e guarde de que homem signifique humano.

Existe outra intelectual daquela mesma geração dos britânicos de esquerda: Juliet Mitchell (1940), uma psicanalista, feminista e socialista inglesa. Esse grupo que está formando socialistas tinha como lema, "Se a gente quer mudar o mundo, a gente vai precisar formá-lo". Igualzinho Paulo Freire:

- A educação não transforma o planeta, educação transforma seres humanos; seres humanos transformados transformam o planeta.

Enquanto não dá para fazer a revolução, a gente tem que formar a revolução que vai ser feita. (E aí entra Juliet Mitchell que faz uma piada com essa ideia do homem: Raymond Williams tem um livro chamado *The Long Revolution* (A longa revolução), e Juliet Mitchell, que pertence ao mesmo círculo que ele, publica o livro chamado *Mulheres: a revolução mais longa*².

Raymond falava sobre uma revolução cultural, que estava acontecendo na China, em meados do século passado, e escreve:

É a revolução mais longa de todas, é a revolução infinita.

Ela, que está vendo o movimento feminista bem de dentro, escreve:

Meu sonho é que vocês soubessem também que tem outra, que é ainda mais longa, que é mulheres poderem acessar a categoria de ser humano.

Vejam um artigo da autora publicado no Brasil³.

2 MULHERES A REVOLUÇÃO MAIS LONGA

JULIET MITCHELL

Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1967.

3 MULHERES A REVOLUÇÃO MAIS LONGA

JULIET MITCHELL

Artigo na revista Gênero

<https://periodicos.ufrb.br/revistagenero/article/view/31107/18197>

Então, acho que, de alguma forma, vou tentar fazer algumas provocações nesse sentido, elaborar algumas ideias, mas lembrando que esse é o tema de uma vida, é discussão para uma vida. O que vou poder fazer aqui, na melhor das hipóteses, é arranhar a superfície de alguma coisa. Mas, se eu conseguir arranhar bastante, a gente tira o esmalte para ver o que tem por baixo.

“Pode o subalterno falar?”

Vamos lá, molecadinha, moçadinha, lembrando que é só levantar a mão que paro meu turno de fala e aí você me pergunta, me fala, troca comigo. Adorei também que já aprendi com a Terezinha a parar de falar troca. Agora é partilha comigo, comunga comigo. Então, a gente faz nossa comunhão a qualquer momento, não precisa esperar um turno de fala daqui a não sei quantos minutos. Se a sua dúvida apareceu agora você fala agora e eu te respondo agora; a gente troca agora, comunga agora.

Vamos lá, moçada. Vou começar a nossa discussão dando um passo para atrás da pergunta que a Terezinha está trazendo com o Drummond. Então, o que é um homem? Vou tentar dar um passo para atrás disso. O meu passo para atrás disso é o Foucault (o filósofo Michel Foucault [1926-1984]), essa bichona que nem eu, uma gayzinha muito da poderosa, muito da fuçada, que é a dona Foucault.

Vocês não precisam conhecer ninguém, mas a gente apresenta as nossas amigas. A dona Foucault é uma filósofa que está vivendo a coisa mesmo do século 20. Ela é um dos nomes de 1968, está vivendo o começo de uma terceira onda feminista. E Foucault morre nos anos 1980. Ele é um dos corpos que vai ser pego pelo giro mortal da Aids.

Foucault está pensando algumas questões, talvez a centralidade do seu pensamento esteja inserida em um binômio que ele cria, que é uma ideia de saber-poder. Todas as vezes que Foucault, quase todas (em humanidades não existe todas, existe na maioria das vezes), apresenta o termo do poder, traz a questão do poder como um binômio, saber-poder, poder-saber. Essa questão, que é muito cara para o Foucault, tem a ver com a discussão que quero conduzir com vocês, hoje.

O título desta nossa conversa poderia ser: *Pode o subalterno falar?*⁴ Essa é uma indagação filosófica que em 1985 vai ser publicada pela primeira vez por uma crítica de cultura, essa mesma profissão que eu tenho, essa mesma trincheira do pensamento que eu tenho. Naquele momento, uma intelectual, uma crítica de cultura, está falando a partir dos estudos de cultura. Uma feminista, um nome dos estudos pós-coloniais. Quem for mais agitadinha, agitadinho, já joga lá no *chat* para a

4 PODE O SUBALTERNO FALAR?

GAYATRI SPIVAK

Belo Horizonte: Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010

turma: Gayatri Chakravorty Spivak. Ela é uma intelectual indiana, nasce na Índia, em Calcutá, em 1942. Está viva, é nossa contemporânea, está pensando, está produzindo. Ela vai passar este e o século passado produzindo um pensamento que está interessado em desnudar algumas lógicas de funcionamento das sociedades pós-coloniais.

Essa questão que ela postula em um artigo que está sendo escrito em 1982, 1983, que é publicado em 1985, que é reeditado em 1998 em uma importante coleção de ensaios marxistas sobre cultura e que depois vai, por assim dizer, ganhar o *mainstream*, se tornar canônico em 2008, em outra publicação. Aqui no Brasil, ele foi traduzido pela primeira vez em 2010, pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por um time de professores do departamento de letras modernas da UFMG, em especial uma professora que escreve o prefácio da obra, um prefácio brilhante, que é a professora Sandra Regina Goulart Almeida.

Vou também usar um pouco do prefácio dela, vou ler alguns trechos com vocês. Lembram que eu falei que ia dar um passo atrás da questão? Hoje a gente está pensando uma questão em tripé, a gente está pensando um desses pés da questão, que é: o que é isso que faz um ser humano? E a gente pode abrir um parêntese ou colocar um hífen, um travessão: a categoria humana está disponível para

todos os corpos?

A resposta que você precisa me dar de pronto é:

- Não!

Cadela, baleia, piranha, veado, vaca. Não. Macaco. Não está, a categoria “humano” não está disponível para todos os corpos, nunca esteve. Quem é o primeiro povo na Europa que vai ser chamado de macacos? Os irlandeses. O que a Irlanda é? A primeira colônia da Inglaterra.

Gente, meus anjos e minhas anjas, se tem uma coisa que o fascismo ensina para a gente, se tem uma coisa que o bolsonarismo ensina para a gente, se tem uma coisa que agora a gente está vendo acontecer com o bolsonarismo nos discursos da Michelle Bolsonaro é essa ideia de que o Lula está se reunindo com demônios, de que o Congresso agora é de Jesus.

Essa é uma lógica habitual das políticas com ideias de morte. É deslegitimar a posição de ser humano do outro. E quando o outro não é humano, é mais fácil que ele seja abatido, perseguido, torturado, apagado. Se o outro é um demônio, se o outro é um macaco, se o outro é uma cadela, uma piranha, se o outro é um veado, é muito mais fácil gerar e gerir uma política de morte.

Então vamos lá, voltar para o nosso tripé.

Esta é a nossa primeira questão: o que é isso que faz um ser humano. Vou ver se consigo arranhá-la.

A outra é:

- O que pode um discurso?

E o nosso terceiro pé:

- Pode o subalterno falar?

A Spivak vai nos contar que não. Vou tentar chegar lá. Agora que acho que baguncei bastante, vou começar a organizar. Então pega na mão do Foucault, segura na mão de Deus e não olha para atrás. Pega na mão do Foucault. O Foucault tem estes quatro volumes, eles estão aqui, são esses aqui: *Uma história da sexualidade*⁵.

O que teria acontecido se um homem preto, pobre e periférico em cima de uma bicicleta tivesse matado o filho de um magnata carioca?

Meus anjos e minhas anjas, um bom livro já

5 **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I - A VONTADE DE SABER**
HISTÓRIA DA SEXUALIDADE II - O USO DOS PRAZERES
HISTÓRIA DA SEXUALIDADE III - O CUIDADO DE SI
HISTÓRIA DA SEXUALIDADE IV - AS CONFISSÕES DA CARNE
MICHEL FOUCAULT
EDITORA PAZ E TERRA

no título te fala ao que veio: quando o Max Weber escreve *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. Espera, ele errou. Deveria ser; "O espírito protestante é a ética do capitalismo". Ele fala: "Não meu anjo, boba é você que não entendeu o que que estou te falando". A ética protestante é o espírito do capital. Ele está falando: "Olha a chave de leitura que eu vou propor aqui".

Quando a dona Foucault sobe nas tamancas e fala *História da sexualidade*, ela está pedindo que você pare um segundo e fale:

- Já escreveram a história do rabanete? Já escreveram a história da cenoura? Já escreveram a história da colina?

Aquilo que é natural não tem história. Quando Foucault fala *Uma história da sexualidade*, ele está falando que a forma como a gente transa não tem nada de natural, meus anjos. Não tem nada de natural. A forma como a gente ama, a forma como a gente abraça, a forma como a gente cumprimenta, a forma como a gente se reconhece ou se desconhece, a forma como a gente se ataca ou se alia não têm nada de natural.

Não preciso contar isso para vocês, a gente está vivendo. Mas vamos lá. Viva o camarada Geraldo Alckmin (na época, candidato a vice-presidente, alguém que celebrou o golpe contra Dilma Roussef e gerenciou a polícia mais letal da história de SP, num partido

socialista, faz sentido?).

O que estou tentando manobrar é que a gente pegue na mãozinha do Foucault quando ele está falando para a gente, anota a frase no chat:

Uma esfera de poder produz um discurso de poder.

Ou um discurso de saber. Todas as vezes que essa palavra aparecer são as duas: saber-poder. É o que sei que posso, sei que posso chamar a polícia. Ou o que posso saber. Olha, essa sociedade te permite saber, te permite indagar, te permite. Então volta, pega na mão do Foucault:

Uma esfera de poder produz um discurso de poder.

Estou tentando começar aquela minha perguntinha com vocês, que era: “o que pode um discurso?” Vamos lá. Meus anjos e minhas anjas, o que é crime? E aí a gente mora no Brasil, espero que vocês gargalhem com essa pergunta. Então, se vocês não gargalharam, a tia Rita vai fazer coceguinha em vocês, agora com uma pena no sovaco. A gente mora no Brasil, só para localizar, periferia do capital, só para localizar, isto aqui não é um país, é uma experiência econômica. O Brasil não é um país, é uma experiência econômica. Quem fala isso muito bem é o escritor e fi-

lósofo brasileiro, mas que nasceu no Chile, Vladimir Safatle (1973).

A gente mora no Brasil, está tentando construir uma ideia de país. Os modernistas estão sendo atacados, sempre são. Eles tinham essa preocupação também. Mas volta, não vai entrar nas literaturas, senão não saio mais. A gente mora no Brasil, a gente mora no país no qual o filho de um magnata carioca, vocês sabem o nome, não vou falar para não ser presa, o filho de um magnata carioca, olha para a mão da tia Rita na tela, atropelou, não prestou socorro, matou, dirigindo um carro sem documento, acima do limite da velocidade, sob efeito de entorpecentes. Quantos crimes já deu? Então, vamos lá, o filho de um magnata carioca fazendo tudo isso atropelou e matou um homem preto, pobre e periférico em cima de uma bicicleta. O filho do magnata carioca foi preso? O que teria acontecido se um homem preto, pobre e periférico em cima de uma bicicleta tivesse matado o filho de um magnata carioca?

Então, vou voltar:

- “O que que é crime?”

E aí vocês vão me responder: o que uma galeira tomando champanhe em uma cobertura decidir que é, caso a caso, vai ser manobrado conforme os interesses de uma classe em um tempo. Mas vou voltar. O meu intuito com essa

pergunta, para além de mostrar o que pode um discurso, é mostrar quem produz o discurso, que discurso uma esfera de poder produz.

O discurso de “poder crime” é produzido por uma esfera de poder: o Legislativo, o Judiciário, o rei, o estado, é um discurso. O que pode um discurso? Meus anjos e minhas anjas, pode depor uma presidente sem crime. O que pode um discurso? Pode tudo. Somos seres discursivos. Mas volta. Enquanto a gente está hoje aqui tendo este encontro bacana, coloquei meus brincos bonitinhos, você está olhando meus anéis, enquanto a gente está tendo este encontro batuta, a gente tem 77, não vou falar países porque alguns são principados, territórios, anexos, então 77 jurisdições, jurisprudências no planeta, 77, nas quais ainda é crime existir enquanto pessoa LGBTQIAPN+. É crime.

Dessas 77, sabe quantos punem com pena capital, pena de morte? Onze. Então em 2022, existem onze jurisprudências, jurisdições ao redor do planeta nas quais você vai morrer, o Estado vai retirar a sua vida se você existir daquela forma. Tem as outras onde não é exatamente o Estado, tipo o Brasil. Como que é ser LGBT no Brasil? É o país que mais mata pessoas LGBT no planeta. São pessoas? Ou são inimigos, são demônios, são o crime? Volta. Uma esfera de poder produz um discurso de poder: crime.

Doença: um discurso de saber-poder, produzido por uma esfera de saber-poder.

Vamos para mais uma? Doença. O que é doença, meus anjos? E aí vocês precisam me responder: é um discurso. “Rita, espera, não entendi.” Então você tem que ler *A história da loucura*⁶, do Foucault. Doença é um efeito de linguagem, igual gênero. Sabe o que Simone de Beauvoir estava falando para a gente no seu livro *Segundo Sexo*?⁷ Que ninguém nasce essa merda, essa merda é uma imposição social.

- Não põe a mão aí, senta direito, você já é mocinha, ajuda a mamãe, aprende a costurar, fala baixo, não incomoda seu marido, não tenha desejo sexual, esteja sempre pronta, seja cheirosinha, arranca a sobranceira arranca todos os pelos do seu corpo, faz dieta, fica preocupada com o tamanho da sua barriga ou direção do seu peito, tamanho do seu quadril, seja submissa.

É um projeto somático político de dominação, é um efeito de linguagem, é um discurso. Mas eu estou tentando chegar lá. O que é doença?

6 HISTÓRIA DA LOUCURA: NA IDADE CLÁSSICA

MICHEL FOUCAULT

Editora Perspectiva, São Paulo, 2019.

7 O SEGUNDO SEXO 1 - FATOS E MITOS

Difusão Europeia do Livro, São Paulo.

O SEGUNDO SEXO 2 - A EXPERIÊNCIA VIVIDA

Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

SIMONE DE BEAUVOIR

Meus anjos, 17 de maio de 1990. Quem já era nascido aqui na live? Todo mundo. 17 de maio de 1990. Vocês sabem que data que é essa? É a data na qual a Organização Mundial da Saúde, vou repetir, não é a Creche da Tia Sônia, não é a Quitanda do Seu Zé, é a Organização Mundial da Saúde, está entendendo quem que está lá dentro? Está entendendo que não tem catador de papelão? Está entendendo que não são os corpos da Cracolândia?

Então, 17 de maio de 1990 é a data na qual a Organização Mundial da Saúde retira da sua lista de doenças uma doença tenebrosa! Sabe qual que era o nome dessa doença? Homossexualismo.

Já vinha com o sufixo de doença: bruxismo, raquitismo, nanismo, autismo. Espera, autismo é uma doença? Ou é um jeito de estar no mundo? Ou é uma modalidade de inserção na linguagem?

"A cultura é o cimento entre a história e a consciência de classe."

O que é doença, meus anjos? E eu preciso que vocês me respondam.

É um discurso, um discurso de saber-poder, produzido por uma esfera de saber-poder. 2019, deixa eu repetir para saber que você não está louca: 2019, um ano antes da pandemia, sabe a pandemia? "Usa máscara, sua avó

vai morrer", pandemia.

Um ano antes, a Organização Mundial da Saúde retira da sua lista de doenças a transexualidade. Então, até 2019 ser uma pessoa trans era ser uma pessoa doente, você era um doente mental, você tinha um transtorno psíquico, qual era esse transtorno?

Saber que gênero é uma construção social. E escolher. Meus anjos, sabe quando tabagismo vira doença? Então essa vai ser a lição de casa de vocês, mas é a primeira vez que a indústria do cigarro perde um lobby nos Estados Unidos e aí, no ano seguinte, tabagismo vira uma doença.

Então o que é uma doença? A gente está atravessando a segunda década do século 21, a Organização Mundial da Saúde está agora questionando se a velhice é uma doença. Como que trata a velhice? Como que cura a velhice? O discurso produtor da doença é o discurso produtor do doente. E lembra que é um tripé? O tripé está andando, ele não está paradinho, não tem como você mover uma perna só dele, ele mexe todas. Então, estou movendo todas as pernas ao mesmo tempo. Um doente não é um ser humano, um criminoso não é um ser humano, é um produto, é um efeito de linguagem, é um produto efeito de linguagem. Volta. O que é uma doença? E a partir dessa questão, o que é um doente?

Vocês já ouviram falar de terapia de conversão? Terapia porque vai ser aplicada por uma esfera de poder, psiquiátrica, medicamentosa, psicológica, psicanalítica, religiosa, fármaco, médica. Terapia porque vai ser aplicada por uma esfera de poder, terapia de conversão. Espera, você vai me converter porque não é natural. Mas quem produziu não olhou para isso. Mas enquanto a gente está tendo este encontro gostoso, tem lugares no mundo, vou falar assim, que ainda por lei... o que é a lei? Tem lugares no mundo que ainda, por lei, permitem a terapia de conversão. Então vamos lá, cinco países: Israel, Noruega, Irlanda, Dinamarca e Finlândia. Está vendo que não falei nenhum da periferia do capital? Está vendo que não estou falando para vocês do terceiro mundo? Não, meus anjos, não, são para a água bater na sua bunda, é para você acordar, é para você entender do que vim falar com vocês.

Esses cinco países, nos seus compêndios jurídicos, permitem que um corpo de criança, que um corpo de adolescente, que um corpo de alguém que está sob tutela seja submetido a uma terapia de conversão. Tem um documentário, para quem tiver interesse, muito bacana; quer dizer, é horróroso, não é muito bacana, é muito bacana para a gente dividir, partilhar, comungar, mas é horróroso, o conteúdo dele, horróroso, que se chama *Pray away*, em português, *Reza que passa*. Está disponível na Netflix. Da última vez que dei

essa aula, estava lá. E é um documentário de agora, acabou de ser produzido, e vai mostrar a devastação produzida sobre a vida de pessoas LGBTQIAP+ por essas instituições: a Evergreen, a Living Waters na Austrália, uma série de organizações anglófonas, de países falantes de inglês, que manobraram opiniões públicas, disputas políticas, para a possibilidade e manutenção das terapias de conversão sexual, conversão de gênero, conversão de sexualidade.

Depois, todas elas foram fechadas. As que a gente vai acompanhar, a maioria delas foi fechada porque os seus líderes e as suas líderes foram pegos em boate *gay*, em sauna *gay*, em clube lésbico. Então, todos os ex, "eu sou ex-gay". E aí o cara era pego chupando outro cara no banheiro de um bar.

Gente, atenção, não estou fazendo uma piada com vocês, estou contando o caso. O líder de uma dessas organizações nos Estados Unidos foi flagrado fazendo sexo oral com outro homem em um banheiro, enquanto tratava e induzia ao suicídio, submetia à miséria subjetiva uma série, centenas de milhares de pessoas ao redor do planeta.

Ok, volta.

O que é um pecado? O que é uma doença? O que é um crime? O que é uma piada? A gente mora no Brasil, não é? Então, vamos lá.

O canal aberto de maior penetração do país, maior penetração sem segundo sentido, viu, pervertidinhos.

Olha lá, que a gente está falando das LGBTs, já acha que virou bagunça, o canal de maior penetração é a Rede Globo, não é não? A Rede Globo tinha um programa humorístico sábado à noite, não tinha? Esse programa humorístico fazia humor para o povo. Vou fazer uma nota de rodapé. Tem uma frase do Fredric Jameson (1934)⁸ bárbara, brilhante, que é a seguinte:

A cultura é o cimento entre a história e a consciência de classe.

Essa é a nota de rodapé para eu continuar o que estou falando para vocês. Quando você está na Globo, sábado à noite, assistindo o programa de humor transmitido para milhões de lares brasileiros, assistido por dezenas de milhões de pessoas no Brasil, você vai assistir o "papi", "olha a faca", "cuecão de couro, mano" e a gente está reproduzindo e produzindo, formando e informando um imaginário, não é?

Não sei se vocês lembram desse personagem que gritava "papi", o esquete, a gag. A piada era que ele chegava no ambiente, era sempre um ambiente muito formal. O pai dessa personagem estava reunido com seus pares, seus

⁸ Fredric Jameson é crítico literário e teórico marxista. Alguns de seus livros: *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*; *O inconsciente político*; *Marxismo e Forma*.

semelhantes, por exemplo, uma reunião de clube militar, uma reunião de empresários. Aí, alguém perguntava do filho:

- E o teu filho?

E ele começava:

- O Maurão está de vento em popa, aquele moleque é o meu orgulho.

E aí entrava essa figura histriônica, com um figurino ridículo, com o modo descabido de ser e de estar, despropositado, desajustado e gritava:

- Papi!

E vinha até à roda de conversa.

Então eram dois bordões: "papi" e o esquete se encerrava quando o pai olhava para a câmera e em close dizia:

- Onde foi que eu errei?

Agora, eu poderia compartilhar com vocês algumas manchetes:

- Filho que gostava de lavar louça tem o baço dilacerado a porrada pelo pai e morre no Sergipe.

- Menino que brincava de boneca teve o es-

fíncter dilacerado em estupro coletivo.

O que é gênero? É um produto de linguagem, é um efeito de linguagem.

Posso ir compartilhando muitas notícias. Mas fiz uma pergunta: o que é uma piada? E o meu desejo é que você seja capaz de me responder que todos esses termos que estou articulando com vocês são discursos. Mas a pergunta que fiz lá atrás é:

- O que pode um discurso?

Estou tentando que você me responda sozinho e sozinha:

- Um discurso pode eleger um genocida?

- Um discurso pode colocar o fascismo no poder?

As nossas batalhas se dão em todos os campos. O campo discursivo é um deles. Eles falam:

- É só uma piada, é só uma brincadeira.

Mentira, meus anjos. Não é. É a terrível linha nada tênue que separa quais vidas são vivíveis e quais vidas são matáveis. A gente mora no Brasil.

O Tibira⁹, hoje conhecido como Tibira do Maranhão^{10 11}, é membro de um povo indígena que, no início do 1600, teve o seu corpo amarrado a um canhão e desintegrado por uma ordem missionária de um francês chamado Yves d'Évreux. A pena: ter seu corpo amarrado a um canhão e pulverizado quando o canhão fosse acionado. Essa pena só poderia ser aplicada, para a lei da França e de Portugal do 1600, para um crime que atentasse contra a vida do Rei. Sabe qual que é o crime do indígena Tibira? Era uma pessoa que não se encaixava no padrão binário de gênero europeu. O que é gênero? É um produto de linguagem, é um efeito de linguagem. E é colonial. Homem ou mulher, só tem esses dois, são dois polos, meus anjos, isso é uma ficção euro-

9 Em 1614, um índio tupinambá foi executado, com a anuência de religiosos da Igreja Católica em missão no Brasil, por conta de sua orientação sexual. Conhecido como Tibira do Maranhão — tibira é um termo utilizado por indígenas para se referir a um homossexual. Seu caso é o primeiro registro de morte por homofobia no Brasil. Ativistas LGBT querem que a personagem seja reconhecida como mártir e fazem campanha para divulgar a história. A história de Tibira do Maranhão foi resgatada pelo sociólogo e antropólogo Luiz Mott, professor da Universidade Federal da Bahia e fundador da organização não-governamental Grupo Gay da Bahia. Ele publicou um livreto chamado São Tibira do Maranhão — índio gay mártir, com o relato da execução da personagem histórica e uma contextualização do caso. (Fonte: BBC News Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549> acesso: 29.nov.2022)

10 TIBIRA DO MARANHÃO

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tibira_do_Maranh%C3%A3o

Acesso: 01.dez.2022

11 SÃO TIBIRA DO MARANHÃO “1614-2014, ÍNDIO GAY MÁRTIR”

LUIZ MOTT

TIBIRA DO MARANHÃO: SANTO HOMOSSEXUAL

SALETE MARIA

O antropólogo e historiador Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia lança nesta terça-feira (9), às 18 h, no foyer da Biblioteca Central dos Barris, dois livros sobre *Tibira do Maranhão: santo homossexual*, da cordelista e doutora da UFBA Salete Maria, e *São Tibira do Maranhão 1614-2014, índio gay mártir*, de autoria do fundador.

FONTE: Dois terços, 09/12/2014; <http://www.doistercos.com.br/luiz-mott-lanca-livro-sobre-martir-gay-nesta-terca-feira-9-em-salvador/>

peia que foi exportada junto com a burguesia europeia, junto com o modo de vida europeu, junto com o capitalismo, junto com o colonialismo, junto com o cristianismo. É uma exportação europeia.

Os dispositivos políticos não permitem que o subalterno fale, que seja ouvido, que aquilo que ele emite seja reconhecido como discurso.

Os povos ameríndios, do Canadá à Patagônia, os povos ameríndios não viviam um regime político social binário. A gente tem “n” mil relatos. Há um livro interessante de um professor, um antropólogo brasileiro, Estevão Rafael Fernandes: *Existe índio gay?*¹² Ele olha a pergunta que move o antropólogo. Índio é um termo que não existe, meus anjos. Índio é o olhar do colonizador sobre o colonizado. O colonizador estúpido achava que tinha chegado na Índia, por isso ele chama a população endógena, que está para dentro, o povo originário, o povo nativo, o primeiro

¹² **“EXISTE ÍNDIO GAY?”: A COLONIZAÇÃO DAS SEXUALIDADES INDÍGENAS NO BRASIL.** ESTEVÃO RAFAEL FERNANDES
Editora Prismas, Curitiba, 2017.

Resenha:

CARMEN LÚCIA SILVA LIMA

Anuário Antropológico, v.44, n.2 2019, p. 379/382

<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/issue/view/2108>

Acesso: 01.dez.2022

Artigo:

HOMOSSEXUALIDADE INDÍGENA NO BRASIL - DESAFIOS DE UMA PESQUISA

ESTEVÃO RAFAEL FERNANDES

Revista *Novos Debates: Fórum de Debates em Antropologia* Vol.1, n.2, julho 2014, p. 26/33.

<http://novosdebates.abant.org.br/wp-content/uploads/2021/05/vln2.pdf>

Acesso: 01.dez.2022

dono da terra, a família tradicional brasileira, que era não monogâmica, morava todo mundo em oca, não tinha laço de casamento como conhecemos.

Então: existe índio *gay*? Índio é uma ficção colonizadora. *Gay* também é. Este é o absurdo: separar seres humanos pela forma como eles fazem sexo. Gente, vocês estão entendendo a arapuca em que a gente se meteu? Quantos séculos vamos precisar para desconstruir esse lixão de sociedade? E, de novo, é um tripé que estou movendo. Qual é esse tripé que estou movendo? O que faz de um ser um ser humano? O que pode um discurso? E pode o subalterno falar?

Vocês sabem por que estão me ouvindo? Porque falo como o dominador. Porque estudei como dominador. Porque fui às instituições do dominador; porque fui certificada pelo dominador; porque fui autorizada pelo genocídio a falar.

Se aqui estivesse uma travesti preta, pobre, periférica, desdentada, prostituída, alguém se inscreveria para ouvi-la falar? Ela ia poder falar? E falar não é emitir discurso. Hoje, quando a professora Terezinha abre o nosso encontro, ela sumarizou o nosso encontro. A fala pressupõe a escuta. Quando Gayatri Spivak está nos perguntando “pode o subalterno falar?”, ela mesma está respondendo:

- Não!

Porque os dispositivos políticos não permitem que o subalterno fale, não permitem que seja ouvido, não permitem que aquilo que ele emite seja reconhecido como discurso.

Onde estavam as travestis na ditadura brasileira? Tem uma professora, a doutora Isabel Maria Ribeiro Mendes Drumond Braga, importante feminista, está viva, nossa contemporânea, professora de história na Universidade de Lisboa. Ela tem um belo artigo: *Ser travesti em Portugal do século 16*¹³. Esse trabalho está construindo alguma coisa do que eu estou tentando comunicar hoje, entre nós. Então, olha só, quando a Isabel Drumond Braga escreve esse artigo, *Ser travesti em Portugal do século 16*, 16 é 1.500, só para a gente se situar, a Isabel Braga está falando o seguinte para a gente:

- Elas existiam¹⁴.

Você vai nos arquivos da Torre do Tombo, a Torre do Tombo arquiva os papéis da Inquisição portuguesa, você vai na Torre do Tombo

13 SER TRAVESTI EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI

ISABEL MARIA RIBEIRO MENDES DRUMOND BRAGA
Revista Vértice, 2ª série, n.º 85, Lisboa, 1998, pp. 102-105.

Acesso: 01.dez.2022

https://www.academia.edu/6679076/Ser_Travesti_em_Portugal_no_s%C3%A9culo_XVI_V%C3%A9rtice_2_a_s%C3%A9rie_n_o_85_Lisboa_1998_pp_102_105

14 HOMOSSEXUALIDADE EM PORTUGAL

https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_em_Portugal
Acesso: 01.dez.2022

e está cheio de processo não contra um ser humano, mas contra um crime. Então, ser travesti não era uma categoria ontológica, não era uma possibilidade de existência, era um crime, era um pecado, era um desvio, era uma doença e, portanto, um braço do saber-poder podia corrigir, curar, adequar, tratar, erradicar, matar, prevenir.

A homossexualidade, a lesbianidade, a bissexualidade eram consideradas “doenças” que o neoliberalismo visava combater.

Margaret Thatcher (1925- 2013), política britânica, foi primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990, sabe? Se você não sabe, dê graças a Deus. Margaret Thatcher era tipo Tabata Amaral, só que com muito poder e no Reino Unido dos anos 90, final dos 80 e dos 90. Era uma neoliberal ferrenha. O neoliberalismo como uma doutrina, uma corrente filosófica, política, econômica, que também tem um tripé. Conta com o ditador chileno Augusto Pinochet (1915-2006). O Chile foi um laboratório neoliberal. O governo Pinochet do Chile forma o ministro da economia brasileiro Paulo Guedes, que agora a gente viu o que acontece quando um *Chicago boy* é o ministro da economia.

Mas volta. O tripé do neoliberalismo é: o Chile do Pinochet; os Estados Unidos do presidente Ronald Reagan (1911-2004); o Reino Unido da Margaret Thatcher. A Thatcher apro-

vou um compêndio de leis que impede, só para vocês saberem (elas foram derrubadas agora), que impede que gênero e sexualidade possam ser discutidos ou abordados na escola. Tem no YouTube, se você quiser assistir, o discurso dela de aprovação da lei. Ela fala:

- Não podemos impedir que nossas crianças possam ter um início saudável nas suas vidas...

... porque a homossexualidade, a lesbianidade, a bissexualidade eram consideradas doenças que o neoliberalismo visava combater. Então "ai, as nossas crianças", o discurso do pânico moral depende da criança, dessa criança em abstrato, que é sempre heterossexual, branca, de classe média.

"As nossas crianças." *Mas quem defende a criança queer?*¹⁵ Esse é um artigo do Paul B. Preciado (1970), um filósofo espanhol. Quem defende a criança queer? "As nossas crianças", mas e as minhas? E eu quando era criança, quem me defendeu, quem me protegeu, quem garantiu que eu pudesse ter uma infância saudável e sadia? Quem define o que é saudável e sadio? Ok. Preciso encerrar minha fala nos próximos 10 minutos, porque vai dar uma hora.

Vou tentar encerrar a minha fala lendo para

¹⁵ **UM APARTAMENTO EM URANO: CRÔNICAS DA TRAVESSIA**
Ed. Zahar, São Paulo, 2020

vocês alguns trechos do prefácio da professora Sandra Regina Goulart Almeida, reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, para o livro *Pode o subalterno falar?* da filósofa Gayatri Chakravorty Spivak.

Selecionei alguns trechos para ler com vocês.

Uma das preocupações centrais de Spivak é desafiar os discursos hegemônicos e também as nossas próprias crenças, como leitores e produtores de saber e conhecimento, o seu intento é principalmente pensar a teoria crítica como uma prática intervencionista, uma prática engajada e contestadora. A dificuldade da escrita da Spivak denota principalmente a sua preocupação em produzir um discurso crítico que possa influenciar e alterar a maneira como lemos e como apresentamos o mundo contemporâneo.

Vou dar sequência, eu ia ler e comentar, eu vou ler e comentar ao final.

Esse questionamento está baseado numa crítica a uma ênfase que o Gramsci...

Antônio Gramsci (1891-1937) é um teórico marxista italiano, fundamental para pensar cultura e hegemonia.

Esse questionamento: "Pode subalterno falar?", está baseado em uma crítica à ênfase

que o Gramsci dá à autonomia do sujeito subalterno como uma premissa essencialista.

"O negro", "a travesti", meus anjos e minhas anjas, toda vez que acontece isso é alguém falando por, em nome de. E está havendo uma essencialidade, "o negro", isso não existe. "A travesti", "a criança", pode o subalterno falar? Ou a gente precisa de um professor doutor para falar em nome dele? É também uma crítica a uma crença ocidental moderna dos regimes de representação política. Existe um limite para eles. Volto, vou continuar a leitura.

Então esse questionamento: "Pode o subalterno falar?" está baseado em uma crítica à ênfase que o Gramsci dá na autonomia do sujeito subalterno como uma premissa essencialista e remete à preocupação de Spivak em teorizar sobre um sujeito subalterno que não pode ocupar uma categoria monopolítica indiferenciada.

A travesti, o negro, a mulher preta,

...porque todos esses sujeitos são irredutivelmente heterogêneos, repletos de marcadores e cada um desses marcadores realoca esse sujeito subalterno.

O termo subalterno, a Spivak vai argumentar, descreve

... as camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão do mercado, da representação política, da representação legal e da possibilidade de se tornar um membro pleno no estado social dominante.

Aqui ela está voltando para o Gramsci, na ideia do proletariado. Enquanto o estado não for proletário, não há política para o proletariado. O estado é burguês. A função primeira do estado é garantir a propriedade privada do meio de produção. Esse estado nunca vai realizar a política para os comuns, porque esse estado não está ocupado pelos comuns, porque esse estado não é gerido para os interesses dos comuns.

Vou voltar a Spivak. O seu influente artigo *Pode o subalterno falar?* procura, por outro lado, questionar a posição dos intelectuais pós-coloniais ao explicitar que nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno, sem que esse ato esteja imbricado no discurso hegemônico. Dessa forma, a Spivak desvela o lugar incômodo da cumplicidade dos intelectuais que podem julgar pelo outro, que podem falar pelo outro, que podem votar pelo outro. E por meio dessa crítica, construir um discurso de resistência. Agir dessa forma, Spivak argumenta:

... é produzir as estruturas de poder e opressão, é reproduzi-las, é manter o subal-

terno silenciado, sem lhe oferecer uma posição, um espaço onde ele possa falar e, principalmente, no qual ele possa ser ouvido.

Spivak alerta, portanto, para o perigo de se construir um outro, e um outro subalterno, que são apenas objeto do nosso conhecimento, objeto das políticas, objeto de parte dos intelectuais que almejam falar por eles. Spivak analisa:

Há uma relação intrínseca entre o falar por e o representar, porque em ambos os casos a representação é um ato de fala em que existe a pressuposição de um falante e um ouvinte. Esse espaço de diálogo, de interação, não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato não pode falar.

Ao concluir que o subalterno não pode falar, Spivak vai além de uma mera resposta objetiva a essa pergunta. Tal afirmação tem sido interpretada erroneamente de forma simplista, como se Spivak estivesse afirmando categoricamente que o subalterno, os grupos marginalizados, os grupos oprimidos não são capazes de falar ou que precisam recorrer ao discurso hegemônico se quiserem falar. Aqui, Spivak que se refere ao fato de que a fala do subalterno, do colonizado, é sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome dele, em nome dela, de explicar o que

ele ou ela está querendo dizer.

Gente, vocês sabem o que é *mansplaining*? Sabem, não é? A mulher acabou de falar e aí um cara vai dizer:

- O que eu acho que ela está querendo dizer...

Claro, porque ela fala em código e ele fala à norma e vai ser facilmente inteligível, e tem o direito de falar por ela. Ainda que ela tenha acabado de falar, mas é que ninguém a ouviu. Não importa se ela falou também. É igual o PSOL na Câmara dos Deputados: quando sobe alguém do PSOL, os outros 500 e tantos pegam celular, abrem o notebook, olham o WhatsApp. Pode o PSOL falar no Congresso? O Congresso ainda é um parlamento? As pessoas falam e discutem? Ou os interesses que as colocaram lá dentro votam por elas? Sandra Regina Goulart Almeida, no seu prefácio, comenta:

Esse argumento destaca, acima de tudo, a ilusão e a cumplicidade do intelectual que crê poder falar por esse outro. Segundo Spivak, a tarefa dos intelectuais pós-coloniais é a de criar espaços por meios dos quais sujeitos subalternos possam falar, para que, quando eles ou elas o façam, possam ser ouvidos e ouvidas. Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar contra a subalternidade, criando espaços nos

quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido. Spivak argumenta que o seu artigo Pode o subalterno falar? questiona, principalmente, o agenciamento como forma de ação validada institucionalmente. Spivak alega ainda que o seu objetivo principal ao elaborar esse artigo é contar a história de uma mulher indiana que foi apagada, teve o seu nome suprimido e seu ato de rebeldia e coragem negado da inscrição histórica. A nação jamais pode reconhecer que uma mulher se rebelou. A razão pela qual ela não pode ser ouvida é que seu nome é apagado da memória familiar e histórica, ainda quando os subalternos falam, os dominadores dão um jeito de que a gente nunca possa entrar para a história.

Qual é a epistemologia travesti? O que sabem os povos indígenas? De quais pedagogias são capazes os corpos LGBTs? Quem está na Cracolândia pode falar o que sobre a sociedade, sobre o modo de vida em São Paulo? Maria Rita Kehl (1951), psicanalista, jornalista, ensaísta, poetisa, cronista e crítica literária, quando escreveu *O tempo e o cão*, estava alertando para a gente que existe um saber no deprimido e no depressivo: é um corpo que se recusa a atender uma lógica de velocidade produtivista. No neoliberalismo, o deprimido é um sintoma social da aceleração da experiência. A depressão é a criação de outro tempo. A gente não deve tratar o deprimido, a gente deve entender que ele

está nos comunicando algo importante, valioso e que nos direciona enquanto sociedade. Enquanto os loucos, os pervertidos, os depravados, os criminosos, os demônios forem agenciados, a gente reproduz a barbárie que nos trouxe até aqui.

E aí eu encerro o meu turno de fala.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Rita. Coisa muito boa ouvir você. Esteja certa de que a gente estava escutando.

RITA VON HUNTY

Tenho certeza.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A pessoa tem voz, o problema é: estamos escutando sua voz?

Pois é, é importante, muito importante o que você traz, em termos do que significa ter direito, poder efetivamente falar. Você foi falando, eu me lembrei de algo que o psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Christian Dunker (1966), traz em um dos livros dele, que é *A paixão da ignorância*. Ele fala que o discurso do colonizador é:

- Fale a minha língua e aí a gente se entende.

Porque é isso, falar o que eu falaria. Você foi falando dessa história da negação da fala e eu me lembro de uma consulta de minha mãe já velha a uma médica. Minha irmã e eu estávamos com ela, tínhamos levado nossa mãe. A médica disse:

- O que ela está sentindo?

E nós dissemos:

- Diga a ela, diga a ela, mamãe, o que você sente.

Aí mamãe disse e ela voltava-se para mim e para minha irmã e dizia:

- Como que isso se dá?

E nós?

- Diga a ela, mamãe.

Era uma pessoa velha, doente e a médica não lhe concedia o direito da fala. Acredito que isso que você explicita é muito comum em todos os espaços. Por exemplo, na educação, na escola. A gente usa a expressão "dar voz". A pessoa tem voz, o problema é "escutar a voz". Acho que você traz coisas muito boas para nós, no sentido de que você mantém as per-

guntas e a pergunta é mesmo, temos repetido aqui, o motor da reflexão. E de uma reflexão que quer ser crítica, olhando com clareza, profundidade, abrangência, tentando ir além do que é só aparente ou superficial. E essas perguntas que você traz nos provocam a ir buscar mesmo a pergunta. Não é à toa que você para e fica esperando a resposta. E nos desconcerta porque fica a dúvida: será que eu sei a resposta? Será que a minha resposta é a resposta certa?

Nesse sentido, agradeço muito. O pessoal está aí querendo fazer as suas perguntas, vamos organizá-las. Brilhou você, Rita. E trouxe seu brilho para a gente também.

Temos uma fala de Josefina Karen Muniz da Penha

JOSEFINA KAREN MUNIZ DA PENHA

Sou uma subalterna que não sabe seu lugar. Sou considerada "sem limite" e até advertência já levei por questionar um método inadequado. Sou mulher branca pobre que quis ser professora de matemática e fazer eletrônica numa ETEC - Escola Técnica Estadual de São Paulo. Muito modernista.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Aqui tem intervenção do Ismael Oliveira.

ISMAEL OLIVEIRA

Faço parte da assessoria do PSOL de Osasco, estou dando minha colaboração, minha fala, minha voz. Nós do PSOL sabemos que nossa luta é muito grande contra os gigantes interesses da elite brasileira. Agora, pergunto: professora Rita, sua fala, brilhante por sinal, me lembrou um inscrito do saudoso poeta e crítico de arte Ferreira Gullar, que dizia que nosso canto só teria sentido se as pessoas que não têm voz nem vez pudessem ser protagonistas, só teria sentido se a voz dessas pessoas ecoasse. O quão longe estamos disso? O que fazer como coletivo para chegar a um mundo melhor? Um abraço e obrigada pela aula e lição de vida.

RITA VON HUNTY

A esquerda no Brasil hoje apenas reage, faz quase uma década que a esquerda deixou de propor.

Vou buscar uma forma de refletir sobre suas questões. Quando a gente pensa o quão longe a gente está disso, de alguma forma, Ismael, a primeira coisa que me vem na cabeça é uma fala recente, do lançamento de candidatura do professor, escritor e filósofo Vladimir Safatle (1973) para deputado federal, com a presença do Christian Dunker. Foi uma entrevista dos dois. Num determinado momento, Dunker interroga o Vladimir, perguntando se

a esquerda é, de alguma forma, uma abstração. E o Safatle responde:

- Olha, no Brasil, a esquerda é uma experiência da classe média. A esquerda tem uma origem na classe média, que maneja e manobra os pobres quando dá, quando acha que vai ser bacana.

O economista, professor e escritor Paul Singer (1932- 2018) tem um livro que recomendo: *Três ensaios sobre o pensamento socialista*. Estou com ele por aqui, porque eu estava dando uma aula sobre uma ideia que está lá. O Paul Singer foi uma das pessoas responsáveis por pensar formas de articulação política que permitissem participação popular na produção e na gestão dos orçamentos e dos aparelhos do estado. Estou tentando apontar uma direção, Ismael, que a sua pergunta é maravilhosa: quão longe a gente está de saber que a gente canta? Porque a gente canta quando vence.

Acho que a gente tem algumas distâncias. A primeira distância é a distância de poder cantar, no sentido de que a gente vem sendo derrotada... Não só viemos, estamos vindo, não só a gente vem sendo derrotada, como uma série de derrotas históricas produziu em nós um sentimento e uma política de produção reacionária. Em qual sentido? A esquerda no Brasil hoje apenas reage, faz quase uma década que a esquerda deixou de propor.

Então é assim:

- Defenda o STF, defenda a universidade, defenda... defenda...

E quando que a gente vai atacar? E quando que a gente vai falar:

- A gente quer!

E quando que a gente vai falar:

- Tem que ter!

Porque nossa política reacionária mantém-se na posição de ofensiva, de proponente. Isso tem sido a direita. Então, é ela que propõe, a gente só reage e defende, a gente só pensa. A pauta discursiva no Brasil há mais de uma década é bolsonarista.

A gente vai discutir o caso Mari Ferrer¹⁶, que foi estuprada e... é porque falo nessas coisas e fico com vontade de ou rasgar, ou gritar, ou chorar, mas a gente viu o debate de um estupro culposo. Então, aquele em que não há intenção de estuprar. A direita captura as pautas do debate e a esquerda fica nessa de rodar pratos. E aí, Ismael, enquanto a nossa postura for "não é hora de", "não pode criticar", nossa, meu anjo, é daqui para a bancarrota, é daqui para o último que

¹⁶ **CASO MARIANA FERRER**
https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Mariana_Ferrer

sair apague a luz. O ano de 2022 e a ideia de que o PSOL não vai apresentar candidatura para o povo brasileiro. Essa é uma das maiores derrotas da esquerda, nítida. O PSOL não se organizou para apresentar uma candidatura. É isso que a gente quer, é isso que a gente demanda, não?

E ficamos assim: vamos tentar manter as suas pautas dentro de um programa? Que programa? A gente sabe o que vai acontecer, não vai ter programa algum com o Alckmin de vice. Sabe na Itália? Todos contra o Berlusconi, o Berlusconi é derrotado, elegem uma chapa que a cara é de esquerda, mas a chapa toda é de direita. A gente vai passar por meia década de produção de política pública de direita. Sabe o que aconteceu com a juventude na Itália? Ela se recusa a debater, discutir política. Quando você chega para a juventude italiana e fala:

- A esquerda..."

Ela responde:

- Vai tomar no cu. Eu votei na esquerda, eu cresci e foi igualzinho a direita.

Não existe mais esquerda na Itália. Então, o que estou tentando te responder, Ismael, quão distante a gente está do nosso canto, estou tentando te falar, está quase se perdendo no horizonte. Está quase se perdendo

no horizonte. Nesse sentido, de que a gente está perdendo o espaço de fazer crítica. Dizem:

- Não é a hora...

Mas quanto vai ser? Se o fascismo está aí a pleno pulmão e não é hora de fazer algo contra, quando vai ser? Quando as coisas estiverem melhores para quem? Porque os apontamentos que a gente está vendo é que vão ser melhores para quem já está bem da vida, não é? Eu vou tentar condensar o que estou te dizendo.

Enquanto o lado de lá falar:

- No meu governo não vai ter um centímetro de demarcação de terra indígena, um centímetro de demarcação de terra quilombolas...

... e o lado de cá não falar:

- No meu governo não vai ter um agrotóxico novo aprovado, não vai ter um centímetro de terra para o grande agronegócio latifundiário...

... aquele lado venceu.

Isso é a macrofísica do poder. Tudo vai ser puxado para aquele lado se este lado não fizer um contrabalanço de força. Se o discurso que você tem é:

- “Destrua um STF” ...

... pela direita... e a esquerda repete...

- ... gente, o STF deu o golpe na Dilma...

... de qual STF vocês estão falando?

De que década a gente está vindo? Mas se a direita se apropria do discurso de ruptura e a esquerda se apropria do discurso de manutenção, a gente deixou de ter esquerda, a gente tem fascismo e direita no campo discursivo, mais nada. Ismael, você sente que eu te dei alguma resposta?

ISMAEL OLIVEIRA

Acho tem muita coisa errada nesse samba mesmo, muita coisa. Muito obrigado pela resposta, foi ótima.

RITA VON HUNTY

Eu que agradeço a pergunta.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

“As palavras são atos, são ações, têm impacto, nós somos as palavras.”

A seguir, temos uma pergunta do Anaximandro.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

O historiador e sociólogo Valério Arcary (1956) afirma que as palavras são atos, são ações, têm impacto, nós somos as palavras. Rita, qual é a importância ética de usar as palavras em toda a sua precisão e significação? Por exemplo: racismo religioso e não intolerância; corrupção e não rachadinha; esconderijos fiscais e não paraísos; assédio moral e não “é só uma piada”. Muito obrigada pelas múltiplas inspirações.

RITA VON HUNTY

“Não existe crise humana que não seja uma crise de compreensão.”

Maravilhosa a pergunta. O que eu posso dizer ao Anaximandro (é assim a pronúncia do nome dele?). O que eu posso dizer é o seguinte: para além do Valério Arcary, que eu saiba foi o primeiro, talvez tem alguém antes dele, mas na Escola de Oxford, na linguística oxfordiana, a linguística inglesa por assim dizer, tem esse intelectual, que é o John Langshaw Austin (1911-1960), John Austin, ou Austin, J Austin, um britânico, filósofo da linguagem, que desenvolveu uma grande parte da atual teoria dos atos de discurso, filiado à vertente da Filosofia Analítica, que se interessou pelo problema do sentido em filosofia.

Ele é o cara que põe a filósofa e ativista feminista Judith Butler (1956) para pensar uma parte gigantesca do trabalho dela. Essa Butler que nós conhecemos, que está pensando gênero e sexualidade, está pensando a partir do Austin. Tem obras recentes dela publicadas no Brasil: *O poder da não violência* e *Discurso de ódio*, que retomam esse Austin. Quem deu corda para que ela saísse andando é o Austin. E aí eu estou te dizendo que ele é o primeiro, que eu saiba, porque ele cunha o termo "ato de fala". Ele está dizendo a mesma coisa... quer dizer, ninguém diz a mesma coisa, ele está no mesmo sentido, na mesma toada, com o mesmo fôlego, lutando na mesma trincheira que o Arcary, nessa ideia de que nós somos as palavras.

E qual que é a importância de a gente usar as palavras?

É porque a gente começou pelo Raymond Williams, *Palavras chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, que vou pedir licença para pegar o livro e ler um parágrafo para vocês, que é o *Cultura e Sociedade*, de 1952. No parágrafo final da obra, Raymond vai dizer o seguinte:

Não existe crise humana que não seja uma crise de compreensão. A gente é sempre capaz de fazer aquilo que a gente é capaz de entender. Dei sequência a este trabalho...

... e agora eu já estou citando de cabeça, ou eu posso pegar aqui, e ler:

...dei sequência a este trabalho porque sei da importância do registro que ele faz...

... é o *Cultura e Sociedade*, quando ele vai mostrar que não é separado. Só dá para pensar cultura em uma sociedade e sociedade em uma cultura, são indissociáveis. É um trabalho que a antropologia está fazendo, que os estudos de cultura vão fazer. Então ele está falando:

- Cultura é sociedade e sociedade é cultura. A língua é a cristalização de um sistema de significados e valores de um povo em um tempo, a língua que o povo fala. Usei a frase de Fredric Jameson (1934), um crítico literário e teórico marxista conhecido por sua análise da cultura contemporânea e da pós-modernidade:

- A cultura é o cimento que põe de pé, que liga a história e a consciência de classe.

Se a gente chama esse lixo educacional de reforma do ensino médio, o lado de lá ganhou. Reforma da previdência... gente, alguém faz uma reforma na casa para explodir o teto? Alguém faz uma reforma na casa para arrambar sua parede? Alguém faz uma reforma na rua para que não tenha mais calçada? O nome disso não é reforma, é destruição. É

desmonte. E se a gente chama de reforma, a gente jogou o jogo de lá. Se a gente chama de paraíso fiscal, se a gente chama de rachadinha... rachadinha até eu quero entrar, como que é isso aí, me conta?

A linguagem não é só semântica, porque senão não existiria psicanálise. Vocês entendem o que eu estou dizendo para vocês? A psicanálise é um momento no qual a sociedade ocidental dá um passo sem volta, é possível tratar pelo discurso. É possível tratar pelo discurso, isso é a psicanálise. Se é possível tratar pelo discurso, volto para lá, a perguntinha do tripé, o que o discurso pode? Pode tudo, meus anjos. Pode tudo, nós somos discursivos. É que o discurso é sempre material, nós somos a linguagem. Não existe linguagem que não seja nós, nós somos produtores e produtos da linguagem, o Lacan fala:

- O corpo é um presente da linguagem.

E enfim, mas preciso perguntar para o Anaximandro se ele sente que eu lhe respondi.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

Sim, respondeu. Muito obrigado.

RITA VON HUNTY

Sou eu quem agradece a pergunta.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Temos algumas considerações.

MARIANA LOBO

Maravilhosa, Rita!

MIRZA FERREIRA

Temos que aprender a dar escuta/atenção e não a dar voz!

NICOLE DEJARMES

Falta uma reação

JEAN CARLOS SILVA

Rita, que honra, você me provoca diariamente a ser uma pessoa melhor, me provoca diariamente a lutar para ser ouvido e respeitado, me provoca a questionar, me provoca a pensar fora da caixa. Sou muito grato a você e por esse momento de conhecimento. Vida longa à Rita e ao Guilherme.

JULIANA PARREIRA

Quando você ficou brava, é uma raiva justíssima, uma raiva que acontece a todas que acompanham as mulheres. Talvez o nosso crime seja a omissão, pegando um gancho em Josefina (Josefina Karen Muniz da Penha), ge-

ralmente, quando a gente tem uma tomada de consciência e em um breve ato de coragem começa a desafiar, intervir e contestar, somos taxadas de rebeldes, as vezes rola até retaliação. Tornar-se humano é difícil. Rita, obrigada por partilhar.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Quer fazer um comentário, Rita?

RITA VON HUNTY

O princípio primeiro do fascismo é que o diferente deve ser apagado.

Tem essa coisa de que falei, logo que a chapa Lula-Alckmin foi oficializada, no discurso oficial, no discurso primeiro da chapa:

- Olha, é inadmissível que nesse discurso não tenha aparecido"...

... e aí fui pontuando:

- O que vão fazer com a reforma trabalhista?

- E as terras indígenas?

- E um superministério para os povos marginalizados - indígenas, quilombolas?

E fui pontuando todas as coisas que a gente está desesperado para ouvir. Desesperado

para ouvir e que não apareceram como compromisso. Meus anjos e minhas anjas, não sei se vocês sabem o que aconteceu depois, mas eu sofri ameaça de morte, ameaça de estupro seguido de morte, houve uma loucura, uma loucura generalizada. Houve, na minha percepção, um diagnóstico para mim de que o Bolsonaro e o bolsonarismo já venceram, independente de eles perderem ou não perderem as eleições. O bolsonarismo já venceu, porque a vitória do fascismo é quando os corações e as consciências se fascistizam. E o princípio primeiro do fascismo é que o diferente deve ser apagado. Então, eu me entendo como uma pessoa de esquerda, desde que estou viva estou lutando por uma classe, que trabalha e tem seu trabalho apropriado dela, que não tem saúde, que não tem lazer, que não tem aparelho de cultura no seu bairro, que não tem saneamento básico. De repente, sou a inimiga e tenho que ser morta e estuprada.

E o camarada Alckmin é nosso aliado histórico. O que passou, passou.

E o massacre de Pinheirinho¹⁷?

A maior letalidade policial do estado? Os dois maiores genocídios da história da Polícia Militar?

O maior encarceramento de população preta,

¹⁷ Massacre do Pinheirinho, 10 anos: Alckmin foi responsável direto pelo violento despejo <http://www.cartacapital.com.br/opinia0/massacre-do-pinheirinho-10-anos-alckmin-foi-responsavel-direto-pelo-violento-despejo/>

jovem e periférica masculina?

A maior letalidade policial com essa população?

Escola sendo fechada, tropa de choque incitada sobre secundarista. Professora tomando coronhada na boca e perdendo dente em marcha de professor?

Passou, passou, não fica pensando nisso. É o nosso aliadão, é um grande socialista, agora ele está no PSB, Partido Socialista Brasileiro, junto com a Tabata Amaral, são os nossos socialistas no Brasil.

NICOLE DEJARMES

É inadmissível essa passividade da esquerda diante de um vice como o Alckmin.

NICOLE DEJARMES

Pautas urgentes sendo esquecidas em prol de uma aliança com a burguesia.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Há que se refletir. Quem mais gostaria de falar?

RITA VON HUNTY

Acho que a Virgínia (Virgínia Costa) levantou a mão. Oi, Virgínia.

VIRGÍNIA COSTA

Oi, que bom estar aqui falando contigo, te ouvindo e falando também agora. Uma pergunta que sai um pouco, mas me interroga, digamos. Tenho uma neta de quatro anos que está em uma escola de classe média alta, particular, e ela tem um colega que ela mesmo, quando se refere a ele, diz:

- Esse é um fulaninho, é autista. O fulaninho autista fez isso, o fulaninho autista fez aquilo.

Fala com toda naturalidade. Não sei muito bem, acho muito bom que tenha uma criança autista no meio de todos, dita autista, não sei, não conheço, mas isso, digamos, vai contra o politicamente correto, não que eu ache bom o politicamente correto, que se eu digo assim:

- Tem um negro na aula...

... sou malhada; se digo:

- tem um *gay* na aula...

... se digo:

- tem um autista na aula...

... não. Não sei, acho estranho, não sei muito bem o que pensar mesmo. Queria saber a

tua opinião.

RITA VON HUNTY

É uma ótima pergunta. O que fico pensando, Virgínia, é que eu fico com a resposta das crianças, sabe? É um pouco interrogá-las no sentido do que elas estão produzindo. E aí estou te dizendo por quê? Na maioria das vezes, a gente está produzindo sentido sobre a fala do outro, a gente não está nem ouvindo a fala do outro. E aí tem um vídeo que ficou muito famoso recente, de uma criança, um menininho, tipo assim, quatro, cinco anos. A sua neta tem quantos? Por aí? Beleza. É um menininho de quatro, cinco, e aí ele tá numa festa de noivado, sei lá, da tia dele, é um menininho americano. E aí chegam os melhores amigos da moça que está noivando, que é um casal *gay*. Chegam dois caras de mãos dadas, chegam e vão ser apresentados para eles. Aí alguém fala:

- Menininho, este é o fulano e este é o ciclano, eles são namorados.

O menininho não faz qualquer reação. Aí fica todo o mundo em silêncio, também. Aí o menininho:

- Vocês são namorados?

- Sim.

Aí o menino:

- Querem jogar ping-pong?

Pulei uma parte, porque o menino fala:

- Que legal.

E aí, começa a confabular meio sozinho e logo em seguida fala:

- Vocês querem jogar ping-pong?

Então talvez ela esteja falando do Lucas autista, porque na sala dela tem o Lucas Sampaio. Aí tem o Lucas Sampaio e Lucas autista. Então, indagar um pouco de onde vem, por que vem, por que você está falando desse jeito do colega? E escutar essa criança. Mais do que falar para ela, escutá-la e perguntar:

- Mas quando as pessoas falam de você, contam uma história; o que elas falam da Clarinha? A Clarinha do cabelo, a Clarinha da roupinha? E por que o Lucas é o Lucas? Sabe? É ir deixando essa criança correr no campo da filosofia, é colocar uma pergunta, mais uma, mais uma e trabalhar por uma pedagogia da pergunta como Paulo Freire.

VIRGÍNIA COSTA

Não, eu não digo só ela, no caso dela.

RITA VON HUNTY

Exato.

VIRGÍNIA COSTA

Ela, eu acho que é aquela coisa do rei está nu, entende? O rei está nu e ela está vindo que o rei está nu, isso eu acho bárbaro, mas acho, assim que ela crescer um pouquinho mais, se ela disser que é negro, se ela disser que é *gay* e se ela disser que é judia, vai ser um problema.

RITA VON HUNTY

E aí é esse trabalho da pergunta, sabe? É fazer a pergunta para ela até que ela entenda e você não precise contar que é um problema. Porque se você contar que é um problema, você cria uma interdição e tudo que está interdito vai ser dito. De uma forma ou de outra, seja através do recalque, seja através do ato falho. Mas se ela chegar sozinha... sozinha é o caramba, você está lá fazendo a pedagogia da pergunta com ela, mas se ela chegar lá, é um aprendizado para a vida dela. E aí é isso que a gente faz em sala de aula, que eu faço pelo menos, fico falando para os meus alunos:

- O que é crime? O que é piada? O que é pecado? O que pode um discurso?

E aí se vocês caminham sozinhos, sei que a aula está dada, sei que vocês saem daqui diferentes do que vocês entraram, porque vocês caminharam, não fui eu. Eu estava só falando:

- Aqui tem o *guard rail*, aqui tem um penhasco, aqui tem um acostamento...

... mas o caminho foram vocês que caminharam.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A pergunta lança para frente, a resposta joga para trás, para um caminho já percorrido.

Rita, você está me lembrando de algo que um amigo querido, educador mineiro, disse em um dos seus trabalhos. Ele compara a atitude crítica a um farol, farol de mar, não farol de trânsito. O farol de mar existe para iluminar e não para indicar o caminho. Ele, iluminando, faz com que a gente veja com clareza o caminho e possa optar por onde que vai.

Outra recomendação que eu faço é a leitura de um livro do professor, escritor e filósofo Jostein Gaarder (1952). Seu livro mais famoso é *O mundo de Sofia*. Aqui, estou me referindo a outro livro que se chama *Ei, tem alguém aí?*

Supostamente é para criança, mas para todas as crianças que somos. Ele conta a história de um garoto de outro planeta que caiu no jardim de outro garoto, e ficou lá de cabeça para baixo. E o garotinho chega e olha para o garoto da árvore e ele está rindo. E diz:

- Por que você está rindo?

O extraterrestre fala:

- Estou rindo de você aí de cabeça para baixo.

E o garotinho diz:

- Mas é você que está de cabeça para baixo.

E o extraterrestre:

- Quando tem duas pessoas e uma está de cabeça para baixo, é muito difícil dizer qual delas está certa.

E aí ele desce e eles começam a conversar e, constantemente, o extraterrestre se inclina no meio da conversa. O garotinho pergunta:

- Por que você se inclinou?

- É que lá no planeta de onde eu venho a gente sempre se inclina diante das perguntas inteligentes. Quanto mais inteligente é a pergunta, mais a gente se inclina.

O garotinho achou ótimo isso e logo, no seguir da conversa, ele se inclina. E o extraterrestre questiona:

- Por que você se inclinou?
- Porque você me deu uma resposta muito inteligente.

E aí vem a citação da Rita. Ele diz:

- Alto lá! Para as respostas, mesmo as muito inteligentes, a gente nunca se inclina. A resposta joga a gente para trás, para um caminho já percorrido, a pergunta lança para frente.

E aí eu acho, Virgínia, que o arauto das perguntas são as crianças mesmo, perguntas que incomodam, que nos desinstalam, mas por causa disso mesmo nos provocam a seguir adiante, para descobrir o que está pela frente. Acho que esse caminho de pergunta que você diz fazer na aula, Rita, e aquelas que você trouxe para nós, elas sem dúvida nos ajudam a ir à frente. Nem sempre são boas, nem sempre a gente as aceita tranquilamente, principalmente nesse contexto que você está falando, conturbado, em que a gente está, difícil de fazer escolhas. Mas repito toda vez:

- Digo que ganhei meu dia quando em uma aula, quando em um momento alguém diz: "Sabe

que eu não tinha pensado nisso?" E aí começa a pensar.

Acho que a provocação é por aí. A Ana Sales diz aqui que foi uma maravilhosa manhã, que a gente pensou na nossa prática discursiva e que ela não conhecia você e que bom que ela a descobriu e me agradece. Aí acho ótimo porque, graças a mim, Rita Von Hunty pode ser conhecida por mais gente. Tomara que se amplie mesmo esse conhecimento. Alguém mais tem alguma questão? Juliana Parreira diz assim.

JULIANA PARREIRA

Spivak comenta o caso do suicídio de uma jovem que parece abrir uma possibilidade de, apesar de subalterno não falar, no sentido de que fala, mas não é ouvido, o corpo fala por ela. Se puder comentar um pouco a questão do corpo e do subalterno.

RITA VON HUNTY

O que o suicídio do subalterno significa?

Então, Juliana, nesse caso, e é até talvez uma discordância que eu tenha, de uma chave de leitura da Spivak, é de que o suicídio, o protesto, a quebra da vidraça ainda não é escutar o subalterno, é reconhecer que ele... Lembram-se da história de Maria Antonieta (1755-1793), esposa do rei francês Luiz XVI

(1754-1793)? Conta-se que ela perguntou:

- Por que o povo está bravo?

Alguém teria respondido:

- Rainha, o povo está bravo porque não tem pão.

Ao que a rainha retrucou:

- Ora, então, que comam brioche.

Assim, o reconhecimento da fúria ainda não é alçar a categoria discursiva. "O povo está furioso", "por quê?", "porque não tem pão", "que comam brioche". "Não tem pão, vários dias eu já acordei e não tinha pão; então, comi torrada com abacate; comi com caviar".

De novo, essa brincadeira com Maria Antonieta que eu estou fazendo é: o caso não é que a gente não sabe que o subalterno existe, o caso não é que a gente não sabe que ele fala. O caso é a gente não o escutar. E aí ele vai lá e se suicida, e a gente fala: "ele se suicidou". E o que o suicídio do subalterno significa? Aí vai começar um monte de especialistas a falar. De novo, esse corpo não é alçado ao lugar de produtor, de sujeito, isso que estou tentando dizer, ele não é alçado a posição do sujeito, continua como um objeto. E agora um objeto que vai ser escrutinado pós-morte.

Dizem alguns especialistas:

- Vamos descobrir porque vamos penetrar nessa subjetividade, vamos descobrir porque que ele se suicidou.

Juliana, você sente que eu estou te dando alguma resposta?

JULIANA PARREIRA

Sim, está ótimo. Obrigada.

RITA VON HUNTY

Eu que te agradeço.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Mais uma questão. Marcos Lorieli (1941), filósofo, professor, escritor, amigo querido, parceiro, diz que parabeniza você e faz um comentário.

MARCOS LORIERI

Em *Vidas Secas*, o mais conhecido romance de Graciliano Ramos (1892-1953), há a seguinte passagem que diz assim:

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes atravessados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se

pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.

Lembrei-me dessa passagem de *Vidas Secas* ao ouvir você. Realmente precisamos saber falar e, na educação, ajudar pessoas a saberem falar e não a repetir falas. Obrigado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

E costuma dizer:

- Gostei do deixar a criança correr no campo da filosofia.

Marcos Lorieri também trabalha com filosofia para crianças.

Nosso tempo está quase se esgotando. Mas ainda temos algo por aqui. A Luana.

LUANA LIMA SANTOS CARDOSO

Primeiramente, agradeço muito à Rita. Te ouvir é sempre um aprendizado precioso, uma riqueza! Em segundo lugar, gostaria de pegar carona na questão de Juliana e te perguntar sobre essa interface entre o discurso, o suicídio e a política de morte. Que produção de vida se faz possível diante do esvaziamento vital, da impossibilidade de uma boa qualidade de vida, da vida indigna, de uma vida não passível de ser vivida?

RITA VON HUNTY

Quais políticas de vida a gente quer produzir como esquerda no Brasil?

O neoliberalismo é a faceta mais fraudulenta da política de morte

Sensacional. Por causa do tempo, vou fazer o seguinte, tem um vídeo que produzi no meu canal, chamado *Setembro Amarelo*¹⁸. Ele foi produzido há dois anos. A ideia basilar desse vídeo é que vou fazer essa mesma pergunta que você está me fazendo: como a gente fala sobre suicídio quando a gente não tem possibilidade de falar sobre vida? E aí, vou voltar para o sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) e para o Marx, os dois que escreveram sobre suicídio. Acho, não estou me lembrando se é nesse vídeo que volto para o Engels, quanto à condição da classe trabalhadora na Inglaterra. O Engels tem uma passagem que ele fala:

- O suicídio, que no século XIX é um privilégio das classes mais ricas, pela desilusão amorosa, se tornou uma constante entre a classe proletária, que escolhe se quer morrer de frio ou de fome, morrer na insalubridade dos postos de trabalho fabris, indústrias capitalistas, se matar ou entrar para o crime.

¹⁸ **SETEMBRO AMARELO**

RITA VON HUNTY

<https://www.youtube.com/watch?v=Ai4FJRjTtd4>

E aí o Engels vai mostrar o crescimento da taxa de criminalidade na Inglaterra ali no século XIX. Então, Luana, o que eu estou te dizendo é:

- Caminho número zero: tem esse vídeo em que estou indicando alguns textos, para a gente pensar essa pergunta.

O que estou fazendo da minha vida agora? Eu estava em um curso da pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes da USP sobre poéticas do cuidado, ministrado por uma antiga professora minha na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio, que é a artista-pesquisadora Tânia Alice. A gente estava estudando arte relacional. Acabou de ser publicado aqui em São Paulo um livro sobre arte relacional:

- *Arte relacional paulistana e poéticas do cuidado.*

E aí, vou te falar: corre atrás da Tânia Alice, ela é uma *performer* franco-brasileira, é professora na Unirio no departamento de interpretação e aí ela tem um livro recente, para o qual escrevi o prefácio:

- *Manual para performers e não performers - 21 ações para produzir felicidade.*

E aí, vou te indicar também o Danilo, o sobrenome dele é aqueles nomes tchecoslova-

cos que não tem como falar, então me dá um segundo que eu vou soletrar ele para você. Patzdorf, P-A-T-Z-D-O-R-F.¹⁹

O Danilo acabou de qualificar o doutorado dele e deve publicar em breve. O que o Danilo estuda? O corpo morto. O corpo morto em vida. O corpo neoliberal. É com ele que estou fazendo aquele curso de yoga que falei no início do nosso encontro.

Então, o que estou fazendo agora neste momento da minha vida? Eu estou tentando pensar e, volta e meia, isso aparece lá no canal, o mais recente vídeo se chama *Medo como afeto político*²⁰. A minha mais recente coluna para Carta Capital antes dessa era sobre peças que estavam em cartaz em São Paulo, que eram sobre potência de vida, no lugar de potência de morte.

19 ARTISTA-EDUCA-DOR: A SOMATOPOLÍTICA NEOLIBERAL E A CRISE DA SENSIBILIDADE DO CORPO OCIDENTAL (IZADO)

DANILO PATZDORF

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em artes visuais, área de concentração Teoria, ensino e aprendizagem da arte, linha de pesquisa Fundamentos do ensino e aprendizagem da arte, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Artes, sob orientação da Profa. Dra. Dália Rosenthal.

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-26092022-105051/publico/DaniloPatzdorf-CasarideOliveira.pdf>

ARTISTA-EDUCA-DOR: A SOMATOPOLÍTICA NEOLIBERAL E A CRISE DA SENSIBILIDADE DO CORPO OCIDENTAL

DANILO PATZDORF

Artigo na Revista Urdimento, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

<https://periodicos.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19373/12802>

20 MEDO!!!!?? MEDO COMO AFETO POLÍTICO

RITA VON HUNTY

<https://www.youtube.com/watch?v=cniQzsEieJA>

Então de alguma forma isso está aparecendo na minha produção. Mas estou engajada com uma ideia que é sair da defensiva, ir para o ataque e pensar quais são as políticas de vida que a gente quer produzir como esquerda no Brasil. Como a gente vai lutar para que saúde mental, como a gente vai lutar para concretizar acesso às artes, distribuição dos aparelhos de cultura, integração nos esportes...

Só que é muito difícil moçada, porque a gente está atravessando o neoliberalismo. E o neoliberalismo é a faceta mais fraudulenta da política de morte. Quando dou aula para criança, normalmente as minhas crianças têm 16, 17, mas eu chamo de criança. Quando dou aula para criança, eles falam assim:

- O que é neoliberalismo?

Respondo:

- Sabe o metrô? Metrô em Lisboa, neoliberalismo é metrô em Lisboa. Não tem banheiro. Mas eu vou me cagar, eu estou tendo uma diarreia, eu preciso vomitar, eu vou me mijar, não aguento mais.

O metrô fala para você:

- Foda-se.

A política neoliberal é assim: economizamos!

Antes a gente tinha que pagar água, luz, comprar sabonete, papel higiênico, contratar faxineira. Na ponta do lápis é eficiente. O neoliberalismo é o gozo tecnocrático, é o lugar onde o tecnocrata goza. Na ponta do lápis, estou fazendo o metrô economizar. Mas se você tirar uma foto da realidade é gente sem banheiro, é gente desempregada, é papel higiênico que deixou de ser vendido. Parece uma coisa, mas é morte no lugar dela. Então, de que forma a gente combate esses lugares, essas ideias? De alguma forma, eu estou pensando mais ou menos a mesma coisa, Luana, sobre sua questão. E aí eu te recomendo esse vídeo, ou também depois me procura nas redes sociais para me falar se você acha que eu te respondi, se não, se tem alguma outra coisa.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Há um questionamento do Fernando Rios que, pelo adiantado da hora, deixamos como exercício para casa. Cada um pode dar suas respostas:

FERNANDO RIOS

O capital não permite a fala do trabalho. E quando o trabalho fala, não é ouvido. A burguesia não permite a fala do proletário. E quando o proletário fala, não é ouvido. E quantos não podem falar e quando falam não são ouvidos? Isso não acontece só no Brasil. Dizem que há uma crise na civilização. Qual

civilização? Que conteúdo a comunicação de massa veicula? Como quebrar essa hegemonia das classes dominantes?

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Nosso tempo se esgota. Foram muitas as observações elogiosas a essa participação brilhante sua aqui, Rita. Nós queremos agradecer-lá por essa contribuição tão rica que você traz. Tomara que a gente possa seguir adiante na conversa, diálogo de verdade, para irmos em direção a esses objetivos que a gente tem. Obrigadíssimo e um beijo especial para você e para todos. Aplausos para vocês. Até mais.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Até logo, gente. Muito obrigada, Rita, obrigada a todas e todos que estiveram com a gente. Relembro que ainda estamos com inscrições abertas para a próxima mesa, com Frei Beto, na quinta-feira. Então, acessem o nosso site, estejam conosco para continuar nessa troca, para continuar nessa partilha. Até logo então, ótima semana a todos vocês.

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

4

ANDAR COM FÉ EU VOU FREI BETTO

frei betto

ANDAR COM FÉ EU VOU

APRESENTAÇÃO DO CICLO
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto, João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales Ab'sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beto, Frei

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos? [livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 4 : andar com fé eu vou / Frei Beto ; idealização e coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023. PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-21-3

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia 4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II. Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180511

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

sabrina da paixão brésio

Ação urgente contra o frio

Bem-vindos, bem-vindas, todos e todas a mais um encontro do ciclo *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?*, promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação- CPF do Sesc São Paulo. Reforço que temos ainda outras mesas que acontecerão e elas estão com inscrições abertas no nosso site.

Para a mesa da próxima semana, a mesa número cinco, *Uma cidade sem portas, de casa sem armadilha*, com Raquel Rolnik, vou deixar o *link* no *chat* para quem não se inscreveu ainda e queira se inscrever. Será na próxima terça-feira, às 10 horas da manhã.

Antes de dar início à nossa conversa, reforço algumas informações: o encontro é ao vivo e síncrono, a gravação é do arquivo do Sesc São Paulo e a palestra vai ser transcrita. As perguntas podem ser feitas também pelo *chat* e serão repassadas ao palestrante e à mediadora e a declaração de participação pode ser solicitada por e-mail, em declaracao.cpf@sescsp.org.br com seu nome completo e nome da atividade.

Aproveitando este momento em que estamos aqui, também gostaria de reforçar uma ação institucional do Sesc São Paulo, a *Ação*

urgente contra o frio. Temos a previsão de chegada de uma frente fria muito brusca neste final de semana. Então, gostaríamos de convidá-los e convidá-las a participar e também a divulgar essa ação entre os seus contatos. A *Ação urgente contra o frio* é mobilizada pelo projeto Mesa Brasil e faz uma recolha de doações para instituições que atendem pessoas em situação de vulnerabilidade extrema, situações de rua, sobretudo nos momentos de baixas térmicas.

Quem puder doar qualquer cobertor ou roupas, alimentos não perecíveis, pode se dirigir qualquer uma das unidades do Sesc São Paulo no Estado com a sua doação e, se tiver qualquer dúvida, é só entrar em contato com a unidade mais próxima ou no site do Sesc São Paulo e procurar por “*Ação urgente contra o frio*”, para verificar quais objetos, quais tipos de alimento podem ser doados neste momento. Agradeço se puderem nos ajudar a compartilhar esta ação do Sesc São Paulo.

Agora, tenho o prazer em apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios: graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e douto-

ra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Atualmente é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores - GEPEFE, também da FEUSP. Passo a palavra à professora para a apresentação do nosso convidado de hoje e desejo a todas e todos um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Pensar na cabeça do outro não significa fazer a cabeça, no sentido de impor ideias, significa propor um pensar junto.

Obrigada, Sabrina. Muito bom dia a todas as pessoas que estão aqui conosco para darmos continuidade a este ciclo de encontros: *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* Quisemos manter essas perguntas que lá em Minas, não é, Frei Betto, a gente faria de um jeito diferente. Ou melhor, traduzindo para o mineirês: *doncovim? oncotô? proncovô?* E a pergunta embutida nela, que é: *quemcossô?*

Quem somos nós, os humanos e as humanas? Esta é sempre a minha fala de apresentação, uma vez que temos aqui pessoas que por vezes não estiveram nos outros encontros e que, portanto, precisam ser informadas sobre o desenrolar desta nossa reflexão.

É mesmo uma reflexão que a gente quer propor aqui, neste encontro. Propomos um olhar que procura se distanciar um pouco do cotidiano, do senso comum e ver de um jeito diferente a realidade, uma vez que, imersos no cotidiano, nem sempre a gente olha no sentido de reparar, como diz o escritor português José

Saramago (1922-2010)¹. O que queremos é mesmo que seja isso e que a gente possa fazer essa reflexão juntos.

Cada vez que falamos em pensar junto, lembro de algo que o dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956) disse sobre Gramsci, Antonio Sebastiano Francesco Gramsci (1891-1937), filósofo marxista, jornalista, crítico literário, linguista, historiador e político italiano. Brecht dizia de Gramsci:

"Ele pensava em outras cabeças e, na cabeça dele, outros pensavam. É isso o verdadeiro pensamento."

"Ele pensava em outras cabeças e na cabeça dele outros pensavam." Pensar na cabeça do outro. É isso que a gente faz quando traz as ideias para partilhar. E pensar na cabeça não significa fazer a cabeça, no sentido de impor ideias, significa propor um pensar

¹ "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara." Livro dos conselhos **JOSÉ SARAGAMO**, epigrafe de Ensaio sobre a cegueira Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

junto. Não pensar o que eu penso, mas pensar comigo. E na cabeça dele, outros pensavam. É essa necessidade de a gente abrir a cabeça para acolher outros pensamentos, uma vez que é isso mesmo que faz com que o conhecimento cresça.

É fundamental: aqui, a gente tem procurado fazer isso, pensarmos junto com um objetivo de ampliar o conhecimento e, ampliando o conhecimento, poder intervir na realidade de um jeito que a gente torne a vida melhor, feliz, mais plena. É essa mesma a nossa intenção. Por isso mesmo é que a gente recorre como ponto de partida às perguntas. Achei outro dia uma coisa muito interessante, quando pensava sobre a relação entre ciência e religião: há um livro de Jean Audouze, Michel Cassé e Jean-Claude Carrière (1931-2021)², *Conversas sobre o invisível*, da Editora Brasiliense, no qual, em determinado momento, eles dizem: "o conhecimento é movimento". E a seguir, Frei Betto, eles dizem:

"Sempre se conta a história de um cientista que morre e encontra Deus, que lhe diz: 'agora eu vou te contar tudo, te explicar tudo'. E o cientista exclama: 'não, por favor, isso não, deixe-me continuar buscando'".

Acho que essa é mesmo a nossa proposta. Nossas perguntas já tiveram muitas respostas.

² **Jean-Claude Carrière** foi um roteirista, escritor, diretor e ator francês, colaborador do cineasta Luis Buñuel (1900-1983) e do diretor de teatro e cineasta Peter Brook (1925-2021).

Na certa, aqui, juntos, encontraremos algumas respostas também. Mas é preciso pensar que as respostas, as certezas, são sempre provisórias e que o importante é continuar caminhando, perguntando. É com essa intenção que cá estamos.

Partimos de uma pergunta fundamental: mas existe o homem? Fomos a Carlos Drummond de Andrade. E repito que aqueles que vão conosco até o final terão quase decorado o poema de Drummond a que retomo sempre para entrar na conversa de cada dia: *Especulações em torno da palavra homem*³

"Mas que coisa é homem, que há sob o nome: uma geografia? Um ser metafísico? Uma fábula sem signo que a desmonte?"

Lá vai ele e diz:

"Quanto vale o homem? Menos, mais que o peso? Hoje mais que ontem? Vale menos, velho? Vale menos, morto? [...] Por que morre o homem? Campeia outra forma de existir sem vida?"

E aí, as perguntas finais:

"Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos? Para servir o homem?"

³ **ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM**

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

Para criar Deus? Sabe Deus do homem? E sabe o demônio? [...] Que milagre é o homem? Que sonho, que sombra? Mas existe o homem?"

“Existe o homem?”

Colocamos essa pergunta como ponto de partida e o professor João Paulo Pimenta respondeu afirmativamente: existe, mas de um jeito muito peculiar, existe na história, não na natureza apenas. O homem é o construtor de história; história é o que ele faz no mundo e com o mundo. E é isso que nos faz dizer que não há uma natureza propriamente humana, mas uma condição humana. Mais do que dizer que o homem é um animal racional, Ernst Cassirer (1874-1945), antropólogo, filósofo, diz: "é melhor dizer que é um animal simbólico", cria valores, cria um espaço de comunicação, de construção, de produção de valores.

Quando fomos ao encontro do professor Ladislau Dowbor, ele confirma o que João Paulo traz. Fala da cultura, da sociedade, da história e da política relacionada à economia, nos diz que não há problemas econômicos, o que há são problemas sociopolíticos.

E logo em seguida, Rita Von Hunty, ao falar de comunicação, traz perguntas bastante incômodas:

“Pode o subalterno falar? Quem fala? Os valores são partilhados por todos? Os direitos

são iguais?”

Ela indaga: "A categoria 'humano' está disponível para todos?". E agora nos propomos a buscar algumas respostas com o Frei Betto. Estamos muito felizes por recebê-lo aqui.

“Sou movido a utopia”

Frei Betto é escritor, autor de 73 livros. Três deles lançados em 2022: Jesus militante, publicado pela Editora Vozes; O estranho dia de Zacarias, dedicado especialmente ao público infanto-juvenil, da Cortez Editora; e Tom vermelho do verde, pela Editora Rocco. Vale para os mineiros no lançamento, mas vale para todos nós e a gente pode encontrar isso lá no site de Frei Betto, que é - <https://www.freibetto.org>.

Pois bem, muitos dos livros de Frei Betto foram traduzidos no exterior. Ele é um frade dominicano que estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. É assessor de movimentos pastorais e sociais, recebeu vários prêmios no Brasil e no exterior por sua luta em prol dos direitos humanos e ganhou também diversos prêmios literários, entre os quais, o mais importante aqui no Brasil, o Jabuti, duas vezes, em 1982 e em 2005.

Mereceu também o prêmio Juca Pato, quando foi eleito intelectual do ano pela União Brasileira dos Escritores, em 1986. Em 2009,

foi agraciado com os “Premios Alba de las Artes y las Letras”, da Bolívia, em reconhecimento ao conjunto da sua obra literária. No final de 2014, Frei Betto foi a primeira personalidade a ganhar o prêmio brasileiro Dom Paulo Evaristo Arns, pela sua trajetória em prol dos direitos humanos e, em outubro de 2015, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* em Filosofia, concedido pela Universidade de Havana.

Em 2016, o conselho universitário da Universidad Nacional da Costa Rica outorgou a Frei Betto a medalha Universidad Nacional, em reconhecimento por seu legado que tem influenciado a arte, a educação e outras formas de expressão e pensamento da humanidade, principalmente na América Latina, além de propagar uma cultura de paz e respeito à terra e à vida humana. Foi agraciado em 2017, dessa vez pela Universidade José Martí de Monterey, no México, com o título de Doutor *Honoris Causa*, por seu trabalho em prol da educação na América Latina. É membro do Conselho Mundial do Projeto José Martí, de solidariedade internacional e, desde 2019, assessora o plano de soberania alimentar e educação nutricional de Cuba, implementado pela Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO - Food and Agriculture Organization).

É com essa pessoa que a gente está falando, é com ele que vamos percorrer mais um peda-

ço de nosso caminho, para pensarmos em algo que diz respeito a uma perspectiva de transcendência existente na vida humana. *Andar com fé eu vou*, como é que isso se realiza? A afirmação é de Gilberto Gil lá na sua canção e é a Gilberto Gil mesmo que a gente vai recorrer para pensar que “mistério sempre há de pintar por aí”. É disso que eu acho que o Frei Betto vai nos falar, vai trabalhar a perspectiva da política mesmo e na relação, na articulação com essa dimensão. No livro dele com filósofo Mario Sérgio Cortella (1954) e o teólogo e filósofo Leonardo Boff (1938), o título da fala de Frei Betto é: “Quanto custa ser feliz?” O livro se chama *Felicidade foi-se embora?*

Vocês conversaram sobre a questão da esperança. Lá eu acho algo muito bonito e que também entra na nossa conversa, de um jeito específico. Frei Betto diz:

“Sou movido a utopia. E sonho com o mundo preconizado pelo profeta Isaías, no qual a criança brincarà na cova do leão e as armas serão transformadas em enxadas.”

Vou deixar isso aqui como provocação, para agora ouvi-lo. Obrigada, Frei Betto, a palavra é sua

4+

FREI BETTO



Deus não tem religião. A religião é um fenômeno cultural criado pelo ser humano. Assim como temos as operadoras de telefonia Tim, Vivo, Oi, Claro – e todas servem para o mesmo serviço de comunicação – as religiões servem para nos infundir valores altruístas e nos permitir comunicar com o Transcendente. As religiões são institucionalizações das espiritualidades. A espiritualidade é ontológica, intrínseca à condição humana; não há ninguém que não tenha espiritualidade.

frei betto

A natureza evoluiu bilhões de anos sem a nossa incômoda presença. Ela em nada depende de nós, seres humanos. Nós, entretanto, em tudo dependemos dela.

Obrigado, Terezinha. Obrigado, Sabrina. Obrigado a todo o pessoal que nos acompanha. Agradeço ao Sesc por esta oportunidade de poder interagir com vocês no tema da relação entre fé e política.

Inicialmente, gostaria de fazer duas observações. Partilho da ideia de que a história precede o aparecimento do ser humano. Há uma evolução histórica da natureza, que já dura 13,7 bilhões de anos. No entanto, há quem pense que nós, seres humanos, não fazemos parte da natureza. Ideia que nos isola da natureza, como se não fossemos seres naturais, como se não estivéssemos integrados totalmente na natureza. Tanto que tudo que temos à nossa volta - roupas, objetos, artefatos, do alfinete ao míssil, do avião a uma caixa de fósforo-, tudo procede da natureza, sobretudo o que nos mantém vivos, a alimentação.

Se colocarmos a história do Universo, que já dura 13,7 bilhões de anos, dentro do calendá-

rio gregoriano, de 01 de janeiro a 31 de dezembro, o sistema solar surgiu em setembro. Veja bem quanto tempo demorou para surgir. E o ser humano, nos últimos três minutos da noite de 31 de dezembro! Ou seja, a natureza evoluiu durante bilhões de anos sem a nossa incômoda presença. Ela em nada depende de nós. Nós, em tudo dependemos dela. E assim como ela já extinguiu do seu seio inúmeras espécies - a mais famosa é a dos dinossauros-, pode perfeitamente nos descartar e prosseguir o seu caminho evolutivo sem a nossa incômoda presença.

Portanto, chamo a atenção para este detalhe: a questão da preservação ambiental, ou como prefere o Papa Francisco (1936), socioambiental - porque a devastação afeta prioritariamente os mais pobres-, é essencial para a nossa sobrevivência como espécie humana.

A primeira página do livro do *Gênesis* descreve que Deus criou o mundo em seis dias e, como toda pessoa que trabalha, teve o direi-

to ao seu descanso: no sétimo dia, pegou a barraca e foi para a praia descansar... Ora, o que significa esse simbolismo? A propósito, sobre isso, produzi um livro em base científica, mas com linguagem jornalística, chamado *A obra do artista: uma visão holística do universo*, da editora José Olympio. Ali, faço o paralelo dos seis dias da Criação, desde a explosão do *Big Bang* até o aparecimento do ser humano. O que temos no relato do Gênesis é justamente o fato de haver uma historicidade no processo criativo, isso é absolutamente surpreendente.

Por que surpreendente? Em uma de suas cartas - aos Coríntios 1,18 - o apóstolo Paulo, ao se referir à fé cristã (antes de se converter ao Cristianismo ele era um judeu fanático, fundamentalista), diz que "a nossa fé é loucura para os gregos". Por quê? Porque, para os gregos, não havia história, havia um movimento cíclico. Esse conceito de historicidade veio dos persas, mas quem o popularizou foram os hebreus, que tinham muito mais recurso, o recurso da Torá e, depois, a Bíblia, que popularizou essa noção de que há uma evolução histórica e não cíclica, inclusive na natureza.

Quando Paulo diz que, para os gregos, a fé cristã é "loucura", é porque, na cabeça dos antigos gregos, Deus é onisciente, onipresente, onipotente; ou seja, cria como Nescafé, instantâneo. No entanto, os hebreus e,

em consequência, os cristãos, acreditavam em um Deus que precisou de seis dias para criar o Universo. Para os gregos, esse Deus não é competente, não merece credibilidade. O que os gregos não perceberam é que, já naquele relato, que precede a nossa era em seis séculos, há uma percepção do movimento histórico, sobretudo da historicidade da natureza.

Todos os átomos, moléculas e células do nosso corpo, sem exceção, vieram de um único forno, o Big Bang. Foi ali que brotaram todas as partículas elementares integradas à nossa corporalidade, à nossa consistência física e à matéria do Universo.

É um erro buscar na Bíblia conhecimentos científicos; como é errado buscar na ciência conhecimentos religiosos.

Passemos ao nosso momento atual. Vivemos em um mundo muito marcado pela religiosidade, ao contrário do que a modernidade previa: que, com a evolução do pensamento, a evolução da ciência, haveria uma progressiva secularização da sociedade. Isso não ocorre. Ao contrário. Embora haja avanços da tecnologia e da ciência, o que ocorre hoje é uma ascensão, uma emergência muito forte do fenômeno religioso, lamentavelmente com vários segmentos fundamentalistas, inclusive se contrapondo à ciência.

É um erro buscar na Bíblia conhecimentos

científicos, como é errado buscar na ciência conhecimentos religiosos. É preciso manter o equilíbrio - religião e ciência são duas dimensões que interagem na nossa cultura e na vida de cada um de nós, mas cada uma delas tem a sua autonomia, a sua gramática própria. Não podemos tomar a descrição do *Gênesis* como científica.

Essa ideia, por exemplo, de que o ser humano foi feito de um casal - seu Adão e dona Eva-, é simbólica. Seu Adão e dona Eva aparecem no *Gênesis* porque a Bíblia foi escrita em Minas... Ela só tem *causos*. Por isso é tão popular. O que distingue a linguagem popular da acadêmica? A acadêmica é conceitual; a popular é visual, plástica. Quando se lê um texto popular ou se escuta uma pessoa do povo falar, se enxerga, se veem as figuras delineadas naquela fala ou naquele texto. A Bíblia toda, com seus 73 livros (na versão católica), não contém uma única aula de teologia, de doutrina, só “causos”.

Lembro-me de uma publicação muito popular na minha infância e adolescência, que não existe mais, o almanaque. Todo ano eram editados almanaques. A Bíblia é um almanaque. Almanaque era uma publicação que trazia um pouco de tudo: poesia, receita de bolo, fofocas, piadas, histórias e contos. A Bíblia é assim, tem guerras, casos amorosos, suicídios, construções monumentais de templos e palácios, um pouco de tudo. Portanto, se

um fundamentalista dissesse que viemos de Adão e Eva, e se desse o trabalho de estudar um pouquinho mais, descobriria que o autor bíblico(, lá em Minas,) criou os personagens Adão e Eva. Adão, em hebraico, significa “terra” e, Eva, “vida”. O que ele quis dizer é que a vida veio da Terra, ou seja, brotamos desse processo evolutivo.

Isso é surpreendente por ser meramente intuitivo, não havia ciência. Mas o escritor, desenhista e humorista Millôr Fernandes (1923-2012) já dizia que “a intuição é uma ciência que não foi à escola”.

As religiões servem para nos infundir valores altruístas e nos comunicar com o Transcendente.

Deus não tem religião. A religião é um fenômeno cultural criado pelo ser humano. Assim como temos as operadoras de telefonia Tim, Vivo, Oi, Claro - e todas servem para o mesmo serviço de comunicação - as religiões servem para nos infundir valores altruístas e nos permitir comunicar com o Transcendente. As religiões são institucionalizações das espiritualidades. A espiritualidade é ontológica, intrínseca à condição humana; não há ninguém que não tenha espiritualidade.

Se João diz que é ateu, não tem espiritualidade, eu contesto. Ele tem a espiritualidade que, como experiência religiosa, transcende

a razão. Sabe por quê? Porque João é casado com Maria e apaixonado por ela. Isso é um ato espiritual, não há equação matemática que comprove, que o convença de que está equivocado por ser casado com Maria, e deveria estar casado com a Suzana.

Essa lógica não cabe na experiência espiritual. A experiência amorosa é o fundamento da experiência espiritual, a ponto de as tradições hebraica e cristã definirem Deus como amor. Isso está na *Primeira carta de João*, no Novo Testamento. João diz: “Quem ama conhece Deus”. Não diz, “Quem conhece Deus ama”, porque sabemos quanta gente crê em Deus e pratica o ódio. No governo anterior, o do Bolsonaro, havia o Gabinete do Ódio. Assim, é preciso ter muito claro: ter fé em Jesus é uma coisa, o desafio é ter a fé de Jesus.

Assim como temos, intrínsecos à condição humana, a sensação de fome, a pulsão sexual, temos também a espiritualidade. Não há ninguém desprovido de espiritualidade. Pode ser que alguém não tenha cultivado a sua espiritualidade, não tenha direcionado essa espiritualidade para o caminho certo. Há pessoas que têm adoração pelo carro que possuem. Lembro-me de ter lido no jornal que um garoto de rua riscou um carro luxuoso e foi agredido pelo dono do carro, porque aquele bem valia, para o agressor, mais do que a vida do garoto.

Muitos colocam a espiritualidade em lugares errados. Há quem tenha veneração por sua conta bancária. Aliás, nossos avós, ao acordarem, liam a Bíblia, a palavra de Deus. Nossos pais buscavam o serviço de meteorologia: vai chover, o tempo vai estar bom? Agora buscam-se as oscilações do mercado: o dólar subiu, as ações da Bolsa caíram... Isso é um ato religioso.

Agora, a modernidade nos mostrou a separação entre a dimensão política e a dimensão religiosa, a fé e a política, porque, vejam bem, não confundamos espiritualidade com religião. Há pessoas que têm muita espiritualidade e não têm religião. Exemplo: os budistas. O budismo, a rigor, não é uma religião, é uma filosofia de vida. Muita gente pensa que é uma religião. Existem até alguns segmentos budistas que se consideram religiosos, mas, em sua raiz, o budismo é uma filosofia de vida. E há muitas pessoas que são religiosas, mas não têm espiritualidade.

Aqueles, por exemplo, que hoje apregoam o ódio, só pensam em si e não nos outros; aqueles que jamais vão se sensibilizar pelo apelo feito no início dessa nossa conversa a respeito das pessoas que passam frio nas ruas, ou a respeito do trabalho do meu querido amigo padre Lancelotti com pessoas em situação de rua, em São Paulo.

A religião deveria ser como uma caixa de

água. Em Belo Horizonte, no alto do bairro Santo Antônio, quando eu era criança, havia uma enorme caixa de água para abastecer a cidade. Mas o que importa na caixa de água não é o cimento do qual ela é feita; importa é a água que está lá dentro, para nos abastecer. Há religiões que são pura caixa de água vazia, não abastecem ninguém de espiritualidade.

Mas existem também muitas tradições profundamente abastecedoras da espiritualidade, sem serem religiosas. É como o amor. Há pessoas que desenvolvem, cultivam a sua relação amorosa dentro de uma instituição chamada casamento; e existem milhões que cultivam a sua relação amorosa fora dessa instituição, e nem por isso são menos felizes ou estão menos corretas. Apenas não quiseram institucionalizarem-se em um sacramento, ou na justiça civil, a sua relação como casamento.

Não há possibilidade de separar fé e política: toda comunidade religiosa aparentemente apolítica só favorece a política dominante, ainda que injusta.

A fé e a política têm, em última instância, o mesmo objetivo - criar uma sociedade na qual todos vivam com iguais direitos e oportunidades. Falo da boa política, porque a política e a religião, como se diz em Minas, “são facas de dois legumes”: servem para libertar ou oprimir. Há religião opressora e

religião libertadora; há políticas opressoras, como há políticas libertadoras, depende de como são usadas. O objetivo é criar uma sociedade na qual todos vivam com iguais direitos e oportunidades, sem antagonismos de classe. E se as duas servem para aprimorar a nossa convivência social, também podem servir para dominar, como a fé dos fariseus no tempo de Jesus ou a política dos opressores hoje em dia. A fé é um ato pelo qual o ser humano se posiciona diante do mistério de Deus ou, muitas vezes, diante do mistério do amor. O amor, para nós cristãos, se identifica com Deus: onde há amor, aí está Deus. Para muitas pessoas que são agnósticas ou ateias, não têm fé, o amor não se identifica com nada transcendente. Não importa, mas de qualquer maneira há uma transcendência na relação amorosa entre as pessoas, daí que vem a palavra derivada de fé, a palavra confiança - com fé. João não põe uma tornozeleira eletrônica no pé da Maria para saber por onde ela anda; ele confia, tem fé na sua relação com a Maria. Daí deriva a palavra fidelidade, aquele que tem fé.

A política é a ferramenta de construção da sociedade de justiça e liberdade. Ela se orienta por algo que não é próprio da fé, que são as estratégias que visam realizar o bem comum. Já a vivência da fé é necessariamente política. No céu não haverá fé; vive-se a fé em uma comunidade politicamente situada. E quando a comunidade religiosa afir-

ma que só faz religião, não sabe o que diz ou então mente para encobrir, com a fé, seus reais interesses políticos.

Não há possibilidade de separar fé e política, toda comunidade religiosa aparentemente apolítica só favorece a política dominante, ainda que injusta. Não há como fazer essa separação. Prova disso é o próprio Jesus. Ele não morreu de hepatite na cama ou desastre de camelo em uma esquina de Jerusalém. Como vários companheiros e companheiras da minha geração que lutaram contra a ditadura, foi preso, torturado, julgado por dois poderes políticos e condenado à cruel morte da cruz, a pena de morte dos romanos. Então, como Jesus, o papel de seus discípulos, no caso os cristãos, é viver a fé no compromisso libertador com os mais pobres, porque esse livro que a Terezinha anunciou, Jesus militante, que acabo de lançar pela Editora Vozes, é justamente para defender a tese de que Jesus não veio fundar uma Igreja ou uma religião; veio nos trazer um novo projeto civilizatório, um novo projeto político, que chamava de Reino de Deus.

Na boca de Jesus, nos quatro evangelhos, a expressão Reino de Deus aparece 122 vezes e a expressão Igreja, que tanto se usa, aparece apenas duas vezes e, assim mesmo, em um único evangelho, o de Mateus. Portanto, na cabeça de Jesus - ao contrário da Igreja, que acabou colocando o Reino de Deus do ou-

tro lado da vida-, o Reino de Deus é um projeto futuro no horizonte da história humana.

Alguém pode perguntar:

- Como prova isso?

Provo de duas maneiras: primeiro, por que ele foi cruelmente assassinado? Porque ousou, no reino de César, anunciar um outro reino possível, o de Deus, que se baseava em dois pilares: nas relações pessoais, o amor; e, nas relações sociais, a partilha dos bens. Como diz o *Atos dos Apóstolos*, se referindo às primeiras comunidades cristãs:

"Entre eles não havia necessitados, porque tudo era repartido entre todos."

A segunda prova é a oração que Jesus nos ensinou. Não nos ensinou a orar "leve-nos ao vosso reino"; ensinou o inverso: "venha a nós o vosso reino". Então, o Reino de Deus - o mundo como Deus quer - é um projeto histórico.

Ora, o Concílio Vaticano II, reconheceu a autonomia da política. E ela pode e deve ser muito bem-feita por quem não tem qualquer fé. Nem sempre os que têm fé fazem boa política. Há muito safado, muito ditador, muito autocrata, muito corrupto, muito bandido que diz ter fé. Até acredito que tenham fé, creem em uma outra vida, na eternidade,

em Deus, mas da boca para fora, porque nada aprenderam e nada assumiram em termos dos verdadeiros ensinamentos bíblicos. Principalmente para nós, que somos cristãos e nos apoiamos na prática de Jesus, ou seja, quem não segue a prática de Jesus não pode ser considerado cristão, ainda que diga que crê em Deus, porque a prática é o critério da verdade. Isso é um princípio que antecede o marxismo. Sei que é um aforismo marxista, mas, muito antes de Marx proferir esse aforismo, Jesus já havia dito:

- A árvore se conhece pelos frutos.

E se pode acrescentar:

- E não pelas belas folhas ou pela harmonia dos galhos.

O ateu pode e deve fazer uma política justa, favorável à maioria da população, assim como muitos cristãos corruptos buscam na política proveitos pessoais. Por isso é uma antinomia falar em política cristã, Partido Democrata Cristão, isso não cabe. A política jamais deve ser confessionalizada. Um partido não pode se restringir a um determinado segmento confessional da sociedade, e jamais as religiões devem ser partidarizadas. Se conseguirmos manter essa tensão dialética, encontramos a sabedoria. Nem confessionalizar a política, nem partidarizar a religião. Isso é fundamental. Não posso ter

uma igreja e falar:

- Olha, aqui só entra quem vota em tal candidato; só entra quem está afiliado a tal partido.

Isso não tem o menor sentido. O que motiva as pessoas a buscarem o espaço religioso é justamente a necessidade espiritual, a necessidade de abraçar esses valores que as religiões não inventaram, diga-se de passagem. Os valores são humanos, são todos humanos. As religiões apenas são uma lanterna ou um holofote que projeta luz sobre os valores humanos, absolutamente profanos, para mostrar que têm também valor transcendente. Amar o próximo, libertar o oprimido, servir os injustiçados, lutar por uma nova sociedade, isso não deriva de nenhuma tradição religiosa, apenas as tradições religiosas, no caso da tradição judaico-cristã, jogam luz sobre isso, dizendo:

- Olha, isso vale diante de Deus.

Portanto, o que importa na política é que seja justa, democrática, voltada para a maioria da população. E quais são os valores da fé? A libertação dos pobres, a construção de uma sociedade sem desigualdades. No capítulo 25 de Mateus, quando perguntam a Jesus quem haverá de se salvar, a resposta dele é surpreendente, porque talvez beatos e beatas de hoje esperassem que Jesus dissesse:

- Olha, haverá de se salvar aquele que foi à missa todos os domingos ou ao culto todo fim de semana; haverá de se salvar aquele que pagou o dízimo e que acendeu vela na igreja.

Nada disso. A resposta de Jesus é surpreendente:

- Tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber, estive doente e me visitaste, preso e me libertaste, refugiado e me acolheste.

O homem que perguntou isso a Jesus ficou impactado e reagiu:

- Quando, senhor, te vi nessas situações?

Jesus respondeu:

- Cada vez que você faz isso a um desses pequeninos é a mim que o fez.

Ou seja, Jesus se colocou no lugar do oprimido, do excluído, do refugiado, do enfermo, do prisioneiro. Mostrou que quem faz isso, ainda que não tenha fé, faz a vontade de Deus. Isso é o que importa.

Vim para que todos tenham vida e vida em abundância.

Muitos que dizem ter fé, assumem a fé, dão as costas ao oprimido, aos marginalizados, ao

mundo novo de justiça e paz, porque aderem às exorbitâncias, às injustiças, às opressões que existem hoje. Pessoas que, por exemplo, são racistas e vão à igreja, como se Deus não fosse pai e mãe de todos os seres criados. No entanto, tem isso. Ora, a fé não tem receitas, nem deveria ter, para resolver administrativamente problemas como dívida pública, a reforma da Previdência ou a melhoria do sistema de saúde. Isso é tarefa da política. Mas a fé mostra o sentido da política - dar vida a todos e vida em abundância.

No capítulo 10 de João, versículo 10, quando perguntam a Jesus:

- A que você veio?

A resposta dele é:

- Vim para que todos tenham vida e vida em abundância.

Ele não diz "Vim para fundar uma Igreja; vim para divulgar uma nova religião, o Cristianismo". Diz, repito:

- Vim para que todos tenham vida e vida em abundância.

O dom maior de Deus não é a fé, é a vida. E onde há vida, aí está o sinal da presença de Deus aos olhos de nós que temos fé. Aos olhos de quem não tem fé, a vida é vista com ou-

tra ótica, não necessariamente numa ótica de transcendência, mas numa ótica generosa, de acolhimento, de altruísmo e solidariedade.

A fé mostra o sentido da política: dar vida a todos. E o jeito de dar vida a todos depende não da fé, depende da política. Se ela for injusta, muitos estarão privados das condições mínimas de dignidade e de alcance da felicidade. A fé exige participação em uma comunidade religiosa para ser cultivada. É difícil uma pessoa cultivar sua fé se está totalmente isolada. E a política exige participação nas demandas populares, no partido, no sindicato, nos movimentos sociais, nas ONGs, justamente para se elaborarem ali propostas políticas. Ao participar do governo aprendi que ele é que nem feijão, só funciona na panela de pressão. É preciso se fortalecer comunitariamente para pressionar o governo, os políticos que ajudamos a eleger.

Também aprendi nos meus dois anos de governo (2003-2004), quando trabalhei no Fome Zero. Descrevi isso em dois livros: *Mosca azul* e *Calendário do poder*, ambos editados pela Rocco (ver freibetto.org). O poder não muda ninguém, faz com que a pessoa se revele. Se a pessoa é safada, na hora em que está no poder não tem como esconder. Se é arrogante... E isso vale para qualquer poder. Vale para o gerente da farmácia, o síndico do prédio, a diretora da escola.

Se somos adeptos de uma religião e essa religião tem valores solidários e altruístas, devemos buscar políticos e políticas que também tenham esses valores.

A política deve se pautar por valores que, em geral, coincidam com os valores das propostas religiosas, como os direitos dos excluídos, a vida digna para todos, a partilha de bens. Por exemplo, a renda mínima ou a renda básica universal, tão fundamental em um país como o Brasil. Sem esses valores, a política vira politicagem e a corrupção produz a inversão que prioriza o pessoal ou o corporativo em detrimento do social e do coletivo. Isso não significa que a política deva ser feita em nome da fé; ela deve ser feita em nome do amor, da verdade e da justiça, do bem comum. É o que importa, e não os interesses de um determinado segmento religioso.

Defendo ardorosamente que as religiões devem sim pagar impostos. Considero uma excrescência usar as religiões como espaço de lavagem de dinheiro. Assim como todas as instituições pagam impostos, as religiões, as Igrejas, também deveriam pagar impostos, contribuir, porque, infelizmente, o fato de não ter que prestar contas ao Estado faz com que a corrupção campeie muito entre segmentos religiosos.

Hoje, muitas vezes, a religião funciona como cabo eleitoral de alguns segmentos. Alguns

reagem:

– É um absurdo, a religião não tem nada a ver com a política.

O arcebispo sul-africano da Igreja Anglicana, Desmond Tutu, dizia:

– Não há nada mais político do que dizer que a religião nada tem a ver com a política.

Na América Latina, não se pode separar fé e política, assim como não era possível na Palestina do século I, na terra de Jesus. Por quê? Naquela época quem detinha o poder religioso, detinha o poder político. E quem detinha o poder político, detinha o poder religioso. Por isso não se pode dizer que Jesus não foi político, não havia essa distinção. Hoje, sim, há pessoas que se dedicam exclusivamente à política com todo respeito à religião. E há pessoas religiosas que não ingressam em partido, como é o meu caso. Nunca fui militante de partido político, ao contrário do que muita gente pensa. Mas sempre fiz política, porque sou discípulo de um prisioneiro político. Jesus, repito, morreu em decorrência da sua militância política.

Talvez soasse estranho, hoje, a certos ouvidos religiosos, introduzir a leitura do Evangelho falando de Macron, Biden, Lula ou Maduro. No entanto, ao nos introduzir nos relatos da prática de Jesus, o evangelista

Lucas, primeiro, nos situa no contexto político. Ele escreveu:

– Já fazia 15 anos que Tibério era imperador romano. Pôncio Pilatos era governador da Judeia, Herodes governava a Galileia e seu irmão Felipe, a Itureia e Traconites, e Lisâneas era governador de Abilene.

Eis a contextualização política da militância de Jesus. Portanto, não me venha com essa história que o Evangelho não fala de política. Aquelas eram figuras políticas; nenhuma delas foi canonizada. E todas citadas no Evangelho. Até Pilatos, que mandou matar Jesus, está lá, e entrou inclusive na oração do Credo. Vejam, Pilatos tinha um lobby forte a ponto de conseguir entrar no Credo...

Se somos adeptos de uma religião, e essa religião tem valores solidários e altruístas, devemos buscar políticos e políticas que também tenham esses valores, ainda que com uma linguagem secularizada. Mas não vamos confessionalizar a política, porque esse erro já foi cometido durante séculos pela Igreja e o resultado é muito negativo. Também não vamos partidizar a religião, como aconteceu, por exemplo, no *apartheid* na África do Sul, quando uma igreja reformada da Holanda pregava, em nome de Deus, que os negros são inferiores aos brancos, e são negros porque foram castigados por Deus. Isso é uma abominação total.

Precisamos manter o equilíbrio entre as duas dimensões. Toda a América Latina é muito religiosa. Não dá para fazer política no nosso continente ignorando o fenômeno religioso. Houve até um período da esquerda latino-americana de preconceito com a religião. Não se pode ter preconceito com a religião, há que respeitar. Não me agrada a palavra tolerância, porque tolerância significa "não gosto, mas suporto". A melhor palavra é respeito. Isso devemos ter por qualquer religião, ainda que não tenhamos nenhuma fé, nenhum sentimento religioso do ponto de vista do reconhecimento das denominações confessionais. Porque sentimento religioso do ponto de vista secular todos temos.

Temos que combater aqueles que, em nome de um fundamentalismo nefasto, defendem valores que não praticam.

Religião. O termo vem de "religar". Se você tem um sentimento religioso por seus filhos, sua esposa, seu marido, enfim, pelas boas causas que abraça, então está religado. Há, em todos nós, algum sentimento religioso. Mas, naqueles que seguem uma confissão religiosa, esse sentimento tem uma transcendência e, também, um arcabouço teológico ou teológico para definir esses valores.

Temos que combater aqueles que, em nome de um fundamentalismo nefasto, defendem valores que não praticam. Precisamos tomar mui-

to cuidado e observar o conselho de Jesus no Evangelho. Vamos aferir a árvore pelos seus frutos e não por sua harmonia ou sua beleza. Ou seja, vamos buscar a prática, aquilo que a pessoa pratica, e saber se, aos olhos da nossa religiosidade, que pode ser de matriz africana, cristã católica, cristã protestante, evangélica, pode ser judaica ou muçulmana, não importa, que pode ser de matriz indígena, como Santo Daime, União do Vegetal, vamos sempre manter profundo respeito pela religião alheia, sem aceitar discriminação, ofensa, agressão. Ao mesmo tempo, vamos abraçar a política que é condizente com os valores humanos.

Servir ao próximo, buscar uma sociedade igualitária, acabar com a miséria, isso não tem nada a ver com a religião. Apenas a religião diz que isso também agrada a Deus e Deus quer isso. Mas são valores humanos que precisamos abraçar através dessa ferramenta que o ser humano inventou - e acredito que não inventará outra melhor-, chamada política, para nos organizarmos socialmente e podermos conviver de maneira harmoniosa, justa, equitativa.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Em que creem os que não creem?

Obrigadíssima, Frei Betto. Muitíssimo obrigada por essa palavra tão sábia e encantosa,

como falaria o Guimarães Rosa. Estou muito feliz, estamos muito felizes por ouvi-lo e eu queria dizer exatamente que aquele Frei Betto que eu apresentei formalmente é também... aquele companheiro de juventude estudantil católica, de missa do estudante em Belo Horizonte nos anos 60, em uma fase em que efetivamente a gente estava fazendo aquele exercício da articulação entre a fé e a política. Acho que você traz para a gente um esclarecimento muito importante desses conceitos: fé, transcendência, política, religião. A gente mais de uma vez falou aqui da necessidade do esclarecimento dos conceitos por causa da banalização deles. E então, quando você esclarece, ajuda a pensar de um jeito diferente aquilo que está nebuloso, digamos assim, na nossa perspectiva, principalmente neste Brasil de hoje, de agora. A gente já tem aqui no *chat* algumas observações e, antes de passar para a leitura delas e você responder, quero agradecer à professora Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello que está aqui com a gente e que estará conosco no dia 30 de agosto, com uma mesa que se chama *Comer para viver ou viver para comer?* O Frei Betto fez referência a essa ideia da criação da alimentação, dos meios etc. Quero convidá-los a estar conosco na mesa dela.

O Anaximandro (Anaximandro Orleans Calle de Paula) é o primeiro que coloca a sua pergunta no *chat*. Vou ler :

- Frei Betto, a minha pergunta é o título de um excelente livro do escritor, filósofo e linguista italiano Umberto Eco (1932-2016) e do Cardeal Carlo Maria Martini (1927-2012), publicado em 2009 pela editora Record: *Em que creem os que não creem?* Pensando na sua aula, como caminhar sem fé? Obrigado.

FREI BETTO

Muitas vezes, a fé parece conter antivalores. Mas não é a fé, é a prática religiosa de pessoas que apenas dizem ter fé.

O importante não é caminhar com fé, o importante é caminhar com os valores da fé. E os valores da fé são os valores humanos: amor, trabalho, libertar o oprimido, respeito ao diferente e às orientações sexuais diversas. Estes são os valores da fé. Muitas vezes, a fé parece conter antivalores. Mas não é a fé, é a prática religiosa de pessoas que apenas dizem ter fé. É preciso fazer distinção entre religião, espiritualidade e fé. Existem pessoas que têm muita espiritualidade, mas não têm religião; pessoas que têm muita religião, mas não têm espiritualidade, e são aqueles que Jesus chamava de “sepulcros caiados”, “guias de cegos”. Existem pessoas que têm uma fé independente de instituições religiosas.

É importante abraçar o critério da salvação,

do ponto de vista da teologia: não é a nossa fé, é o nosso amor, é aquilo que o nosso amor é capaz, que nos faz próximos à vontade de Deus, e não aquilo no qual cremos.

Na carta de Tiago, no Novo Testamento, ele diz:

– Vocês creem? E daí? Os demônios também creem. Quero ver o que vocês fazem, o que vocês praticam.

É isso o que importa. A prática é o critério da verdade, já dizia Jesus, muito antes de Karl Marx.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A seguir, temos uma pergunta do Ismael (Ismael Oliveira):

– Frei Betto, este momento de extremo fanatismo religioso misturado com o discurso de alguns políticos pode nos levar a um aumento da violência e da intolerância. Seria a educação uma alternativa para trilharmos um caminho mais justo e solidário no nosso país?

FREI BETTO

A fé é um dom e toda vez que ela foi imposta resultou muito mal, muito negativo. Não se pode impor a fé.

Sou contra o ensino da religião nas escolas, mas defendo, arduamente, o ensino das religiões. Veja a diferença. Uma escola pública, uma escola não confessional, não deveria ensinar religião, mas religiões - suas histórias e crenças. Uma escola assumidamente confessional, sim. Em uma escola católica haverá ensino do cristianismo; em uma escola judaica, do judaísmo etc. Mesmo assim, todas as escolas, inclusive públicas, deveriam ter o ensino das religiões, sobretudo no Brasil que tem uma diversidade religiosa muito rica.

As pessoas não podem sair da escola sem conhecer, por exemplo, o que é Bíblia, o que é Torá, o que é candomblé, o que é macumba, o que é Santo Daime, o que é União do Vegetal, o que é ser muçulmano, espírita ou o que significa praticar a religião dos povos originários. De preferência, deveriam chamar as pessoas que praticam essas várias confissões religiosas para falarem das suas experiências, e não um padre para falar do Espiritismo ou do Candomblé.

Num debate na TV alemã, um padre e um espírita dialogavam. O padre virou-se para o espírita e falou:

– Olha, realmente não posso entender isso de vocês dizerem que conversam com os mortos. Acho uma aberração, um abuso, querer convencer as pessoas que, daqui deste mundo, vocês

falam com os mortos.

O espírita tranquilamente replicou:

– Curioso, vejo tantos de vocês, católicos, falando com Santa Terezinha, São Francisco, Santo Expedito. Vocês estão conversando com quem?

Deu um troco bem dado. É muito importante respeitar a religião, qualquer religião que tenha bons princípios, mas respeitar também o sem religião. É um direito do ser humano. A fé é um dom, a própria teologia ensina isso. A fé é um dom e, toda vez que foi imposta, resultou muito mal, muito negativo. Não se pode impor a fé.

Hoje há padres e pastores que praticam a servidão voluntária. O humanista e filósofo francês La Boétie (Étienne de La Boétie, 1530- 1563), na virada do medieval para o moderno, escreveu um livro com este título: *A servidão voluntária*¹. É atualíssimo, mostra como pessoas querem infundir, principalmente na cabeça dos mais pobres, que autoridade é sinônimo de verdade. E não é. Mas tem pessoas que estão convencidas de que o pastor e o padre manifestam a voz de Deus, e se eles mandam votar em A, tenho que votar em A, não posso votar em B. Isso precisa acabar, as pessoas têm que ter espírito crítico. Aí

¹ **DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA**
ÉTIENNE DE LA BOÉTIE
Editora Martin Claret, São Paulo, 2009

entra a educação. Educação política do povo é uma prioridade. A primeira é acabar com a fome; a segunda, a educação política do povo. Para que o nosso povo tenha senso crítico, discernimento, e não fique sujeito a esper-talhões, manipuladores, esse tipo de gente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Como superar a politização da religião que a Igreja Católica fez ao longo dos séculos?

Acho que é isso mesmo que você traz que a gente teria que seguir estimulando, Frei Betto. Fui professora na PUC São Paulo por quase 40 anos. Nos anos 1970 e 1980, vivemos uma experiência muito rica. Éramos do Departamento de Teologia e Ciências da Religião. Brinco dizendo que era um departamento de teologia *sui generis*, porque tinha até teólogos. Era composto de professores com formações variadas: ciências sociais, história, letras, filosofia, como eu. E desenvolvíamos um trabalho muitíssimo bonito, que era exatamente uma proposta de fazer uma reflexão sobre a religiosidade, a presença da espiritualidade no contexto social. Era interessante porque a disciplina se chamava “Problemas filosóficos e teológicos do homem contemporâneo”. Se não era a mais importante (e a gente achava que era) é a que tinha o nome mais sonante.

Os alunos vinham à universidade para fazer

os seus cursos e, de repente, davam de cara com "Problemas filosóficos e teológicos". Eles pensavam: "lá vem o catecismo". E fazíamos um esforço exatamente de, apesar de estar em uma instituição confessional, que é a Pontifícia Universidade Católica, trabalhar num sentido ecumênico. Há mudanças ali no departamento e na proposta da disciplina, mas o esforço é por conservar exatamente isso, e não apenas na escola católica, como se diz, mas em todos os contextos. O aluno tem direito, não à pressão por uma determinada confessionalidade, mas a um conhecimento mais ampliado.

A gente segue com uma questão trazida pela Franceschina (Franceschina Vilardo):

– Como superar a politização da religião que a Igreja Católica fez ao longo dos séculos, como você citou? Creio que o fundamentalismo evangélico de hoje nada mais é do que um seguidor dessa igreja.

FREI BETTO

A sabedoria é não confessionalizar a política, nem partidizar a religião.

Não há como separar política e religião; é como querer separar, na água, oxigênio e hidrogênio, e ainda ter água. Não é possível água se não houver a junção. Para a saúde da sociedade, para a nossa saúde, essas duas

coisas se interligam - religião e política. A sabedoria é não confessionalizar a política, nem partidizar a religião. O grande erro foi quando a Igreja - como querem hoje segmentos fundamentalistas - pretendeu impor seus preceitos ao conjunto da sociedade; e, o que é também grave, pretendeu excluir aqueles que não abraçavam seus preceitos; pretendeu negar a ciência, em nome desses preceitos ou conceitos teológicos, dizendo, por exemplo, que o ser humano não veio do macaco ou divulgando que Darwin estava completamente equivocado, que somos criação instantânea a partir de Adão e Eva.

Não se pode deixar de tomar o remédio que o médico receitou porque se encontrou um erro de sintaxe na bula. Ora, a bula não tem pretensão de utilizar uma gramática correta: importa é o efeito do remédio. É preciso distinguir exatamente o que é forma e conteúdo. Devemos abraçar os valores que as religiões apregoam. São muito mais importantes do que o próprio revestimento religioso que ostentam. Esses valores é que importam. E quem não os pratica realmente nega o essencial, embora continue se dizendo religioso. Vide a crítica que Jesus faz aos fariseus e saduceus no capítulo 23 de Mateus: é contundente e ele critica as pessoas que eram autoridades da religião que ele praticava, o judaísmo, e não pessoas de outras religiões.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Temos aqui conosco também Andréa Nogueira, gerente do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, que nos acolheu, tem nos acolhido sempre generosamente. Estamos felizes de você estar aqui também conosco neste momento, Andréa.

ANDRÉA NOGUEIRA

Obrigada. Nossa, é uma honra, uma honra recebê-lo, Frei Betto. A questão que o senhor levanta sempre, a questão da solidariedade, do comunitário, do senso coletivo que acaba se distanciando tanto dessa realidade da contemporaneidade, onde o "eu" prevalece sobre o "todos". Sempre as suas palavras são fundamentais para nós. Nós que temos a honra de recebê-lo, intermediado pela Terezinha e por todos que estão aqui. MUITÍSSIMO obrigada!

FREI BETTO

Obrigado a vocês também.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A seguir, a pergunta é de Fernando Rios, companheiro:

- No mundo contemporâneo, três entidades parecem dominar as consciências: capital,

dinheiro e mercado. Fala-se de uma nova religião, diz-se que são novos deuses... ou demônios. Como reduzir essa maléfica influência?

FREI BETTO

A pessoa em si no sistema capitalista não vale nada, o que vale são os bens que a revestem.

Fernando, você tocou em um ponto muito, muito importante, que Marx e o crítico literário, filósofo e sociólogo Walter Benjamin (1892-1940) analisaram muito bem: o fetiche do dinheiro. O mercado parece um ser vivo, tem vida própria. Lemos nos jornais, escutamos no rádio e na televisão:

- Ontem o mercado não reagiu bem, o mercado refluiu, o mercado gostou das novas medidas do governo, o mercado está nervoso".

Ou seja, é um deus, uma nova divindade, um novo ídolo. Marx coloca muito bem essa questão: como o capitalismo conseguiu tornar o dinheiro um fetiche. Fetiche é aquilo a que se atribuem poderes além dele, quer dizer, o dinheiro não é apenas um fator simbólico para troca de mercadorias, é mais do que isso.

Na época que eu era repórter, já faz tempo, fizemos uma reportagem sobre essa questão da

pessoa e as aparências da pessoa. Convocamos um morador de rua e o levamos para o Morumbi, um dos bairros paulistas de classe A. Dissemos a ele para tocar a campainha em uma daquelas mansões. Ele tocou e foi escorraçado pelos seguranças, pelo porteiro da mansão. Nem pôde dizer uma frase que tínhamos preparado para ele: "Quero falar com o dono da casa, estou participando de uma reportagem". Nem chegou ao dono da casa.

Passado um mês, a revista deu um banho de loja naquele morador de rua, alugou um Mercedes com motorista e o fez voltar à mesma mansão. Ele era a mesma pessoa, vejam bem, a mesma pessoa. Foi recebido de tapete vermelho. Ou seja, a pessoa em si, no sistema capitalista, não vale nada, o que vale são os bens que a revestem. Se você não está revestido de bens de valor de mercado, você em si não vale nada. Essa cultura o capitalismo conseguiu nos impregnar. Temos que combater isso fortemente e resgatar o valor da individualidade.

Discordo quando, nos seminários de que participo, falam:

- Estamos na era do antropoceno.

Rebato:

- De jeito nenhum. Estamos na era do capitaloceno.

Aqui, o capital prevalece sobre todos os direitos humanos e todo tipo de legislação. Esta é a era do capital. Hoje, meia dúzia de pessoas têm uma renda igual a três bilhões de seres humanos. É um escândalo e, cada vez mais, essa concentração de renda se agrava. Agora os multimilionários querem colonizar o espaço, para ver se podem ficar distantes da desigualdade social e proteger sua riqueza em outro planeta. Essa é a ideia e, por isso, investem em viagens interespaciais, interplanetárias.

Outro projeto deles é criar ilhas flutuantes que naveguem pelos mares: seriam países sem constituição, sem polícia, como se cada ilha fosse um grande condomínio de alto luxo se deslocando pelo mundo. Se a maioria decide "queremos estar apenas no verão, não queremos ir em lugar nenhum que tenha inverno", então terão verão permanente, desfrutando da praia da ilha, completamente isolados. Ali dentro haveria de tudo, como num transatlântico: supermercado, cinema, casas de espetáculos, tudo que uma boa cidade teria.

Frente a esses absurdos, há um fator do qual ninguém pode escapar: o desequilíbrio ambiental. Ele não faz distinção de classe. É como o avião que vai de São Paulo a Paris: está dividido em primeira classe, classe executiva e classe econômica, mas, na hora da queda, não há primeira classe que dê adeusinho para os demais. Assim é a ques-

tão ambiental, não faz distinção de classe. Tenho impressão de que ela ajudará a mudar muita coisa na história da humanidade.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Frei Betto. Fico pensando quando você fala nessa coisa do mercado, essa história de ele virar quase uma pessoa: que gravata o mercado estará usando hoje? O mercado ficou inquieto?

FREI BETTO

É, "o mercado não gostou, o mercado não sei o que, o mercado está de cama, o mercado está deprimido". É uma entidade, é o deus mercado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

E outra coisa é essa questão da indiferença diante do outro.

FREI BETTO

**Sócrates, nas ruas comerciais de Atenas:
"Estou apenas observando quanta coisa
existe de que não preciso para ser feliz".**

Essa mercantilização, essa divinização ou fetichização do mercado levou à construção de novas catedrais pós-modernas, os *shopping centers*. Se reparar bem, a maioria tem es-

tilos, traços arquitetônicos de catedrais estilizadas. Para ir a um *shopping*, você tem que pôr roupa de missa de domingo, não pode ser qualquer roupa. E entra na antessala do paraíso, porque não tem mendigo, lixo, criança de rua. E você entra escutando aquela musiquinha de esperar dentista, o gregoriano pós-moderno. Percorre as várias capelas acolitadas por belíssimas sacerdotisas e sacerdotes, que chegam à porta e perguntam:

- Deseja alguma coisa? Posso ajudar?

Se você pode comprar, se sente no céu; se usa o cartão de crédito, compra a prazo, no purgatório; se não pode comprar, no inferno. Mas, na saída, todos podem participar da eucaristia pós-moderna: aquele sanduíche do McDonald's.

Muitas vezes vou ao *shopping* e fazem a mesma pergunta:

- Quer alguma coisa, posso ajudá-lo?

E respondo:

- Não, estou apenas fazendo um passeio sócrático".

O vendedor ou vendedora faz uma cara meio estranha, e explico:

- Olha, Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), filósofo-

fo grego que existiu muito antes de Jesus, gostava de descansar a cabeça andando pelas ruas comerciais de Atenas. E, também, rapazes e moças chegavam às portas e faziam esta pergunta: “ Quer alguma coisa?”.

– Ele respondia: “Não, estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz”.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É muito especial mesmo o que você fala do mendigo, do homem de rua. Ali é uma questão da invisibilidade mesmo. Há um pesquisador que se chama Fernando Braga Costa², que defendeu na USP, nas Ciências Sociais, uma tese que se tornou muito conhecida, porque ele fez uma experiência de se vestir de gari.

FREI BETTO

Eu vi isso, acompanhei.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Ele conta que, quando estava vestido de gari, nem colegas, nem professores olharam

2 MOISÉS E NILCE: RETRATOS BIOGRÁFICOS DE DOIS GARIS. UM ESTUDO DE PSICOLOGIA SOCIAL A PARTIR DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E ENTREVISTAS.

FERNANDO BRAGA COSTA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social. Orientador: José Moura Gonçalves Filho Doutorando: Fernando Braga da Costa. São Paulo 2008
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/4/7/47134/tde-09012009-154159/publico/costafernando_do.pdf

para ele, se voltaram para ele, nem o comprimetaram. Há uma foto muito bonita em que estão lá os garis junto com ele, porque ele ficou algum tempo trabalhando com eles e diz assim:

– Olhe bem para esta foto, eles estão invisíveis, eles são invisíveis.

É uma coisa muito complicada mesmo. Beatriz Pinheiro, que é mineira como nós também, está trazendo aqui uma pergunta:

– A propósito de levar o espírito da religião, levar o conhecimento da religião na perspectiva da educação às escolas é importante, será que também é importante levar a política?

FREI BETTO

Podemos não saber onde está a política, mas não há nada apolítico, não há ninguém apolítico.

Não há nenhum sistema de ensino que não seja político. Ou a política de favorecer e naturalizar a desigualdade, a opressão, como predomina hoje, ou a política de desenvolver nos alunos o senso crítico. Não há ensinamento apolítico. Por isso, em *O estranho dia de Zacarias* (Editora Cortez), livro infanto-juvenil que lancei em agosto de 2022, o tema é o equívoco de chamar a chegada dos

portugueses ao Brasil de “descobrimento”. O que houve foi invasão. Trabalho em linguagem lúdica, fantasiosa, essa ideia de que houve invasão.

Podemos não saber onde está a política. Em tudo há política. Dou o exemplo do calendário. Pergunto aos grupos com os quais trabalho:

- Qual o último mês do ano?

A resposta:

- Dezembro.

- Que equivale a que numeral?.

As pessoas costumam responder:

- Doze.

Não, dezembro equivale a dez; novembro a nove; outubro a 8; setembro a 7. Porque, na antiguidade, o ano tinha 10 meses e, no primeiro semestre, os meses eram batizados com nomes da mitologia e, no segundo, com a sequência numeral. Até que o imperador romano Júlio César (100 a.C.-63 a.C.) convocou os astrônomos do reino e disse:

- Quero um mês com o meu nome.

E eles inventaram o mês de julho.

Ele morreu, veio o Imperador Augusto (63 a.C. -14 d.C.) e falou com os astrônomos:

- Não vou ficar para trás; também quero um mês com o meu nome, tenho direito.

Os astrônomos estudaram como fariam isso e, muito constrangidos, falaram:

- Olha, imperador, o ano já passou de dez para onze meses. Podemos adicionar mais um mês, mas tem um problema: há uma alternância de 31 e 30 dias em cada mês. O mês de julho tem 31, e o de Vossa Majestade terá 30"

Augusto esbravejou:

- É? E vocês terão a cabeça decepada amanhã mesmo, caso não resolvam, em 24 horas, o problema.

Muito aflitos, decidiram arrancar um dia de fevereiro e transferir para agosto. Julho e agosto têm 31 dias. Ou seja, em tudo há política. Podemos não saber onde está a política, mas não há nada apolítico, não há ninguém apolítico.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Beatriz está em São Paulo, mas vai mandar o recado para os mineiros.

FREI BETTO

Mas ela fala com os amigos dela lá em Minas, Belo Horizonte.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É isso que faz a gente imaginar que não faz sentido uma escola sem política. Na verdade, ao propor uma escola sem partido, o que se está escondendo é a proposta de uma escola sem política, que é impossível.

FREI BETTO

Exatamente, que seja sem partido tudo bem, mas não que seja sem política.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Acho que a confusão é gerada exatamente por isso, por um certo tipo de conceituação.

FREI BETTO

Política é que nem sexo, quanto menos se fala, mais bobagem se faz. Sou da geração que os pais não nos davam educação sexual. Era tabu, se aprendia na rua. E se fazia muita bobagem. E a política é a mesma coisa hoje em dia.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É verdade. Fernando Savater (1947), um filósofo e escritor espanhol que tem dedicado muito dos seus trabalhos à ética e à política, diz:

Não adianta você dar as costas à política porque ela vai atrás de você e te bate no ombro.

É exatamente isso que acontece. Fernando Rios tem uma outra pergunta:

– Como amenizar ou mesmo afastar um discurso de ódio e violência, presente em muitos fundamentalismos? Há como, Frei Betto?

FREI BETTO

Só consigo dialogar com evangélicos e católicos fundamentalistas através da Bíblia.

É preciso criar uma nova cultura para arrefecer esses ânimos exaltados que andam por aí. Por outro lado, temos que realmente ser tolerantes. Aqui a palavra tolerante cabe com essa gente odienta. É importante não responder na mesma moeda, não cair nas ciladas que tentam armar contra nós. E ser coerente com o que pensamos e deixar esse pessoal falando sozinho. A expressão é forte, mas é de Jesus: “Não vamos atirar pérola aos porcos.

É isso, não perder tempo.

Eu, por exemplo, só consigo dialogar com evangélicos e católicos fundamentalistas através da Bíblia. Uns nem isso aceitam. Ora, não vou atirar pérola aos porcos. Deixa que fiquem lá com suas convicções fundamentalistas e se danem. O que vou fazer? Sigo no meu caminho.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É por isso que se diz que a gente não pode ser tolerante com a intolerância. Andréa Nogueira nos traz uma questão:

– Como é que as redes sociais poderiam contribuir para uma prática solidária? Você fala na necessidade da solidariedade e as redes sociais, será que elas poderiam contribuir? Como?

FREI BETTO

Não utilizo jamais a expressão redes sociais, porque mais criam hostilidade que sociabilidade. Utilizo sempre o nome técnico, redes digitais.

São muito poderosas. Realmente quebram o monopólio dos grandes meios de informação e comunicação. Porém, é preciso que saibamos sair dos nichos, sair das aldeias que criamos. Ficamos nós falando com nós mesmos. É

preciso realmente ser muito criativo e, nesse ponto, tenho de reconhecer que o pessoal da direita tem muito mais competência do que nós, progressistas. Precisamos também nos capacitar para lidar com as redes digitais, porque atingem milhões de pessoas. O potencial é muito grande.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Dilmar Miranda, amigo, traz uma observação a propósito daquela questão que abordávamos antes, do mercado. Ele diz assim:

– Para camuflar a excrescência que é essa supervalorização do mercado, o mercado foi batizado de Faria Lima (uma das mais famosas avenidas da cidade de São Paulo).

FREI BETTO

Exatamente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O Anaximandro diz:

– A ética também está em todo lugar assim, como uma boa política?

FREI BETTO

A ética deveria estar, Anaximandro, mas não está. Como a boa política também deveria es-

tar. Temos muitos exemplos mundiais e nacionais de antiética e falta de ética. E, ao mesmo tempo, grandes exemplos, até heroicos, de ética, principalmente entre pessoas pobres, que encontram sacos de dinheiro jogados em terreno baldio e devolvem, como aconteceu em Vitória, capital do Espírito Santo. Outra história: um motorista de táxi encontrou 20 mil dólares no banco de trás do carro, em Brasília, e ficou três dias procurando o dono, até encontrá-lo. Era um estrangeiro que veio fazer uma cirurgia complicada. Enfim, há muita gente com ética. Agora, a ética está em tudo. Há pessoas que têm duvidade, os dois comportamentos: em algumas áreas são muito éticas e, em outras, não são éticas. São as contradições do humano.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Há uma alienação ética quando tenho a desconsideração do outro.

O Anaximandro, ao trazer a pergunta, faz uma provocação para mim, na medida em que a ética tem sido um tema do meu coração. Tenho feito referência aos princípios éticos: respeito, justiça, solidariedade. E respeito como sendo o princípio fundamental, o reconhecimento da existência do outro. O que parece muito simples, mas que é extremamente complexo. Quando a gente considera o outro como *alter*, componente da minha identidade, aí sim. Mas, na maior parte das vezes, o

outro é considerado como *alienus*, o alheio, aquele que não tem a ver comigo. Acho que é preciso marcar essa ideia. Karl Marx fala em uma alienação econômica e política. Há uma alienação ética quando eu tenho a desconsideração do outro, a indiferença, o cinismo. Coisa que temos visto nessas perspectivas religiosas fundamentalistas: uma guinada forte para algo que é o moralismo, é o considerar tudo na perspectiva moral e de uma certa tradicionalidade que se quer fazer permanecer. Nem moralismo, nem cinismo, porque o cinismo é mesmo aquele departamento do vale tudo. Frei Betto, gostaria de ouvi-lo em relação a isso, que está em jogo neste momento eleitoral. E sobre esse preceito horrível que é o vale tudo, será que vale? Por isso mesmo é que Drummond pergunta: “Quanto vale o homem?”

Mais uma coisa: são 11h52. Você pode escutar uma pergunta do Ismael? E aí terminamos e agradecemos.

FREI BETTO

Claro. Ainda mais porque ele tem o nome do meu avô materno.

ISMAEL OLIVEIRA

Que honra.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O Ismael diz:

- Frei Betto, um grande exemplo de compaixão do Evangelho é a parábola do Bom Samaritano. Quão longe a nossa sociedade está da compaixão?

FREI BETTO

Compaixão, como misericórdia, é você ser capaz de colocar o seu coração na miséria do outro, na dificuldade do outro.

A compaixão existe por parte de muita gente. Veja o exemplo do padre Júlio Lancelotti e de tantas outras pessoas anônimas que têm muita compaixão.

Aproveito para fazer outro comercial de meus livros. Tenho um no qual interpreto, para os dias de hoje, as parábolas de Jesus. Chama-se *Parábolas de Jesus*, da Editora Vozes. Tem como subtítulo: *Ética e valores universais*. Mostro que Jesus, depois de ter estado em Minas Gerais, aprendeu a contar *causos*, que ele chama de parábolas. Os quatro Evangelhos estão cheio de *causos*, conhecidos como parábolas. Uma delas, tudo indica que baseada em fato real, é a do Bom Samaritano. Resumidamente, é a história de um homem samaritano, que não era aceito pelos religiosos da Judeia. Havia uma briga, uma rixa forte entre

a Samaria e a Judeia, províncias vizinhas. E esse homem viaja pela estrada que liga Jerusalém a Jericó e vê um sujeito que foi assaltado e espancado por bandidos. Passei por lá. Jericó é a mais antiga cidade do planeta, ininterrupta como funcionamento, porque existem outras que são ruínas, mais antigas do que Jericó. Porém, Jericó sempre esteve em atividade nos últimos 10 mil anos.

Por que os assaltantes escolheram aquela estrada? Porque, quando havia festas judaicas, como a Páscoa ou festa das tendas, a população de Jerusalém, que era de 20 mil habitantes, chegava a 80 ou 100 mil, tantos os peregrinos que se aglutinavam ali. E como não havia pix ou cartão de crédito, os comerciantes iam lá vender seus produtos e enchiam o bolso de dinheiro. Os ladrões ficavam à espreita nas estradas para assaltarem.

O samaritano parou, cuidou da vítima, levou o ferido para uma hospedaria, pagou toda a hospedagem e os cuidados, e ainda falou para o hospedeiro:

- Se na volta eu passar aqui e tiver mais despesa, eu cubro.

Jesus conta que, antes de passar o samaritano, passou um sacerdote e foi adiante; depois, passou um levita, o religioso da época, e também foi adiante. Costumo comentar que Lucas, que descreve esse episódio,

foi um pouco injusto com o sacerdote, porque, na verdade, ele passou, mas, ao chegar na missa das seis da tarde em Jerusalém, e falou aos fiéis:

- Vamos rezar para um homem que vi caído na beira da estrada, assaltado. Estava muito machucado. Peço orações de vocês para ele.

Tanto o levita quanto Lucas julgavam que o sacerdote, muito religioso, não queria chegar atrasado para o ofício divino às seis da tarde no mosteiro dele em Jericó. Porém, o que importou para Jesus foi o samaritano que parou e cuidou do assaltado. O samaritano não era um religioso, não era um sacerdote nem um levita.

Essa parábola é muito rica sobre o que significa compaixão: ser capaz de se colocar no lugar do outro, sintonizar o coração (*cordis*) com a miséria alheia.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Beleza, Frei Betto. Com isso, a gente pode liberá-lo, não sem antes deixar de agradecer-lo por essa palavra que enriquece a todos nós, todos e todas.

FREI BETTO

Muito obrigado, querida. Um abraço aí para todos e todas.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Felicidades para todo mundo.

FREI BETTO

Que Deus abençoe e... coragem.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Amém.

FREI BETTO

E vamos guardar o pessimismo para dias melhores.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Exatamente. Obrigada, beijo para todas e todos. Até logo. Lembrem-se de que na semana que vem a gente tem mais dois ricos encontros. Não deixem de estar aqui com a gente. Obrigadíssimo.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Até logo, gente. Um ótimo fim de semana. Esperamos vocês na semana que vem.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Sabrina. Até mais, pessoal.

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

5

UMA CIDADE SEM PORTAS, DE CASAS SEM ARMADILHA.

RAQUEL ROLNIK

raquel rolnik

UMA CIDADE SEM PORTAS, DE CASAS SEM ARMADILHA.

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto, João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula, Eduardo Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales Ab'sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rolnik, Raquel, 1956-

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 5 : uma cidade sem portas, de casas sem armadilha / Raquel Rolnik ; idealização e coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.

PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-23-7

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II. Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180511

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

sabrina da paixão brésio

Visitem a biblioteca do CPF do Sesc SP:

centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/#/biblioteca

Bom dia a todos e todas. Sejam muito bem-vindas e bem-vindos ao ciclo de onde viemos? onde estamos? para onde vamos? promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Deixo o convite a vocês, se ainda não se inscreveram para a próxima mesa, que será na quinta-feira, a mesa 6, É impossível ser humano sozinho, com Tales Ab'Sáber. Vou deixar o link de inscrição do site aqui no chat para vocês.

Antes de darmos início à conversa de hoje, algumas informações prévias. O encontro é ao vivo e síncrono, a gravação não será disponibilizada e a transcrição será disponibilizada na nossa biblioteca (<https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/#/biblioteca>).

As perguntas podem ser feitas pelo chat e vão ser repassadas para a mediadora e a declaração de participação pode ser solicitada por e-mail em declaracao.cpf@sescsp.com.br com o nome completo e nome da atividade. Vou deixar esse e-mail aqui também no nosso chat.

Agora, tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios, graduada em Filosofia pela Universidade Fe-

deral de Minas Gerais, mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores - GEPEFE, da Faculdade de Educação da USP.

Passo a palavra à professora para apresentar nossa ilustre convidada de hoje e desejo a vocês um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Como temos caminhado para construir nossas múltiplas e diversas humanidades?

Obrigada, Sabrina. Muito bom dia a todas as pessoas que estão aqui conosco para este nosso quinto encontro do ciclo *de onde vivemos? onde estamos? para onde vamos?* Já falávamos aqui na mineiridade de alguns dos convidados e de nós que aqui estamos. Fizemos uma tradução para o mineirês dessas perguntas fundamentais: *doncovim? oncotô? proncovô?* De onde vim? Onde estou? Para onde vou? A pergunta que está guardada aí dentro, que é: “quemcossô?”. Quem eu sou? Quem somos? Que seres humanos são esses? Como é que a gente tem caminhado para construir nossas múltiplas e diversas humanidades? Foi assim que a gente fez a proposta. Caminhamos na direção de responder a essas perguntas e buscamos gente da melhor qualidade para, junto conosco, fazer essa indagação e nos ajudar nas respostas.

Antes de seguirmos, gostaria de avisar a vocês que haverá uma modificação nas datas de duas palestras: a da professora Tatiana Roque e a de Sônia Guajajara. Ambas estão envolvidas em campanhas eleitorais, são candidatas a deputada federal, e a gente tem uma restrição do SESC, enquanto instituição, de trazer palestrantes que estão nessas condições. Vamos transferir essas falas para

outubro, logo após as eleições. Informaremos as datas.

Esta é a nossa programação: hoje, contamos com a professora e arquiteta Raquel Rolnik; na sequência, o professor Tales Ab’Sáber; depois, a professora Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello; em seguida, o professor César Nunes. Posteriormente, as duas convidadas.

Volto aqui às nossas perguntas.

Nossa intenção, tenho ressaltado sempre isso, é estabelecer um diálogo com uma partilha de ideias, com uma possibilidade de, nessa partilha, a gente seguir adiante na direção desta vida, deste mundo, para uma convivência melhor, que nos lance, nos coloque no horizonte do bem comum. A perspectiva é, como foi sempre nos nossos encontros, um trabalho que tenha fundamento nos princípios éticos.

Para tentar responder a essas perguntas, mas junto com elas, aquelas que fomos buscar em Carlos Drummond de Andrade, nas suas Especulações sobre a palavra homem¹.

| ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

*Mas que coisa é o homem? Que há sobre o nome? Uma geografia?
Um ser metafísico? Uma fábula sem signo que a desmante?*

Vai o Drummond fazendo as suas perguntas e, no final, diz:

Que milagre é o homem? Que sonho? Que sombra? Mas existe o homem?

A pergunta provocativa era essa: “Mas existe o homem?” Como é que existimos, nós, seres humanos? Como é que nos reunimos? Como é que nos alimentamos? Como é que habitamos, se habitamos, não é, Raquel?

Os nossos palestrantes vieram trazendo as suas respostas. João Paulo Pimenta nos chamou a atenção para a perspectiva histórica: fazemos algo no tempo e fazemos algo com o tempo. Ladislau Dowbor nos provocou dizendo: “Não há problemas econômicos; há problemas sociopolíticos”. Rita Von Hunty, questionadora como sempre, perguntou: “A categoria ‘humano’ está disponível para qualquer ser?” E explorou a perspectiva da desigualdade, da subalternidade.

Frei Betto, na semana passada, trabalhou a

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

No livro *Alguma Poesia*.

Poema extraído do site Aeroplanos da Birmânia

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

ideia de transcendência, de espiritualidade, mostrando, com uma perspectiva de religiosidade, do religare latino, que ela está presente em todas as pessoas, ainda que elas não professem uma religião. Ele explorou a articulação especial entre fé e política, dizendo que a gente não pode confessionalizar a política e nem politizar a fé.

Vamos caminhando na intenção de ir respondendo às nossas perguntas. Hoje, estamos perguntando sobre o morar, sobre a cidade. *Uma cidade sem portas, de casas sem armadilha*. É Drummond, de novo, que nos inspira, em um poema que se chama *Cidade prevista*², que está no livro *A rosa do povo*.

E quem melhor para responder essa questão do que a Raquel Rolnik? Que agradecemos por ter aceitado nosso convite, para estar aqui conosco. Raquel é urbanista e arquiteta. É professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e é prefeita do campus da Universidade de São Paulo, aqui em São Paulo. Foi diretora de Planejamento da Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo, de 1989 a 1992; secretária nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades, de 2003 a 2007; consultora de cidades brasileiras e latino-americanas. De 2008 a 2014, foi relatora especial da ONU para o direito

2 CIDADE PREVISTA

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Poema extraído do site do frei Gilvander Moreira

<https://gilvander.org.br/site/%EF%BB%BFpoema-cidade-prevista-de-carlos-drummond-de-andrade/>

à moradia adequada.

Lá na rádio CBN a gente ouvia você sempre, Raquel, e admirava. Band News FM, Rádio Nacional e jornal Folha de São Paulo contaram com suas palavras. E mantém uma coluna na Rádio USP e na sua página, Raquel Rolnik (<https://raquelrolnik.wordpress.com/sobre/>). É autora, entre outras obras, de *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*, da Estúdio Nobel; *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*, pela Editora Boitempo; e, bem recentemente, *São Paulo, planejamento da desigualdade*, pela Fósforo Editora. Saudamos você, Raquel. Agradecemos novamente. Você tem a palavra para a nossa conversa. Obrigada.

5

RAQUEL ROLNIK



Aqui eu quero falar sobre uma história da ocupação do território marcada pela despossessão e pela ocupação extrativista nessa periferia do capitalismo onde estamos. [...]

Não preciso dizer os efeitos desastrosos dessa nova captura dos territórios no aumento dos processos de despossessão pelo mundo. [...]

Nós, humanos, com nossos salários e nossas poupanças, e aquilo que a gente tem, temos que disputar essas localizações com fluxos transnacionais de capital, o excedente do capital dos donos do petróleo, os plutocratas russos, o fundo de investimento da Apple, os fundos soberanos dos países. Eles também competem entre si, porque com o neoliberalismo não há mais qualquer bloqueio para o capital financeiro poder circular livremente pelo planeta.

Nós, não. Nós temos que tirar visto, passar na fronteira, um monte de gente morre tentando atravessar a fronteira; mas o capital, não. O capital se move em um clique. Foi. Clique, saiu. Dessa forma, vai transformando concreta e materialmente as cidades.

raquel rolnik

A pandemia tem sido a expressão e agudização de múltiplas crises

Bom dia a todas, a todos. Em primeiro lugar, gostaria muito de agradecer esta oportunidade de poder estar aqui fazendo uma reflexão sobre os dilemas, as contradições, as possibilidades, os cenários utópicos e distópicos que estamos vivendo. Vou tomar a liberdade de fazer isso a partir de uma leitura contemporânea do que estamos experimentando nas nossas cidades, tomando, evidentemente, como foco principal, como objeto principal, as nossas cidades brasileiras, particularmente São Paulo, que conheço melhor. Com mais profundidade, acompanho sua política urbana, sua política habitacional.

Mas de forma alguma pensando exclusivamente sobre a questão da cidade de São Paulo. Refletindo sobre as cidades brasileiras, sobre as cidades latino-americanas, sobre as cidades do mundo, porque é absolutamente central, e é uma das questões de entrada, que estamos vivendo um processo global, planetário, que, neste momento, não existe carreira solo no planeta.

Essa é uma entrada na nossa discussão e isso é verdade não só para o destino das nações, dos estados e das cidades, como vou colocar para vocês. Mas é também muito im-

portante como um desafio enorme para as lutas e para as resistências, como também vou tentar colocar.

Fui apresentada aqui pela Terezinha, muito obrigada, mas acho importante explicitar aqui o meu lugar de fala neste momento, de onde vem o fato de eu ter tido uma carreira, uma vida dedicada simultaneamente ao trabalho acadêmico, ao ensino, à pesquisa nas universidades, em mais de uma universidade, o que me dá a condição, e fico muito feliz, porque a maior parte das pessoas me chama de professora Raquel. É um orgulho ser professora, um orgulho enorme ser professora, mas, ao mesmo tempo, tive oportunidade, em vários momentos, e estou vivendo de novo mais uma dessas boas experiências em diversas escalas: em município, no estado, no governo federal e, no campo internacional, quando fui relatora especial da ONU para o direito à moradia adequada e me envolvi também com essa discussão no âmbito da implementação das políticas públicas e, particularmente, da política habitacional, que foi sempre a minha entrada.

Ao mesmo tempo, ao longo desses anos todos, tenho sido uma ativista. Isso significa que

eu estou permanentemente pensando o que estamos vivendo para poder refletir e imaginar possibilidades de transformação e imediatamente estar conectada com as lutas dos movimentos, com as resistências, com aqueles, aquelas que hoje estão se mobilizando para imaginar e implementar outros futuros e, portanto, com a dimensão da política.

Finalmente, peço licença aqui para a mineiridade, para dizer que, apesar de paulistana, filha de imigrantes judeus, poloneses, sou também mineira por casamento e porque também moro hoje parte do tempo da minha vida em Aiuruoca, cidade do sul de Minas Gerais. Também estou aqui pedindo licença na condição de mineira adotada.

Começando a nossa provocação aqui, espero não usar todo o nosso tempo, para que a gente possa ter um momento maior de debate. Imagino que algumas coisas talvez não fiquem claras ou estejam meio estranhas, mas vou tentar ser o mais breve possível para que a gente possa também discutir, conversar sobre essas questões.

A minha entrada nesta conversa é a pandemia. A pandemia, na verdade, foi e tem sido, porque não acabou, a expressão e agudização de uma crise. Na verdade, não uma crise, mas um combo de crises, múltiplas crises. Imediatamente a crise sanitária, que foi aquela que nos expôs ao contágio e à morte. Mas ela

também vai acontecer e está absolutamente conectada com uma crise climática, ambiental. Não é por acaso, não é uma coincidência que vírus que viviam em animais silvestres, isolados, de repente, entram em contato com os humanos, as humanas e, a partir daí, começam a contaminar e matar. Isso está diretamente relacionado à forma como ocupamos o território, como nos relacionamos com a natureza e a transformamos. E a questão urbana é absolutamente central para entender esse modelo, porque, embora não seja a totalidade do planeta que se organiza sob a forma de cidades, o processo de urbanização domina a forma de territorialização da Terra, impondo sobre o conjunto do planeta uma condição que é derivada das próprias formas, morfologias e lógicas do espaço urbano.

É fundamental falar sobre a presença indígena e quilombola nas cidades, porque ela é absolutamente presente.

Vamos entrar no nosso combo de crises: a crise alimentar. A crise alimentar é a coisa mais contraditória e paradoxal. Nunca nós tivemos uma tal produção de alimentos em escala industrial. Finalmente, a ideia, a utopia de transformar a natureza em indústria foi concretizada pelo agronegócio, que são essas grandes corporações de produção em massa de galinhas e ovos; essas plantations gigantescas de soja e milho transgênico que nós temos, numa produção em uma escala ab-

solitamente gigantesca! E vivemos fome, fome aguda! E não é apenas no Brasil. Essa é uma questão que está colocada também em muitos outros lugares do planeta.

Temos que falar também da crise política porque, de novo, se aqui vivemos uma crise e a democracia treme nas bases, me parece que o que está em crise é o próprio modelo: a construção de uma democracia liberal de Estado e nação, que nasce lá atrás, há 250 anos, junto com a revolução burguesa. Essa ideia de constituir uma democracia de proprietários livres, como vamos retomar mais adiante.

Esse modelo também está em crise, no sentido não só da sua incapacidade local, não apenas no Brasil, mas também global, de apresentar respostas concretas às demandas dos cidadãos - de bem-estar, de prosperidade, de saúde -, incapacidade de proteger a vida. E essa foi, digamos, a promessa do modelo democrático.

Estamos falando de uma crise civilizacional, oriunda de um modelo civilizacional, que ficou absolutamente evidente e foi evidenciada com a pandemia. Eu gostaria de pensar a reconstrução pós-crise, porque, quando a gente está em uma crise, tudo parece horrível, mas, ao mesmo tempo, essa é a oportunidade que estamos vivendo e essa é a minha entrada aqui nesta conversa, para repensar esse modelo que nos trouxe até aqui, esse modelo

que nos trouxe à morte. Como então a gente pode repensar essa reconstrução?

Parece-me que a forma pela qual nos relacionamos com o território, e o modelo urbano em particular, é muito central para se repensar esse processo de reconstrução, particularmente da política urbana, do planejamento urbano. Para pensar a construção de um novo ciclo, e neste momento é muito importante, estamos em plena eleição, vamos ter uma eleição para presidente, governador, congresso, senado, assembleias legislativas estaduais. Uma das eleições mais dramáticas que já vivemos na nossa história. E olha que já vivemos eleição dramática.

A nossa aspiração por formas democráticas de vida, baseadas em direitos, que é um pouco, de novo, o modelo da democracia liberal anunciada e prometida, como anda? Me parece que é muito importante a gente pensar que se o problema fosse Jair Bolsonaro e os seus atentados à ordem democrática, que é um total absurdo e contra o qual temos que lutar, até que estava fácil, porque democracia não é só votar e respeitar os ritos estabelecidos pelas normas e pela Constituição. Democracia é o exercício da cidadania no cotidiano da vida.

Aqui quero falar sobre uma história da ocupação do território marcada pela desposseção e pela ocupação extrativista nessa

periferia do capitalismo onde estamos. Historicamente, o colonizador mobilizou a ordem jurídica para definir como legítima apenas os vínculos com o território baseados na propriedade privada. Agora, vou colocar a centralidade da noção da propriedade privada como estruturadora dessa relação e de que forma ela hoje constitui um dos maiores limites problemáticos para a extensão da cidadania, para o conjunto de moradores que temos neste país, como isso é muito central.

E como é central também para ver o estágio em que se encontra a discussão entre território e propriedade, que é o modelo da financeirização, que eu vou trazer também para o nosso debate. O que quero dizer com isso? Que as formas de vida que não são estruturadas pela lógica empresarial de extração de renda, de subjugação da natureza para promover um processo de acumulação infinita, são absolutamente residualizadas, estigmatizadas: são os chamados territórios marcados para morrer. Quando falo de territórios marcados para morrer, estou fazendo uma leitura que pega, são aqueles territórios marcados pelas práticas de genocídio e de necropolítica. Estamos falando desde os territórios indígenas, de muitos territórios quilombolas, em um mundo que é predominantemente mais rural.

Contudo, é fundamental falar sobre a presença indígena e quilombola nas cidades, porque

ela é absolutamente presente: estou falando sobre o conjunto das favelas e das periferias do nosso país, os territórios marcados para morrer, marcados, portanto, por uma prática demarcada e configurada a partir de um racismo ambiental, porque, não por acaso, são os locais que entre nós, na América Latina e no mundo, são predominantemente vividos, morados e habitados por não brancos e não brancas.

Estamos falando de todas as cores que não são o branco, a branca e seu modelo hegemônico de organização territorial. Estamos falando sobre um processo de constituição do território, desde a colonização. Isso é muito claro, mas isso também tem a ver com a própria imposição do modelo no centro do capitalismo. Estou falando da Europa Ocidental, onde emerge e surge a ideia desse modelo, que é o modelo da democracia de proprietários livres, que foi absolutamente revolucionário na sua época na luta contra a aristocracia e o feudalismo. Foi a ideia de que é através do trabalho e do processo de transformação da natureza sobre um determinado espaço, delimitado através da propriedade, que é adquirida através de relações mercantis, que se baseia a ideia de cidadãos livres, donos do seu próprio corpo, da sua própria existência e, portanto, não subjugados aos desejos do senhor, mas também são donos da terra que ocupam.

Porém, esse pseudomodelo pré-capitalista correspondeu um massivo processo de desposseção, somado à acumulação primitiva, onde a grande maioria das pessoas (estou falando do centro do capitalismo) é destituída do acesso à terra, migra para a cidade, levando consigo apenas o seu próprio corpo. Ali é sistematicamente bloqueado o seu acesso à propriedade, colocando esse processo sobre a periferia do capitalismo através das operações de colonização. Estamos falando de um território vivido, onde existiam formas de vínculo com a natureza e transformação da natureza das populações originárias. Todo o seu modo de vida, toda a sua forma e todo o seu vínculo é residualizada no sentido da imposição de uma ordem que é baseada no fato de que a única forma legítima de relação do indivíduo com o território, que é considerada no conjunto do edifício normativo da cidade, no edifício normativo da nação, é a propriedade privada registrada em cartório, que corresponde a uma parcela muito pequena desses vínculos.

Os demais não apenas são residualizados, como começam a estabelecer uma relação contraditória com essa outra forma de vínculo, eternamente diminuída, no sentido de que são consideradas propriedades menores. Estou falando de todos os tipos de posse, de todos os tipos de vínculo que não são marcados pela propriedade individual registrada.

Por que a propriedade individual registrada é muito central? Porque ela é a base central e dialoga absoluta e simbioticamente com o modelo mercantil: modelo de mercantilização de tudo. A terra, que, em suas dimensões espirituais, simbólicas, geográficas, presentes na própria existência da natureza, é transformada em signos abstratos e racionais: os perímetros dos metros quadrados das coordenadas retas que não têm nada que ver com a curva do rio, com a árvore, com a montanha. Têm a ver, simplesmente, com a possibilidade da compra e da venda. Da compra e da venda de tudo. E mais: todo o edifício construído da normativa, das possibilidades ou impossibilidades, quer dizer, o permitido e o proibido de ocupação desse espaço, está baseado, e este é o fundamento mesmo da ocupação urbana, no lote privado. Quando não tem lote privado, não tem nada.

Se a gente for pensar como é o processo de produção da cidade, a gente já tem uma entrada: a produção das nossas cidades, em um pedaço dela, eternamente minoritário, nunca hegemônico, se constitui a partir de um lote privado delimitado, que pede autorização para uma construção que acontecerá sobre esse lote, ou de uma verba privada que pede autorização para fazer um loteamento, criar os lotes, criar as ruas e vendê-los. Só que uma boa parte das formas de ocupação concreta não partem disso e, sim, da própria existência sobre o território e a sua

ocupação para poder desenvolver as necessidades da vida.

Estou falando do conjunto de assentamentos populares, do conjunto de territórios populares deste planeta que não se constitui sob essa ordem, mas que o tempo todo se relaciona com ela. Também não é, de jeito nenhum, totalmente exterior a essa ordem e isso nós vamos ver um pouco mais adiante.

Neoliberalismo digital financeirizado ou acumulação por despossessão: é uma das formas de constituição do capitalismo contemporâneo.

Vou dar um pulo no tempo e quero, claro, dizer que essa forma de criar cidades também tem a ver com um modelo extrativista em relação à natureza: a ideia de que a natureza está aqui para nos servir, que dela se extrai aquilo que é capaz de gerar rentabilidade para o investimento que faço sobre ela. Esse é o mantra da ocupação do modelo extrativista, que é um modelo extrativista desde a colonização. A gente tem convivido com isso. Agora, porém, vou dar um pulão no tempo para trazer a contemporaneidade e bagunçar a nossa conversa, apontando como é que isso se configura hoje.

Temos um novo poder colonial, sem bandeira nem rosto, que ocupa o território, transformando as paisagens e as formas de vida. Eu

vou chamar isso em um palavrão de grande, no meio de ter um monte de conceito misturado, a gente pode discutir isso mais tarde: neoliberalismo digital financeirizado. Isso vai trazendo novos significados sobre uma velha história de despossessão, quer dizer, isso que foi a minha entrada aqui, a minha entrada é uma história de despossessão, é uma história de acumulação por despossessão. Essa é uma das formas de como se constitui o capitalismo contemporâneo: é dessa forma mais agudamente que o capitalismo ocupa a sua periferia, é dessa forma que se constitui a cidade e a ocupação extrativista nessa periferia do capitalismo onde estamos.

Historicamente, esse processo mobilizou a ordem jurídica para definir como legítimos apenas os vínculos com território baseados no modelo da propriedade individual registrada através dos signos abstratos e matemáticos dos cadastros e residualizando, estigmatizando, criminalizando os demais que não são. Essas formas modernas de exploração do território e subjugação da natureza são destinadas a ampliar eternamente a escala e a acumulação de capital. Essa é a base.

Mas estamos aqui nos referindo à transformação mais recente, à última novidade, à última fronteira do capitalismo contemporâneo, que é onde a gente está, que articulam - e imagino que Ladislau Dowbor¹ já tenha trazi-

¹ Ver fascículo 2 deste ciclo

do isso também - mudanças na economia política do trabalho através da chamada uberização do trabalho. A produção, circulação e acumulação na sua relação com o Estado com o quê? Com a destruição material e simbólica do estado de bem-estar social. Estado de bem-estar social como utopia. A ideia de que o Estado servia para capturar uma parte da riqueza produzida pela sociedade para redistribuí-la através de serviços públicos, através de equipamentos públicos para quem não tinha os meios materiais de comprar a terra e a sua sobrevivência através de políticas universais de saúde, de educação, de moradia. Isso foi desmontado. Foi desmontado materialmente nos estados onde isso aconteceu, foi desmontado simbolicamente nos estados onde isso nem sequer chegou a acontecer, como é nosso caso. Quer dizer, foi desmontado, inclusive, como utopia, sob o comando e hegemonia das finanças e sob os tempos e formas da economia digital.

Isso é muito importante, porque estamos falando de transformações da relação espaço-tempo, comandadas por essas transformações e economia digital. Estamos falando dessa verdadeira compressão espaço-temporal, essa coisa do instantâneo, com a ditadura dos algoritmos, através da qual o capital é extraído, mobilizado, acumulado e investido nas

LADISLAU DOWBOR GANHARÁS O TEU PÃO COM O SUOR

Trabalho, lazer, ócio. Da punição bíblica ao *home office*. Escravização através dos tempos. Capital e trabalho. Viver para trabalhar ou trabalhar para viver.

apostas de valorização futura. Há uma grande transformação, na qual se pode perceber melhor a exploração.

Cada vez que a gente pede um Uber, cada vez que a gente pede um *delivery* do iFood, cada vez que a gente vai com os nossos dedinhos fazendo e mudando as nossas demandas através dos meios digitais, estão extraíndo mais valia e acumulando-a através dessas plataformas digitais, completamente abstratas, que correspondem a fundos financeiros, fundos de investimento globais, que é quem está, na verdade, acumulando por trás dela.

Sobre quem está passando fome ali na ponta, tem ali algum investidor ganhando juros, sendo remunerado nessa plataforma digital. Interessa aqui entender como o espaço construído, e aí eu chego na cidade, ganhou um papel central nesse processo de acumulação financeira, operando na direção da concentração através da chamada titularização.

Quem acha que o shopping center é um produto comercial, uma reorganização do comércio de varejo, está plenamente enganado.

O que é a titularização? É a constituição e o fortalecimento de mecanismos e de instrumentos financeiros, mas também de morfologias urbanas que permitem uma velocidade e uma escala inédita de extração de renda dos

espaços construídos por fundos de investimento que são desterritorializados e que vagam sobre o planeta, concentrando toda a disponibilidade de capital financeiro acumulado e que ficam procurando onde baixar para poder extrair mais juros. O espaço construído acabou ganhando um papel muito central nisso, porque o espaço construído é um ativo, é uma das principais garantias para um capital financeiro global disponível, excedente, que se acumula sem cessar na esfera financeira, e que usa os ativos construídos como garantia para alavancar mais capital. Para quê? Para ter mais ativos de alavancar mais capital. Para quê? Para alavancar mais ativos de alavancar mais capital. Posso ficar até o resto da vida falando isso, porque nada disso tem compromisso algum com bem-estar e universalização de condições de vida. Ele tem compromisso com a necessidade de o capital gerar juros para remunerar a si mesmo, algo do qual todos nós participamos, por exemplo, quando se desmontam todos os sistemas públicos de aposentadoria e se criam fundos de pensão. É nós mesmos, trabalhadores, no fundo, queremos que esses fundos de pensão ganhem muitos juros e fiquem maiores para poderem remunerar a nossa aposentadoria. Esses fundos de pensão são, por exemplo, os grandes players do mercado imobiliário, do complexo imobiliário financeiro, porque não dá mais para separar imobiliário financeiro internacional neste momento. Não preciso dizer aqui dos resultados desastrosos.

Só para explicar a titularização: o espaço construído, embora ele esteja fixo no lugar, através dos novos instrumentos financeiros, como securitização, como fundo de investimento imobiliário e outros, pode circular na esfera financeira sem sair do lugar e sem, inclusive, passar concretamente a propriedade de mãos. São cotas que dão direito a extrair renda de determinado local sem que você necessariamente compre esse local. Não tem esse negócio de comprar uma sala de escritório ou comprar uma laje corporativa. Você tem cotas de investimento que te permitem extrair a renda. Um grande artefato do complexo imobiliário na cidade é o shopping center. (Eu lembro que Terezinha abriu falando do *shopping center*.)

Quem acha que o *shopping center* é um produto comercial, uma reorganização do comércio de varejo, está plenamente enganado. O *shopping center* é o primeiro experimento de um produto do complexo imobiliário financeiro, onde os capitais se juntam de uma nova forma para configurar uma possibilidade de extração de renda futura e que, e este é o problema, na realidade, concreta, altera o modo de vida na cidade, transformando o presente em um novo tempo, impondo novas formas de organizar a vida, porque é completamente diferente do mercado da rua, do mercado da calçada, das formas tradicionais de organizar o comércio. Um espaço controlado, como um *shopping*, define e determina quais são as

formas legítimas e não legítimas de comportamento lá dentro.

Tanto é que quando aconteceu um rolezinho de ocupação desses shoppings por jovens negros e negras da periferia foi um estardalhaço. Aquilo não foi feito para ser vivido dessa maneira. Eu não preciso dizer os efeitos desastrosos dessa nova captura dos territórios no aumento dos processos de desposseção pelo mundo. São paisagens para renda. *Shopping center*, torre corporativa, hotéis de bandeira internacional, absolutamente idênticos no mundo inteiro, que são exatamente artefatos do complexo imobiliário financeiro que vão capturando os espaços reais da vida, constituindo novas fronteiras de aplicação de um capital excedente global e se desvinculando cada vez mais das necessidades reais. Esse é o problema: a competição na cidade pelos lugares mais valiosos financeiramente, em uma verdadeira guerra.

Nós, humanos, com nossos salários e nossas poupanças, e aquilo que a gente tem, temos que disputar essas localizações com fluxos transnacionais de capital, o excedente do capital dos donos do petróleo, os plutocratas russos, o fundo de investimento da Apple, os fundos soberanos dos países. Eles também competem entre si, porque com o neoliberalismo, não há mais qualquer bloqueio para o capital financeiro poder circular livremente pelo planeta.

Nós, não. Nós temos que tirar visto, passar na fronteira, um monte de gente morre tentando atravessar a fronteira, mas o capital não. O capital se move em um clique. Foi. Clique, saiu. Dessa forma, vai transformando concretamente e materialmente as cidades.

A desigualdade urbanística é fruto do planejamento e da política urbana e não da falta deles

Agora eu vou falar sobre essa nova ordem, como a cidade vai sendo a cidade formal, aquela que está nas normas, aquela que está nas regras. Ela vai sendo capturada pela lógica de que o melhor uso do espaço, e é assim que a política urbana opera, é aquele que vai oferecer maior rentabilidade para o capital investido, não aquele que é mais necessário, aquilo de que a gente está mais precisando para viver.

Só que isso não organiza a totalidade da cidade. Na verdade, e aqui vou aterrizar nos territórios populares, vou falar daqueles territórios que se organizam historicamente sob a lógica da vida e da sobrevivência, e que foram e são autoproduzidos pelas próprias pessoas e com poucos recursos, porque é pouco dinheiro no bolso e nenhum investimento público, porque não são áreas previamente urbanizadas e infraestruturadas. São aqueles territórios que são frutos de processos de desposseção, que vêm desde a mi-

gração do campo, mas também da autoprodução do habitat, que é permanentemente negociada com o Estado entre o seu aparato normativo e a sua força repressiva, e a sua gestão pela política discricionária e clientelista.

Faço uma pausa para a gente entender as nossas cidades neste momento. Estou falando sobre o enraizamento de um modelo excludente que opera a partir de regimes de transitoriedade permanentes, em negação de cidadania plena. Sob esses regimes que vou desenvolver, entra uma era neoliberal digital financeirizada do capital. Que regimes são esses, que estou chamando regimes de transitoriedade permanente? É muito interessante a gente entender, e até o no meu livro *Planejamento das desigualdades*², um livrinho que lancei no começo desse ano, com um prefácio maravilhoso do Emicida³, melhor coisa do livro é o prefácio do Emicida. Nesse livro, tento mostrar como a desigualdade urbanística é fruto do planejamento e da política urbana, e não da falta deles.

Costumam dizer:

- "Ai, a cidade é assim porque não tem planejamento".

2 SÃO PAULO: O PLANEJAMENTO DA DESIGUALDADE

RAQUEL ROLNIK / PREFÁCIO: EMICIDA

Fósforo Editora, São Paulo, 2022.

³ Leandro Roque de Oliveira (1985), mais conhecido pelo nome artístico **Emicida**, é um rapper, cantor, compositor e apresentador brasileiro. É considerado uma das maiores revelações do hip hop do Brasil da década de 2000.

Não. Tem uma política urbana que é excludente, que reserva os melhores lugares da cidade para o complexo mobiliário financeiro, inclusive de PPPs, parcerias público-privadas, através de operações urbanas, do próprio urbanismo, do modelo urbanístico que, na verdade, estabelece uma relação com aquilo que não é produzido sob essa ordem. Estou falando do conjunto das favelas e das periferias do nosso país, uma relação ambígua, de ambiguidade. Por que é uma relação de ambiguidade? Porque decreta, através da linguagem da normativa, o espaço como ilegal, informal. Não pode ocupar, não pode lotear assim. Apesar de ser ilegal ou informal, como é dito na própria linguagem do planejamento, ele não é eliminado. Eventualmente, ele é eliminado, quando uma frente de expansão do complexo imobiliário financeiro precisa de um novo lugar, como aconteceu, por exemplo, na preparação da cidade da Copa.

Nesse caso, você acaba provocando remoções daquele espaço no momento de expansão da cidade, do complexo imobiliário financeiro, mas isso é excepcional. Quando isso acontece, é uma violação, provoca despejos, acaba com a vida das pessoas, mas é excepcional. No cotidiano, os espaços, que são chamados informais, irregulares, ilegais, são tolerados, porém permanentemente estigmatizados. Tolerados, porém ali não reina a ordem urbanística e nem a cidadania que reina no conjunto das cidades. Se aquilo faz enten-

der como é que é possível que, por exemplo, quando a polícia vai procurar um traficante em uma favela, vai entrando atirando de fuzil para tudo quanto é lado. Quando a polícia vai procurar um traficante na cidade formal produzida, vai com um mandado de um juiz, entra civilizadamente dentro do prédio, pede licença no condomínio.

Estamos falando da delimitação de territórios onde não reina a ordem jurídica predominante, onde o Estado é ausente. Na verdade, tem Estado, mas um Estado que pode atuar de forma discricionária, ou seja, não é regular, é ilegal... O Estado argumenta:

- *“Ah, mas eu olhei para cá e aí vou estender a água. É uma reivindicação, as pessoas estão sem água. Vamos estender a água.”*

Mas a água que chegou lá, a água, o esgoto, o asfalto, a escola, não são fruto de uma ordem normativa normal como é o caso de quando a gente aprova dentro da cidade formal uma casa, constrói uma casa, liga para a companhia de água:

- *“Por favor, faz a ligação.”*
- *“Pois não, está ok, eu posso... e não sei o que mais, estamos ligando.”*

Não. A água, o esgoto ali são fruto de um processo de organização, negociação, luta e mediação política. Aí é que entra a relação

disso com o nosso sistema político, porque o nosso sistema político, e isso para a gente entender o centrão, não dá para entender o centrão e a sua hegemonia na política, o modo centrão de ser, que vai abarcando o conjunto dos partidos, se a gente não entender esse mecanismo no qual sobre a maior parte da cidade reina um ponto de interrogação. É para ficar ou vai sair? É legal ou é ilegal? Vai ser consolidado ou vai desaparecer? Vai ser removido ou vai ser urbanizado? O ponto de interrogação reina de modo que, a cada momento, a transformação daquele lugar é objeto de negociação política.

- *“Eu trago a água aqui, eu trago asfalto ali, você vota em mim.”*

Isso, gente, construído democraticamente, na ordem democrática. A luta dos moradores das favelas e periferias pelos seus direitos se transformou na política profissionalizada do escambo, da inserção e inclusão política e territorial em troca do voto. Respondo com o voto. Através disso vão se alimentando as eleições e, através disso, entra uma ordem que exclui a maior parte, que bloqueia a entrada na cidade formal, produzida, da maior parte dos habitantes, porque também não dialoga com as formas de vida, as formas culturais: os modos de organização dos territórios populares não são permitidos dentro desse espaço.

Nos momentos de crise, a gente vê que o capitalismo digital, neoliberal, financeirizado é hegemônico, porém morto.

Ao mesmo tempo que a entrada da maioria da população é bloqueada nessas áreas, essa ordem é reiterada automaticamente. É claro que eu vou complicar mais ainda nossa conversa, para dizer que os territórios populares não são o espaço idílico da alta organização solidária dos trabalhadores que, em alguns momentos da história, já também pensamos se tratar, embora ali tivessem nascido e estão presentes ainda hoje, com muita força, espaços e organizações de autogestão solidária, ligados na defesa da vida. Isso está absolutamente presente, mas está presente também, e isso está absolutamente presente, todo um processo de entrada da lógica neoliberal digital financeirizada.

Não dá para entender o triunfo do bolsonarismo e a sua base política popular se não entendermos esses processos de transformação. Acho que, para poder terminar, colocando de uma forma muito genérica, o excedente de capital acumulado nas periferias e territórios populares, tanto através dos mercados ilegais da droga e do contrabando, mas também através dos mercados legais, do comércio, dos serviços, de uma periferia onde mora a maior parte da população, migra para o imobiliário. Definindo ali um enlace entre a flexibilização e a uberização que acontece

no mundo do trabalho e a informalidade, permitindo que, mesmo precário, o espaço construído pode ser objeto de extração de renda, que, eventualmente, pode ser até concentrada nos circuitos superiores de concentração do capital - aqui, Milton Santos⁴.

Aí é necessário entender a natureza dos regimes de gestão privados que se constituem nesses territórios, essas verdadeiras parcerias público-privadas, onde o controle do estoque construído, ou construção de um novo estoque nas periferias e favelas, opera entre formas violentas de controle territorial, de facções ou de milícias, a relação com o Estado, através, principalmente, da política, da PM, de políticos e da própria política pública. Por exemplo, a política que renuncia à ideia do acesso à habitação, em nome, por exemplo, de um auxílio aluguel, um *voucher* de auxílio aluguel, que, inclusive, pode ser associado ao capital.

As *fintechs* estão entrando nesse pedaço, que permite que uma pessoa use um voucher de aluguel para alugar um barraco, uma construção em uma favela, em uma periferia absolutamente precária e, portanto, viabilizando esse mercado e a penetração do sistema financeiro, do circuito financeiro, no território popular sem nenhum compromisso com a sua qualidade e a qualidade de vida de quem

⁴ Milton Almeida dos Santos (1926-2001) escritor, cientista, jornalista, foi um dos mais importantes geógrafos brasileiros.

vai estar ali. Contudo, esse sistema termina viabilizando a entrada do capital e a entrada do grande capital nos locais onde ainda eram bloqueados. Para que eu não termine a minha fala aqui, porque terminando a fala aqui, alguém pode pensar:

– *“Meu Deus, que desgraça, vamos nos jogar do décimo quinto andar.”*

O que a gente faz? Não dá para dizer, não dá para a gente terminar sem dizer que, frente a essa ordem, se organizam resistências absolutamente importantes e críticas. Eu poderia dizer que todas as formas de vida, todas as formas de estruturação de espaço estão baseadas na construção de paisagens para a vida, que estão estruturadas para garantir a alimentação, a saúde daqueles que lá estão. E a gente teve experiências incríveis durante a pandemia, das cozinhas solidárias, das estratégias de autocuidado, de como se estruturaram paisagens e formas de convivência e de construção para defender a vida e que, evidentemente, têm uma precariedade, porque não há recursos públicos vultuosos entrando ali.

Todas essas formas, todo o processo de resistência indígena e essas vozes trazem para a gente a ideia de que é possível se estabelecerem outras relações com a natureza, outras formas de territorialização, que não essa ditada pela propriedade privada

mercantilizada, financeirizada na fase atual. Coloco nessa mesma chave todas as lutas antirracistas que denunciam o racismo ambiental, estruturador das formas de organização do território.

Todos os movimentos que defendem a segurança alimentar, a alimentação de boa qualidade contra a ideia da produção infinita do agro-negócio, destruidor da vida e da natureza, estão absolutamente colocadas nessa mesma chave. Todas as formas de resistência, de denúncia em relação ao modelo de organização, que é o modelo de organização tributário do petróleo, que produz a carbonização, que produz a crise climática, toda a contestação em relação a esse modelo e às experiências na direção de se pensar a renaturalização das cidades, fazer emergir a terra, planta, rios, água, a reidratação das cidades, todos esses movimentos são absolutamente centrais presentes hoje, que experimentam concretamente outras formas de existir, de ser.

Neste momento, eles parecem ser minoritários; parecem, embora contra hegemônicos e insurgentes, ser incapazes de desafiar o modelo hegemônico. Mas é assim nos momentos de crise. Nos momentos de crise, a gente vê que o capitalismo digital, neoliberal, financeirizado é hegemônico, porém morto. Ele é incapaz de entregar aquilo que havia prometido e, portanto, essas iniciativas, essas experiências vão ganhando espaço, ganhando

fôlego, ganhando recursos públicos, ganhando mais experiências e, sobretudo, se vocalizando na esfera pública.

E é por isso que é tão importante nessas eleições votar em mulheres indígenas, negras, trans, votar nas lutas que estão procurando encontrar, também na esfera pública, - a sua voz a partir desse empoderamento.

Nesta geração, neste momento, construiremos cidades sem portas, sem armadilhas, verdadeiras paisagens para a vida. Muito obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A pergunta fundamental que está embutida na reflexão ética: “E eu com isso?”

Muitíssimo obrigada, Raquel. Muito bom participar junto com você deste momento especial para a gente, para pensar nisso que estamos vivendo agora. A sua provocação para a nossa reflexão é fundamental. Acho que cada um de nós aqui pôde sentir essa provocação, porque quando você fala em algo que não é o estabelecido, que não é o legítimo, está falando de pessoas, de grupos e situações que são diferentes dos nossos cotidianos. Está falando de experiências que estão aí, que a gente observa, sobre as quais falamos, mas que a gente não tem vivenciado efetivamente. Quando trabalhamos as questões relacionadas

com a ética, fomos buscar a pergunta fundamental que está embutida na reflexão ética, que é: “E eu com isso?” “E eu com isso” não no sentido de dar de ombros, mas diante dessas coisas que presencio e vejo serem vivenciadas, o que eu tenho que fazer. O Brasil está assim: “E eu com isso?” Porque se eu não tiver nada com isso, vou dormir tranquila. O danado é que temos e é por isso mesmo que você fala nesse apelo a uma conscientização, principalmente neste momento que a gente está vivendo. Vi que a Andréa entrou. Quero agradecer mais uma vez a ela, que nos recebe junto com Sabrina no CPF e proporciona essa possibilidade de discussão.

ANDRÉA DE ARAUJO NOGUEIRA

Eu que agradeço, Terezinha. Muito obrigada. Muito obrigada, Raquel.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Há residências, casas e lares...

Vamos receber as questões que vocês queiram nos mandar pelo chat. Se quiserem abrir o microfone, há essa possibilidade, mas quero marcar algumas coisas que ficaram dentro de mim, Raquel, enquanto você ia expondo.

Você fala em paisagens para a vida. Essa ideia de paisagem, a imagem, eu acho maravilhosa e precisamos recuperá-la. Você fala que

os terrenos são medidos por metros hectares. Ninguém lembra da terra, da curva do rio, de um morro. Eu me emociono, porque me lembro, quando eu tinha sete anos, meu pai ficou na fila do IAPI (o IAPI era o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, o que agora é o INSS). Ele ficou na fila do IAPI para comprar um terreno. Conseguiu comprar um lote em Belo Horizonte. Em um domingo. Minha mãe vestiu minha irmã e eu com roupas dominicais para a gente ir com o papai ver o lote. A gente perguntou:

- "O que é lote?"

Ele disse:

- "É onde a gente vai morar."

Lá fomos ver o lote. Chegamos: era mato, aquele mato. Papai disse:

- "Esse é o lote."

Eu e a minha irmã ficamos ali num desaponto total. Aquele matagal era o lote. Era onde a gente ia morar? O que salvou o lote é que lá tinha pés de gabirola. Para quem não conhece, gabirola é uma frutinha deliciosa, que a gente não encontra mais.

Naquele dia, aprendemos que naquele lote de gabirola seria construída a nossa casa. Teve festa da cumieira, quando, de repente,

já podia cobrir a casa. Estou falando isso por causa da ideia de casa mesmo que a gente trouxe, e como é que na semântica a coisa é diferente. Há residências e há casas. A residência do deputado e a casa de quem mora na favela. Eu quero que a gente possa pensar um pouquinho essa ideia. Queria que você pensasse junto conosco isso. Serão lares? Porque se usa essa expressão, essa palavra, mas o que é lar? Onde que a gente está pensando, nas cidades, nos lares que a gente poderia ter? Daqui a pouco já vamos abrir para os outros. Eu falo, mas quero muito que todos possam trazer as suas considerações, perguntas etc.

Obrigadíssima, Raquel. Valeu esta manhã tão boa.

RAQUEL ROLNIK

Eu que agradeço. Vamos esperar as questões.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Há uma do Anaximandro.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

Professora Raquel: as Constituições da Bolívia e do Equador tratam a Mãe Terra (Pacha Mama) como sujeito de direitos. Podemos falar nas cidades também como sujeitos de direitos? Quais seriam os principais direitos da cidade? Obrigado.

RAQUEL ROLNIK

O modelo predominante é de subjugação da natureza

Obrigada por essa questão. Foi bom ter trazido essas experiências, porque parece que essas coisas que eu estou colocando também estão sendo vividas institucionalmente. Tudo que estou fazendo aqui é tentando traduzir a ideia do bem viver no âmbito urbano. É repensar o âmbito urbano, porque o modelo predominante é de subjugação da natureza. Quer dizer, absolutamente negando o direito da Pacha Mama. Se a gente for ver, os rios são entubados dentro de canais, ou, senão, dentro de um canal, enfiado, ou, senão, dentro de um tubo para poder, em cima dele, passar um sistema viário que é aquilo que vai definir a estrutura da cidade, cuja função é, basicamente, aumentar a possibilidade de circulação do capital, das mercadorias, das pessoas e da força de trabalho, enclausurando os rios.

Quando a gente vai pensar os desastres ambientais que estão acontecendo hoje nas cidades, tem tudo a ver com a forma como essa natureza foi subjugada. Me parece que mais do que falar em direitos da cidade, parece que temos que falar em direito da terra na relação com o urbano, e pensar como que se pode pensar uma outra territorialidade urbana que tenha outro tipo de relação com a

terra, com a chuva, com a água, com o rio, com a árvore, com a planta, com o quintal, com a gabirola, onde a gente possa também fazer existir esses outros seres que vivem, além dos humanos, nesses espaços.

Nesse sentido, pensando também a descarbonização, li uma matéria recente que diz que 8% de todas as emissões do carbono do planeta vêm do cimento, das construções de cimento. É muito forte. É muito grande. É muito intenso. E pensar que toda a materialidade da construção é uma materialidade baseada em uma matriz, que é uma matriz de destruição. Pensando nisso, me parece que os direitos da terra são elementos muito centrais para a gente repensar.

Agora, é importante você ter levantado também essa questão do direito das cidades, porque há um movimento importante, que está emergindo, e é interessante, porque ele funciona como uma espécie de grande plataforma de articulação de movimentos distintos, que são os movimentos pelo direito à cidade. Movimentos pelo direito à cidade no sentido de eliminação dessa fronteira, que foi a fronteira a que me referi, onde uma parte do território produzido é um território que não está configurado a partir do direito, mas a partir da negociação política discricionária permanente, que é esse território de transitoriedade permanente.

Pensar em direito à cidade é interessante, porque a plataforma de direito à cidade articula lutas em torno do transporte coletivo de qualidade, acessível, lutas em torno da moradia adequada, lutas em torno de um espaço público generoso para se viver, de espaços para respirar. Essas várias dimensões dessas várias lutas se articulam em torno de uma plataforma, que é a plataforma do direito à cidade, que hoje pode ser uma das instâncias onde essas experiências e essas lutas específicas e particulares, esses espaços libertados da lógica de construção das paisagens para renda podem se articular.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Fernando Rios traz uma questão

FERNANDO RIOS

Alguns estudiosos do meio ambiente costumam dizer que o ser humano é o câncer da terra. Onde ele se instala, há uma deterioração do meio ambiente. Sempre, as grandes cidades têm trazido muitas contradições. E cada vez mais, o capital neoliberal tem contribuído para isso, tem sido responsável por isso. Que experiências mundiais podem nos ajudar a minimizar esse processo?

RAQUEL ROLNIK

A construção cooperativa, que não é

individualizada, protege o território dos ataques da mercantilização.

Essa é a pergunta que não quer calar, Fernando. As lutas que hoje o pensamento crítico realiza em relação ao modelo predominante da urbanização estão em torno disso. Quero assinalar a importância desse debate, porque, na verdade, se a gente for ver a história da luta pela reforma urbana no Brasil, que tem uma história, ela foi muito influenciada pela noção de inclusão territorial. O que era a noção de inclusão territorial? É a ideia da extensão das infraestruturas dos equipamentos públicos e dos modelos de cidade lá onde isso não estava acontecendo, ou seja, nas periferias, no território popular. Só que, ao fazer isso, a gente tomou acriticamente o próprio modelo de cidade. Queremos, então, entubar os rios da periferia? Queremos, então, eliminar todas as árvores da periferia? Queremos eliminar qualquer vestígio de ruralidade, produção alimentar e de comida, que é o modelo predominante das cidades? Queremos cimentar tudo, pavimentar tudo, shopping center para todos, torres corporativas para todos, consumo infinito para todos? É esse o modelo? Lixo infinito para todos? Esse é o modelo?

Isso complica a nossa vida, porque a pauta da inclusão territorial pressupõe a extensão e a continuação. Essa foi uma das contradições, inclusive, a meu ver, da política

urbana e habitacional do governo Lula, que foi na dimensão da política urbana, que foi justamente a ideia da extensão, da inserção no consumo. Carro para todos. Então é carro para todos, fumaça de óleo diesel para todos, é produção infinita para todos, um salário melhor para consumir mais, sem que, na verdade, o processo absolutamente urgente, necessário, de transição energética, de transição ambiental, de transição alimentar, que é o que nós precisamos construir, esteja colocado em pauta.

Acho que a diferença entre as lutas e os movimentos dos anos 1970, 1980, dos quais participei, e que a Terezinha também deve ter participado, pela democratização, pela inclusão, a diferença, tem uma enorme continuidade dessas lutas hoje, mas há uma diferença fundamental: elas hoje precisam questionar o modelo, que é um modelo produzido, é um modelo de colonialidade do pensamento, produzido a partir do centro do capitalismo como modelo hegemônico, excludente, patriarcal, extrativista, não equilibrado. Temos que discutir o modelo. Não é só querer participar dele.

Agora, que experiências a gente tem? Como eu falei, são experiências muito pontuais. Por exemplo, falei o quanto a questão da propriedade privada é absolutamente essencial. Experiências de construção de propriedades cooperativas. Isso tem uma tradição dentro da esquerda cooperativista, que já esteve

presente construindo experiências de cidade com formas de vida desde o final do século XIX, ao longo do século XX, em lugares diferentes da Europa, da América do Norte e, no caso da América Latina, a experiência uruguaia de construção cooperativa também é muito importante, muito relevante.

Hoje está uma verdadeira febre de retomada das experiências de construção cooperativa, porque é outra forma de pensar a propriedade que não é individualizada, que é coletiva, e que, portanto, protege o território dos ataques da mercantilização. Porque quem acha que a propriedade privada é a forma mais segura está enganado. A propriedade privada é a forma que mais dialoga com a possibilidade de mercantilização e circulação do bem, não aquela que vai garantir a segurança da posse para quem a possui.

Na verdade, o que se tem no modelo cooperativo é que ele traz uma espécie de propriedade solidária que funciona como um bloqueio daquele lugar para os ataques especulativos e de mercantilização, aquilo que a gente chama de gentrificação. Porque mantém aquele território sob o controle daquela coletividade, permitindo que se alguém quer sair e entrar outra pessoa, isso também possa acontecer, também vai acontecer. Não é que está preso lá, nunca mais pode sair, mas que isso vai para outro membro cooperado, outra pessoa que pretende manter esse coletivo.

O modelo da cooperativa, o modelo de posse coletiva, é uma das formas que estão sendo experimentadas de se pensar esses outros modos de organizar o território, sobretudo o vínculo das pessoas com o território que ocupam.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Raquel. Vão pensando aí nas suas questões. Anaximandro volta. e diz:

–“Lembrei do projeto O direito achado na rua, nascido na Universidade de Brasília, que trata o direito como ‘expressão de uma legítima organização social da liberdade’”.

RAQUEL ROLNIK

É fundamental discutir de que forma a ordem jurídica é central para constituir processos de despossessão e a hegemonia da colonialidade.

Foi ótimo ter trazido isso. Acho que é muito interessante para a gente pensar nisso a ideia de pluriverso. É a ideia de múltiplas formas de organização do espaço, dos modos de vida e a legitimidade da coexistência dessas formas, rompendo com a ideia, que acho que é a ideia hegemônica, de modelo único, de um só modelo hegemônico.

O que *O direito achado na rua* produziu é

justamente a ideia do reconhecimento dessa diversidade de formas, a sua não hierarquia e a horizontalidade dessas formas. E o direito é absolutamente central nessa discussão. Tenho trabalhado muito nisso. Os primeiros livros que eu escrevi, que foram minha tese de doutorado (*A cidade e a lei*⁵) são justamente para discutir de que forma a ordem jurídica é central para constituir esses processos de despossessão e essa hegemonia da colonialidade. A ela se contrapõe essa possibilidade de vários mundos, da coexistência simultânea de vários mundos.

Outra proposta que sai dali, aí eu falo da Ananya Roy⁶, que é uma urbanista indiana, radicada nos Estados Unidos, que fala da criação de zonas de secessão, que é um pouco assim... como a experiência da cidade de santuário, *sanctuary cities*, que foram cidades na Europa e na América do Norte que declararam que ali refugiados imigrantes são bem-vindos, podem vir. São cidades de acolhimento, espaços de refúgio, que vão ter regulações específicas, ou existência de zonas humanitárias, zonas de paz, zonas de biodiversidade, como é o modelo colombiano.

De certa maneira, na experiência brasileira, a ideia no planejamento de Zonas Especiais

⁵ **A CIDADE E A LEI: LEGISLAÇÃO, POLÍTICA URBANA E TERRITÓRIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

RAQUEL ROLNIK
Fapesp/Studio Nobel, São Paulo, 2013

⁶ **Ananya Roy** (1970) é urbanista, estudiosa do desenvolvimento internacional e do urbanismo global.

de Interesse Social - ZEIS, ou na experiência de Belo Horizonte, Áreas Especiais de Interesse Social, era um pouco isso. Era demarcar dentro da ordem urbanística zonas libertadas da ditadura da ordem hegemônica geral que, reconhecidas na sua especificidade, na especificidade dessas formas de organização. Me parece que é um pouco por aí pensar a política urbana inspirada nesses movimentos que já aconteceram no passado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Vamos à pergunta de Ana Carvalho

ANA CARVALHO

Estou mais imersa em realidades de cidades pequenas, 10 mil a 25 mil habitantes, e já vejo a instalação dessa lógica levantada pela professora Raquel. Que ações são necessárias para impedir ou retardar que esse modelo predatório se instale nessas cidades?

RAQUEL ROLNIK

Repensar a periferia não como carência, mas como presença, como potência.

Você tem toda a razão, porque é como se a gente tivesse um modelo único da cidade. O que quero ser quando crescer? O que quero ser quando crescer é o modelo único. Então, a utopia da cidade pequena e da cidade

média é se espelhar na metrópole, e assim tem sido historicamente, montada a partir do centro, uma utopia de periferia que é a extensão do modelo.

Mas, se a gente for prestar atenção naquilo que os sujeitos periféricos colocam sobre a ordem, aqui estou usando a expressão “sujeitos periféricos” do Tiaraju Pablo⁷, o sociólogo que um pouco vocalizou essa expressão da emergência de outros sujeitos e outras vozes que afirmam a periferia não como carência, mas como presença, como potência, e, a partir dali, repensar.

Para as cidades pequenas, me parece que se coloca a mesma questão: como é que elas podem, a partir da sua não destruição total e não transformação e subjugação total sob a lógica predatória, permanecer e se construir como um novo tipo de espaço? Acho que isso, mais uma vez, a gente tem experiência. De certa maneira, as experiências abertas durante a pandemia, em relação à questão da conexão com o on-line, abriram possibilidades também de modelos menos concentrados de urbanização, ou seja, é possível existir dentro de um lugar em meio à natureza e, mesmo assim, estar conectado e trabalhando. Claro que a experiência concreta desse tipo de vida foi totalmente classemidiocêntrica, foi apenas um pedaço muito pequeno da socie-

⁷ **Tiaraju Pablo D'Andrea** (1980) Sociólogo, professor, escritor e músico. Coordenador do Centro de Estudos Periféricos – CEP, centro de pesquisa vinculado ao Instituto das Cidades/Campus Unifesp Zona Leste, na cidade de São Paulo. <https://centrodeestudosperifericos.org/>

dade que teve o privilégio, como nós, professores, de poder viver assim. Mas isso, de alguma maneira, coloca possibilidades de uso das próprias tecnologias para que a gente possa ter modelos mais descentralizados e mais autônomos e a densidade construtiva necessariamente como norma.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Você estava falando sobre o neoliberalismo digital financeirizado. Quero recomendar para todos uma fala de Ricardo Antunes⁸. No nosso trabalho do ano passado, ele abordou exatamente a questão da uberização do trabalho, indo na direção disso que a Raquel nos traz. É o quarto fascículo das Conversas sobre ética. Ricardo dialoga com Raquel nessa perspectiva que ela traz. Essa ideia de o que vou ser quando crescer é uma coisa muito interessante, porque a gente tem uma espécie de cooperativa, Fernando e eu e a nossa família, com um grupo de famílias de amigos, em São Lourenço da Serra, próximo aqui de São Paulo. Costumamos nos queixar:

- “São Lourenço não tem nem uma livraria, não tem nem um café legal.”

8 A MORAL É BURGUESA? – TUDO COMEÇOU COM O PATRÃO...? A MORAL DA CLASSE TRABALHADORA

RICARDO ANTUNES

moralidades, amoralidades, imoralidades: conversas sobre ética / fascículo 4

<https://centrodepesquisaeformacao.Sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a-3c20a3a49bca9/347/16462453511023512017.pdf>

Outros podem falar:

- “Não tem nem um shopping center, que coisa.”

Eu me lembro da ideia mesmo que você retomou aqui, do Frei Betto, Raquel, não sei se estavam todos, ele chama os shoppings de catodrais, supermercados, coisas importantísimas. Ele contou para nós, na semana passada, que, às vezes, entra no supermercado, no shopping e logo vem alguém e diz:

- “Posso ajudar?”

Ele responde:

- “Não, estou fazendo apenas um passeio socrático.”

Aí ele tem que explicar:

- “Sócrates andava pelo mercado em Atenas e se alguém perguntava a ele se podia ajudar, ele dizia: ‘Não, estou só dando um passeio para ver de quantas coisas eu não preciso para ser feliz.’”

É ótima essa ideia. Porque está associada mesmo ao conceito de felicidade como propriedade.

RAQUEL ROLNIK

E felicidade como consumo, não é?

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Sem dúvida.

RAQUEL ROLNIK

Não vai dar para sete bilhões de pessoas viverem com o nível de consumo da classe média europeia e norte-americana.

E acumulação de bens. Todo modelo, inclusive o modelo que alimentou o modelo das utopias socialistas e comunistas também era o modelo da prosperidade e do acesso aos bens e do consumo. Quer dizer, um salário digno para poder ter um consumo infinito. Isso tudo, e a ideia central, e aí também vai a crítica, que é a ideia do desenvolvimento, o desenvolvimento como o eixo do processo de transformação territorial, quando, na verdade, o modelo do desenvolvimento, que é transformação infinita da natureza, subjugação infinita, natureza extrativista, e agora ficou absolutamente claro para todos nós que não vai dar para sete bilhões de pessoas viverem com o nível de consumo da classe média europeia e norte-americana. Não vai rolar. Não dá. Não cabe. E agora?

Mas não era essa a promessa, para todo mundo

acumular e ter? Estamos em uma encruzilhada bem importante mesmo. E nessa encruzilhada, a necessidade da revisão das utopias é muito determinante, me parece. Excelente a fala citada do Ricardo Antunes. Eu olhei ele. O Ricardo é um guru ali para a gente pensar a questão dessa transformação, da uberização. O que tento trabalhar é como a uberização também está transformando os modos de produção das cidades, em tudo, e vai entrando nas lógicas de tudo, de como essas outras são formas de extração dessa renda.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Verdade. Temos aqui alguém mais que queira se manifestar, queira trazer uma pergunta para a Raquel? A Cilô Lacava está trazendo uma observação.

CILÔ LACAVAL

Em 1969, comecei a fazer plantios de árvores e de um gramado para criar espaços de sombra para brincar livremente na cidade de Penápolis, em São Paulo. Isso continuou no trajeto da minha vida pessoal e profissional. Tornou-se um projeto nomeado como *Terra, terrinha, terrazona - natureza, arte e cidadania*. Estou achando que devo retomar esta ideia. Acabei de perder, para mais uma vaga de estacionamento, um Jacarandá Mimoso do qual cuidei por 25 anos.

RAQUEL ROLNIK

Desenvolvimento sustentável: uma falácia terrível porque não rompe com a lógica do consumo e da subjugação da natureza.

É isso mesmo. É disso que se trata e retomar esse projeto, retomar essa prática é central. Nesse sentido, acho importante articular ações individuais com uma discussão mais global sobre o próprio modelo. Acho que isso é que tem também uma dimensão muito interessante. E, ao mesmo tempo, pensar, foi bom você ter trazido isso para a gente falar, porque tem nessa discussão ambiental, essa ideia do desenvolvimento sustentável. Ela me parece uma falácia terrível, porque é uma ideia que não rompe com a lógica do consumo e da subjugação da natureza, não rompe com os fundamentos do processo de organização territorial em nome de procurar salvar o próprio capitalismo. É impressionante como vai se apropriando e a ideia toda da sustentabilidade, do capitalismo sustentável, vem e se alimentou das lutas e das resistências ambientais, que já se configuram hoje. Pelo menos, desde os anos 1960, a gente já vê a vocalização dessa questão, como isso tudo vai sendo absorvido para se transformar em um novo produto.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A possibilidade, muitas vezes, tem que ser

criada, inventada, e acho que é esse mesmo o nosso grande desafio.

Terra, terrinha, terrazona. Que bonito, Cilô. A gente tem que se juntar a você nesse projeto. O avô de Rodrigo (Henriques Azeredo), que está aqui com a gente, se lembrará, ele é um defensor dessa ideia. O avô sai com mudinhas de plantas em Belo Horizonte e vai procurando espalhar para todo canto, inclusive convidando as pessoas a estarem com ele. São esses esforços mesmo, Raquel, de que você falava, que permitem que a gente mantenha esse espírito utópico, utópico nesse sentido de que a utopia não é o impossível, mas o que ainda não existe. Temos repetido muito constantemente isso aqui. Algo que é ideal, que é desejado, que é necessário, mas que será só uma quimera se não for possível, e a possibilidade, muitas vezes, não está dada. Ela tem mesmo que ser criada, inventada, e acho que é esse mesmo o grande desafio nosso.

Alguém mais?

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

O ativista André Constantine⁹ faz referência às favelas como “condomínios privados... de direitos”. Quais são as potências desses territórios?

⁹ André Constantine (1976) é ativista de movimentos de favela. É Assessor Parlamentar no Rio de Janeiro.

RAQUEL ROLNIK

É absolutamente necessária a participação popular na definição da política urbana e habitacional

Obrigada por essa observação. Exatamente porque esses espaços não estão totalmente definidos e estruturados, sob a lógica da constituição, de paisagens para a vida, embora estejam sob permanente ataque e expansão dessa lógica, são oportunidades para se repensar modelos. Mas eu quero falar bem claramente aqui: isso não é possível sem um investimento público, sem capturar uma parte do orçamento público. Mas a questão toda é, pensando a partir da política habitacional histórica que a gente desenvolve no Brasil, inclusive a partir das políticas para as favelas, historicamente, a transformação do espaço das favelas é submissão e reafirmação de um modelo centralizado de organizar espaços. Por exemplo, destruir a favela para fazer apartamento, os BNHs, as COHABs, o Minha Casa Minha Vida, desrespeitando flexibilidades e formas de organização espacial que estão presentes ali, que são muito aderentes às formas de organização da vida e das economias populares. Enfiar e confinar pessoas dentro de um apartamento pode ser a morte dessas outras formas. É muito importante entender que o processo de transformação desse espaço tem que ser autonomamente definido a partir das

próprias necessidades e demandas de vida das pessoas que estão ali.

Quando a gente fala e defende que é absolutamente necessária a participação popular na definição da política urbana e habitacional, não é porque tem que fazer audiência pública, audiência pública que vem com projeto já desenhado e definido por alguém que não vive ali, a partir de um paradigma que não é o de quem está lá e trabalhando a partir de um modelo hegemônico e normatizado, mas sim abrir, de fato, um processo de construção autônomo, para que aquilo possa acontecer.

Me parece que isso é muito importante. Neste momento eleitoral, acho que é absolutamente necessário se votar em candidatos ao governo federal e ao governo estadual, aos executivos, que tenham minimamente compromisso com essas pessoas, não porque esses governadores ou esse presidente vão resolver essas coisas, vão transformar tudo. Não. É porque vai ser possível, a partir desses governos, capturar uma parte do fundo público para poder apoiar os projetos, as iniciativas e as lutas de quem está lá. Eu acho que a partir desse apoio descentralizado é que essas iniciativas e esses experimentos vão poder acontecer, mas eles não conseguem se não tiverem fundo público. Não vamos entrar na balela de que a solução é autogestão e filantropia empresarial. Isso jamais vai garantir uma presta-

ção do serviço no tempo, uma transformação sustentável no tempo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É verdade. É isso que a gente, às vezes, fica pensando: qual é o caráter do público? O que é isso? Porque é uma expressão, uma palavra, às vezes, desgastada, essa do “de todos”, essa “do povo”, por vezes fica esquecida, ludibriada. A gente tem falado aqui com muita constância que as palavras vão perdendo o significado e vão sendo deturpadas e a gente precisa de recuperá-las. Não temos mais aqui questões. Podemos ouvir aqueles que ainda trazem alguma observação. Nosso tempo já vai caminhando para esgotar-se. Alguém mais? Marcos Lorieri.

MARCOS LORIERI

Todos os funcionários dos governos são funcionários da população

Você falou do público. Aproveitando essa possibilidade, você participou de uma *live* onde eu estava, na qual falei que, quando eu era diretor de escolas, fazia questão de chamar a atenção dos funcionários públicos dizendo que eles não eram funcionários públicos, eles eram funcionários do público. Se havia algum chefe que deveria cobrar deles os adequados serviços, esse chefe era o público que demandava os serviços da escola. Por quê? É

esse público que paga os salários de todos os funcionários públicos. Essa mentalidade tem que ser mudada urgentemente, a começar pelo presidente da república e indo até o último funcionário na hierarquia estatal. Todos os funcionários dos governos são funcionários da população. A população é quem sustenta, a população é quem, através dos impostos, mantém a máquina pública a serviço do público. Essa é uma ideia que deveria ser plantada com muita força nas escolas.

Mencionei naquela *live* uma experiência que tive quando fui me apresentar às crianças do Ensino Fundamental I, informando que eu era o novo diretor da escola. Aí, perguntei:

– “O que vocês acham que um diretor tem que fazer?”

Uma criança me disse:

– “Tem que mandar em nós.”

Eu retruquei:

– “Por que mandar em vocês?”

– “Porque você é o chefe daqui.”

Eu falei:

– “Não, eu não sou o chefe, sou um empregado.”

Eles arregalaram os olhos. Alguém perguntou:

– “Empregado de quem?”

Respondi:

– “Empregado de vocês, dos pais de vocês.”

– “Mas como assim?” Um menininho perguntou.

Expliquei que os pais deles, quando compravam feijão, batata, arroz, coisas para a casa, um pedacinho do preço do produto era retirado e ia para o governo, para o governo pagar as despesas com tudo que era público, inclusive da escola, e que, portanto, o meu salário como diretor vinha desse dinheiro que vinha do bolso dos pais deles.

Aí um mais espertinho falou:

– “Ué, então o meu pai é que tem que mandar em você e não você que manda em nós?”

Eu falei:

– “Então vou chamar seu pai, sua mãe aqui, para eles mandarem que eu faça o que acham que preciso fazer em benefício de vocês.”

Uma outra menininha, sempre as menininhas são mais espertas, disse:

– “Eu já sei o que eles vão mandar você fazer, eles vão mandar você dizer para a gente

que a gente tem que estudar, que a gente tem que obedecer aos professores, que a gente tem que se formar para ser gente boa na vida.”

Eu falei:

– “Pois é, esse é um serviço e esse serviço tem que ser pago. Quem vai fazer esse serviço? Os professores, o pessoal da cozinha, o pessoal da limpeza. Está todo mundo sujeito a esses serviços, mas o patrão de todo mundo é o público.”

Mantive esse conceito nos 20 anos em que fui diretor de escolas públicas, fazia esse discurso para quem trabalhava comigo. E acho que consegui mudar algumas cabeças girando um pouco o botão e tirando aquela plaquinha horrorosa que tem nas secretarias e nas repartições públicas que diz assim: “De acordo com a lei tal, a falta de respeito ao funcionário público é crime”.

Nas escolas em que fui diretor, mandei tirar essa placa. Isso é um absurdo. O crime é o funcionário público não funcionar como um funcionário do público. É preciso capturar, professora Raquel, realmente, todos os recursos públicos, porque eles não são dos governos, eles são da população.

RAQUEL ROLNIK

Espaço público é propriedade comum do conjunto dos moradores daquele território

Muito obrigada por essa intervenção... eu sou funcionária pública, como professora da USP em tempo integral, tenho muito orgulho disso, e acho que isso leva a uma outra questão, que é um tema que até trabalhei durante um tempo e não tenho trabalhado muito agora, que é a necessidade imperiosa que temos no nosso país de construir a ideia de público.

O que é público? Público não pode ser propriedade privada do estado, espaço público. Pensando do ponto de vista de cidade, espaço público é visto e vivido como propriedade privada do Estado, para ele fazer o que bem entender. Mas não é assim. Espaço público é propriedade comum do conjunto dos moradores daquele território. A ideia de caminhar na direção dos comuns, da comunalidade, da ideia de público como comum, apropriado pelo conjunto dos cidadãos, me parece que é um dos eixos fundamentais nesse processo de reconstrução.

Devemos considerar outras territorialidades que possam se estabelecer a partir da apropriação coletiva e do bem comum, construindo aquilo que me parece que nunca foi construído entre nós, que é a própria noção de público, de espaço público e da dimensão pública.

Isso vale para política, mas vale para o espaço urbano também, completamente. É a matriz da propriedade privada que define o público na cidade. Do mesmo jeito que a propriedade privada é o fundamento do urbanismo, do planejamento, da política urbana, da estruturação urbana: o público e o espaço público são definidos como propriedades privadas do Estado e, portanto, podem fazer como Dória¹⁰ e os anos de PSDB em São Paulo, privatizar tudo. É dele. Ele vai lá e vende. Vende parque, vende estádio, vende tudo. Sai por aí vendendo. É um pouco essa crítica que acho absolutamente necessária a gente fazer a partir da ideia do “comum” e do estabelecimento daquilo que é “espaço comum”, e pensando quais são as formas de fazer a gestão do comum, qual é essa gestão do comum do qual funcionário do aparelho de Estado e cidadãos participam para trabalharem a gestão do comum conjuntamente, coletivamente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É lamentável que muita gente fica contente não porque são proprietárias, mas porque outros não podem sê-lo.

É verdade. Vamos terminando. Marcos, você disse que conseguiu mudar algumas pessoas? O Anaximandro, que trabalha na Receita Federal, diz que, a partir de hoje, vai passar a

¹⁰ João Agripino da Costa Dória Junior (1957) é um empresário, jornalista, publicitário e político brasileiro. ex-prefeito do município de São Paulo (2016-2018) e ex-governador do estado de São Paulo (2019-2022).

definir o trabalho dele como “funcionário do público”. Mais um, olha aí.

Há um artigo muito bom do Betinho¹¹ exatamente sobre essa questão do público e do comum. O Marcos fala da sua placa e de tantas placas que a gente vê em vários lugares que mostram bem essa história do público e do privado, algumas, dizendo “cuide desta sala como se ela fosse sua”. Olha só. Porque eu cuido do que é meu particular. A gente vê como as pessoas ficam contentes porque são proprietários, não por causa das coisas que têm, particularmente, mas porque outros não podem ser proprietários. Isso é horroroso, mas é um pouco o que a gente vê.

Vamos caminhando para o final e queremos voltar a agradecer a você, Raquel, por essa contribuição rica, pelas provocações que você nos traz. Você nos incomoda. Você é do estilo socrático mesmo. Você provoca para a gente poder efetivamente se mobilizar para a reflexão, e não apenas para a reflexão, mas para o engajamento mesmo, para a ação. Isso você nos traz com veemência e é disso mesmo que a gente precisa.

Por isso é que somos muito gratos a você

11 **Herbert José de Sousa** (1935-1997) foi um sociólogo e ativista brasileiro dos direitos humanos.
ARTIGO: A CAMINHO DO PÚBLICO E DA DEMOCRACIA
<https://www.celebrarbetinho.org.br/wp-content/uploads/2017/07/A-caminho-do-p%C3%BAblico-e-da-democracia.pdf>
Artigos no portal Celebrar Betinho:
<https://www.celebrarbetinho.org.br/biblioteca/>

e gratos também a todos e todas que estão aqui conosco, convidando para estarem depois de amanhã aqui com o psicólogo Tales Ab’Saber. O Tales vai explorar exatamente a ideia de que ninguém é humano sozinho. Como é que a gente come junto, mora junto, faz a vida juntos. É isso que a gente quer fazer, fazer a vida juntas e juntos para esse bem viver que você traz, Raquel. Muitíssimo obrigada.

RAQUEL ROLNIK

Eu que agradeço muito esta oportunidade. Foi muito legal. Aproveito para indicar outro livro meu, *A guerra dos lugares*¹². É onde desenvolvo bastante esse argumento da financeirização do espaço construído da moradia, para quem quiser se aprofundar, da Editora Boitempo. É isso mesmo. É uma chamada para o pensamento e para a ação.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada. Parabéns. Um abraço grande a todos. Sabrina, quer trazer algo mais?

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

É isso. Só vou agradecer também a presença de todos e a fala da professora nesta manhã, convidá-los para a próxima quinta-feira. As inscrições estão abertas no nosso site.

12 **GUERRA DOS LUGARES: A COLONIZAÇÃO DA TERRA E DA MORADIA NA ERA DAS FINANÇAS** RAQUEL ROLNIK
Editora Boitempo, São Paulo, 2019.

Então espero vê-los e vê-las aqui novamente. Reforçando o que a professora Terezinha colocou, que as mesas com a Tatiana Roque e com a Sônia Guajajara serão remarcadas para outubro e a gente vai informar também na nossa programação, vai estar com inscrições abertas. Assim que a gente tiver as datas confirmadas, a gente já conta para vocês em primeira mão quando elas vão poder estar conosco neste pós-eleições. Uma boa semana para todos. Espero vê-los e vê-las aqui na quinta-feira. Até logo, gente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Bom dia para todo mundo. Até mais.

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

6

É IMPOSSÍVEL SER HUMANO SOZINHO TALES AB'SABER

tales ab'saber

É IMPOSSÍVEL SER HUMANO SOZINHO

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e
Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ab'Saber, Tales

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 6 : é
impossível ser humano sozinho / Tales Ab'Saber ; idealização
e coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. --
São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo :
Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-24-4

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II.
Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180516

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

sabrina da paixão brésio

Próximo encontro:

Comer para viver ou viver para comer?

Olá a todas e todos, sejam bem-vindas e bem-vindos ao ciclo *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF, do SESC São Paulo, e deixamos o convite para a próxima mesa, do dia 30 de agosto, a mesa número sete: *Comer para viver ou viver para comer?*, com Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, que já está com inscrições abertas no nosso site.

Tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios, graduada em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em filosofia da educação pela PUC de São Paulo e doutora em educação pela Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores - GEPEFE, da Faculdade de Educação da USP.

Passo a palavra à professora para apresentação do nosso ilustre convidado de hoje. Desejo a todas e todos um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Uma reflexão sobre cultura, sociedade, história, política...

Muito bom dia para todo o mundo. Obrigada Sabrina. Quero agradecer a presença de todas as pessoas que estão conosco para acompanhar este ciclo: de onde viemos? onde estamos? para onde vamos? Aqueles que nos têm acompanhado fielmente desde o início já me ouviram repetir esse refrão, quando a gente coloca essas três perguntas fundamentais, a gente procura fazê-las à moda mineira: *doncovim? oncotô? proncovô?* E a questão embutida é: *quemcossô?* Quem que eu sou? Quem somos nós, os humanos, quais são as humanidades que temos construído desde sempre? Que seres humanos, que mundo a gente tem feito?

A gente quis que essa proposta fosse mesmo de um encontro onde pudéssemos fazer juntos e juntas uma reflexão, uma reflexão a propósito disso, dessa construção. E os temas básicos eram cultura, sociedade, história. E no decorrer da reflexão, aparece algo que está aí subjacente, mas que precisa de ser destacado, que é a Política.

Recorremos como primeira inspiração a Carlos Drummond de Andrade, nas suas Especulações em torno da palavra homem¹.

¹ ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
[https://wp.ufpel.edu.br/aulasmm/2017/II/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drum-](https://wp.ufpel.edu.br/aulasmm/2017/II/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/)

*Mas que coisa é homem, que há sob o nome:
uma geografia? um ser metafísico? uma fábula
sem signo que a desmonte?*

Vai indo o Drummond, vai perguntando:

*Por que vive o homem? Como vive o homem?
Por que chora o homem? Pra que serve o ho-
mem?"*

E termina dizendo:

*Que milagre é o homem? Que sonho, que som-
bra? Mas existe o homem?*

Nossos convidados vieram de alguma maneira nos ajudando a percorrer esse caminho das perguntas, perguntas geradoras de reflexão, perguntas que provocam um olhar diferente daquele que a gente tem no cotidiano, um olhar que permite ver de uma maneira mais clara, mais profunda, mais abrangente, e possa também nos encaminhar na direção da construção de humanidades que vão ao encontro dos princípios éticos, do bem comum. A gente já teve conosco o professor João Paulo Pimenta, que destacou a perspectiva da

mond-de-andrade/

história; o professor Ladislau Dowbor, que aqui está com a gente, coisa boa, e que, ao discutir a perspectiva da organização econômica, trouxe uma afirmação que foi percorrendo as falas dos outros convidados:

- *“Não existem problemas econômicos, existem problemas sociopolíticos.”*

E chamou nossa atenção para isso.

A seguir, Rita von Hunty trouxe, de uma maneira também provocativa, nos questionou:

- *“A categoria ‘humano’ está disponível para qualquer ser?”*

E nos provocou:

- *“Será que podemos todos nos chamar humanos?”*

Já vou remetendo algo para você, Tales, na contribuição que nos trará. E depois o Frei Betto veio nos estimular a pensar a estreita relação entre fé e política, no sentido de que é importante não politizar a religião e nem confessionalizar a política.

Na terça-feira, tivemos aqui conosco a professora Raquel Rolnik, urbanista, professora, militante, que mostrou como é que a gente mora, como é que se organizam essas formas de viver juntos?

Hoje trazemos Tales Ab’Sáber. Se formos pensar na ideia de que ninguém é humano sozinho, concluímos que é impossível ser humano sozinho. Tenho recorrido muito ao filósofo espanhol Ortega y Gasset (1883-1955), em um livro² em que ele diz:

- *“A solidão só é compreensível relacionada à ideia de companhia.”*

Ninguém é sozinho puramente, mas é sozinho de alguém. Se existisse só um homem, diz o Ortega, ele não seria um homem só, não seria alguém que poderia ter a experiência da solidão. A solidão é relacional e então é por isso mesmo que canta lá o Tom Jobim (1927-1994):

- *“É impossível ser feliz sozinho.”*

É impossível ser livre sozinho. É impossível ser humano sozinho. A gente criou o tema e gente buscou uma pessoa que nos trouxesse uma contribuição rica para pensarmos isso juntos e juntas: Tales Ab’Sáber.

Ele é psicanalista e professor de Psicanálise no curso de Filosofia da UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo. É doutor em Psicologia Clínica e Psicanálise pelo Instituto de Psicologia da USP, onde se graduou como psicólogo e é membro do Departamento de

2 O HOMEM E A GENTE

OSÉ ORTEGA Y GASSET

Livro Ibero-americano, Rio de Janeiro, 1960.

Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Sua primeira formação foi em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), por onde é mestre em artes. Fez seu doutorado no Instituto de Psicologia da USP, defendendo uma tese sobre clínica psicanalítica contemporânea. Em 2005, Tales recebeu o prêmio Jabuti na categoria Melhor Livro de Psicologia, Psicanálise e Educação, com o livro *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*, pela Editora 34. E lançou em 2022 o livro *O soldado antropofágico: escravidão e não pensamento no Brasil*, pelas editoras N-1 e Hedra.

No seu percurso de formado em cinema, de cineasta, Tales nos traz um documentário que quero recomendar a todos, que se chama *Intervenção - amor não quer dizer grande coisa*, que fez com Rubens Rewald e Gustavo Aranda, sobre as manifestações de extrema-direita no Brasil. A gente até ainda há pouco estava falando quem sabe na possibilidade de assistirmos e discutirmos o documentário.

O Tales vai trazer para a gente a contribuição da psicanálise, sobre a qual ele afirma: uma reflexão que é bonita e radical. Quando Tales fala isso, lembro do psicanalista, escritor e poeta brasileiro Hélio Pellegrino (1924-1988) que dizia que a Psicanálise é esse instrumento forte com o qual ele se voltava para a realidade e podia refletir

sobre ela.

Agradecemos muitíssimo a você, Tales, que-remos muito que possa ser mesmo nos apontar um amanhã de reflexão. A palavra é sua. Obrigada.

Tales tem 50 minutos, como tem sido o nosso trabalho, e depois a gente coloca as nossas ponderações, as questões que tivermos.

6

TALES AB'SABER



[...]o neofascismo e todos os fascismos são arcaísmos psíquicos, posição psíquica esquizoparanóide, diziam os analistas kleinianos[...]

[...]Temos uma crise em geral do trabalho e da vida e temos uma permanente ocupação do eu com essa excitação rebaixada, vagabunda, sem consciência histórica, sem mediação, pura falsificação histórica. Esse é o casamento da tecnologia do tempo com as forças da regressão psicopolítica. Das redes meméticas sociais com a posição esquizoparanóide primitiva, da guerra humana, instrumentalizada pelo fascismo. Por isso os fascistas adoram esse mundo hiperprodutivo, pura falsificação. E, no entanto, vivemos inteiramente dentro dele. [...]

Do ponto de vista da manutenção do capitalismo, devemos olhar tudo do ponto de vista do progresso, não dos permanentemente excluídos e exterminados que o próprio jogo produz. A grande questão contemporânea é quantos o capitalismo vai excluir para poder se reproduzir. É aí que o fascismo se reorganiza, como uma ansiedade diante da própria exclusão: esse homem comum autoritário do fascismo também é o homem sem destino no capitalismo contemporâneo, também é o homem que sabe que não tem qualidades nem técnicas para viver neste mundo e que sabe que não tem economia suficiente para ele. Eles estão superansiosos com o desemprego, superansiosos com a queda das suas ilusões, que o próprio capitalismo produz, e por isso surge, no interior do novo fascismo, a ideia de um retrocesso a um passado mágico, transcendente à modernidade dissolvente, surge a luta, como um certo comentarista falou, por eternidade, a busca de coisas eternas em meio à dissolução real de tudo. Que aí se volta para Deus, um Deus de fancaria e propaganda política fascista, mas uma ordem divina qualquer, que me oriente na perda da própria razão.

[...]o filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor Theodor Adorno (1903-1969), lá nos anos 1940, vai dizer: "não é possível pensar o nazismo sem psicanálise".

tales ab'saber

O fascismo é uma realidade política e uma realidade psíquica.

Muito obrigado amigos, muito obrigado Terezinha, Fernando, ao Sesc, a todos que estão aqui.

De fato, estou feliz de poder pensar com vocês hoje, de uma certa perspectiva, uma perspectiva curiosa, que é a da Psicanálise. Trata-se de uma perspectiva curiosa, por assim dizer, porque é uma perspectiva presente/ausente: muito presente sobre valores e sentidos na vida, mas também retirada do circuito comum e cotidiano dos pensamentos. Porque, desde Sigmund Freud (1856-1939), como todos sabemos, a Psicanálise é um saber sobre o humano, que implica *pensar e vir a saber*, sem saber inteiramente, uma vez que é um processo permanente de trabalho sobre o inconsciente.

O que quer dizer isso? Quer dizer que o saber da Psicanálise é mediado pela noção de inconsciente, que também está permanentemente sendo construída. O inconsciente é uma ideia, ou uma “coisa”, que está permanentemente sendo construída: não é acabado, e o analista presta atenção à produção dessa “coisa não acabada”. E, de uma perspectiva contemporânea de entendimento da Psicanálise, o inconsciente também é aberto à história.

Essa condição faz a presença/ausência da Psicanálise no mundo. Hoje em dia, por exemplo, quando estamos diante de transformações políticas contemporâneas que são respostas humanas, emocionais e ideológicas e sistemas de ideias em relação a uma crise muito grande do mundo contemporâneo - poderíamos até dizer, uma crise do sistema mundial da circulação das mercadorias - vemos a ascensão dessa transformação política, de um virtual espírito democrático para uma posição de radicalidade autoritária, que liquida pela raiz o direito à existência de outros. Estou me referindo, em um certo modo de falar, a uma emergência neofacista contemporânea. E isso pode ser pensado do ponto de vista do inconsciente implicado em tal transformação, ou seja, pensado com Psicanálise.

Esse processo político que acontece em nosso tempo, em que o outro é inimigo, adversário a ser exterminado, um negativo absoluto, que me põe em risco de existência, e por isso posso liquidá-lo, é algo próprio do fascismo, repõe a postura radicalmente antidemocrática do fascismo original. Esse tipo de conversão, para ver o mundo e o outro em estado de guerra, é uma conversão econômica, é uma conversão social, é uma conversão política...

e é uma conversão psíquica. Quando estamos diante do fascismo, fica muito claro o que importa à Psicanálise: o fascismo sempre torna muito claro aquilo que os psicanalistas chamam de *realidade psíquica*. O fascismo é uma *realidade política* e uma *realidade psíquica*, e temos visto isso com muita nitidez no Brasil de hoje.

Esse movimento *político psíquico* do presente se torna absurdo e doloroso para nós, que somos democratas; para nós, que temos um princípio fundamental de relação com a realidade que passa por uma mediação científica; para nós, que articulamos o vértice da ciência, a posição da ciência, com o horizonte racional de construção de contratos de mútuo reconhecimento, humano e político, que poderiam ir da democracia liberal ao socialismo; para nós, que acreditamos na Política como razão, do mesmo jeito que acreditamos na razão como produtora de sentido a partir do método científico, e acreditamos até em uma razão tão potente que pode criticar a si mesma naquilo que tem de autoritária, de liquidação de outros mundos, que ela própria desconhece, de liquidação de outras existências e ontologias sociais; entendimento que também são processos de razão, razão crítica.

Nós nos surpreendemos muito com a existência de pessoas que recusam a existência do outro e, no mesmo movimento, recusam as próprias mediações de construção de conhecimen-

to comum, seja ele científico, objetivo, seja ele político. Estamos diante de *um outro humano*, de uma outra humanidade que está se organizando emocionalmente, conceitualmente, de outro modo. Temos verificado isso no Brasil ao longo de todos esses últimos anos, com a presença de uma extrema-direita que se rearticulou tecnicamente pela internet e que, como disse o seu líder certa vez, *cria uma política de cunha*, que separa absolutamente os homens, as mediações e, do nosso ponto de vista, realiza uma deformação simbólica dos nossos fundamentos de mútuo reconhecimento, que eles desprezam.

Deixamos de lado a percepção, no nosso percurso de angústia e sofrimento, de que nós estamos produzindo o nosso sofrimento.

Para o que que estou querendo chamar a atenção de vocês para um começo de conversa? Que essas figuras são figuras de política, são figuras de sociedade e são figuras psíquicas. A radicalidade da *posição*, como dizem os psicanalistas kleinianos, da *posição psíquica fascista*: a radicalidade da *posição psíquica fascista* é todo um desenho do eu, do mundo, do outro e do que importa. O que isto quer dizer? Uma das coisas que cai, nessa *posição*, é a *ideia de igualdade pressuposta*, que fundamenta toda a democracia e toda república. Outra coisa que cai, como vimos tragicamente, é a ciência, no nosso caso contemporâneo. Os fascismos do passado, diferentes deste

nosso, davam grande importância para a ciência, tanto o fascismo italiano quanto o nazista, porque eles eram também uma equação, uma obra social e política, da própria modernidade, então *construtiva*. Eles estavam comprometidos com o imperialismo nacional, uma realização pela força e pela guerra imperialista de uma *forma nacional* e, naquele mundo, a ciência importava muito. Eles eram uma saída produtiva para a crise do capitalismo do seu tempo. Destrutiva, mortal, mas também *produtiva*, pela própria força da ciência e da técnica positivas no mundo, de um tipo de mundo a que se almejava. Eles expunham também o caráter totalitário ativo da ciência, quando a serviço do terror.

A nossa direita brasileira contemporânea propõe uma saída destrutiva bastante diferente: uma ruína do Estado e, com ele, de toda técnica e ciência necessária para que o Estado exista. Temos visto isso. Enfim, de todo modo, tudo isso, todas essas construções, é para dar a intuição daquilo que Freud chamou, em *A interpretação dos sonhos*, de realidade psíquica. O isolamento do self político fascista, e sua ruptura com contrastos sociais comuns, mostra a radicalidade possível *da realidade psíquica*.

É nessa esfera que a psicanálise trabalha. É uma esfera difícil. Penso muito Psicanálise com Política, Psicanálise com sociedade. Todavia muitos sociólogos e filósofos políticos

questionam as possibilidades da psicanálise, que é uma psicologia especial, contribuir e saber algo na esfera social. A psicanálise, que é uma psicologia de raiz clínica, que se constituiu no espaço clínico, um espaço especial de linguagem, cujo sentido poderíamos sintetizar na possibilidade da transformação emocional radical através do encontro com o outro e da linguagem, o espaço que recebeu o sofrimento humano mais radical, não teria como *transpor o seu saber, da dor e da patologia, para a esfera da vida política pública e social*.

De fato, a Psicanálise se fundou e se organizou a partir do ponto de vista do patológico, do excesso, da diferença, da desrazão e do irracional. O espaço clínico da psicanálise é o espaço que socialmente, historicamente, se constituiu para receber a experiência do homem moderno *de não ser igual à sua própria racionalidade*, aos seus próprios ideais. Isso é uma experiência concreta, é o mundo do que Freud chamou de *as formações do inconsciente*, que é o mundo dos *sintomas*, da angústia, o mundo do sofrimento do homem comum na sociedade desencantada. É o mundo desde o nosso sofrimento comum, de todos nós, e da percepção, em algum momento do nosso percurso de angústia e sofrimento, mas que sempre deixamos de lado, *de que estamos produzindo o nosso sofrimento*. Ou a nossa ruína..., ou as nossas frustrações... A percepção de que nós somos os responsá-

veis, seja por nossas dores, seja por algo dos nossos fracassos. Isso implica já uma concepção de humano em movimento e instável, passível de crítica, autocrítica.

Nós criamos o nosso mundo de sentido. Isso é alguma coisa muito radical da Psicanálise, dessa Psicologia clínica e poética. Ela se constituiu inteira como modo de pensar desde o *ponto de vista da dor e da angústia*, do sofrimento que ganhou forma. É nesse lugar humano que a psicanálise inaugurou um espaço de observação e pensamento, sobre a dor e o sofrimento, um espaço originalmente *individual*. Estamos falando das histerias do século 19, das neuroses obsessivas, hoje conhecidos como TOC - transtorno obsessivo compulsivo - que eram formas de sofrimento que implicavam muito da *impossibilidade de viver com o outro*. Eram tão radicais as produções de sentido para o próprio sofrimento, que não era mais possível o contato de algum modo com o outro. Era a *miséria histórica*, que Freud de fato denunciou.

Estamos falando também das psicoses, das construções de realidades inteiramente separadas das realidades partilhadas e comuns, como dizem os analistas contemporâneos. E estamos falando das paranoias: paranoias que os neofascismos reativam na cara de todos nós, reativam como instrumento de política. Os fascismos instrumentalizam a dimensão paranoica do psiquismo humano, do medo,

do ódio e da guerra total com o outro. Eles instrumentalizam politicamente essas disposições e possibilidades psíquicas humanas.

Então, esse lugar, o espaço clínico da psicanálise, se fundou nesses horizontes radicais do *páthos* humano, com suas formas que confrontavam o sujeito filosófico transcendental tradicional, da razão, da metafísica universal da razão, dos contratos sociais iluministas acordados, do princípio universal de igualdade e de reconhecimento. Confrontavam toda essa cultura política enraizada na ideia da força da razão crítica na vida humana, a partir da raiz do sofrimento individual tão presente, que a psicanálise começou a trabalhar historicamente. É o Freud de 1900. É pesquisando por aí que ele vai descobrir o sentido do sonho, vai perceber que o sonho é o mediador simbólico complexo dessa matriz em que o *inconsciente põe o eu*. O inconsciente *põe o eu para ser*, e isto ganha ilustração e vida no sonho. Em termos freudianos, o *eu é resultado de forças que desconhece*. É por essas forças que ele sofre. E essas forças podem ser aprendidas no sonho: onde o *eu* está mais particularmente exposto, encenado, diante da sua própria produção psíquica.

Vejamos. Se o sonho é entendido como *um ato psíquico de pleno valor*, como Freud declara na abertura de *A interpretação dos sonhos*, o que é *um ato psíquico de pleno valor*, para

Freud? O que estamos fazendo aqui é um ato psíquico de pleno valor, estamos pensando, estamos falando, estamos conversando..., é um campo de atos psíquicos. Quando nos lembramos de alguma coisa, quando a Terezinha lembrou, hoje quando conversávamos de nosso filme, meu e do professor Rubens Rewald da ECA, sobre o fascismo brasileiro de agora, evocamos o filme... isso é um ato psíquico também. São ações de produção de sentido, que se põem como perceptivas, que têm base material no sistema nervoso humano. Freud originalmente era um neurologista e a primeira derivação da psicanálise vem de sua medicina, até ela se tornar autônoma da medicina que a antecedeu, e virar ela própria uma psicologia clínica radical, com base epistemológica e objeto próprios, como estou tentando comunicar para vocês.

Quando nos lembramos do filme ou nos lembramos de Freud, estamos fazendo atos psíquicos. Atos de memória, no caso. O que o Freud diz é que o sonho é algo dessa natureza, que ele também é uma produção psicológica, porque envolve a consciência no sonho e envolve uma série de ações psíquicas, as próprias criações do sonho. O sonho pensa, o sonho lembra, o sonho lembra coisas que a consciência desperta não é capaz de lembrar, o sonho pode evocar figuras vivas da infância, como acontece, por exemplo, no sonho do professor que está diante da morte e que está sendo premiado, no fim de sua vida, no

filme *Morangos Silvestres* de Ingmar Bergman (1918-2007)¹. O sonho tem a vida inteira aberta à sua ação onírica. Atos psíquicos.

Todo o sistema fascista conta com a violência como política, com o calar. No limite, com o matar. É uma modalidade de perversão política.

Freud vai pensar que o que aparece no sonho - que é tão surpreendente para a própria consciência do eu - demonstra a presença da consciência em pleno sonho, a mesma consciência que está aqui agora, na nossa vida desperta. A consciência é uma função de percepção psíquica, para Freud, a consciência *desperta* para perceber o sentido. No caso do sonho, o próprio sentido estranho do sonho. Ao estarmos despertos, aqui, na vida desperta do dia a dia, organizamos o sentido e o sentido de realidade, tempo/espço, de forma que a consciência receba de um certo modo o que organizamos. No sonho, a mesma consciência, a mesma função, recebe de outro modo, o *que o sonho organiza* para ela viver lá. Alguns comentaristas epistemólogos da psicanálise falam: a psicanálise de Freud também é um neokantismo. Sim, porque Kant dizia que *nós organizamos a realidade da apreensão do mundo com categorias prévias de leitura deste próprio mundo*. E esta conclusão foi derivada da própria realidade da razão,

¹ Ernst Ingmar Bergman: diretor, escritor e produtor sueco que trabalhou em cinema, televisão, teatro e rádio.

refletindo sobre si própria, que foi o trabalho do filósofo. Freud diz a mesma coisa: organizamos a realidade com as categorias prévias, do inconsciente.

Essa é a diferença entre ele e Kant. Freud vai tentar entender o que é o inconsciente, que só pode ser um derivado de nossas percepções, só aparece indiretamente, impresso como *estranheza, desvio e enigma* na própria consciência. Isso que é lindo na psicanálise. O inconsciente de fato nunca é aquelas palavrinhas que no final das contas as pessoas dizem a seu respeito - o eu, o superego, o id. Essas são aproximações teóricas que a consciência, a consciência crítica, buscando dar nome aos fatos psíquicos, analiticamente, deriva dos fatos de *aparição* do inconsciente. Os fatos do inconsciente *aparecendo*, que Freud chamava de as *formações do inconsciente*, são coisas como o sonho, o ato falho, o chiste, o esquecimento, o caráter da relação no consultório... São atos psíquicos, tudo o que, em algum momento, organiza uma comunicação e presença de algo que não pode ser dito. É o mundo do sintoma psiconeurótico, como dizia Freud: as paralisias histéricas, as cegueiras emocionais, os vômitos, os atos obsessivos compulsivos, ao qual o *eu* é submetido, e infernalmente mantido, aprisionado nessa lógica, que não tem nenhuma lógica para a razão partilhada. Mas tem razão para o inconsciente.

É por isso, amigos, que o fascismo e o neofascismo são uma modalidade de formação do inconsciente: porque eles não têm lógica para a razão. Fascistas são, um pouco como um neurótico obsessivo, *um tipo de neurótico obsessivo* que, ao mesmo tempo em que afirma repetidamente seu sistema de desejos, está sempre liberado para a violência, o que é uma modalidade de perversão política. Todo o sistema fascista conta em seu eixo mais fundamental com a violência como política, conta com o calar, intimidar, agredir, e conta, fundamentalmente, com tirar prazer desses atos. No limite, o fascista conta com o poder matar, e gozar infantilmente com a submissão total do outro. Não é por acaso que um dos movimentos do neofascismo no poder brasileiro é *armar os seus adeptos*. Essas armas não estão lá de brincadeira, amigos, não se iludam. Em um contexto viável e possível, essas armas devem ser usadas, elas virão para cima de nós. Em um contexto político possível, e o fascismo está construindo permanentemente essa possibilidade, porque é baseado nesse princípio, o princípio da guerra e do extermínio do outro. O que estou dizendo é que isso é também *uma formação do inconsciente*, mesmo que política e social.

Aqui encerro a primeira parte da minha comunicação, que é propor a intuição para o que a psicanálise chama de *realidade psíquica*.

O que os fascistas fazem é um dispositivo simbólico cultural de dessublimação, que permite ao fascista mentir, manipular, agredir.

Existem dois modelos da história da psicanálise, da relação dos elementos psíquicos, do que seria o fundamento do psiquismo e o vínculo com o outro, o lugar em que o outro se inscreve nos fundamentos do psiquismo.

Freud, criando a sua psicologia científica, depois de muito trabalho, já a partir de 1905, organiza a seguinte questão: originalmente, o ser humano é um bebê concreto. Para ele, não é o ser humano como uma ideia, um valor, um ideal assim ou assado, que importa, mas o ser humano encarnado em um corpo real, um corpo fundamental *que vai produzir com suas condições concretas um eu*, em conjunto com o outro e a vida social, sempre presentes, um *eu* que é produto de forças e de experiências desse corpo. Um eu com base material em um corpo, com suas forças de constituição e vida, e não uma ideia abstrata sobre o que é o *humano*.

O *eu* é um resultado, não está dado *a priori*, como a gente pode observar em qualquer bebê. Esse *eu* pode chegar a bom termo, o que Freud chamava de o neurótico comum, que somos aqueles que conseguimos colocar os nossos impulsos destrutivos e particulares, desejantes, a princípio, um pouco para fora

de nossa conversa. Isso se dá pela constituição dos mecanismos de defesa do *eu*, e o que Freud chama de recalque. Todos nós temos impulsos, raivas, fantasias, desejos, isso faz parte do corpo concreto existindo, e é de fácil observação, todos reconhecemos. Só que não somos movidos diretamente, imediatamente, por esses impulsos, raivas e desejos. Eles estão em um pano de fundo de nosso *eu*, no limite estão esquecidos, tornando-se *inconscientes*. Somos movidos, teoricamente, mais *no encontro com o outro e com a cultura*, dos quais consideramos as regras e o direito à existência, e a linguagem lapidada comum. Em termos freudianos, sublimamos, chegamos a um nível de baixa carga libidinal de linguagem, e sublimamos ao nível de uma realidade partilhada nossos impulsos mais radicais, originais.

Voltando um segundo para formação do inconsciente fascista.

O que os fascistas vivem é um dispositivo simbólico cultural de dessublimação, que permite ao fascista mentir, manipular, agredir. É uma equação psíquica que muda o regime do controle dos impulsos. E isso é política. Os fascistas sabem que estão fazendo isso, eles sabem que estão alterando a estrutura do sujeito, permitindo a política da paranoia e da passagem ao ato. Estão alterando os *controles* dos impulsos.

Os fascistas sentem que têm todo o direito de mentir e de agredir, de fazer o que bem entenderem, pela nova fixação do seu projeto de poder. Mentem em praça pública sobre tudo e qualquer coisa, sobre vacinas, sobre a história, sobre as eleições e as urnas. Habitam outra subjetividade. Nós não podemos fazer isso. Estamos sublimados em outro lugar, estamos comprometidos com outra equação do *eu*. Não podemos mentir livremente. E ensinamos às crianças que não se pode mentir, para depois elas chegarem e verem o presidente mentindo à vontade na televisão, sem nenhum traço de vergonha, mas com muito gozo do poder funcionando. Vejam o impasse civilizatório em que nos metemos.

Se o fascismo ganha e totaliza o poder como ele quer, as máquinas sádicas de tortura, assassinato, perseguição começam a funcionar plenamente.

Originalmente, o bebê humano não tem ainda o *eu* de linguagem. Esse *eu* é organizado a partir de impulsos primeiros, concretos, que vêm do corpo do bebezinho. Esses impulsos são impulsos de sentido, de um corpo múltiplo, de um corpo originalmente não integrado em um *eu* e, portanto, um corpo multiplicado nos seus próprios movimentos vitais. Impulsos orais, impulsos anais, porque o bebê já vive coisas muito intensas em seu corpo, que tem sentido psíquico, embora ele não tenha um *eu* de linguagem. As coisas que ele vive,

do ponto de vista freudiano, são proto-organizadoras do que um dia vai ser o *eu*. E elas, sendo vividas, estabelecem o *primeiro princípio do psiquismo*. Estou falando de Freud. Freud, no seu tempo, com a sua epistemologia, pensava assim: existe esse corpo plural e múltiplo, que é um corpo parcial para si próprio, vivido em partes, antes da unidade do *eu*, um corpo que ele chamava de *polimorfo*, de múltiplas formas, e *perverso*, porque não está organizado sob a égide de uma lei ordenadora qualquer. Na sua polimorfia, esse corpo tem múltiplas fantasias de sentido, *desviantes e radicais fantasias de sentido*.

E Freud vai dizer: “entendo que isso é a sexualidade infantil, no seu nível mais radical”. Porque quando um bebê mama, por exemplo, tem uma experiência de prazer muito radical. Uma experiência psíquica de prazer, porque, para o bebê, não mamar é estar em risco de se dissolver. É algo ligado à dor concreta, angústia material, sofrimento e risco de morte. Se não mamar, o bebê morre. Então o bebê vive sobre imensa tensão, que os cuidados maternos e humanos tentam diminuir. Quando ele mama, organicamente e fisicamente, repara essa tensão, e muda intensamente o seu estado de vida, psíquico. E Freud diz: “isso é uma experiência.”

Essa experiência, tão forte, deixa uma marca de sua memória no bebê sem *eu* dos pri-

meiros tempos. Essa é uma experiência de prazer: o bebê vai do sofrimento, da dor, do absurdo, para uma certa organização ao redor de uma ação que ele produz com o outro, e nesse ponto o outro tem que responder, tem que estar presente lá onde o bebê busca encontrar algo. É a presença do outro que transforma e protege o bebê de todo aquele sofrimento, de sua desorganização literal. Então, com esse outro lá, que no começo é o seio da mãe, ou de alguém que faça a sua função, temos a inscrição de uma experiência que, ao mesmo tempo, é uma descarga de prazer. Temos a inscrição no psiquismo do que Freud vai chamar de o *princípio do prazer*. Princípio do prazer regulando vida e morte, no início de tudo.

Voltando ao nosso modelo da “doença do fascista”, por assim dizer, que estamos usando aqui para pensar essas coisas da psicanálise com um objeto patológico comum e político. O fascista, todos nós observamos isso, o *bolsonarista*, tem uma permanente espécie de gozo na sua mentira, na sua violência, vive uma real *excitação permanente*. Já perceberam isso? Eles não apenas mentem, eles têm prazer em mentir. Porque na fantasia, estão vencendo e submetendo o outro, aquele que não existe para a sua verdade, e pode ser sacrificado como um empecilho. E aí entra o caráter sádico, em fantasia onipotente, de toda essa ação política. De fato, se o fascismo ganha o seu jogo, e totaliza o poder

como ele quer conquistando toda a política e o Estado, as máquinas sádicas de tortura, assassinato, perseguição começam a funcionar plenamente. É uma sadicização da política e do político. Bolsonaro, efetivamente, muitas vezes, tem esse prazer de agredir e achincalhar coisas que são preciosas para os outros: vacinas, democracia, vida. Eles fazem humor com o que não poderia ser feito, porque é direito humano e de existência do outro; fazem humor com direito humano. Não se trata de humor, mas do gozo da violência. São sádicos.

O que acontece? Voltemos ao nosso balanço. Para Freud, o bebezinho é esse conjunto de forças sem *eu*, que vão ser essas primeiras experiências, vão ser a base de memória que vão lançar o desejo que começa aí. Freud vai chamar a atenção para um *fato psíquico da maior importância*: depois que o bebê mama e vive uma experiência de prazer, de restauração, *começa a alucinar a própria mamada quando ela não está presente*. Isso já é um ato plenamente humano. Quando o bebê põe o dedo na boca, e se regozija com o próprio corpo, em estado de autoerotismo, o bebê sem eu e sem linguagem, está mamando de novo... Na verdade, está *sonhando* que está mamando. Pois, para ele, sem a estruturação da linguagem, lembrar, viver, alucinar, sonhar, são ações de sentido que ainda não se diferenciaram.

Se a gente observa bem, a gente vê que o bebezinho está sonhando quando está com o dedo na boca. Antes de necessitar a mamada real, e também adiando a dor da sua falta, o bebê já a constrói psiquicamente. Aí começa a força do psiquismo humano, que gera as realidades, as suas realidades de desejo. E também começa o inferno do psiquismo humano, que também fica preso nessas realidades de desejo, vai ser modulado por essas próprias realidades do desejo. Para Freud, o *eu* é constituído em cima dessas múltiplas experiências originais de prazer e de desejo que estabelecem, no infantil, um ser desejante, e um psiquismo capaz de *alucinar a própria realização do desejo*.

Quando os bebês são maiores, a gente vê o desdobramento disso: qualquer coisa que ele vê, ele pega e põe na boca, porque vive pela boca e experimenta pela boca, lê o mundo pela boca. É muito bonito isso também. A boca é então um órgão de conhecimento, tanto quanto o ver e o pegar. E é um órgão de prazer. O bebê imagina que aquilo é bom e que aquilo pode ser engolido, e é um perigo porque eles põem na boca mesmo qualquer coisa. Esse é o impulso, ele quer engolir tudo. Essa é a *fantasia*, diz Freud: “o mundo está lá *para ser devorado*, o mundo começa para mim para ser devorado”.

E o que acontece com o andamento da vida? A cultura, a família, o outro, ao longo de um

processo de humanização, vão *barrando* e vão *transformando* essas pulsões originais, que são a vida da sexualidade infantil, pré-*genital*. Ao longo do tempo e do desenvolvimento existe uma constante pressão da cultura para que esse corpo desejante plural, que gosta de engolir tudo, que gosta de fazer coco e xixi a qualquer momento, ganhe uma forma comum junto a outros, e passe a adiar o próprio impulso, adiar o desejo. Mas ali onde ele adia o desejo, que nunca se apaga absolutamente, entra a linguagem e a cultura como um *projeto futuro de desejo*, uma projeção de realização por vir na cultura.

É extremamente complexa a inscrição da cultura no psiquismo de cada um de nós. É um trabalho muito árduo que passa pelas famílias, que passa pelos pais, depois passa pelas escolas, depois pelas relações sociais mais amplas e que, em termos freudianos, é uma pressão constante sobre esses impulsos prazerosos originários. Uma pressão, que vem de muitos lugares, que vai transformando-os nessa nova máquina, o *aparelho psíquico*, diz Freud metaforicamente, que pode contê-los. Contê-los é de algum modo reprimi-los. Reprimi-los é de algum modo esquecer-los. E aí Freud, ao tempo dele, entende que, no jogo de grandes intensidades emocionais da criança diante do pai e da mãe, ou da mãe e do mundo - não necessariamente o pai, mas alguma mãe tem que ter, algum recebimento aquele serzinho tem que ter - se completa o gran-

de esquecimento do passado do desejo, e se estabelecem as formas pessoais da neurose de cada um, junto com o futuro do desejo, que passa a se almejar na cultura.

Neste ponto quero evocar o segundo modelo de psicanálise das origens, que é o de Donald Woods Winnicott (1896-1971), o grande psicanalista pediatra que estudou mais refinadamente a relação mãe e bebê.

O psicótico separa a cultura, vive em um mundo que ele recria e que faz sentido para ele; ele não necessita que o outro acredite; habita uma realidade própria.

As culturas humanas são muito diferentes. Podemos ser um brasileiro do século 21 ou um português colonial do século 16. Podemos ser o indígena, com seu comunismo ecológico, sua terra sem mal e sua política contra o Estado, que está sendo caçado, assassinado ou convertido ao cristianismo no século 16 pelo português, que ainda é outro. Mas não existe cultura humana que não tenha tido uma técnica, que pode ser comum inclusive, de recebimento dos bebês humanos. Uma técnica e um cuidado de longa duração, que é universal e pré-cultural e, nesse sentido, é pré-política.

Se não houver cuidado e recebimento, o bebê humano morre. Diferente de outros animais, que de fato nascem muito mais prontos que o homem, o bebê humano nasce completamente

impotente, absolutamente dependente, dizia Winnicott. Esse grande psicanalista e pediatra inglês vai chamar a atenção para a ética desse vínculo primordial do recebimento - que aliás, politicamente, é um grande problema do Brasil. Crianças nas ruas da cidade tem a ver com isso, um desrespeito ao direito fundamental ao recebimento, elas estão vivas, mas são *meninos lobos*, por assim dizer, sem um vínculo de recebimento e de comprometimento pela cultura. Por que isso acontece? Porque há um déficit político e social no recebimento, do reconhecimento primordial de um humano entre nós. A origem disso é nossa história de formação psíquica nacional na escravidão. Isso, evidentemente, não é culpa dos violentados e dos oprimidos que não têm como cuidar das crianças. É culpa de um sistema violentíssimo de opressão e de exclusão secular, de permanente acumulação de riquezas sobre a miséria e o extermínio de massas. É culpa do poder que, de fato, não reconhece esse direito humano de fundamento por aqui. São os mais fortes, e construídos, os responsáveis pelo cuidado dos mais fracos, em estado de potencial, nos lembra Winnicott.

Freud vai dizer então que a humanização tem a ver com esse encontro com o outro: em um primeiro momento, o encontro de expansão do desejo, dos múltiplos desejos necessários para formar o psiquismo; no segundo momento, um barramento do desejo e um adiamento do

desejo e, portanto, uma transformação do desejo imediato no desejo mediado da cultura. Esses são os *dois outros* para Freud. O outro que instaura o desejo - o seio da mãe, que não é sequer um outro, os analistas vão dizer, porque ainda não tem exatamente a ideia de outro para o bebê sem eu. Ele se relaciona com o seio, e a vida emocional acontece toda ao redor do seio. É o que os analistas chamam de *objeto parcial*. É da força do que se instaura aí que gradualmente vai se construindo essa transformação psíquica que é o barramento, o outro existente como lei simbólica, a chamada função paterna, até se alcançar a igualdade na cultura, uma conquista psíquica.

Os psicóticos, por exemplo, têm em seu percurso de formação algum tipo de outro caminho humano. Eles criam o que? *Criam uma cultura separada da cultura comum*. Os fascistas - para voltarmos ao nosso inimigo íntimo - também têm esse caráter psicótico, por assim dizer, acreditam plenamente no que nós não acreditamos, em quimeras e cloroquinas que só eles reconhecem. Eles acham que o Bolsonaro é um homem honesto, por exemplo. Evidentemente isso é um delírio. Todo o mundo, no Brasil e fora dele, sabe que Bolsonaro é um homem desonesto, mas os fascistas o acham honestíssimo. Ele é o líder que organiza a instrumentalização da mentira como direito ao gozo da violência. Muito honesto para isso. Na cultura comum, é uma

falsificação, uma falsificação ideológica, uma política, que é instrumental, que inclusive serve para nos atacar, nos lesar. É um dos instrumentos de sadismo do mundo sádico do fascista. Eles também sabem que Bolsonaro é um canalha, também sabem de seus vínculos milicianos criminosos, e de seus crimes e de sua família de peculato, mas usam a própria canalhice, pois estão identificados com ele, para nos atacar, nos contradizer: Bolsonaro é um poço de virtudes éticas cristãs.

É muito complexa a psicologia fascista. Deveríamos tê-la estudado melhor nesses quatro anos de ruína sistemática no Brasil. Por isso fiz aquele filme - *Intervenção - amor não quer dizer grande coisa* (2017) - para estudar mais, porque, a princípio, não tem conversa com o fascista, tão absolutamente separado de uma ordem de história comum e democrática. O fascista está *psiquicamente organizado* em outra produção de sentido, fora de uma leitura partilhada da história e da cultura comum política.

O psicótico, em outro nível, também. É muito difícil a conversa com o psicótico. Mas o fascista não é exatamente um psicótico, apesar de seu verdadeiro e constante delírio político. Ele não é psicótico porque organizou uma visão de mundo que tem a congregação de um grupo, de fato de uma massa, a *identificação horizontal grupal*, para garantir que suas barbaridades são verdadeiras para cada

membro da seita, religião ou partido. Tudo o que o fascista quer é aumentar o grupo de identificação, a massa social da repetição da dogmática, ele não trabalha com *razões e verdades históricas*, negociação e linguagem performativa, mas com aquilo, qualquer coisa, que gere uma *cola*, a força da manipulação de massas das identificações.

Houve muito desenvolvimento da psicanálise da psicose no século 20, o século da psicanálise. O que faz o psicótico? Ele mantém a linguagem, *mas separa a cultura*, vive em um mundo que ele a recria e que faz sentido para ele, em que ele não necessita que o outro acredite naquele mundo. Habita uma realidade própria, onde a linguagem conta outra história, que só ele vive, mas que submete todo o mundo a ela, com grandes emoções e distorções perceptivas. Isso se dá porque, em algum momento, o contato com a realidade do outro se tornou impossível para ele. E isso é uma catástrofe psíquica. Os analistas tentam reconstruir este contato perdido e tornado desnecessário. É muito sofisticado esse trabalho, para que, desde a cultura singular do psicótico, suas imensas emoções e pensamentos imperfeitos, ele reencontre uma cultura comum com alguém. Em geral, em teoria, cisões dessa ordem implicam muita violência na formação de si mesmo, muita violência originária.

Estudando aquela dimensão do direito humano fundamental ao recebimento, que é ali onde

o bebê vai mamar e vai viver o despertar do seu desejo junto ao outro, Winnicott pensa uma coisa muito bonita: vejam, aquele bebê das pulsões parciais do Freud é aquilo mesmo, mas agora, que estou observando a mãe e o bebê juntos, eu que sou um psicanalista pediatra, estou próximo da relação mãe-bebê, vejo que esse psiquismo é muito plástico e muito produtivo, em muitas dimensões do seu próprio sentido. E completa: quando o bebê e a mãe se encontram nesse espaço, em que a mãe dota de sentido a experiência do bebê com seu cuidado e seu leite, o bebê, que não tem *eu*, do Freud, é de fato um ser todo poderoso, ele recebe os sentidos que vão acontecendo ali como *criados por ele*. A contrapartida de ser totalmente frágil e dependente de outro é ser absolutamente onipotente na relação de sentido com um outro, uma vez que, nestas condições, tudo emana de mim, do bebê, por assim dizer.

O bebê não existiria sem essa troca fundamental de sentidos. Então, nesse espaço de troca fundamental, em que a mãe faz muitas coisas - a mãe não só dá de mamar, que é a pulsão sexual oral original freudiana, experiência muito intensa para o bebê que vai marcar a força do desejo - mas faz muitas outras coisas. Ela segura o bebê no colo, olha para o bebê, nomeia o bebê, canta para o bebê para acalmá-lo, mantém o bebê aquecido, limpo e protegido de choques e excessos que ele não possa compreender, brinca e

oferece brinquedos para o bebê. Desse modo o bebê vive muitas coisas, além da experiência intensa da sexualidade infantil que Freud destacou, que ele também vive. Mas existem outros circuitos de sentido de baixa carga de excitação, de baixa intensidade, também acontecendo lá, em meio às mamadas. E então Winnicott afirma: “nessas múltiplas coisas que a mãe faz para o bebê, a gente observa que mãe e bebê *vivem algo juntos*”.

Esse momento, em que se vive algo juntos, é fundamental na constituição da vida humana. Essa experiência, que é uma ilusão partilhada, em que o bebê e a mãe estão em uma experiência comum e são atravessados por um amplo sentido do encontro estético/ético muito rico, é fundamental para a *inscrição do bebê na confiança sobre a realidade possível do outro*.

A realidade não é apenas o resultado de uma pressão para contermos o nosso desejo; ela é também criada pelo nosso próprio desejo.

O acesso à realidade para Freud é um acesso da contenção dos impulsos, que será a inscrição de uma lei formativa, uma lei simbólica comum. É o processo visível, de micropolítica infantil, de constituição dessa lei, que Freud chamou de Complexo de Édipo. O Édipo é o momento das intensidades da criança, com a mãe e com o pai, em que a ela vai ter que aprender de fato, na estrutura do

próprio psiquismo, que não é dona do mundo, seja lá para que desejo for. O auge do Complexo de Édipo, em que a criança tem que ceder da sua onipotência natural original, se dá não por acaso no momento social em que a criança vai para escola, aprender a ler e a escrever, o momento em que ela está em condições de adentrar a cultura abstrata humana comum. Baixar as intensidades das necessidades originárias também coincide, segundo Freud, com o desenvolvimento da capacidade de pensar.

Não é por acaso que de fato só se aprende a ler e a escrever depois que se barra mais fundamentalmente aqueles impulsos primeiros. Nesta hora se adentra um espaço abstrato do psiquismo, a estabilização das identificações culturais e do pensamento para o outro, para o mundo. Pensar, de fato tem a ver com *considerar a existência do outro*. Isso tudo é formado, do ponto de vista da psicanálise, é um processo de *formação*, de conquista de forma psíquica, no tempo.

Então, para acessar a realidade comum, dizia Freud, você precisa suportar os limites do que é uma lei partilhada de autocontenção. A lei de que você tem que abrir mão do seu desejo nas suas formas infantis é uma lei fortíssima, nos humaniza para o outro, a linguagem e a cultura. Na verdade, pensava Freud, trata-se de uma formação do próprio inconsciente: o desejo encontra um modo

de se virar contra si mesmo, tem *alguma força* que permite barrar a própria onipotência do desejo.

Podemos ter os desejos que for, aqui entre nós, mas não vamos atuá-los, não somos fascistas grosseiros, homens liberados pela política para fazerem o que querem, ou psicóticos, homens que se mantiveram sob o caos originário do impulso infantil. Vamos nos manter *no espaço erótico da cultura*, segundo Freud, o espaço de contato, criação e encontro, que é erótico também, é sublimado também, é prazeroso também. E esse nível de valor da cultura, para cada um de nós, implica a profunda inscrição do outro como parâmetro referente de meu próprio desejo, implica a submissão e o aprendizado erótico com a linguagem que é do outro, e não a impossível linguagem que é só minha.

Porém, Winnicott, vendo o bebê no colo da mãe bem de perto, percebe algo diferente. Ele diz: “o acesso à realidade, que é isso que interessa à psicanálise, *se dá por esse encontro fundamental em que mãe e bebê vivem algo juntos*”.

Esse encontro é uma ilusão, porque a mãe e o bebê são muito diferentes, e, no entanto, acontece. O mundo psíquico do bebê é muito diferente do da mãe: ela é cultural, tem uma realidade languageira, que está estruturada com o mundo, e o bebê, não. No entanto, as

linhas de força de vida do bebê e o amor e a atenção da mãe se aproximam, incluindo no processo inclusive uma experiência regressiva da própria mãe, permitindo o acontecimento desse espaço poroso entre os dois, em que se vive algo junto. Daí Winnicott conclui: “é desse lugar, dessa *zona de ilusão*, que a realidade se torna boa e possível para o bebê”.

A realidade não é apenas o resultado de uma pressão para contermos o nosso desejo; ela é também criada pelo nosso próprio desejo. Junto com a criação do outro, o bebê cria a mãe, nesse espaço humano *de encontro comum*, onde acontecem muitas coisas, na diferença mais radical. Sem a confiança fundamental que se dá neste ato de compartilhamento do sentido, a confiança na própria criação da realidade, sustentada em um outro, dizia Winnicott, um psiquismo pode se constituir de forma isolada, enfraquecido de seu próprio encontro com o mundo, tão onipotente no seu vazio, quanto catastrófico na sua impossibilidade de *viver* junto.

[...] na ordem dos fascismos e do neofascismo presente entre nós, tudo se complica com a entrada ativa da técnica e da política no psiquismo humano.

Bem, eu quis contar essas histórias para vermos como a psicanálise vai evoluindo o seu entendimento dessa questão que lhe é tão própria, de como chegamos a existir no

mundo comum, mas, também, marcamos o mundo comum com uma alta singularidade, que pode até ser uma neurose - pode até ser uma psicose, singularidade *sem mundo comum* - ou pode até ser uma perversão política neofascista, que é uma alta singularidade em relação ao outro democrático, singularidade tecnicamente construída.

Vivemos uma tensão permanente entre o comum e o altamente subjetivo. Um jogo de equilíbrio permanente entre o encontro e a necessidade do outro, e a necessidade vital de alguma coisa que resta para fora do outro, sejam nossos impulsos contidos, inconscientes, seja o nosso desejo transcendente, sublime, de um mundo melhor. Também pode ser neurótico, sabemos disso, nosso desejo que pode nos fazer sofrer por alguma coisa cultural imensamente boa, uma metafísica qualquer de um mundo perfeito, que o ser humano poderia chegar a construir e que, desde Platão, só a razão permitiria inventar. Freud dizia disso: "amigos, isso só pode ser a memória de um tempo perfeito do passado, pressionando o desejo de futuro como uma razão possível."

Freud, que é muito pé no chão a respeito do humano, pensava que temos um horizonte futuro de alguma coisa muito boa porque vivemos alguma coisa muito boa em um tempo original, desde inclusive, e até mesmo, uma vida intrauterina, já então vivos e plenamente sa-

tisfeitos: de fato, o mundo inteiramente feito para nós dos cuidados originais. Em nossa própria estruturação com o outro, quando tivemos sorte de vivê-la assim, podemos ter a *intuição da utopia*, que quer mudar o mundo e reencontrar o outro em um mundo totalmente transformado, para melhor. Nossa origem boa, em que *vivemos algo juntos*.

Por fim venho falando aqui dos neofascismos, que também são problemas psicopolíticos e psicanalítico-políticos. O que nos coloca problemas muito complexos sobre nossa política real: como cuidar desse nível da política?

Para responder a essa questão, preciso falar do que me interessa hoje, na psicanálise de hoje e nos problemas de hoje. Quis mostrar alguns modelos clássicos da relação *eu e outro* e de onde a psicanálise vem. Muitas pessoas não sabem dessa especificidade, dessa psicologia que tem um universalismo, o universalismo do recebimento fundamental, que todas as culturas têm. Muitos não sabem que os psicanalistas são comprometidos com esse lugar, a entrada de cada um no mundo humano.

Mas, na ordem dos fascismos e do neofascismo presente entre nós, tudo se complica com a entrada ativa da técnica e da política no psiquismo humano.

A partir da década de 1920, Freud se dedicou intensamente a problemas da relação sujeito,

subjetividade e cultura e, portanto, política. De fato, após realizar os fundamentos teóricos e epistemológicos da psicanálise dos primeiros vinte anos do século 20, e chegar a criticá-los e pensar mesmo os seus avessos e além, no pós-guerra, será às tensões e soluções humanas entre o ser de desejo - entendido pela psicanálise desde suas origens - e a cultura, suas perspectivas, possibilidades e limites, que o primeiro psicanalista se dedicará. Ele pensou muitas coisas sobre a relação entre psiquismo humano e a necessidade de religião, sobre a agregação dos grupos de identificação ao redor da necessidade de uma liderança única e forte, as formas de submissão psíquica a esta liderança - o *único eu* para o seu grupo de submetido *pelo desejo* a ele - e os modos possíveis de se sustentar uma cultura comum, progressista e viva, em meio às intensidades destrutivas próprias ao humano, humano sempre vivendo em algum nível de angústia e frustração, inevitável a toda cultura.

Eram os grandes ensaios, mais ou menos psicanalíticos, mais ou menos políticos, *Psicologia de massas e análise do eu* (1920), *O futuro de uma ilusão* (1926) e *O mal-estar na civilização* (1929), nos quais ele investigou o caráter regressivo e violento de agregações grupais humanas, a submissão irracional mas confortadora à religião e as possibilidades de a cultura e o psiquismo chegarem a um bom termo - dentre as quais a própria

psicanálise passava a ser experiência fundamental à vida civilizada moderna. E, no último desses grandes textos, em um certo momento ele lembra: “o homem também cria, através da ciência, novos meios de tecnologia, essas expansões humanas das próprias funções e capacidades, que também fazem efeito sobre a própria cultura e sobre o próprio humano, também o transformando...”

Freud tem aí uma intuição poderosa de todo um universo de problemas modernos, que ganhava cada vez mais visibilidade histórica. Mas, naquele momento, ele apenas toca no assunto. Quem vai se dedicar a esse ponto com muito mais intensidade, do ponto de vista psicopolítico, serão os filósofos políticos e psicanalistas, todos muito influenciados por Freud, da chamada Escola Crítica de Frankfurt.

Os líderes do Estado e do terror usam essa técnica social poderosa para fascistizar as massas

Walter Benjamin (1892-1940), por exemplo, vai refletir sobre o acontecimento da modernidade, do capitalismo avançado, que foi o cinema. Temos hoje quase 100 anos da reflexão original de Walter Benjamin sobre a produção de sentidos, objetos, comunicações e práticas sociais através de *meios de reprodução técnica* e, hoje, muito mais do que em seu tempo, estamos mergulhados em meio a ou-

tras máquinas de produção de imagens e vida tecnológica, muito mais presentes em nossas vidas e produtoras de outras experiências do que o cinema mudo de vanguarda, do qual Benjamin tirou suas primeiras consequências sobre as novas subjetivações e políticas com a técnica.

Ao seu tempo, Walter Benjamin dizia que dois processos sociais de grande porte aconteciam com a presença do cinema no mundo: em primeiro lugar, o cinema era uma arte industrial, instaurada pelo seu próprio maquinário, coletiva e política. Ninguém faz cinema sozinho, em si mesmo ele é uma arte tecnopolítica desde sempre.

É político fazer cinema. Desde a sua raiz o cinema é um produto muito mais socializado do que as artes que o antecederam, porque necessita da organização de muita gente, de seus grupos de técnicos e especialistas, precisa de muito dinheiro, precisa de muita maquinaria para ser feito. Isso tudo são pontos políticos necessários, de negociação humana ampla, para que essa arte aconteça, são acordos e soluções de compromisso, quase como um sonho coletivo que surge em meio a forças, humanas e econômicas, que estão na base de um filme.

Em segundo lugar, dizia Walter Benjamin, o cinema altera a produção de sentido, da experiência do sentido e da arte na vida da

modernidade. Porque ele é uma arte, é estética, é experiência estética, mas não é mais *aquela arte única*, que está separada da humanidade por sua própria natureza de coisa com história e lugar únicos, o que tem a ver com o mito, tem a ver com culto e com a religião, daquele quadro que existiu, como ele foi em seu tempo, que vamos ao seu lugar exclusivo para ficarmos diante dele, como se estivéssemos diante de Deus. A arte saiu desse lugar de culto metafísico, *a arte caiu no mundo*, por assim dizer, e todos têm acesso a essa coisa mundana do cinema dizendo o que é a vida, mostrando, pensando os mundos humanos e criando experiência desde essa ampla socialização, irreversível historicamente.

De fato, para Walter Benjamin, esse caráter hiperacessível, em todo mundo, do cinema, e que também dava acesso rápido, pela imagem em movimento, a todo o mundo, era uma transformação democratizante, de tendência utópica ou onírica, socializante. Essa mudança no estatuto da arte é o que ele chamou de *fim da aura da obra de arte* e, como em Marx, o avanço das forças produtivas da técnica social do cinema, antecipava inevitavelmente o redesenho da vida social por vir. O cinema seria então não aurático, arte social de acesso geral e permanente, disponível. Por fim, conclui: “o cinema, com seus modos de produzir a imagem sem aura, altera as percepções subjetivas do mundo, torna o distante próximo, torna o pequeno grande, produz

um próprio *eu* que está vivendo novas imagens e sentidos, um eu que não existia antes dele, um *eu* fenomenológico social técnico novo, de um inconsciente ótico e tátil para as coisas do mundo, que também deveria ser um *eu* para a liberdade da humanidade diante de seus grilhões históricos”.

Porém, Benjamin termina o seu ensaio dizendo que essas forças de sedução e de atração do cinema para a sua própria experiência de transformação estão em um limiar histórico, em real disputa. De fato, os fascistas - estamos em plenos anos 1930 - estão usando as potências do cinema para o seu próprio movimento, *estetizando a sua política* e atraindo as massas para a sua causa com o cinema, diz Benjamin. Assim, os líderes do Estado e do terror usam essa técnica social poderosa para fascistizar as massas, fazê-las marchar contra elas próprias. A mesma técnica que pode ser inventada para libertá-las.

O capitalismo é esperto em repor estruturas técnicas de exploração, devidamente apropriadas pelos fascistas.

Este é o famoso texto de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de 1936. Leia-se, sobre o cinema e sua reprodução técnica infinita. A porta de entrada do fascínio e do inferno próprio de nosso tempo pelo mundo das imagens sem fim que *nos vivem*.

Hoje apertamos um botão e temos acesso a todos os filmes do mundo.

Habitamos o *hipercinema do mundo*, mundo que em parte também se tornou um grande fluxo permanente de imagens. Mas, também, já não temos nem interesse, nem cultura e nem paciência para a experiência do velho cinema. Como há muito não temos tempo ou vida para os livros. Mais do que nunca, as produções das formas técnicas de comunicação reorganizam e interferem na própria estrutura do *eu*, na sua temporalidade fenomenológica e na sua própria criação de sentido - como já dizia Benjamin - *quase como um inconsciente que vem de fora*, vem da maquinaria técnica social. Ainda mais agora, em que vivemos ligados permanentemente a essa produção, que vem de todo o lugar e de todo o mundo, em tempo real. Não somos apenas o inconsciente orgânico que vem de dentro, imanente ao corpo, da psicanálise de 1900, somos também o inconsciente técnico, que nós mesmo produzimos, sonhamos, que vem de fora. É isso que Walter Benjamin começou a dizer.

Por isso, amigos, o neofascismo e todos os fascismos são *arcaísmos psíquicos, posição psíquica* esquizoparanóide, diziam os analistas kleinianos, *rearticulados e reapresentados tecnicamente*, produto de uma técnica política ativa do tempo. O neofascismo contemporâneo passa inteiramente pelos potenciais técnicos de comunicação e espelhamento

grupal da internet, dos *chats* de internet neofascistas, sistema constante de propaganda fascista. Sem isso, sem essa maquinaria universal, esse fascismo não teria acontecido. Não como aconteceu.

O fascismo também é um potencial da técnica. Isso é o que Benjamin estava dizendo, já em 1936: os fascistas estão se apropriando dessas potências. Por fim, para encerrar: vivemos em um mundo de economia globalizada. O que significa que a produção das mercadorias globais das quais vivemos está espalhada pelo mundo; na verdade, do ponto de vista da indústria, está concentrada na China. Todos os objetos que temos aqui ao nosso redor, os computadores, os celulares, os carros, mais de 50% da produção deles vêm da China. Portanto, há uma concentração do trabalho industrial mundial na China. O trabalho industrial é o que mais multiplica a necessidade de trabalho, as cadeias necessárias de produção e, sendo assim, temos uma real dissolução das cadeias de trabalho no mundo, com uma grande precarização, pois elas estão concentradas no leste asiático, como resultado da globalização do capitalismo.

Daí os milhões de cidadãos brasileiros trabalhando dez horas por dia no Uber, rodando pelas cidades durante todo o dia, e noite, com suas motos e caixas de entrega nas costas, prestando serviços quase no limite de uma nova ordem de escravidão, de escravidão

de ganho - como eram os escravizados das cidades do século 19 do Brasil, que exatamente prestavam serviço nas cidades e pagavam ao seu senhor com o valor dos serviços que prestavam... Hoje, os uberizados precarizados prestam serviços e pagam à empresa que os organiza, e vende o seu trabalho no mercado.

O capitalismo é muito esperto em repor estruturas de exploração de toda ordem. Estamos nesse mundo, o mundo do trabalho em crise. Ao mesmo tempo, esse mesmo mundo é preenchido por uma cultura hiperpresente, excessiva, de multiplicação de imagens rápidas, excitantes, que são chistes visuais, piadas construídas como pequenos filmes, ou poesias concretas de massa, com jogos de letras e imagens, ou pequenos filmes de auto-exibição, que é o mundo memético das redes, que tanto atrai.

Esse mundo do esgarçamento do trabalho, que também é o esgarçamento do acesso às mercadorias e à gestão dos acessos, ao poder, como o capitalismo sempre faz, esse mundo é preenchido universalmente não mais pelo cinema e pelo rádio, dos anos 1940, ou pela televisão familiar, como era nos anos 1960 e 1970, é preenchido universalmente pela tempestade cotidiana de memes e excitações constantes nas redes sociais e nos celulares, ligados à internet mundial.

É essa a cultura que os fascistas usam. Os

fascistas são produtores fundamentalmente de memes. Eles são *memepolíticos*, digamos assim, produzem permanentemente essas intensidades rápidas, curtas e que são vividas como alguma coisa qualquer aqui e agora, que já está passando e que já é passado, não precisa deixar memória. Quando termina de rir daquela grosseria memética que acabou de receber pelo celular, você já está pronto para a próxima, que vem dali a dois minutos, e a próxima, dali a três minutos, ou na hora, e assim sucessivamente.

A cultura abstrata da imagem é uma cultura da excitação permanente pontual, que bota o *eu* para viver nesse nível das coisas. O fluxo permanente da excitação sem qualidade das imagens que nos alimentam por todo lado permite que um líder que seja ele mesmo um fluxo permanente de grosserias, disparates e agressões sádicas bem orientadas, um ator político de memes permanentes, sádico excitante, seja possível.

Temos uma crise em geral do trabalho e da vida e temos uma permanente ocupação do *eu* com essa excitação rebaixada, vagabunda, sem consciência histórica, sem mediação, pura falsificação histórica. Esse é o casamento da tecnologia do tempo com as forças da regressão psicopolítica. Das redes meméticas sociais com a *posição esquizoparanóide* primitiva, da guerra humana, instrumentalizada pelo fascismo. Por isso os fascistas adoram

esse mundo hiperprodutivo, pura falsificação. E, no entanto, vivemos inteiramente dentro dele.

Do ponto de vista de um psicanalista contemporâneo, o que é viver nesse mundo? O mundo dessa imagem rápida, tênue, excitante, pobre e, podemos dizer, falsamente inteligente, porque pensa por você, te organiza e dá um pequeno gozo naquela pequena tensão de sentido que acontece ali. Mas é efetivamente burra, porque está fora de todos os critérios de construção de conhecimento verdadeiro. É um mundo antiplatônico, ativo, da degradação de superfície da consciência histórica, articulado à excitação, pequenas pílulas de excitação, de prazer e de gozo em fluxo permanente de imagens. Não são milhões de pessoas que vivem assim, são bilhões de pessoas que vivem assim.

Enfim, só para anotar o problema aqui: qual é o outro com quem estamos vivendo hoje? O que é o outro hoje, nessas condições de trabalho, descompromisso, técnica e sadismo? O que esse outro, fantasmagórico e de propaganda fascista, propõe para ser o *eu*?

Creio que já falei coisas demais e muitas, espero que tenha conseguido sinteticamente dar algumas intuições do universo de questionamentos que a psicanálise contemporânea tem. Muito obrigado pela atenção.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A primeira pergunta vem de Beatriz Pinheiro:

- "Como a gente pode ter pessoas que são bem formadas, realizadas profissionalmente, que aceitam e gostam de ver o fascista que demonstra claramente a sua doença?"

Há uma outra que vem a seguir, do Ismael Oliveira, mas eu acho que talvez você possa ir respondendo, Tales, a partir das colocações das pessoas.

TALES AB'SÁBER

No fascismo, o líder vira o ideal do eu. Isso é uma figura de desejo, uma política de desejo, não é uma política de razão.

Para Freud, o psiquismo humano se movimenta e se forma com equações diferentes, a partir daquela pluralidade real original. Sobre aquela pluralidade original inclusive, Freud diz que ela é polimorfa-perversa e é sexual-erótica. Para ele, é isso que explica o fato de termos múltiplas identidades sexuais e múltiplos gozos sexuais. Ao contrário dos mitos religiosos, que são mitos políticos, que se impõem por desejo ou por repressão, do ponto de vista da ciência psicológica, da psicanálise, nascemos sexualmente múltiplos. Porque os impulsos originais em busca de seu prazer, as pulsões, como dizem os psi-

canalistas, são múltiplos. E vai ser naquele processo de formação do eu, que é mediado também por identificações (outra figura conceitual freudiana muito importante), que vamos querer ser como o nosso pai ou como a nossa mãe. Ou que não vamos querer ser como o nosso pai, também é possível.

O *eu* se constitui em uma diferenciação radical, que é o seu universo pulsional. É nesse jogo com o outro que vai se configurar o sistema de desejo de cada um, a partir da multiplicidade original. O fascismo está configurado psicologicamente em um texto de Freud, chamado *Psicologia das massas e análise do eu*, no qual ele pensa o rebaixamento da própria consciência individual diante de uma adesão maciça identificatória com o líder.

Os bolsonaristas abrem mão de pensar a história, o país, os critérios científicos, por exemplo. O governo Bolsonaro é um fracasso econômico, um verdadeiro fracasso econômico, sob todos os critérios reais que se possa considerar. É o mesmo fracasso econômico que a sua irracionalidade violenta fez com que fosse um fracasso a sua política diante da pandemia, que era uma política absurda. E o que vemos é que os bolsonaristas assumem a política absurda do seu líder, sem crítica, sem critérios exteriores ao amor por ele, sem exigências. Eles não têm diferença em relação a ele, podemos dizer que eles são

diretamente nomeados pelo líder. O que Freud disse sobre isso? Ele disse: “o líder vira o ideal do eu”.

Esse é um dos aspectos do superego. Ele vira o ideal do eu, ou o eu ideal, do seu adepto fanático. Ele está no lugar de *uma figura do próprio eu*, o Bolsonaro passa a ser o meu ideal de eu..., o bolsonarista quer ser o Bolsonaro e, na fantasia, é o Bolsonaro. E isso é uma *figura do desejo*, uma política de desejo, não é uma política de razão. É isso que a psicanálise trouxe para o entendimento do mundo.

Por isso que o filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor Theodor Adorno (1903-1969), lá nos anos 1940, vai dizer: “não é possível pensar o nazismo sem psicanálise”.

Porque não se trata apenas de um problema de economia, de política, de geopolítica. É também um problema de desejo e das figuras do desejo. O que para nós é óbvio: o Bolsonaro é absolutamente desqualificado, totalmente desqualificado; ele é um poço de mentiras e falsificações, violências e irracionalidades. Porém, para o bolsonarista, ele é o modelo. É o modelo, é o que se deseja, é o que se quer ser. É o líder que dá um plano de existência política à desqualificação e à violência social orientada. Não estamos em um nível de mediação racional, qualquer que seja, da política, estamos fora dessa me-

diação. Pois é disso exatamente que a psicanálise sempre tratou, daquilo que existe, faz efeitos e não está na ordem da mediação racional.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Temos aqui o Ismael Oliveira, que traz a seguinte questão:

- "Qual a interferência de boas políticas públicas educacionais e da cultura para combater a violência e o fascismo? Quão longe estamos disso? Quais caminhos podemos tomar enquanto sociedade para vencer essas mazelas sociais e políticas?"

TALES AB'SÁBER

Não é só ter escola, tem que ter escola que funcione, funcione na sua transmissão, que funcione na sua missão civilizatória.

Nossa, essa pergunta é gigantesca. Pressupõe assim um tipo Karl Marx (1818-1883), um sabedor da humanidade futura. Olha, é muito difícil, porque o fascismo no Brasil vem sendo cultivado há muito tempo. E o sistema educacional universal, que mal completou o acesso universal à educação básica no Brasil, ainda tem alguns milhões de jovens fora da escola, o que é presença ainda hoje da nossa origem nacional escravista. Qualquer jovem fora da escola está condenado ou à escravidão do

pior trabalho possível, ou à exclusão, ou ao crime. E o Brasil faz isso em massa, porque ainda não conseguiu um grau de integração social suficiente, com técnica pública suficiente, com escolas decentes o suficiente. Não é só ter escola, é necessário ter escola que funcione, funcione na sua transmissão, que funcione na sua missão civilizatória.

Isso por um lado. Por um lado, não completamos o nosso sistema universal de educação pública. Ao mesmo tempo, o fascismo vem sendo cultivado, cotidianamente, há muito tempo. Todos esses programas policiaiscos que atacam os direitos humanos, que são tradicionais, que acontecem às sete e oito da manhã, às sete e oito da noite todos os dias, no Brasil inteiro, há 50 anos, todos esses programas policiaiscos que criam a imagem de que a sociedade precisa de uma polícia assassina, todos esses programas são de fundamento fascista. E são constantes, são tradicionais e a democracia conviveu e convive com isso, como se o ataque sistemático aos direitos humanos que esses caras explicitamente fazem fosse legítimo.

Não conseguimos sequer um acordo sobre os direitos fundamentais. E temos ações políticas permanentes contra os direitos fundamentais. Além disso, temos a despolitização do próprio sistema geral da vida pelo amor pela mercadoria, a despolitização do TikTok, a despolitização da vida para o *shopping cen-*

ter, da vida de propaganda, que é hedonismo narcisista individualista, que não implica pensar politicamente, muito ao contrário.

Temos várias camadas de produção real de cultura que são pró-fascistas. O fascismo é apenas uma radicalização do que já está presente nessas dimensões da vida, uma radicalização que se organiza para fazer política.

O que estou dizendo é o mesmo que o Adorno pensou nos anos 1960 na Alemanha: o grande problema do fascismo são os elementos fascistas que estão presentes e cultivados no interior da própria democracia. O fascismo que emergiu no Brasil nos últimos seis anos foi totalmente autorizado pela democracia. Quando fiz aquele filme que a Terezinha comentou, era visível a lógica fascista ali: mentira, violência, extermínio. Aquilo eram os grupos fascistas de internet de 2015 e 2016, antes de Bolsonaro. Estavam ligados e mobilizados pelo *impeachment* de Dilma. Aquilo foi utilizado politicamente porque tinha energia e era interessante, naquele momento, que o fascista falasse. O fascista se tornou interessante para o jogo da democracia. Bolsonaro não foi eleito pelas suas luzes e qualidades, ele foi eleito para derrubar definitivamente a presença política da esquerda no governo, foi para isso que ele foi eleito. E isso é de interesse muito amplo, um interesse geral que aceitava o fascismo. O fascismo foi aceito pelo todo. E libera-

do pelos grandes poderes, dinheiro, meios de comunicação, burguesias. Que se fascistizaram também.

Nesta semana, vimos essa barbaridade de um grupo de empresários, que são empresários significativos, são empresários grandes, não os maiores, mas são grandes, dizendo: “se tiver uma um golpe militar a nosso favor, está tudo bem”.

São os canalhas, são fascistas. Eles estão falando. O que significa um golpe militar? Significa o direito de o estado e seu líder bárbaro exterminarem a oposição, é isso. É disso que essas caras estão falando. Muitos bolsonaristas repetiram esta frase: prefiro um louco do que um ladrão.

Como se a família dos Bolsonaro não fosse uma família de ladrões e muitos deles mesmos não fossem ladrões. Enfim, é muito complicado essa relação democracia liberal/fascismo, porque a democracia liberal, como disse também o filósofo e sociólogo Max Horkheimer (1895-1973), o parceiro do Adorno: “quem não quiser falar sobre capitalismo deve se calar sobre fascismo.”

Porque o fascismo é uma resposta limite a uma crise do capitalismo, que não é necessariamente liberal. Capitalismo pode ser fascista, como esses empresários aí estão falando na nossa cara. O raciocínio deles é

claro: “por que temos que pagar tributo para a democracia popular? A gente tem as armas, a gente tem o poder, a gente tem o dinheiro..., pau nessa gente. Pau nessa gente. Não temos que pagar tributo nenhum, fechamos o poder entre nós”.

É um comitê fascista de gestão de um mundo em crise.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Tales. Temos aqui uma pergunta do Anaximandro.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

- "Professor Tales, como o fanatismo religioso e a luta entre o bem, Deus, e o mal, Diabo, se integram na doença do fascista?"

TALES AB'SÁBER

Não é por acaso que os fascistas se aproximam das religiões

Olha só, amigo, vejamos o pensamento dos psicanalistas kleinianos, o pensamento de Melanie Klein (1882-1960). Era muito interessante essa psicanalista dos anos 1920, 1930. Ela começou a trabalhar psicanaliticamente com crianças muito pequenas, e a questão que pensou a partir da apresentação da vida psíquica das crianças é a seguinte: por que

uma criança muito pequena, com três, quatro anos, quando está no espaço analítico de liberdade, de apresentação de si com liberdade, por que a criança muito pequena é agressiva, destrutiva, quebra os brinquedos, queima as coisas, risca os objetos, é terrível?

E ela pode ter grandes medos. Na mesma dimensão que é muito agressiva e sádica, a criança também pode ter imensos medos. Medo de ser atacada pelas próprias coisas que ela ataca. Então, Melanie Klein estava pensando a origem pulsional das formas paranoicas, estava na origem excitante das formas paranoicas, por assim dizer. E vai desenvolver a teoria de que esse psiquismo primitivo, que tem esses impulsos sádicos e que tem os grandes medos de ser atacado na mesma medida em que é sádico, esse psiquismo primitivo separa o mundo entre coisas extremamente perigosas, ruins e más - leia-se o comunismo... - do que somos nós, o eu, preenchido de coisas altamente puras, boas e mágicas.

São os famosos “objeto bom” e “objeto mau” da Melanie Klein, que são construídos de forma onipotente por projeção. Isso é uma organização primitiva do psiquismo, separar tudo que é mau e destrutivo de tudo que é perfeito e bom. O Bolsonaro, que é uma bosta por critérios racionais, é perfeito para o bolsonarismo, é o capitão, é o mito. Ora, essa lógica, que é uma lógica do psiquismo, também é a lógica que baseia e fundamenta a

pureza de Deus, versus a impureza do mundo. E como dizia o Espinosa, “as religiões institucionais são teologias políticas, porque são políticas reais da operação desse Deus puro versus esse mundo mau”.

Não é por acaso que os fascistas se aproximam das religiões. E aí a líder fetichizada, a mulher evangélica do líder fascista, vai fazer o teatro de um Deus puro, mágico, e que Bolsonaro, um verdadeiro cafajeste, é o seu representante na Terra. Quando pensamos assim, é para reconhecer o caráter alucinado disso tudo, isso tudo é alucinação, de fato o que os kleinianos chamam de alucinose. É uma alucinose, uma distorção organizada e desejante de toda a realidade, nessa direção.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Está ótimo, pois é. Antes de trazer as perguntas múltiplas de Fernando Rios, eu vou ler a observação que a Cilô nos traz.

CILÔ LACAVAL

Tomara que a transcrição desta apresentação mantenha todas as falas, sem tirar nem pôr, porque a complexidade e a clareza de tudo que foi apresentado é essencial. Tudo é essencial para ser transcrito no documento que irá para a biblioteca do ciclo. Muitíssimo obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Concordo, e será, Cilô, porque temos sido fiéis às falas e todas as suas perguntas. É importante que isso seja divulgado mesmo. Acho interessante, Tales, fiquei pensando aqui enquanto você falava, que não há absolutamente nenhum ranço de uma dimensão fascista, quando você expõe a sua indignação e, como a gente diz, xinga a pessoa, não soa nunca como um xingamento. É algo com que a gente diz: "é isso mesmo ali", porque é algo sentido efetivamente na realidade. Agora eu vou ao Fernando Rios.

FERNANDO RIOS

Para interferir positivamente na realidade é preciso compreendê-la.

- É possível definir o capital como um novo superego coletivo mundial?
- Estamos criando um sonho coletivo de ódio, baseado em uma ideologia do consumo?
- A concentração de renda cria uma hipertrofia do egoísmo?
- A erotização da comunicação de massa aumenta a frustração coletiva?
- Tudo isso remete para o neoliberalismo e para o nazismo?

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Ele imagina que você possa ter, está dizendo aqui, uma resposta só para essas questões

que de repente afloram, perspectivas do capitalismo com essa atitude que é fascista.

TALES AB'SÁBER

A grande questão contemporânea é quanto o capitalismo vai excluir para poder se reproduzir

Puxa vida, Fernando. Este é todo um programa de leitura do mundo contemporâneo. De todo modo, fico feliz que a minha comunicação tenha chegado a essas questões, porque são essas as questões de fato, que acho que são importantes. Vou responder só uma, porque são imensas, sobre o capital, sobre o caráter psicopolítico do capital.

O capital é uma coisa extremamente complexa, porque é um organizador subjetivo, é um organizador do poder e é um organizador das ilusões. É um organizador. Só que é um organizador produtor, é um modo também de expandir a riqueza e as mercadorias, a massa do que se oferece no mundo, para ser usado, mediado pelo próprio sistema do capital, porque a gente não pode acessar essas coisas todas sem dinheiro e o dinheiro é distribuído politicamente.

Distribuindo diferencialmente para quem trabalha e para quem gerencia, ou é dono da propriedade. Então o capital é produtor permanente de desigualdade, ao mesmo tempo em

que é produtor permanente de objetos que são de uso e de vida, ao mesmo tempo em que é produtor de um acesso imaginário universal a esses objetos, o fetichismo na mercadoria e a indústria cultural, ao mesmo tempo em que regula o acesso real a esses objetos, porque as pessoas não têm direito a esses objetos, ou têm diferencialmente, dependendo da sua posição na sociedade de classes.

Tudo isso é o capital. Além disso, ele está em um momento de universalização. Todos os mundos, todos os lugares são mediados pelo dinheiro, pelo trabalho abstrato, pela venda de trabalho. E na universalização dos seus efeitos destrutivos, porque outro aspecto do capital é que ele é permanentemente móvel, está permanentemente se renovando nos modos de produzir e nos modos de ganhar. E uma das realidades dessa mobilidade permanente do capital mundial é que ele botou a Terra para ser inteiramente dissolvida. O capitalismo hoje está esgotando as fontes de energia, está esgotando as fontes de matérias, está esgotando as terras cultiváveis, ou seja, está chegando em uma espécie de limite. É a crise ambiental, limite ambiental da sua reprodução.

Além da sua perversão social, que regula a inclusão e a exclusão como algo natural, e o capitalismo sempre tem um número X de desempregados e um número X de excluídos para serem presos ou assassinados. Isso é o fas-

cismo normal. A gente se esquece de que, durante os governos Lula e Fernando Henrique, durante todo o período da democracia não fascista brasileira, por assim dizer, aconteciam de cinco a seis mil assassinatos pelas polícias, por ano, no Brasil.

Porque o capitalismo tem esse caráter de manter permanentemente a produção de uma certa exclusão - a verdadeira estrutura de fundo, do que vai gerar outras estruturas de exclusão, como o "racismo estrutural", por exemplo. E aí se revela o caráter autoritário permanente do Brasil, em que as polícias mataram e matam de cinco a seis mil pessoas por ano. Chegaram a matar dez mil pessoas por ano. Mas se fala que estamos aqui em uma democracia livre e que o estado não é autoritário. Depende para quem estamos olhando. Vivemos num país no qual seis mil pessoas são exterminadas por ano pelo Estado, não há país no mundo que seja violento assim. Não tem Cuba, não tem nada, é o Brasil mesmo.

Mas a não se deve olhar desse ponto de vista, diz a máquina da ideologia geral. Do ponto de vista da manutenção do capitalismo, devemos olhar tudo do ponto de vista do progresso, não dos permanentemente excluídos e exterminados que o próprio jogo produz. A grande questão contemporânea é quantos o capitalismo vai excluir para poder se reproduzir.

É aí que o fascismo se reorganiza, como uma ansiedade diante da própria exclusão: esse homem comum autoritário do fascismo também é o homem sem destino no capitalismo contemporâneo, também é o homem que sabe que não tem qualidades nem técnicas para viver neste mundo e que sabe que não tem economia suficiente para ele. Eles estão superansiosos com o desemprego, superansiosos com a queda das suas ilusões, que o próprio capitalismo produz, e por isso surge, no interior do novo fascismo, a ideia de um retrocesso a um passado mágico, transcendente à modernidade dissolvente, surge a luta, como um certo comentarista falou, por eternidade, a busca de coisas eternas em meio à dissolução real de tudo. Que aí se volta para Deus, um Deus de fancaria e propaganda política fascista, mas uma ordem divina qualquer, que me oriente na perda da própria razão.

E por isso, certos arautos e certa vanguarda do fascismo atacam a Revolução Francesa, como o tal de Ernesto Araújo, que era o cara do Itamarati, do Ministério das Relações Exteriores de Bolsonaro. Ele escreveu atacando a Revolução Francesa, a essa altura do campeonato, porque a Revolução Francesa é o estabelecimento da ideia do contrato político como um contrato racional. Veja como pensa o fascista: “como o capitalismo está destruindo o mundo, a culpa é do contrato racional, não do capitalismo”.

Então voltamos à pré-revolução francesa: só Deus para nos salvar. Deus e um líder fascista que Deus elegeu. Veja, Deus é tão baixo que escolhe o Bolsonaro. Tão baixo que escolhe o que há de mais baixo e mais violento para representá-lo na terra. Enfim, então, realmente, o capitalismo tem um horizonte de conversão fascista. Pela sua própria crise, pela crise que ele mesmo põe no mundo e na vida, na medida em que produz contradições que não pode solucionar, ele pode se converter de capitalismo liberal em capitalismo fascista.

É isso que está em jogo hoje em dia no mundo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Verdade. Nosso tempo vai se esgotando, já estamos na prorrogação quase. E o importante desses encontros todos é que acho que todas e todos que estamos aqui vão concordar comigo, é que ao final fica sempre um gostinho de quero mais. A gente podia esticar essa conversa, seguir questionando essas coisas, o que fica para nós é que é preciso, sim, essa atitude utópica, no sentido de nos mobilizarmos a partir da compreensão, para empreender ações efetivas em relação a essa mudança que a gente quer.

Vai se aproximando uma oportunidade de a gente fazer isso, esse exercício, e não romanticamente como a gente dizia antes, mas

tendo clareza de possibilidades que nem sempre estão já prontas, que a gente terá que construir.

Quero agradecer a presença de todos vocês e mais uma vez te dizer obrigada, Tales. Tomara que a conversa possa seguir adiante aqui e que a gente tenha outras oportunidades de pensar juntos desse jeito. Janice comparece.

JANICE FIGUEIREDO

Excelente e riquíssimo encontro. Muito obrigada Tales, ao CPF pela organização e pela oportunidade. Esse obrigado é de todos e todas nós.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

Obrigado a todas e todos! Mais duas horas de humanismo. Bom dia!

ISMAEL OLIVEIRA

Fabuloso, parabéns a todos.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Olá, gente, eu apareço só no finalzinho, que coisa chata. Mas agradeço a presença de todos, a fala do Tales. Em breve a gente espera que esteja já disponível na biblioteca. Assim que estiver, a gente vai fazer essa divulgação também. Muito obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Quero agradecer especialmente à Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello por estar aqui e reforçar o convite para a gente seguir a conversa com ela na próxima terça-feira. Um grande abraço para todo mundo, bom fim de semana, até lá.

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

7

COMER PARA VIVER OU VIVER PARA COMER?

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

maria elisa de paula eduardo garavello

COMER PARA VIVER OU VIVER PARA COMER?

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto, João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales Ab'sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garavello, Maria Elisa de Paula Eduardo

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos? [livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 7 : comer para viver ou viver para comer? / Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello ; idealização e coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-25-1

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia 4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II. Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180565

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

sabrina da paixão brésio

A palestra seguinte é *O mundo é uma escola*, com o professor César Aparecido Nunes.

Bom dia a todas e todos, sejam muito bem-vindas e bem-vindos ao ciclo: *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?*, promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação de Sesc São Paulo, com curadoria de Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios.

Deixamos o convite para mesa número 8, que vai acontecer dia 8 de setembro, *O mundo é uma escola*, com o professor César Aparecido Nunes.

Antes de dar início à conversa de hoje, como sempre, algumas informações prévias: o encontro é ao vivo e síncrono, a gravação não será disponibilizada. Contudo, será transcrita e, depois de editado, o texto será disponibilizado gratuitamente para todos na nossa biblioteca (<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/#/biblioteca>).

As perguntas podem ser feitas pelo *chat*, serão repassadas à mediadora e a declaração de participação pode ser solicitada por e-mail para declaracao.cpf@sescsp.org.br com seu nome completo, o nome e a data da atividade. Agora tenho o prazer em apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios. Ela é graduada em Filosofia pela Universida-

de Federal de Minas Gerais; mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo; e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores - Gepefe, da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra à professora para apresentação da nossa ilustre convidada de hoje e desejo a todos e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Queremos pensar sobre essa história da produção e partilha da comida, da organização da comida, mas também da fome.

Obrigada, Sabrina. Muito bom dia para todas as pessoas que estão conosco. Estamos contentes em recebê-los e recebê-las aqui. E para dar continuidade a este ciclo de encontros, em que a gente retoma aquelas perguntas fundamentais à moda mineira: "*doncovim? oncotô? proncovô?*" e o que está embutido nelas: "*quemcossô?*".

Quem somos nós, os seres humanos? De onde viemos, onde estamos, para onde vamos, como é que temos construído as nossas humanidades? Vejam que apontamos para o plural. Quisemos organizar este ciclo com a intenção de fazer um exercício de reflexão, um olhar crítico sobre a realidade e a nossa relação com ela, para vê-la com mais clareza, mais profundidade, mais abrangência e poder intervir nela de uma maneira mais positiva, criando um mundo que seja bom para todos. É assim que a gente se dispôs a organizar nossos encontros, pensando que, na verdade, a gente retoma as perguntas, claro, com a intenção de descobrir caminhos

para respondê-las.

Contudo, sabendo que elas já tiveram respostas há muito tempo e respostas que se mostraram insatisfatórias. Então, seguimos perguntando.

Tenho dito aqui que as melhores respostas são aquelas que contêm ainda perguntas nelas. Mas precisamos mesmo de respostas que nos ajudem a dar conta da nossa missão. O psicólogo e antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940), nos ajudou a pensar uma perspectiva antropológica a partir de uma de suas mais belas formulações: "somos os artesãos do oitavo dia". Do oitavo dia. Mas continuamos artesãos até hoje.

Vejo que temos pessoas que têm sido fiéis à gente, têm estado conosco. Retomarei algumas coisas, no sentido de criar uma ligação com aquilo que vai nos trazer hoje a professora Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello. A gente buscou a inspiração no Carlos Drummond

de Andrade (1902-1987), no poema *Especulações em torno da palavra homem*¹. E começo com a indagação que ele faz logo no início:

*Mas que coisa é homem, que há sob o nome:
uma geografia?
um ser metafísico? uma fábula sem signo que
a desmonte?*

E vai Drummond perguntando, perguntando sobre o homem:

*Por que chora? Por que mente? Por que ama?
Por que morre?*

E ao final, ele diz:

Que milagre é o homem? Que sonho, que sombra?"

E termina com a provocação:

Mas existe o homem?

Existe o ser humano, existem os seres humanos? Homens e mulheres, e no meio, entre os homens e as mulheres, como existem?

Os convidados que estiveram conosco até agora foram nos ajudando a compor esse quadro

¹ **Especulações em torno da palavra homem**, Carlos Drummond de Andrade. <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

de quais humanidades a gente está falando. As palavras-chaves que trouxemos no início eram: cultura, sociedade, história. Plural ainda: culturas, sociedades, histórias e subjacentes a elas, no seu interior, apareciam vivamente as palavras política e políticas, isso mesmo, no singular e no plural.

Foi caminhando por aí que a gente viu se configurarem algumas imagens desses seres humanos que temos sido, porque é isso, estamos sendo, seguimos sendo. E vimos que esse ser, que é histórico, que existe em um determinado contexto, existe junto com os outros, encontra-se, desencontra-se.

Fui procurar uma inspiração ainda no Brandão, no seu livro *Nós, os humanos*, onde a gente buscou aquela ideia do artesão do oitavo dia. Ele pontua algumas indicações que são características do homem, da mulher, dos seres humanos. E diz:

*Humano é um ser que tudo come, que partilha
o que come.*

Será?

*Um ser que partilha a comida, as pessoas e
as palavras.*

Cá estamos partilhando palavras e não apenas palavras, mas os sentidos que elas trazem. E para pensarmos sobre essa história da

partilha da comida, da organização da comida, da distribuição tão desigual da comida, da fome, a gente buscou alguém muito especial: a professora Maria Elisa de Paula Eduardo Garavello.

Maria Elisa é professora associada 2 e professora sênior na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a ESALQ na USP. Lá, obteve o título de mestre em Sociologia Rural. É doutora em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Foi responsável pela disciplina Antropologia da Alimentação, do curso de graduação em Ciências dos Alimentos na ESALQ, de 2000 a 2018. Hoje é vinculada ao programa de pós-graduação interunidades em Ecologia Aplicada na ESALQ/CENA (Centro de Energia Nuclear na Agricultura) da USP. Nesse programa, a professora Maria Elisa orienta mestrado e doutorado na área de ambiente e sociedade. Tem como foco as comunidades tradicionais e/ou locais, como quilombolas, ribeirinhos, assentados e sociedades indígenas, com ênfase na segurança e soberania alimentar, sustentabilidade e políticas públicas.

Faz parte do grupo de Políticas Públicas de Combate à Insegurança Alimentar e à Fome, da USP, especialmente constituído em setembro de 2021 pelo ex-reitor da Universidade de São Paulo, professor Vahan Agopyan (1951), com o objetivo de propor políticas e ações para a melhoria da situação alimentar das

populações mais vulneráveis e para a mitigação dos problemas sociais decorrentes da insegurança alimentar.

Agradecemos muitíssimo à professora Maria Elisa por estar aqui com a gente e pensar nessa questão crucial deste mundo, em que há uma contradição entre fome e abundância de alimentos. Bem-vinda, professora. Aguardamos a sua palavra e agradecemos muitíssimo a possibilidade de tê-la aqui conosco. Maria Elisa, cinquenta minutos mais ou menos, como os convidados anteriores, para nos trazer a sua palavra e vocês podem já ir colocando as suas questões, observações e depois a gente estabelece aquele debate que temos feito sempre. A palavra é sua, Maria Elisa.

7

MARIA ELISA DE PAULA
EDUARDO GARAVELLO



Comer é ato transformador. Cria laços, transforma, de uma forma mágica, indivíduos em sociedade, muda personalidades, proclama identidades, funciona como ritual. Nutre o corpo, mas também alimenta a alma.

[...]

São abundantes os exemplos de diversidade de uma sociedade a outra, seja com relação aos alimentos produzidos, os processados, ou mesmo os consumidos. Mas o processo de industrialização e globalização nos trouxe uma realidade alimentar que nos remete a um novo modo de ordenação do nosso mundo, novas regras estabelecidas pela nossa sociedade. Será que conseguimos identificar essas novas regras?

[...]

Se antes havia apenas um temor em relação à falta de alimentos, agora há também um temor maior sobre o que comemos: não sabemos quem produziu, de onde vem o alimento, não sabemos se a comida foi produzida com agrotóxicos; e a vaca louca? Também somos expostos a informações contraditórias sobre o que deveríamos comer, sobre riscos que antes não estavam postos com relação à mesa. E isso traz um certo temor, até uma psicose.

maria elisa de paula eduardo garavello

O que caracteriza o ser humano é a cooperação, o amor.

Obrigada. Em primeiro lugar: gostaria de agradecer e dizer que estou honrada de participar deste grupo de trabalho, deste ciclo de palestras. Acompanhei algumas, não pude acompanhar todas, mas estou muito gratificada de acompanhá-las e ter a oportunidade de refletir sobre o que somos e para onde vamos. É sempre muito enriquecedor ter essa possibilidade. Quero registrar minha gratidão de participar desse processo, neste momento, aqui e agora.

Você, Terezinha, colocou o ponto de partida no fio condutor da minha fala. Início com o conceito de cultura, com o qual é possível pensar o *homo sapiens sapiens*, a sua capacidade e as suas características poeticamente colocadas por Carlos Rodrigues Brandão, que permitiram esta evolução extraordinária e a chegada ao mundo em que vivemos. E é a reflexão sobre essa evolução até o presente que vai trazer para nós a forma como foi constituído o modelo alimentar que partilhamos hoje. Na realidade, observar a constituição desse modelo, através da história, nos permite infundáveis reflexões, algumas delas serão aqui propostas.

Partimos do conceito da Antropologia de que

culturas são modos específicos de comportamento, padrões que regem a convivência dos seres humanos na sociedade. Diz o antropólogo Roberto da Matta (1936)¹:

Os seres humanos, para viverem em conjunto e em um mesmo ambiente, desenvolveram um mapa, um receituário, um código através do qual pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos, são as regras do jogo.

Precisamos entender que qualquer comportamento e, por extensão, o comportamento alimentar, nunca é dado sozinho. Embora possa ter características individuais, na realidade, tem como referência “um repertório de possibilidades” que, de uma forma mais ou menos prolongada, foi estabelecido pelo conjunto de seres humanos que convivem naquele dado contexto social.

Desenvolvendo a cultura, os *homines sapiens sapiens* adquirem aquelas características a que Terezinha se referiu, e que Carlos Rodrigues Brandão coloca muito apropriadamente - se transformam nos artesãos do oitavo dia.

Do ponto de vista da alimentação, eles têm a

¹ DAMATTA, R. *Você tem cultura?* Jornal da Embratel, RJ, 1981.

característica de serem onívoros, ou seja, a capacidade de comer de tudo, seu organismo permite isso: têm a capacidade de se adaptarem às diferentes situações espaciais e, sobretudo, têm uma condição de cooperação, são motivados a viver em conjunto. Vivem em interação desde sempre, desde a sua constituição, e isso vai ser uma característica que vai acompanhá-los até os dias de hoje.

E desde então a comida é compartilhada. Os seres humanos comem juntos, interagem, conversam, trocam ideias. E essa característica de cooperação, do amor, diz o neurobiólogo Humberto Maturana (1928-2021)² é a marca do *homo sapiens sapiens*. O autor coloca que estamos correndo risco, quando comenta o processo de individualização que está ocorrendo em nossa sociedade. Se de repente os seres humanos perderem essa característica, surgirá uma nova espécie, que não mais reconheceremos.

A questão da cooperação, do compartilhamento, é um ponto fundamental da nossa discussão. Voltaremos a esse ponto mais adiante. Outra característica do *homo sapiens sapiens* é a sua capacidade de inovação e de construir ferramentas que, de algum modo, contribuam para resolver suas necessidades no ambiente. Isso é interessantíssimo também, porque, repetindo Brandão, o artesão do oitavo dia vai transformando e adaptando o

² MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*, BH, Ed UFMG, 2001

ambiente em que vive, ao mesmo tempo em que vai criando suas regras de convivência e estilos de vida. E desenvolvendo cultura, que é passada de geração a geração.

Se tomarmos como base a alimentação, os alimentos que selecionamos, o modo de prepará-los e de como os alimentos vão fazer parte de um estilo próprio, constatamos que tudo isso termina por interferir no próprio plano biológico. Nosso corpo fica condicionado àquela aprendizagem, àquele modo de satisfazer a necessidade de alimentação.

Importante ressaltar que, na medida em que as sociedades foram se tornando mais complexas, os seres humanos passaram a participar delas de diferentes formas, estabelecendo diferentes padrões de comportamento vinculados ao fato de serem homens, mulheres e/ou crianças; ou ao ambiente rural, ou urbano, com regras próprias a cada uma de suas especificidades e diferentes condições de vida. Mas conservando em comum parcelas importantes de um mesmo código que lhes permite identificar-se como grupo, código esse que, ao mesmo tempo, por ser dinâmico, comporta muitas atualizações, quando necessário, e descarte quando inadequado ao momento, conforme as determinações desse grupo, na sua convivência.

Assim concebido, o conceito de cultura se configura bom instrumento para a compreen-

são das diferenças entre os seres humanos e as sociedades, conforme DaMatta, e para entendimento das regras do jogo da vida em sociedade.

E quais seriam então as nossas regras do jogo relacionadas à alimentação?

Comida como cultura

Cada cultura, em cada ambiente, em cada região constrói suas próprias regras de alimentação.

Massimo Montanari (1949)³, especialista em história medieval e da alimentação, explica:

Comida é cultura quando produzida. Os seres humanos não utilizam apenas o que encontram na natureza, selecionam, domesticam, plantam.

Comida é cultura quando preparada. Os seres humanos, não só produzem seu alimento, mas também o preparam, o transformam em comida, com o uso do fogo, com o uso de uma elaborada tecnologia que se exprime nas práticas da cozinha.

O ato de cozinhar não é apenas uma forma de preparar os alimentos, mas também uma maneira de organizar a sociedade em torno de refeições em conjunto e horários de comer

³ MONTANARI, M. Comida como cultura. S.P.: Ed. SENAC São Paulo, 2008.

previsíveis. O elemento festivo, que cria laços no comer junto, se inicia nas preparações. E a fogueira passa a ser um local de comunhão quando as pessoas comem ao seu redor. A culinária foi a primeira química, o cozimento foi a primeira revolução científica: foi a descoberta, a experimentação e observação das mudanças bioquímicas que transformam o sabor e ajudam a digestão.

Comida é cultura quando consumida porque, podendo comer de tudo, o ser humano escolhe a própria alimentação, estabelecendo critérios ligados a dimensões econômicas e nutricionais, sociais, simbólicas.

Comer é ato transformador. Cria laços, transforma, de uma forma mágica, indivíduos em sociedade, muda personalidades, proclama identidades, funciona como ritual. Nutre o corpo, mas também alimenta a alma.

A contribuição dos historiadores Michel de Certeau (1925-1986) e Pierre Mayol (1945-2007)⁴, na obra *A invenção do cotidiano*, pode ser esclarecedora. Para eles, a alimentação é como um poliedro no invisível cotidiano. Um ato tão normal, se alimentar, e cada uma das escolhas alimentares no dia a dia se constitui num minúsculo cruzamento de histórias. Faz-se assim porque sempre se fez assim naquela cultura, naquela casa, na casa dos avós. Nas casas das pessoas vizinhas, na

⁴ CERTEAU, M.; MAYOL, P. Invenções do cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

comunidade, é muito parecido. Por quê? Porque esses padrões são compartilhados. Mas em outro lugar, é de outro modo.

E é isto que vamos percebendo, por exemplo, quando viajamos para outros países e encontramos modos diferentes de alimentação. Ou mesmo no Brasil, em diferentes regiões. Por exemplo, em comunidades indígenas. Historicamente, elas têm padrões próprios de alimentação, baseadas em caça e pesca, em seu território, mas que, por uma série de fatores, e a partir do contato com os brancos, estão sendo alterados.

De que cruzamento de histórias estamos falando? Da história natural ecológica, mas também social, econômica e técnica.

Conforme a região, conforme o clima, a natureza do solo, encontramos determinados vegetais e animais; a história material e técnica dá conta de modos específicos de domesticação, aclimatação, plantio, produção e conservação dos alimentos. Mas também é necessário dispor de recursos econômicos para pôr em prática tais técnicas e ter acesso aos gêneros alimentícios.

Através da história, é possível entender a evolução dos padrões alimentares e chegarmos à constituição do nosso modelo ocidental de alimentação.

Entre criar ou não criar: a domesticação de animais, o desenvolvimento da agricultura.

Mais ou menos há dez mil anos, como vivia o ser humano? O antropólogo Marshall Sahlins (1930-2021)⁵ descreve o que considerou a primeira sociedade da afluência, uma sociedade na qual as necessidades materiais dos seres humanos eram facilmente satisfeitas. O autor se opõe à ideia de que a vida era muito difícil no paleolítico e que os caçadores viviam com o espectro da fome, dadas suas deficiências técnicas. Argumenta que havia disponibilidade de recursos naturais e os agrupamentos humanos eram reduzidos, constituíam grupos que se movimentavam à procura de alimentação. Assim, tinham à sua disposição, animais, raízes, frutos, uma série de vegetais. De acordo com Sahlins, coletores entendiam o ciclo vital das plantas, conheciam as estações do ano e sabiam quando e onde os recursos alimentícios vegetais naturais poderiam ser colhidos em grande abundância e com menor esforço. Do mesmo modo, caçadores conheciam o hábito de seus animais prediletos, sabiam onde encontrá-los e construir armadilhas para eles.

Naquele momento, era possível observar a cooperação entre eles. Os homens caçavam e traziam sua presa para o acampamento. As mulheres coletavam raízes e frutos, em bandos que incluíam as crianças. Na aldeia,

⁵ SAHLINS, Marshall. *A sociedade afluyente original*. Contraciv, 2021

havia a partilha da caça e da coleta. Era uma convivência organizada, no sentido de busca e consumo de alimentos. Na realidade, segundo o autor, era uma sociedade de afluência, considerando que as necessidades eram mínimas e os recursos abundantes, em comparação com a nossa sociedade, hoje, onde são muitos os recursos, mas, na maioria das vezes, inacessíveis.

Baseando-se em pesquisas com aborígenes australianos, comunidades de caçadores e coletores da África ou mesmo da América do Sul, Sahlins descreve que os homens caçavam um dia e no outro dia não precisavam caçar, porque a carne era suficiente para todos. As mulheres trabalhavam no máximo cinco horas por dia em suas coletas, com pleno conhecimento de onde buscar o fruto preferido, ou mesmo a raiz mais adequada, conseguindo resolver os seus problemas de subsistência.

Para Sahlins, talvez a abundância possa explicar sua prodigalidade, no sentido de consumirem em conjunto, de uma só vez, os estoques disponíveis, livres da obsessão do mercado.

Tratamos dos caçadores e coletores, considerados talvez os mais bem nutridos da história. Mas identificamos outro modo de obtenção dos alimentos, que não a caça.

O filósofo Friedrich Engels (1820-1895) ex-

plica de uma forma muito interessante a questão da domesticação de animais e do desenvolvimento da agricultura, no curso histórico das civilizações, em seu texto *Barbárie e civilização*⁶.

Na Ásia, seres humanos encontraram animais que se deixaram amansar e, amansados, viviam junto a eles de forma pacífica, em um relacionamento de interdependência. Se reproduziam - uma cria a cada ano, com disponibilidade crescente aos seres humanos, não só de carne, mas também de leite, laticínios, couro e pele. Esses animais não eram usados apenas como comida, mas para diversão, para ajudar na caça, no trabalho ou na guerra. Em troca, eram alimentados e protegidos de seus predadores.

A produção em quantidades crescentes, maiores do que as próprias necessidades, permitiu um intercâmbio regular, inicialmente, no próprio grupo e, depois, entre membros de diferentes tribos - sendo o gado a principal mercadoria. A domesticação passou a ser a sua ocupação primeira, tornando-os distintos dos outros agrupamentos humanos dedicados à caça. Engels assinala que essa foi a *primeira grande divisão social do trabalho*. Aspecto importante ressaltado pelo autor é que a necessidade de provisões de forragem para os animais no inverno longo e rigoroso,

⁶ Ver capítulo IX - Barbárie e civilização - do livro *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, que está disponível gratuitamente neste endereço: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1884/origem/index.htm>

provavelmente, é que deu origem à horticultura, com cultivo dos campos. Se os cereais cultivados eram destinados aos animais, logo passaram a se constituir alimento humano, dando-se assim o desenvolvimento da agricultura. Nesse caso, também as plantas foram selecionadas e domesticadas, de acordo com a conveniência humana. Estudos indicam que essa atividade se iniciou, provavelmente, naquele local que se convencionou chamar de Crescente Fértil, entre os rios Eufrates e Tigre que hoje atravessam Turquia, Síria e Iraque, antes de confluírem e desembocarem no golfo Pérsico, Oriente Médio.

Agricultura: o grande salto para o desenvolvimento ou interrupção da simbiose do ser humano com a natureza?

Dá-se aqui a Revolução Neolítica, que é exatamente o momento de mudança absoluta na civilização. Demarca um momento de ruptura, uma inovação que, ao mesmo tempo, inaugura uma separação entre seres humanos e natureza, emerge a ideia do domínio dos seres humanos sobre o mundo natural. Porque produzem o seu alimento, têm a capacidade de produção, passam a ser “civilizados”. E isso altera também o seu modo de vida. Como caçadores e coletores, seu valor máximo é a mobilidade, a facilidade de se mover e buscar o seu alimento. Como agricultores, estão vinculados à terra; a partir do plantio, ficam dependentes da colheita. E isso traz

toda a mudança no modo de vida: passam a ser sedentários, inclusive com a criação, desenvolvimento e acumulação de ferramentas e de melhoria do abrigo em que vivem.

Podem ser identificados dois modelos alimentares: entre agricultura e pastoreio, dois modos diversos de entender a relação entre homem e ambiente. Criar animais ou caçá-los, cultivar os frutos ou coletá-los na floresta. E, ao mesmo tempo, numa segunda oposição, nomadismo e sedentarismo, onde, considerando pastoreio e caça, praticados em espaços não cultivados, estes guardam uma certa aproximação, em oposição ampla ao sedentarismo praticado com o cultivo agrícola.

Ocorre aí uma dialética de múltiplas implicações materiais e simbólicas. Na caça, ritos de homenagem aos animais mortos, que estão fornecendo sua carne para o sustento dos humanos. Nas sociedades agrícolas e sedentárias, os rituais são relativos aos cereais e aos ciclos das estações do ano. Há que reconhecer nos significados dos mitos a permanência da integração humana à natureza e um movimento no sentido de reverenciá-la. Montanari⁷ dá conta de muitos exemplos nesse sentido.

Se a agricultura se inicia no Crescente Fértil, no Oriente Médio há cerca de dez mil anos conforme referido, se expande para

⁷ Obra citada

outras regiões: para a Ásia, há cerca de nove mil anos; na América, há cerca de oito mil anos; e na Europa, entre oito e seis mil anos.

Aqui existe uma controvérsia: alguns estudiosos, arqueólogos, dizem que foi o caminho por onde o *sapiens sapiens* se espalhou no globo e por onde foi levando essa agricultura. No livro *História das agriculturas no mundo*⁸, os autores comentam que, se Ásia e Europa parecem ter derivado deste centro do Crescente Fértil, não há evidências de que na América tenha ocorrido o mesmo. Talvez, processo semelhante tenha se dado de forma autônoma.

Para o professor de história Yuval Noah Harari (1976) no seu livro *Sapiens, uma breve história da humanidade* (2020)⁹, embora tenha sido em tempos posteriores, a sincronia parece não ter existido; cada um criou a sua agricultura de acordo com as condições locais.

Uma observação interessante é que o Harari contesta a concepção de que a agricultura foi o grande motor de desenvolvimento da nossa civilização e que, de certo modo, trouxe a prosperidade e capacidade de alimenta-

ção para nosso planeta. Para o autor, essa é a maior fraude da história. E por quê? A partir do momento em que o ser humano passou a cultivar os campos, ele não só criou para si muito trabalho, como também teve que se fixar no espaço, perdendo a liberdade. E não só, como passa a se reproduzir demais, com um filho por ano, traz para si mais amarras. Desse modo, Harari diz ser questionável se a agricultura foi fator de grande desenvolvimento para a humanidade ou se, na realidade, pode ser considerada responsável pela interrupção da simbiose do ser humano com a natureza e, nesses termos, uma grande fraude. Eu gostaria de ouvir a posição do professor Fernando Rios a esse respeito.

De todo modo, ao mesmo tempo que surge a agricultura, também aparece a manufatura, o controle do ferro, a forja do aço, a criação do arado, do machado, das ferramentas, com a possibilidade de cultivo de grandes extensões de terra, e diversidade na produção de leguminosas, cereais, frutos. A manufatura, a metalurgia, a tecelagem dão lugar para muitas especialidades, que acabam se concentrando nas cidades. Ocorre uma *segunda grande divisão do trabalho*, entre a agricultura e a manufatura em seus espaços também distintos (nos termos de Engels, já referido). Com a divisão da produção, Engels descreve o desenvolvimento do comércio, que terá a função de efetuar as trocas dos produtos e a intermediação entre o campo e a cidade,

8 História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea, Marcel Mazoyer e Laurence Roudart, Editora Unesp, 2010

http://docs.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/HISTORIA%20DA%20AGRICULTURA/Historia_das_agriculturas.pdf

9 HARARI, I. N. *Sapiens, uma breve história da humanidade*. Porto Alegre, R.S.: L & PM, 2020.

ocorrendo a *terceira divisão do trabalho social*.

O texto de Engels dá conta de como a sociedade foi se desenvolvendo e tornando-se mais complexa com as sucessivas divisões do trabalho e a aparição do Estado, para acalmar os conflitos e problemas criados entre os diferentes segmentos emergentes, com o surgimento de ricos e pobres, e diferenças de posses pela multiplicidade de atividades produtivas.

Retomando nosso foco, a alimentação e os cruzamentos de história que a constituem, passamos a entender que para além da história natural e técnica, há a história social e econômica de uma sociedade dividida em classes e com dificuldade crescente de prover uma alimentação digna para toda a população.

O preço dos produtos, a regularidade das provisões, ou a disponibilidade de recursos para adquiri-los passam a ser parâmetros de prosperidade ou penúria.

Identifica-se que a alimentação de cada um dos segmentos sociais vai se diferenciando, porque não basta conhecer o alimento ou a técnica, é necessário ter acesso a eles, e nem sempre há recursos necessários para tanto.

Quando alguns segmentos começam a controlar mais recursos alimentícios que os demais, a comida passa a ser um diferencial social, a representar identidades, gêneros, significados religiosos. A esse respeito, Certeau e Mayol¹⁰ relatam que, enquanto as classes superiores desenvolvem uma grande culinária e banquetes, com animais regados a vinho no Oriente e no Ocidente, temos na história o registro da população em geral com muita restrição e miséria. A gastronomia como prerrogativa das classes abastadas, que chegam a vender suas sobras aos menos favorecidos. Também registros históricos dão conta de mães nas cidades, que muitas vezes chegam a roubar pequenas porções de alimento para dar de comer a seus filhos.

Considerando campo e cidade, Certeau e Mayol¹¹ comentam:

A história da multidão de camponeses é uma história de pobres que se privam para vender o melhor de sua produção aos que moram nas cidades e reservam os subprodutos medíocres para o autoconsumo familiar.

Ali, a alimentação, muitas vezes, se reduz a sopa com alguns vegetais, alguns pedaços de carne ou ossos e pão, praticamente todos os dias.

10 Obra citada
11 Obra citada

Nosso modelo alimentar veio da Idade Média, da fusão do modelo germânico com o modelo greco-romano.

Voltando a focalizar a agricultura e a produção de alimentos, Montanari¹² cita que cada região no mundo elegeu seu cereal: o trigo, na região mediterrânea; o sorgo, na África; o arroz, na Ásia; o milho, na América.

Se no plano material a agricultura é vinculada ao acúmulo de bens, riquezas e tecnologia, no plano mental, há a referir a ideia de que o homem se torna senhor de si, construindo um espaço seu para habitar e a capacidade de processar seu próprio alimento.

Na região mediterrânea, o pão passa a ter uma função simbólica, representando a própria civilização: porque há a transformação do trigo através da moagem, elaboração da massa e ato de assar; e tem também a uva, que é fermentada e se transforma em vinho. O vinho, a cerveja, o pão vão contribuir para essa simbologia: o ser humano é capaz de interferir na natureza, utilizando-a a seu favor.

O historiador Henrique Carneiro (1960)¹³ afirma que são dezoito plantas que foram identificadas como base para alimentação. Elas representam 75% a 80% da nossa alimentação:

¹² Obra citada

¹³ CARNEIRO, H. *Comida e sociedade. Uma história da alimentação*. R.J.: Campus, 2003.

- cereais - trigo, arroz, milho, cevada, aveia, centeio, trigo sarraceno, milhã e sorgo;
- tubérculos - como a batata, mandioca, batata doce, inhame;
- três arbustos - a tamareira, a oliveira e a vinha;
- uma árvore, a bananeira; e
- uma gramínea, a cana-de-açúcar.

Estudos têm demonstrado, entretanto, que dentre sete mil espécies de plantas que poderiam ser cultivadas, a nossa civilização hoje se utiliza de, no máximo, 30, sendo três as principais: o milho, com 64%; o trigo e o arroz. Haveria a possibilidade de uma diversidade muito maior, mas o ser humano escolheu, através da agricultura, produzir algumas poucas.

Por outro lado, desde a Idade Média, podemos identificar dois modelos produtivos que se opõem: o dos gregos e romanos, com a agricultura, tendo como base o pão e vegetais; e o germânico, ainda com coleta, caça e pastoreio. Recordando os tempos de colégio, os nossos livros de história traziam o relato das invasões bárbaras, quando os povos germânicos vieram para a Europa Central, e eram considerados rústicos, porque seu modelo alimentar ainda era baseado no aproveitamento da floresta - caça, coleta, pastoreio -, em contraposição ao modelo mediterrâneo, baseado na agricultura e processamento de alimentos.

Se observarmos, houve a fusão dos dois modelos, germânico e greco-romano, de modo a dar origem ao nosso modelo, onde carne e pão são igualmente importantes. Montanari afirma que os dois modelos deixaram de ser símbolo de duas opções culturais, mas elementos de um mesmo modelo integrador da economia agrária e florestal. Montanari¹⁴ comenta:

Dessa junção derivou um regime alimentar caracterizado principalmente pela variedade de recursos e dos gêneros consumidos.

Isso deu origem ao extraordinário patrimônio alimentar europeu.

Mas outras ocorrências históricas aconteceram, incorporando novos elementos a esse modelo, entre elas, as cruzadas e as grandes navegações. Os alimentos atravessaram os continentes.

De acordo com Carneiro¹⁵ a maior revolução na alimentação ocorreu nesse momento, no período moderno, com a ruptura no isolamento continental, ocorrido no bojo da expansão colonial europeia. Especiarias, como pimenta, canela, cravo, noz-moscada, foram trazidas da Ásia; plantas, como milho, batata, tomate, amendoim, pimentão, da América. Cana de açúcar, chá, café, chocolate passaram a circular pelo mundo.

¹⁴ Obra citada

¹⁵ Obra citada

Vamos assistir ao fenômeno da mundialização dos alimentos. Um exemplo importante a referir é o caso da batata, trazida no século XVI para a Europa e que, após grande resistência, passou a ser alimento fundamental em grande parte de países da Europa central, Inglaterra e Irlanda. Entretanto, uma doença ataca as plantações de batata na Irlanda nos anos 1845-1848, impedindo a colheita por quatro anos consecutivos, ocasionando a morte, por fome, de um milhão de pessoas e o êxodo de mais um milhão de irlandeses, que migraram para os Estados Unidos. Identifica-se aqui o cruzamento da história econômica e social e ecológica a que nos referimos anteriormente.

Numa espécie de síntese da evolução alimentar e chegando às configurações do nosso modelo alimentar, vale citar o historiador e professor Fernández-Armesto (1950)¹⁶ que elenca oito pontos que marcam a revolução na história da comida.

- *Primeiro*: o uso do fogo na arte de cozinhar. A invenção da culinária.
- *Segundo*: a comida não apenas sustenta, o comer transforma-se em ritual, a fundação do ato de comer junto, da comensalidade. A comida como rito e magia é a segunda revolução.
- *Terceiro*: a domesticação, criação seletiva de espécies animais, a revolução da cria-

¹⁶ FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. *Comida, uma história*. RJ: Ed. Record. 2003.

ção do gado.

- *Quarto*: agricultura e a sedentarização. A utilização da vida vegetal como alimento.
- *Quinto*: comida e classe social. O surgimento do uso da comida como indicação de diferenciação social.
- *Sexto*: comércio de longa distância, com as cruzadas e as grandes navegações, o intercâmbio cultural.
- *Sétimo*: a revolução ecológica, com o intercâmbio dos dois continentes, América/Europa.
- *Oitavo*: revolução industrial, que se inicia com o desenvolvimento da máquina a vapor e vem trazer uma mudança drástica, absoluta no nosso modo de alimentação.

Essa revolução é o resultado de um conjunto de fatores: progressos na agricultura, a industrialização e o processamento de alimentos, o desenvolvimento da tecnologia e métodos de conservação dos alimentos, o desenvolvimento do transporte e de distribuição dos alimentos produzidos, através da comercialização.

O modelo de consumo alimentar ocidental

A oitava revolução alimentar muda completamente o nosso mundo. Passamos a ter um mercado universal de alimentos, nos termos do economista Harry Braverman (1920-1976). O autor descreve como a comida deixa de ser produzida nas unidades familiares e passa a

ser produzida pela indústria. Explica que, no início do capitalismo industrial, a família que, em sua maioria, morava em fazendas e pequenas aldeias, era a unidade econômica e todo sistema de produção dos gêneros básicos baseava-se nela. Mas, diz Braverman¹⁷:

O capital industrial lançou-se entre a fazenda e a dona-de-casa e apropriou-se de todas as funções de ambos, estendendo assim a forma de mercadoria/alimento semipreparado ou inteiramente preparado. Primeiramente pães, queijos e depois todo o tipo de alimentos.

Funda-se o que passou a ser denominado o modelo de consumo alimentar ocidental, dominante nas sociedades industrializadas, a partir do final do século XIX.

A indústria vai se apropriar do alimento e distribuí-lo. Sob a nova ordem, o alimento passa a se configurar como mercadoria. E o marketing se incumbe de promovê-la, proclamando o quanto o alimento industrializado é melhor, é mais adequado. Cria-se a distribuição de alimentos através das redes de supermercados. Entre as décadas de 1970 e 1990, a comercialização de alimentação em supermercados passa de 10% para 62%.

Surgem a modernidade em domicílio, os alimentos congelados e o micro-ondas. Também é o tempo em que a mulher vai para o mercado

17 BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista*. R.J.: Zahar, 1981, cap.13.

de trabalho e dá preferência aos alimentos processados, por serem mais práticos. Outros elementos, como a modernização dos costumes; a comida rápida, pronta, fora de casa - porque não se volta para casa para se alimentar- come-se no local de trabalho; a facilidade do iFood, cardápio padronizado para facilitar o pedido; as cadeias de restaurantes; a difusão do hambúrguer, da pizza, do refrigerante por todo o mundo.

Não se pode deixar de referir a intensificação do comércio internacional e a expansão das indústrias agroalimentares multinacionais, contribuindo para uma homogeneização dos hábitos alimentares.

Comer para viver ou viver para comer, a alimentação hoje.

É o momento de passarmos às reflexões sobre o nosso tema.

Retomando o conceito de cultura, com o qual iniciamos esta fala, é possível refletir que, em termos de cultura alimentar, há uma intersecção entre os componentes herdados, a tradição da nossa sociedade em selecionar aquele tipo de alimento, mas também aqueles que foram anexados, que vieram de fora, pela industrialização e globalização.

A tradição nos remete a saberes, valores, modos de fazer que nos foram transmitidos e

que assimilamos. Contudo, a inovação técnica vai trazer novos saberes, estilos de vida outros que vão requisitar novas equações. Assim vamos experimentar a interface entre o condicionamento e a liberdade, quer dizer, "sempre achei que isto era bom porque minha mãe me ensinou que isto é bom", mas, ao mesmo tempo, posso ter a liberdade de buscar alternativas mais adequadas ao momento e valores atuais. Sempre podemos observar essa dinâmica entre a tradição e a inovação na cultura alimentar.

São abundantes os exemplos de diversidade de uma sociedade a outra, seja com relação aos alimentos produzidos, os processados, ou mesmo os consumidos. Mas o processo de industrialização e globalização nos trouxe uma realidade alimentar que nos remete a um novo modo de ordenação do nosso mundo, novas regras estabelecidas pela nossa sociedade. Será que conseguimos identificar essas novas regras? A alimentação fora de casa é mais adequada? É válido adotar os congelados, por exemplo, para facilitar a minha vida? Ou chamar o alimento no domicílio? Comer junto ainda faz parte das nossas regras? O quanto a atualização dessas regras vai contribuir para a perda de nossa identidade alimentar?

Como explica o antropólogo e professor francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009)¹⁸, são vá-

¹⁸ Lévi-Strauss citado por Certeau e Mayol, obra citada.
O CRU E O COZIDO, CLAUDE LÉVI-STRAUSS, várias editoras.

rias as lógicas da escolha dos alimentos, os preconceitos, as proibições a eles relacionados, que constituem uma certa linguagem que traduz a ordem que damos ao mundo.

Primeiramente, há que diferenciar entre os alimentos aceitos como comestíveis na forma crua ou entre os que necessitam serem cozidos.

A segunda lógica se refere às misturas permitidas e aos modos de preparo: por que combinamos o arroz junto com feijão; por que tomamos o leite com o café; por que para nós tal mistura é boa; por que comemos o abacate com açúcar e os mexicanos, na salada?

A terceira lógica se refere às boas práticas à mesa e ao calendário das proibições provisórias. Por exemplo, na religião católica, o jejum na quaresma; ou, entre os judeus, não comer a carne junto com o leite. A proibição “não cozinharás o cabrito no leite de sua mãe”, estaria, por exemplo, ligada à proibição do incesto mãe-filho. (Certeau e Mayol)¹⁹.

Interessante notar que cada uma dessas lógicas traz consigo um sem-número de exclusões de outras lógicas, demonstrando que aquela lógica específica identifica uma idade, um status social, um grupo religioso.

Ligada a essas reflexões está a famosa ob-

¹⁹ Obra citada

servação de Lèvi-Strauss “bon à manger, bon à penser”, ou bom para comer, bom para o pensamento. Os alimentos, assim, não seriam apenas escolhidos pelo paladar ou valor nutritivo, mas porque fazem parte do modo como é pensado o nosso mundo, como são valores sociais, poder aquisitivo, crenças, representações, simbolismo.

A perda da identidade alimentar: você ainda é o que come?

Anteriormente ao modelo alimentar ora instaurado, havia a comida estruturada, um modo de comer estruturado e a comida como signo de identidade: da região, do território, do grupo social, da religião. Sob o novo modelo, temos a padronização, homogeneização, a individualização. O sociólogo e antropólogo Claude Fischler (1947)²⁰ chama atenção para a gastroanomia, fenômeno que se instala quando acontece uma diluição de vínculos de reconhecimento com a comida e, conseqüentemente, a incapacidade de dizer quem somos. Se antes éramos o que comíamos, de repente não sabemos o que estamos comendo, não sabemos quais regras devemos seguir. As práticas e representações sobre a comida se tornaram muito complexas. Com isso, perdemos nossa identidade alimentar.

Se antes havia apenas um temor em relação à

²⁰ GOLDENBERG, M. *Cultura e gastro-anomia: patologia da alimentação cotidiana*. Entrevista com Claude Fischler: Espaço Aberto - Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 235-256, jul./dez. 2011

falta de alimentos, agora há também um temor maior sobre o que comemos: não sabemos quem produziu, de onde vem o alimento, não sabemos se a comida foi produzida com agrotóxicos; e a vaca louca? Também somos expostos a informações contraditórias sobre o que deveríamos comer, sobre riscos que antes não estavam postos à mesa. E isso traz um certo temor, até uma psicose.

Podemos identificar também que essa crise se traduz em novas percepções corporais, outra relação com o corpo... na questão alimentar. A esse respeito, há que considerar, em primeiro lugar, a relação que se instala entre a criança quando nasce e a mãe. O professor Tales Ab'Saber (1965)²¹, na palestra anterior, relatou o prazer que a criança sente na relação com a mãe quando está mamando. E depois, a mãe lhe oferecendo comida. Alimento não é só nutriente, está vinculado a afeto, a acolhimento.

E, com o desenvolvimento, vêm à tona outras interações com a comida. Surgem preocupações relacionadas à saúde e ao ideal de beleza: o que está sendo consumido é saudável ou não? E a insatisfação constante entre a atração por alimentos calóricos, saborosos, e o ideal de beleza identificado com um corpo magro.

Se essas são reflexões em nível individual,

21 Ver palestra anterior deste ciclo, "É impossível ser humano sozinho", de Tales Ab'Saber.

em termos coletivos, há que considerar os dois extremos forjados pelo modelo alimentar ocidental.

De um lado, aqueles cujo poder de compra permite o excesso no consumo de alimentos sofisticados; de outro, aqueles que não conseguem o acesso a alimentos básicos.

De um lado, o desenvolvimento da gastronomia, o paladar vivenciado como uma experiência estética. Instala-se todo o desenvolvimento de uma arte, de uma alquimia na gastronomia, a busca de prazer com essas novas experiências. Essa é uma característica muito forte da nossa sociedade, onde o alimento é também um bem de consumo, carregado de significados. Toda a arte de fazer combinar odores, sabores, cores, texturas nessa busca do prazer, a busca da sensação como forma de experiência do mundo, vivência.

Carl Gustav Jung (1875-1961), um psiquiatra e psicoterapeuta do início do século XX, fundador da psicologia analítica, vai dizer que, se a nossa sociedade trouxe o desenvolvimento da racionalidade, também trouxe o desenvolvimento da sensação: tudo que é sensorialmente percebido é valorizado. E a gastronomia está vinculada a esse aspecto. Vamos encontrar, por exemplo, restaurantes boutique, ou outras novas modalidades de estabelecimento que expõem diferentes cortes de carne, diferentes tipos de comidas,

diferentes combinações, em nome da experiência gustativa.

De outro lado, no outro extremo, podemos identificar aqueles privados do acesso aos alimentos. Isso mostra uma realidade crua dos dois Brasis que vivenciamos. A Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN) fez uma pesquisa entre 2021 e 2022 sobre a insegurança alimentar, no Brasil. No meio urbano, foi identificado que 29,9% da população se diz em insegurança alimentar, seja moderada ou grave e, no meio rural, esse índice é ainda maior, vai para 35,5%. Aqueles que sentem insegurança alimentar grave são 18,6% dos habitantes do meio rural.

O modelo de produção ocidental trouxe uma forte desigualdade social que herdamos e que tem se agravado. Há também um contingente de consumidores situados entre esses dois extremos, mas que está sujeito aos temores e questionamentos anteriormente colocados.

Essa é a questão que emerge quando focalizamos a pergunta feita: em 2050, seremos nove bilhões de pessoas, 10 bilhões; haverá comida para todo o mundo?

Estudos têm mostrado que o problema não será a quantidade de alimentos. O problema maior que tem sido colocado é na distribuição dos alimentos. Estão sendo discutidas

diferentes alternativas, inclusive a criação de novos alimentos artificiais, impressos em 3D, ou até produção de alimentos em outros planetas.

Com relação ao Brasil, há que considerar que nosso país está entre os países que mais possibilidade têm de aumento de produtividade, sem ampliar as terras cultivadas. Desse modo, minha posição é a de que urge uma melhor distribuição de renda, uma otimização de nossos territórios, dos conhecimentos sobre agrobiodiversidade e dos sistemas produtivos tradicionais, e melhor distribuição dos alimentos produzidos.

Encerro por aqui e gostaria de ter a resposta de vocês a respeito de nossas reflexões. Obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Há uma espécie de privilégio em relação à alimentação em função exatamente da classe, do contexto social.

Obrigadíssima, Maria Elisa. Obrigada por percorrer conosco esse caminho da história, nos apontando algumas coisas que já vínhamos explorando, mas trazendo dados novos que nos ajudam a olhar para essa questão de um jeito mesmo diferenciado. Aquilo que se colocava quando a gente anunciou a sua fala foi plenamente respondido e eu acho que se

mantêm ainda algumas questões. Quero falar para o pessoal como é que a gente vai trabalhar aqui no *chat* ou então abrindo os seus microfones, as suas câmeras, para trazer questões para a professora Maria Elisa.

Eu fico pensando, Maria Elisa, em primeiro lugar, nisso que você fala da atualidade, que é a questão que nos provoca: a possibilidade de haver alimentos para todos e a impossibilidade, diante da realidade do contexto político, especialmente, e social. Volto a pegar aquilo que o economista e professor Ladislau Dowbor (1941)²² nos trazia, que não há problemas econômicos, mas problemas sociopolíticos. Há comida para todo mundo ou haverá essa possibilidade, mas será que todos terão acesso a ela? Acho que é essa questão.

Mais ainda me preocupa isso que você fala: uma espécie de privilégio em relação à alimentação em função exatamente da classe, do contexto social. Eu brinco, veja só, estou falando porque expressa um pouco isso, quando alguém me diz:

- Você gosta de caviar?

Respondo brincando:

- Não, eu sou de origem humilde. Na minha

²² Ver o segundo encontro de nosso ciclo, *Ganharás o pão com o suor*, palestra feita por Ladislau Dowbor.

casa não tinha nem macarrão com molho branco...

Ainda faço brincadeiras com alguns pratos tidos como sofisticados.

De repente, não pensamos nisso só para nós, mas para os outros, para o sujeito que bate à minha porta eu não dou o macarrão com molho branco, sabe como? Eu dou pão com mortadela porque, supostamente, para quem é, “bacalhau basta”. Houve um tempo no Brasil que bacalhau era uma comida popular... daí esse ditado...

Olha só, estou usando coisas de alimentação para pensar a questão social. Eu queria que você explorasse um pouco mais isso com a gente, essas diferenciações.

ANDRÉA DE ARAÚJO NOGUEIRA

O conceito da cidadania está tão implicado com as ausências que a gente vive hoje e sempre

Posso enganchar? Adorei! Muito obrigada. Bom dia a todos. Terezinha, dá licença. A questão da cidadania, pegando esse gancho que a Terezinha nos traz, tão forte, o quanto que a questão da alimentação está relacionada à cidadania, ao senso do cidadão, de participação social, que é uma dureza do capitalismo, como o Ladislau Dowbor nos falou, trouxe tão bem. É interessante como na lógica

do curso tudo vai se encaixando, Terezinha, e foi muito feliz essa construção, a partir também da questão econômica e humana. Então como o conceito da cidadania está tão implicado com essas ausências que a gente vive hoje e sempre, enfim. Frei Beto (1944)²³ nos mostrou também um pouco qual o caminho para a gente recuperar essa humanidade.

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

Viver junto significa que um depende do outro. Mas a gente tem vivido sob o paradigma da competição

Acho que a questão é esta: como recuperar essa humanidade mais cooperativa, mais solidária? Essa questão do Maturana me pegou demais. Assisti uma palestra do escritor e biólogo moçambicano Mia Couto (1955)²⁴. Foi a palestra de inauguração do programa de pós-graduação da Unicamp do ano passado. Ele, falando como biólogo, disse que se a gente, como ser humano, soubesse que existem milhares de microrganismos que vivem junto conosco e de quem a gente depende, e que não viveríamos sem todos eles, a gente teria justa noção do que é a solidariedade, que é viver junto e que um depende do outro. Mas a gente tem vivido sob o paradigma da competição. Para ele, este é o momento de a gente mudar esse paradigma, porque, na realidade,

23 Ver o quarto encontro do nosso ciclo, *Andar com fé eu vou*, a palestra do Frei Beto.

24 COUTO, Mia. *Quando o ambiente não tem nome*. Palestra na Unicamp. Promoção Nepam – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=900FIQg95Gc>

temos que ter essa noção, dependemos uns dos outros.

E acho que essa tese do Mia Couto reforça a proposta de Maturana. É isso que configura uma nova característica do *homo sapiens sapiens*: estamos dando origem a um novo ser pautado pela individualidade. Mas ele vai ter capacidade de sobreviver sozinho?

Ao mesmo tempo, Terezinha, isso que você falou de comer o caviar ou comer o macarrão com molho branco, isso é convenção mesmo, porque um é considerado bom ou mau, a comida boa para comer ou não. Mas veja, o sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) fala que a estética aparece quando a necessidade básica é satisfeita. Você só vai desenvolver a arte se as necessidades básicas estiverem satisfeitas. Trinta por cento da população brasileira não têm a menor condição de pensar em uma culinária mais sofisticada, porque não sabe se vai comer amanhã. E a gente vive com isso, a gente dorme normalmente com essa questão. A gente não aprendeu a se preocupar o suficiente para conseguir buscar sonhos de mudança para isso. A gente se acomodou a essa situação.

Isso me remete ao jornalista e historiador Laurentino Gomes (1956) e sua tese: ele fala sobre a escravidão, que a escravidão ainda está arraigada entre nós e que temos esse comportamento racista e individualista.

De todo modo, este parece ser o problema: a nossa sociedade acha normal, ainda não acostumou para essas questões, se acostumou a não as ver como uma aberração. A questão é: o que se pode fazer para alterar isso e mudar essa situação?

Vou colocar minha experiência pessoal. O reitor da USP, professor doutor Carlos Gilberto Carlotti Junior, constituiu um grupo de trabalho, do qual faço parte, *USP Políticas públicas de combate à insegurança alimentar e à fome*²⁵, com a finalidade de desenvolver pesquisas sobre insegurança alimentar, alimentação sustentável, subnutrição e combate à fome, e propor ações para a melhoria da situação da alimentação de populações mais vulneráveis e mitigação dos problemas. Os resultados parciais de nossos estudos nos têm mostrado que, em princípio, políticas públicas existem. Elas estão aí. Só que não existe vontade política ou competência para colocá-las em prática. De fazer acontecer. Muito ao contrário. Vejam como as verbas destinadas para agricultura familiar, merenda escolar, por exemplo, foram reduzidas, reduzidas, reduzidas. Então, está aí, precisamos escolher melhor nossos governantes responsáveis, mas, ao mesmo tempo, temos que entender que a mudança também depende da ação de cada um de nós.

²⁵ O relatório foi entregue neste ano e pode ser acessado no endereço: PROPOSTAS DE COMBATE À FOME E À INSEGURANÇA ALIMENTAR / RELATÓRIO FINAL <https://www.fsp.usp.br/site/wp-content/uploads/2023/02/Relatorio-Final-do-GT-USP-de-Combate-a-Fome-e-a-Inseguranca-Alimentar.pdf>

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Falando em políticas, o Anaximandro (Anaximandro Orleans Calle de Paula) traz aqui uma questão para você. Ele diz:

- Setenta e cinco anos depois da publicação de Geografia da Fome, do Josué de Castro (1908-1973)²⁶, como a cultura, entre outras, do agronegócio contribui para o agravamento da fome no Brasil?

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

A gente está com essa discussão: até que ponto o agronegócio traz riqueza para o Brasil? Escutamos muito: se não fosse o agronegócio, as contas do Brasil iriam fechar muito menores.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Ouvimos isso recentemente.

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

Cuidamos das ilhas de grande produção, o agronegócio, e o mar de pequenas, agricultura familiar, fica invisível.

É. Agora, de todo modo, o agronegócio tem trazido *commodities*, tem produzido *commo-*

²⁶ Josué de Castro (1908-1973) foi um médico, professor, geógrafo, cientista social, político, escritor e ativista brasileiro do combate à fome. Seus livros mais famosos são: *Geografia da fome* e *Geopolítica da fome*.

dities, mas não alimentos. Tempos atrás, participei de uma discussão no Sesc em Piracicaba (SP) justamente sobre isso, Anaximandro. Havia um cineasta, roteirista e produtor, Rodolfo Nanni (1924) que foi para o Nordeste com a missão de fazer tomadas para um filme sobre a questão da geografia da fome, nos lugares estudados por Josué de Castro. Era uma proposta de produção internacional. O Josué de Castro trabalhava na ONU, na Itália, nesse tempo, e pretendia fazer um filme sobre a fome nas diferentes regiões do mundo. Rodolfo Nanni chegou a filmar, fazer muitas gravações, mas o filme acabou não saindo. E cinquenta anos depois, Rodolfo Nanni voltou ao Nordeste, nos mesmos lugares, e fez novas gravações, nos mesmos lugares em que estive anteriormente. Naquele encontro no SESC Piracicaba, em agosto de 2009, o novo filme foi projetado, deixando evidente que a situação permanecia a mesma, a mesma questão da penúria. E acredito que hoje não é diferente.

O agronegócio contribui para o agravamento? Isso é muito discutido e essa não é propriamente a minha área. Mas há que considerar que o agronegócio está baseado numa racionalidade mercantil. Houve um tempo em que havia dois ministérios, o Ministério da Agricultura e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, que valorizava o trabalho da agricultura familiar. Pode-se entender que são dois modos de abordar a agricultura e a

produção de alimentos. No Censo Agropecuário de 2017, verificamos que mais de 70% das unidades produtivas são da agricultura familiar, num território menor do que 30%. Segundo o antigo Ministério do Desenvolvimento Agrário, 70% dos alimentos provinham dessas unidades familiares, considerando a produção para comércio e para autoconsumo. Não sei se esses dados são confiáveis, há controvérsias.

Rodolfo Hoffmann (1972), especialista em economia agrária, professor da ESALQ aqui de Piracicaba, SP, defende que o valor econômico da produção da agricultura familiar no conjunto da agricultura brasileira se resume a 23%. De todo modo, o que eu gostaria de trazer é a possibilidade de valorização da agricultura familiar, dos sistemas agrícolas tradicionais, talvez num modelo simultâneo ao da agroindústria.

O socioeconomista Ignacy Sachs (1927) defendeu num determinado momento que, no Brasil, "Temos ilhas de grande produção num mar de pequenas". E o que é valorizado são as ilhas de grande produção, do agronegócio, sendo que o mar da pequena produção fica invisível. Então, o ideal seria que a gente conseguisse dar visibilidade a esse mar de pequenas propriedades e dar-lhes condições de sustentabilidade...

A SBPC, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, está publicando 17 volumes

- a maioria deles já se encontra disponível
- dando conta do conhecimento de populações tradicionais, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, sobre agrobiodiversidade e sistemas agrícolas no Brasil²⁷. É um projeto que teve como objetivo registrar o conhecimento que existe, essa agrobiodiversidade brasileira que se encontrava invisível. E se a gente conseguir fazer com que esses conhecimentos se concretizem em alimentos para a população, nos próprios locais onde se encontram, poderemos fazer a diferença.

Costumo contar sempre uma história e então vou repeti-la. Certa vez, eu estava fazendo uma pesquisa junto aos ribeirinhos na Amazônia e consegui um depoimento de uma moradora da comunidade:

- Olha, a gente de vez em quando compra o frango, mas quando ele vem... se ele está durinho, tudo bem, mas se ele está molinho dá diarreia.

Vejam bem o trajeto desse frango. Para chegar lá na comunidade de Boa Esperança, onde estávamos, no lago de Amanã, viemos de Tefé. Saímos às quatro da tarde e chegamos às oito da manhã na comunidade. Viemos no mesmo barco que transportava o frango e que não tinha refrigeração. Está aí a insustentabilidade.

²⁷ POVOS TRADICIONAIS E BIODIVERSIDADE NO BRASIL – CONTRIBUIÇÕES DOS POVOS INDÍGENAS, QUILMBOLAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS PARA A BIODIVERSIDADE, POLÍTICAS E AMEAÇAS
<http://portal.sbpnet.org.br/publicacoes/povos-tradicionais-e-biodiversidade-no-brasil/>

Produzimos a soja no Mato Grosso, ela vai para Santa Catarina para alimentar as aves, as aves são processadas, são congeladas e levadas e, sinceramente, não sei dizer se é de avião ou se é de caminhão para Manaus. De Manaus, são transportadas em barco para Tefé; e de Tefé, para Boa Esperança, no referido barco. Isso é insustentável. Só que para eles é muito importante, por se sentirem inseridos na sociedade, comprando o frango em vez de consumir o seu peixe que está na beira do rio, certo? Eles se sentem, por causa da televisão inclusive, mais inseridos neste mundo globalizado se compram o frango e se inserem um novo item na sua dieta.

Não sei se estou conseguindo responder para o Anaximandro, porque a minha questão é justamente essa: é possível a convivência junto com o agronegócio? Tenho esperança que sim. Mas se a gente valorizar a produção de alimentos e tiver outras regras, talvez não precise ficar dizendo:

- Por que tenho que comprar comida no supermercado e não na feira livre da minha cidade, a verdura que vem do meio rural próximo?

Piracicaba, sendo uma cidade, tem um meio rural que produz cana-de-açúcar, muita cana-de-açúcar. Mas ela compra frutas, as frutas de Piracicaba vêm do Espírito Santo. Seria possível reorganizar todo esse setor produtivo, com produções setoriais? Se

o agronegócio está interferindo na produção de arroz e feijão porque a cadeia da soja dá mais dinheiro, nós vamos precisar de incentivos diferentes para conseguir produzir arroz e feijão...

Agora vem a segunda questão: a população vai ter acesso?

Existe um cadastro único que mostra quem são as pessoas pobres no município. Existem políticas públicas que fornecem cestas básicas para essas pessoas, só que, muitas vezes, elas nem conseguem se cadastrar para obter esse benefício.

São muitas as ações necessárias para a correção de rumos relativas à insegurança alimentar no nosso país. Mas não gostaria de atribuir a responsabilidade apenas aos nossos governantes. Seria importante também envolver a iniciativa privada. A universidade também precisa ter clareza de seu papel na intermediação dessas ações; e cada um de nós, num esforço coletivo de sociedade. Não sei se eu respondi para você, Anaximandro. Não sei o suficiente de economia para poder responder, mas como integrante desse grupo de fome da USP, espero aprender um pouco mais sobre essas questões.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Acho que muito mais gente do que nós que

aqui estamos, Maria Elisa, precisava ouvir você nessa perspectiva mesmo, de que, quando você é bombardeada pelos *slogans* ("o agro é tudo, o agro é pop, o agro é tudo"), você acaba entrando no refrão e de repente não pensa de outra maneira.

A Ana Sales traz uma importante observação:

- Agradeço a apresentação e a indicação de obras relevantes, sobre assunto tão importante. Gostaria de chamar a atenção para a interferência negativa do agronegócio nos pequenos agricultores, cujas terras estão incrustadas nas grandes plantações. O que vem de tóxico dos aviões que pulverizam as grandes plantações e estragam as pequenas produções de mel, de verdura do pequeno produtor é impressionante.

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

“A gente inclusive não quer comer aquilo que a gente produz, porque a gente sabe que tem agrotóxico.”

Tive a oportunidade de trabalhar com isso. Participei de um projeto de segurança hídrica no Mato Grosso, trabalhamos no Culuene, que é um dos rios que formam o Rio Xingu. E obtivemos testemunho dos pescadores de lá, sobre a mata ciliar:

- Os peixes estão diminuindo, porque a mata

ciliar está morrendo por causa da pulverização, os frutinhas das árvores não caem mais no rio.

As pessoas de assentamento dizem:

- Olha, é ilegal, mas temos que arrendar para a soja, porque a pulverização estraga a nossa produção de alimentos e não conseguimos produzir. A gente inclusive não quer comer aquilo que a gente produz, porque a gente sabe que tem agrotóxico.

Então, Ana, eu acho que é isso mesmo, muito bem lembrado. A gente teve essa experiência.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, Maria Elisa. Alguém mais? Fernando Rios escreve:

- O capitalismo tem determinado quem pode comer o que, na medida em que o estado se omite no oferecimento de alternativas socio-políticas de proporcionar alimentos à população. Esse trabalho tem sido feito por organizações sociais ou grupos de vizinhança, mas que alimentos fornecemos? De que alimentos precisamos?

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

Indígenas e ribeirinhos têm frutas no quintal, mas compram sucos, refrigerantes.

Eu trabalhei com ribeirinhos. Foi um projeto belíssimo, misturando metodologia de isótopos das unhas²⁸, na busca de populações no Brasil que não estivessem nessa transição alimentar, com a dieta do supermercado. E tinha um professor, professor Fernando Big-nardi, da Unifesp, que dizia para eles:

- Vocês não precisam de alimentos do supermercado, se vocês têm alimentos de melhor qualidade no quintal de vocês.

Mesmo remédios, por exemplo, ele também dizia:

- Vocês não precisam de farmácia.

Vejam o quanto a sedução da sociedade de consumo, da indústria de alimentos, do marketing, da propaganda, faz com que eles sintam necessidade de outros alimentos que não o deles.

Estudamos seus hábitos alimentares. Eles recebiam a Bolsa Família e iam para a cidade

28 O Laboratório de Ecologia Isotópica do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena), instituto especializado da USP, testou uma nova e inusitada forma para se avaliar a nutrição humana. Pesquisa coordenada pelo professor Luiz Antonio Martinelli analisou a composição isotópica contida nas unhas de 273 pessoas que participaram desse levantamento, pertencentes a seis classes sociais distintas. O estudo, que foi veiculado no Journal of human nutrition and dietetics, publicação oficial da associação dietética britânica (The British Dietetic Association), abre as portas para que novas ferramentas sejam incorporadas aos métodos de se fazer avaliações nutricionais, pois, apesar de atingir um número grande de pessoas de uma determinada região, não fica restrita a levantamentos socioeconômicos ou a dados estatísticos.

LABORATÓRIO DO CENA TESTA MÉTODO DE AVALIAÇÃO NUTRICIONAL POR MEIO DA UNHA
USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO / HOME / NOTÍCIAS / PESQUISA / ACESSO 16.06.2023
<https://www5.usp.br/noticias/pesquisa-noticias/laboratorio-do-cena-testa-metodo-de-avaliacao-nutricional-por-melo-da-unha/>

fazer compras. E a gente perguntava:

- Compram carne de boi?

Eles respondiam:

- "Sim."

Só que a carne a que se referiam era a dos enlatados, os embutidos, feitos com os refugos do processamento da carne do frigorífico, moídos e fisicoquimicamente processados. Comem linguiça calabresa, salsicha, bebem os sucos... Eles têm as frutas no quintal, mas compram sucos em pó, os refrigerantes. Também na comunidade indígena Xavante, no Mato Grosso, que nós visitamos. Eles têm uma sensibilidade muito maior ao açúcar, então têm diabetes em altíssimo grau.

Esse é outro problema com que temos que lidar. A educação seria suficiente para contrapor valor do local ao poder da publicidade? De que alimentos precisamos e como fazer valorizar os alimentos que temos no nosso quintal?

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A questão é mesmo essa. No dia oito de setembro, a gente vai ter um encontro com o pedagogo e professor César Aparecido Nunes, da Unicamp. A gente até pensou que, na verdade, ele quase que fecharia o ciclo, exata-

mente por causa dessa perspectiva da educação, Maria Elisa, que é a possibilidade de ampliar a informação e desenvolver um espírito crítico. Exatamente por causa desses problemas de educação, muita gente não tem essa consciência desenvolvida.

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

E vejam como o mercado trabalha no sentido oposto. Estávamos conversando com a secretária de Agricultura de Piracicaba. A cidade tem um sistema de feiras, faz quarenta anos que a cidade tem muitas feiras livres nos diferentes bairros. No dia que tem a feira livre naquele bairro, o supermercado abaixa o preço dos produtos, para competir com os produtos locais. Quer dizer, é uma competição inglória.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É um absurdo, exatamente, isso mesmo. Não temos aqui questões no *chat*, alguém gostaria de trazer mais alguma observação? Fernando Rios?

FERNANDO RIOS

A passagem do nomadismo para o sedentarismo determina uma mudança significativa na humanidade.

Eu gostaria de recomendar a leitura de um

livro que acho extremamente importante de Jared Diamond, que se chama *Armas, germes e aço*, da Editora Record. Esse livro é riquíssimo, fala sobre a ocupação do ser humano no espaço terrestre e mostra um pouco isso que você estava falando sobre a questão da agricultura. Acho que a agricultura e a pecuária criaram um ponto de inflexão na humanidade, porque foram responsáveis pela fixação das pessoas. A passagem do nomadismo para o sedentarismo determina uma mudança significativa na humanidade. E esse processo aconteceu em tempos e espaços diferentes.

Porém, com o passar do tempo, essa mesma agricultura, pelo seu desenvolvimento tecnológico, pela monocultura intensiva, expulsou as pessoas da convivência do campo e as levou para a cidade. Aquilo que você estava comentando sobre a necessidade de conviver, que a agricultura trouxe em um determinado momento, aquilo foi deixado de lado na cidade e, ao mesmo tempo, quando você fala sobre o micro-ondas, é o final de um processo. O micro-ondas vai atender a uma necessidade de solidão das pessoas. E de praticidade, num tempo que preza a pressa, a rapidez. O micro-ondas é uma consequência. Acho que ele não está determinando, ele veio consolidar uma situação.

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

Realmente, o livro de Diamond é muito ilus-

trativo e instigante. Sobre o micro-ondas, você traz outra perspectiva, ele seria consequência e não a causa da solidão, conforme Fernández-Armesto, temos que considerar.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Saber e sabor têm a mesma origem etimológica: sapere, do latim, significa experimentar.

Nosso tempo já vai se esgotando.

Eu estava dizendo, Maria Elisa, que o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940) diz que somos seres que partilhamos a comida e as palavras. Essa partilha nossa aqui tem mesmo essa intenção de fazer algo que seja saboroso. Você falou nessa percepção, porque saber e sabor têm a mesma origem etimológica: sapere, do latim, significa experimentar. Os portugueses usam isso, eles dizem: "isso sabe a maçã", tem gosto de maçã. Ouvi uns rapazinhos que andaram cantando por aí, na década de 60, chamado Menudos, que cantavam assim: "sabes a chocolate", tem o gosto do chocolate.

Foi extremamente saboroso este encontro, no sentido de que aprendemos. O Anaximandro e a Ana disseram que precisaram de sair, mas te agradeceram. E é isso que a gente faz agora também, Maria Elisa. Tomara que a gente, quem sabe, possa seguir adiante com

essa experiência saborosa de encontros que a gente vem fazendo. Agradecemos muito, você tem a sua palavra para finalizar e Sabrina encerra para a gente. Desejo a todos e todas um dia bom, coisas boas e fico esperando todo o mundo no dia 8 de setembro. Diga lá, Maria Elisa.

MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO

Eu só tenho a agradecer também, dizer do meu prazer de estar aqui e me colocar à disposição também eventualmente, no que desejarem. Para mim, como manifestei no início, foi extremamente gratificante ter acesso a esta sequência de palestras tão instigantes e saborosas. Agradeço.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Agradecemos muito a presença de todos e todas nesta manhã fria de São Paulo. Agradecemos muito à professora Maria Elisa, lembrando que esta conversa vai ser transcrita e disponibilizada gratuitamente na biblioteca do Centro de Pesquisa e Formação. Lembremos que a próxima mesa do dia 8 (O mundo é uma escola, com o professor César Aparecido Nunes) está com inscrições abertas. Compartilhem também com seus contatos, com outras pessoas que podem estar aqui com a gente somando neste debate. E as outras duas palestras - de Tatiana Roque e Sônia Guajajara - que seriam em setembro, serão remar-

cadas para outubro e estarão na programação logo mais para vocês continuarem com a gente. Agradeço a presença de todos e uma boa semana, um bom dia.

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

8

O MUNDO É UMA ESCOLA CÉSAR APARECIDO NUNES

césar aparecido nunes

O MUNDO É UMA ESCOLA

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –

CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogério Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e
Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nunes, César Aparecido

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 8 : o
mundo é uma escola / César Aparecido Nunes ; idealização e
coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. --
São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo :
Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-27-5

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II.
Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180564

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

sabrina da paixão brésio

Portal do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br>

Olá a todas e todos, sejam bem-vindas e bem-vindos ao ciclo *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo. Antes de dar início à conversa de hoje, algumas informações. O encontro é ao vivo e síncrono, a gravação não será disponibilizada. Essa gravação será transcrita e posteriormente publicada e poderá ser consultada gratuitamente. As perguntas podem ser feitas pelo chat e serão repassadas à mediadora.

A declaração de participação pode ser solicitada por e-mail, em declaracao.cpf@sescsp.org.br com seu nome completo e o nome da atividade.

Agora tenho o prazer em apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios: graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo, Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores - GEPEFE, da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra à professora para apresentação do nosso ilustre convidado de hoje. Desejo a todas e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Os seres humanos são os artesãos do oitavo dia

Obrigada, Sabrina. Muito bom dia a todas as pessoas que estão conosco nesta manhã. Para seguirmos adiante a nossa conversa, que se iniciou no mês passado, com a proposta de realizarmos encontros para refletirmos a propósito da construção das nossas humanidades... Atenção, no plural. De onde viemos, onde estamos, para onde vamos, quem somos? Aqueles que nos acompanharam desde o início me ouviram insistir na versão mineira das perguntas: *doncovim? oncotô? proncovô? quemcossô?*

Essas são as perguntas fundamentais que têm sido feitas pelos seres humanos na sua história e para as quais já se apresentaram inúmeras respostas, mas todas elas têm sido provisórias, todas elas não têm satisfeito a gente do jeito como gostaríamos e por isso mesmo é que voltamos a fazê-las.

Usamos como pretexto para realizar esta conversa, esta prosa mesmo, no sentido mineiro, mais uma vez, na palestra. Palestrar em Minas Gerais significa conversar. Não temos palestra se não temos uma palavra que vai, uma palavra que vem, ideias que são partilhadas, não trocadas. Porque há perdas nas trocas. Na partilha, a gente tem a possibili-

dade de seguir adiante, enriquecidos pelas ideias que nos trazem aqueles e aquelas que entram na nossa roda para palestrar.

As nossas perguntas eram:

- Como é que a gente tem se construído?
- Como temos construído as nossas humanidades no decorrer da história e nos múltiplos espaços das sociedades?

E tomamos como primeira referência o poema de Carlos Drummond de Andrade, *Especulações em torno da palavra homem*¹.

Eu brinco toda vez dizendo que, no último momento, todo mundo vai falar junto comigo o poema de tanto que venho repetindo. Mas quero mesmo, como um mote de início, tomar alguns versos do Drummond que nos ajudam a compreender um pouco e justificar a nossa conversa. Drummond começa perguntando:

*Mas que coisa é homem, que há sob o nome:
uma geografia?*

Um ser metafísico? Uma fábula sem signo que

1 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

<https://wp.ufpel.edu.br/aulasmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

a desmonte?

Vai seguindo perguntando coisas a propósito do homem e, no final, ele indaga:

Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos?

Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte?

E termina:

Que milagre é o homem? Que sonho, que sombra?

Mas existe o homem?

Essa era a pergunta que lançávamos e cada um que aqui veio responder:

- Claro, existe, mas aí é que a coisa se complica. Como existe o homem? De que jeito?

E os nossos convidados, de forma brilhante, foram entrelaçando as suas ideias para pensar nessa construção da humanidade. Ali, junto com Drummond, a gente buscava a contribuição do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940) em um livro importante que já mencionamos aqui, que se chama *Nós, os humanos: do mundo à vida, da vida à cultura*, da Cortez Editora. Ali, Brandão diz algo muito bonito que sempre volto a repetir, que

“os seres humanos são os artesãos do oitavo dia”.

Sabe, CÉSAR, é como se Deus no sétimo dia resolvesse descansar e nos desse a missão de seguir adiante. E cá estamos nós construindo, nos construindo, construindo o mundo, as humanidades. E que construção é essa? Será que ela tem um caráter positivo? Como ela tem contribuído para aquilo que é o horizonte da vida humana, que é o bem comum, a felicidade?

Foram esses os caminhos que a gente foi seguindo. Perguntando como é que inventamos morar, como inventamos estar juntos, como inventamos cuidar da nossa vida material. E tínhamos vindo até agora pensando em explorar o papel da ciência na criação dessa humanidade e a perspectiva do meio ambiente. Não tivemos a possibilidade de ter aqui Tatiana Roque, que pensaria sobre o progresso científico, nem Sônia Guajajara, que pensaria sobre o meio ambiente. O encontro com elas foi transferido para outubro, como a gente já avisou.

Hoje temos a alegria de ter com a gente o filósofo, antropólogo e professor César Aparecido Nunes. César amigo, companheiro, parceiro de caminhada, que vai nos ajudar a pensar sobre aquilo que a gente chama mesmo de processo de construção da humanidade, porque o que é a educação, senão um processo de

construção da humanidade. E o César vai nos ajudar a ir adiante no caminho, nessa reflexão que quer ser crítica, sair de um aspecto apenas do senso comum, do superficial, e passar para uma perspectiva mais abrangente.

César é licenciado em Filosofia, História e Pedagogia. É professor titular, doutor e livre docente da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, a UNICAMP, na área de Filosofia e Educação, e atua nas linhas de pesquisa política, ética e educação, pesquisa sobre as epistemologias que orientam a educação, filosofia e os direitos humanos.

Ele é também professor colaborador no programa de pós-graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Tocantins, e no instituto IGC, Ius Gentium Conimbrigae, da Universidade de Coimbra, em Portugal. É membro fundador, presidente do conselho científico e diretor do Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção dos Direitos Humanos (INPPDH).

E a gente cruza os caminhos, além da universidade, na Rede Brasileira por Instituições Educativas Socialmente Justas e Aldeias, Campos e Cidades que Educam, a REDHUMANI. O César vai contar para a gente um pouco disso daí. Agradecemos você, César, por ter o privilégio de tê-lo aqui e lhe passamos a palavra para que você possa ajudar a gente nesse caminho de reflexão sobre essa escola que é o mundo ou essa criação que é a educa-

ção. Muitíssimo obrigada. César tem 50 minutos, uma hora, e depois a gente já pode ir caminhando com as nossas observações e perguntas para ele. Vamos lá.

8

CÉSAR APARECIDO NUNES



Eu queria tanto que a Pedagogia do Brasil chegasse a Jan Amos Comenius, em 1629, e não achar que as pessoas são a priori determinadas ou por Deus, ou pela natureza, ou pelo sexo, ou pela etnia. A grandeza da libertação humana é que todo mundo é capaz de aprender todas as coisas, porque o saber não está na alma, no sexo, na identidade étnica, na subjetividade, o saber está na relação com seus pares, no processo pedagógico, no processo institucional, educacional e escolar.

césar aparecido nunes

A democracia ateniense inventa a escola

Eu agradeço muito à Terezinha pelo gentil convite, pela apresentação que fez agora. Quero agradecer ao Sesc pela habilidosa e propositiva iniciativa de trazer a Terezinha e o Fernando Rios, para que a gente consiga fazer esse percurso reflexivo que estamos fazendo aqui em cima de uma provocação mineira, bem brasileira, e altamente filossófica, sobre as grandes questões que mexem conosco e nos impulsionam a pensar o sentido de nossa existência. Eu penso que educação é uma palavra que nos interpela a todo momento. Há uma compreensão, muitas vezes, muito senso comum, do processo educacional. O meu tema é a Educação, e esse tema é que, de certa maneira, me inspirou a preparar esta reflexão com vocês.

Quando a gente olha a Antiguidade, o tempo da Antiguidade, a gente se depara com civilizações maravilhosas. A gente olha, por exemplo, o Egito. O Egito tem grandes construções arquitetônicas das quais conhecemos muito mais as pirâmides. O Egito tem uma teologia, uma divinização de seres antropomórficos. O Egito tem técnicas de mumificação que são, até hoje, admiráveis. Mas o Egito não tem escola, não há nenhuma escola no Egito. Não havia educação formal no Egito.

Quem dominava tecnicamente o poder da escrita, e particularmente o registro, eram os escribas, uma espécie de técnicos e sacerdotes que moravam no palácio faraônico para acessar e qualificar a educação do faraó.

Mario Manacorda (1914-2013), um dos grandes historiadores da Educação, diz que o faraó era presumivelmente analfabeto, mas ele era formado para fazer a retórica, porque ler e escrever era atividade dos escribas.

Quando a gente olha a Babilônia, uma civilização maravilhosa, sabemos até que há jardins suspensos da Babilônia, mas a Babilônia também não tinha escola. A escola, a educação similar à escolar, era uma habilidade reservada a um *corpus* de sacerdotes.

A China idem. As construções chinesas são maravilhosas. Eu, até hoje, me admiro dos palácios chineses, nos quais a pontinha do telhado parece a pontinha de um sapato, mas na Antiguidade chinesa não há escolas institucionalizadas.

Vamos olhar a Índia: um conjunto de sacerdotes que agiam corporativamente na classe social considerada pura, os brâmanes, são eles

que dominavam o modelo de escrita védica que até hoje nos inspira.

Constatamos assim que a educação escolar é uma construção muito recente. Quem inventou a escola? Quem criou essa instituição social? E eu respondo de boca cheia: os gregos, os atenienses, particularmente, a partir da exposição de trabalhos de Péricles (495-429 a.C.), um célebre e influente político grego, no século quinto antes de Cristo, quebrando o poder da monarquia, destituindo uma vez por todas o poder dos monarcas, das dinastias que se sucediam no poder em Atenas, inclusive o rei Egeu e Teseu e toda a mitologia que justificava a dominação daquele processo.

Péricles vai ser também um reformador social que cria as condições para o surgimento da democracia ateniense. *Demos kraton*, poder dos representantes de quarteirão. Ele vai abolir de vez a hereditariedade, a filiação divina e vai colocar um paradigma: os homens têm que governar a partir da sua identidade e a partir da nova forma de compreender as relações sociais. E, aí, podemos afirmar e reconhecer que a democracia ateniense, Te-rezinha, é a mãe da escola antiga. A escola grega nasceu com a finalidade de qualificar, de preparar os filhos da aristocracia para o novo mundo que a polis instaurava, na qual era exigido aprender a falar, aprender a ler, aprender a escrever. Foram os atenienses que inventaram a *scholē te alfabetique*,

a escola do alfabeto. Até porque, a palavra alfabeto é um neologismo simples das primeiras letras de todo o abecedário grego: alfa, beta, iota, capa, lambda, ksi, rô, psi etc.

Aprender o alfabeto era equivalente, para nós, no senso comum, aprender o bê-á-bá, aprender as coisas simples. A aristocracia ateniense vai exigir que os seus filhos aprendam a ler, aprendam a escrever e aprendam a falar. A escola antiga é filha da democracia. A democracia ateniense é que inventa a escola. É certo que há outras escolas em Tebas, Esparta, por exemplo, que é uma escola estritamente militar. Mas a escola ateniense é a primeira versão de uma escola com finalidade social de preparar as pessoas para o convívio racional na nova ordem, a *polis*.

Jean-Pierre Vernant (1914-2007), historiador e antropólogo, especialista em Grécia Antiga e mitologia grega, trabalha bem isso com beleza, ao abordar as origens do pensamento grego. A razão política é que cria a razão pedagógica, a razão escolar. É a racionalidade da vida social que exige um novo equipamento, o equipamento escolar. Os gregos vão inventar a escola com as marcas da aristocracia e vão dotá-la de tipologias e de dispositivos com a finalidade de reproduzir as condições de vida daquele trabalho político e social.

A escola tem, portanto, 2.500 anos, com várias falhas. Não é um contínuo. Ela é uma invenção grega ateniense, de identidade social aristocrática e, de certa maneira, eu estou aqui diante da Terezinha, que é uma musa da Filosofia. A democracia e a escola necessitam de outra ideologia, de outra explicação sobre os fundamentos da vida humana.

**“O ser humano é um ser que aprende.”
Aprender é a mais radical definição antropológica.**

É a *polis* que vai inventar a Filosofia. A filosofia é a teoria política, a teoria pedagógica, a antropologia da nova ordem mundial inaugurada pela democracia. A filosofia justifica os negócios de poder, os negócios de viver e de conviver em Atenas. A filosofia nada mais é do que a consciência da vida política ateniense. É por isso que antes, sabe Anaximandro¹, os filósofos, antes de Atenas, têm uma pergunta:

- O que é o mundo? Qual é o primeiro produto, o primeiro arquétipo que criou o mundo? A água, a terra, o fogo?

Mas a filosofia alcança sua maturidade quando chega em Atenas e, premida pelas condições sociais objetivas, ela pergunta:

¹ Anaximandro, neste ensaio, é o estudante e pesquisador que acompanha a exposição do professor Cesar Nunes.

- Quem é o homem para que dele nos ocupemos?
- Quem é o homem para que ele aja moralmente? Sócrates.
- Quem é o homem para que se possa educá-lo? Os sofistas.
- Quem é o homem para que possamos compreender a sua plenitude? Platão.
- Quem é o homem para educá-lo para viver politicamente? Aristóteles.

A pergunta que a Terezinha e o Sesc revisaram neste curso é a pergunta que inaugura o Ocidente, a democracia ateniense, a pedagogia e a filosofia. A escola, portanto, tem 2.500 anos, com muitas lacunas, no processo histórico de sua constituição.

Agora vejam, uma dupla de pesquisadores ingleses, lutando para identificar o primeiro esqueleto humano em África, deparam-se com um achado. Eles encontraram o esqueleto de uma mulher, talvez a primeira antropeide, de 1,55 metro². Eles escutavam uma música *Lucy in the sky with diamonds*, que era libelo a favor do LSD, na boca dos Beatles. E aí eles dão o nome para aquele esqueleto encontrado de Lucy, por causa da música. A Lucy, aqui já abrasileirando, é a primeira antropeide cientificamente reconhecida plena, é uma mulher.

Um dia, na pós-graduação, eu pedi para os meus alunos escreverem uma carta para Lucy,

² Lucy é um fóssil de *Australopithecus afarensis* de 1,5 milhão de anos, descoberto em 1974 pelo antropólogo e professor Donald Johanson e pelo estudante Tom Gray, em Hadar, no deserto de Afar, na Etiópia.

a primeira antropeide, dizendo o que aconteceu com a condição humana.

Me espanta muito quando aparecem esses desenhos da evolução humana que vão do primata até o ser humano, propriamente dito. Não aparece uma mulher, só tem homem, como se fosse a evolução unigenérica, um gênero só, quando a primeira antropeide reconhecida pela ciência, tem o nome de mulher, é Lucy.

Agora vejam: qual é a datação pelo carbono 14 do esqueleto da Lucy? 1,5 milhão de anos. A primeira datação foi de 1,1 milhão; depois, 1,2 milhão; agora chegou a 1,5 milhão. Ou seja, meus queridos e queridas, a 1,5 milhão. Se a gente ficar só nessa qualificada evolução, nós evoluímos para constituir a condição humana, mas a escola só tem 2.500 anos. A evolução humana é muito mais ampla, é muito mais exigente para ser compreendida. Já sabemos que não há um núcleo só de evolução como queriam as teorias eurocêtricas, a partir, seja da Europa, depois da Ásia. Sabemos que há pelo menos 15 nichos arqueológicos que possibilitam reconhecer diferentes humanidades que se desenvolveram a partir da ocupação geográfico-espacial. Isso daí a gente pode encontrar em bons textos e livros.

O fato é que há duas formas de entender a educação. A educação escolar com sua história e a sua identidade, e a educação antropológica, a educação ampla, a educação humana,

o desenvolvimento da condição humana, esse ser, talvez um dos mais frágeis do mundo, que precisa dos seus pares para completar a sua gestação, e que hoje pauta-se como soberano, tristemente, em um planeta chamado Terra.

Agora, vejam, a educação envolve duas grandes definições, a educação no sentido lato, no sentido amplo, que é a produção social da vida humana, e nesse sentido, *educação* e *humanização* são sinônimos. Educar e humanizar referem-se à mesma condição, ao mesmo processo. Aprender a falar, aprender a ler, a reconhecer os sons, a reconhecer o cheiro, educar os sentidos, vincular-se a alguém, seja a mãe, seja alguém que cuide, seja família nuclear básica, sejam aprendizagens antropológicas. O ser humano vai aprendendo a sua condição.

Eu já ouvi, na minha formação histórica, definições de toda sorte sobre a natureza do ser humano. *O homem é um ser que ama*, em algumas definições; *o homem é um ser que trabalha*, na tradição marxista; e em outros autores e escolas, *o homem é um animal racional*, na perspectiva racionalista, idealista; *o homem é um ser que produz arte-fatos*, na antropologia; para o filósofo e matemático Thomas Hobbes (1588-1679), *o homem é o lobo do outro homem*, tem uma tendência má; ao contrário, para o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), *o homem nasce bom, é uma bondade, a sociedade é que o deprava*.

Todas as definições, uma atrás da outra, são conjunturais. Mas se eu fosse reduzir a definição do ser humano à mais radical categoria, eu diria:

- O ser humano é um ser que aprende.

Aprender é a mais radical definição antropológica. O ser humano aprende a amar, como aprende a odiar. Aprende a sobreviver, como aprende a matar. Aprende a preservar, como aprende a degradar. Pode aprender a ser racional e a ser intuitivo. Aprende a ser emocional e a ser afetivo. Nada disso está pré-determinado, pronto, acabado. O ser humano é um ser de permanente aprendizagem. Eu sei que houve um reducionismo na história da pedagogia do conceito de aprendizagem, um reducionismo um tanto psicologista e depois, um tanto técnico por demais.

Mas aprendizagem, no sentido amplo da antropologia, é que cada pessoa que nasce é um pouco da história do mundo. Cada pessoa que nasce é uma nova síntese da humanidade, e é preciso, na belíssima definição de quem você menos imagina, do professor, filósofo e pedagogo Dermeval Saviani (1943):

Educar é produzir em cada indivíduo singular, especificamente, a humanidade que foi produzida, social e coletivamente. Educar é humanizar.

Nós da Igreja, da educação e da escola, temos o dever de ensinar tudo a todos, pois todos são capazes de aprender todas as coisas.

Todo mundo no sentido lato da palavra, é educador. Todo mundo que toma uma atitude transgeracional, transmite alguma coisa para as gerações que estão nascendo, integrando-se. Nesse sentido, educação em uma primeira definição, é endoculturação. Quando eu era criança, Terezinha, morava no Paraná, eu sou paranaense, do meu norte do Paraná querido. Eu comia muito abacate porque abacate era muito comum lá e o dia que a professora perguntou:

- Como se chama aquilo que tem dentro do abacate?

Eu gritei:

- É caroço!

Ela disse:

- Não, é endocarpo, Fernando.

Eu falei:

- Não, mas endocarpo não é; só se for o da senhora, mas lá no sítio é caroço!

Ela brigou comigo com muito respeito e ela disse:

- É endocarpo!

E explicou que *endo* é dentro, e *carpo* é semente, semente de dentro, ela disse. Eu fiquei meio convencido. Mas depois eu fui ler alguns tratados de antropologia na educação e vejo uma definição belíssima: “educar é endoculturar, é trazer para dentro da cultura”. A educação, no sentido lato, dura a vida inteira, não acaba nunca, é um desenvolvimento pleno ou em plenitude.

Já vimos que a escola tem certidão de nascimento, a escola nasce exatamente na experiência da democracia ateniense. Agora, o modelo de escola ateniense, Terezinha, ele também precisa hoje, à luz da ciência social, crítica, questionar por que, ao nascer como pensamento inaugural, como processo reflexivo da condição ocidental padrão, a Filosofia também tem riquezas, belezas e contradições.

Platão (428/427-348/347 a.C.), por exemplo, é o primeiro teórico da educação do Ocidente, porque Sócrates (470-399 a.C.) era mais um parenético, fazia e ensinava lições de vida. Os pré-socráticos não se preocupam com a educação, mas com a natureza, com a *physis*. Platão é o primeiro a buscar definir a condição humana. Nesse sentido, talvez, o primeiro antropólogo, o primeiro pesquisador, e Platão, Fernando Rios, define que o que explica a diversidade das pessoas é a

qualidade das suas almas, a tipologia anímica. Existe gente que tem alma intelectual predominante, esses deverão ser magistrados e juizes; existem outros que têm uma alma irascível, que é cheia de temores e afetos, metaforicamente centrada no coração (até hoje nós temos essa dependência imagética), e existem outros que têm a alma predominantemente nos membros, nas pernas, no sexo e nos pés (*geomoros*), aqueles que tem o pé no barro (*geomoro*), aquele que pisa no barro.

E Platão diz:

A partir da qualidade das almas é que se define a diversidade da vida.

Ele não recorre mais aos deuses, ele recorre a uma sociologia de natureza filosófica, profundamente determinista e inatista. Ou os homens se tornam reis, ou os reis se tornam filósofos. Platão abominava a democracia, Platão não era a favor da democracia, ele achava que a predominância das almas é a causalidade estrutural do mundo. Existe, até hoje, gente que continua platônica, tem gente que acha que precisamos descobrir na alma as pré-condições de desenvolvimento das pessoas. Uma ontologia pré-determinista inata, que hoje, na sua última versão, é encontrada na concepção de competência e habilidade. A gente tem que supostamente achar onde que se localizam as competências e como desenvolver as habilidades. Os gregos chamavam de

lógoi spermatikoi, derivada da palavra esperma, como se fosse *sementes da razão*, que já estão predispostas na alma, e o educador só tinha que trazer o que aquilo já estava pré-determinado.

Quem respondeu a essa visão platônica foi um bispo morávio, chamado Jan Amos Comenius (1592-1670), educador, cientista das pessoas e escritor, preparador da visão liberal. Fernando Rios, ele escreveu em 1629, no seu livro *Didatica Magna*, que Deus não seria injusto de dar a uns uma alma melhor que as outras, e a natureza não é ignorante, ela dá a cada um o que é necessário para sobreviver. Portanto, nós da Igreja, da educação e da escola, devemos saber que temos o dever e a arte de ensinar tudo a todos, pois todos são capazes de aprender todas as coisas, porque o saber não está na alma, está no método e na relação pedagógica com seus pares.

Eu queria tanto, Terezinha, que a Pedagogia do Brasil chegasse a Jan Amos Comenius, em 1629, e não achar que as pessoas são *a priori* determinadas ou por Deus, ou pela natureza, ou pelo sexo, ou pela etnia. A grandeza da libertação humana é que todo mundo é capaz de aprender todas as coisas, porque o saber não está na alma, no sexo, na identidade ética, na subjetividade, o saber está na relação com seus pares, no processo pedagógico, no processo institucional, educacional e escolar. Essa tese humanista

só é possível ainda ser sonhada, porque ela ainda patina na pedagogia contemporânea de que todo mundo é capaz de aprender todas as coisas. Todo mundo cita, Terezinha, quando é para ler Platão, *A República*, e manda ler o livro sétimo, dos 10 livros ou capítulos que a compõem. Eu peço para ler o livro quarto, é onde ele fala da tipologia das almas, e ele diz assim:

Pode o pé, ser cabeça? Não. Pode o braço querer ser coração? Não.

Ele faz uma explicação perversa, muito comum ao fascismo, de explicar a diversidade das coisas pelas funcionalidades, como se fosse isso. Platão tem uma matriz pedagógica que os gregos chamavam de *Paideia*. A *Paideia* grega tem que ser revisitada para ser contextualizada, apropriada e depois criticada, sem nenhum tipo de juízo perverso ou bobo, e compreender que era um avanço para a época, mas que hoje precisa ser revisitada.

Os jesuítas criam no Brasil uma cultura colonial mercantilista, eurocêntrica.

O mundo vai passar por um período difícil que é a Idade Média. A Idade Média é rica de um lado e pobre de outro. A escola na Idade Média é privilégio de classe, é da nobreza. A mesma tese platônica se reacende no teólogo e filósofo Santo Agostinho (354- 430):

- Ninguém aprende pelas palavras, ninguém aprende pelos professores, os professores ajudam, as palavras ajudam, aprende porque Deus ensina na alma.

Voltou a Platão. Santo Agostinho se sentou ao lado de Platão e batizou Platão, e fez Platão suplantar a tese de Jesus de Nazaré, porque Jesus é mais revolucionário. Jesus diz, e eu sou meio teatral, quando sobe aos céus, a leitura metafórica da ascensão:

- Ide, ensinai a todos, todos os que quiserem crer serão salvos.

“Batizem a todos em nome do Pai”, ou seja, a primeira tese de Jesus é que todos são capazes de aprender. E se até a fé é ensinada, tudo pode ser ensinado para todos, já não **prevalece o determinismo** grego: nem homem, nem mulher, nem senhor, nem escravo, crítica de gênero, crônica crítica de etnia, crítica de nação, crítica de tudo, só que não é a primeira versão do cristianismo que prevalece, é a *versão paulina*, derivada da atuação de Paulo de Tarso ou São Paulo (05-67 d.C.), seguida da versão medieval, ideológica. E seria Santo Agostinho (354-430 d.C.) quem iria fornecer a teologia e a pedagogia, novamente determinista:

- Não se aprende com os outros, aprende-se com Deus, e somente Deus escolhe quem ele quer ensinar.

O inatismo e a disposição determinista novamente se restauram.

Nós vamos ter aqui essa concepção no Brasil, no início da colonização, através dos jesuítas, da Companhia de Jesus, profundamente arraigada na teologia medieval. As escolas medievais eram escolas palatinas e episcopais, não havia escolas para todos porque não havia o pressuposto antropológico, a premissa de que todos são capazes de aprender, dado que as almas são diversas; e é isso que produz a suposta qualidade da sociedade.

Será a burguesia, classe emergente, através dos seus filósofos, que viria a quebrar o pré-determinismo das almas, apontando de que todos os homens nascem livres e iguais, seja na carta do *Manifesto aos homens bons de Virginia*, nos Estados Unidos, em 1776; seja na declaração da Revolução Francesa, seja na página memorável da *Declaração dos direitos do homem*, da Organização das Nações Unidas.

É a primeira vez que se pensa que todos são iguais. Nem os gregos tinham essa concepção. E essa ideia, queridos e queridas, de que todos os homens nascem livres e iguais, essa premissa antropológica fundamenta novamente a democracia moderna e a educação moderna. A democracia moderna tem que fazer nascer uma escola moderna, e aí, Terezinha, querida, a rainha Vitória (1837-1901) da Inglaterra, no século XIX dizia:

- Alfabetizem todo homem inglês. Não há liberdade se ele for analfabeto. O novo mundo exige que todo mundo vá para a escola para cumprir suas funções sociais.

Napoleão Bonaparte (1769-1821) determinou:

- Alfabetizem todo francês. Rasguem a Constituição se nada houver para ler, e ensine todo francês a ler, porque enquanto houver um analfabeto, as palavras de nossa Constituição, liberdade, igualdade e fraternidade são supérfluas.

A sociedade moderna exige uma escola para todos e para todas. Agora, eu poderia continuar, mas eu tenho que trazer o quadro para o nosso país. Aqui nós nascemos sobre outra marca, somos anunciados ao mundo em 1.500, o último ano do século XV, mas começamos mesmo no século XVI, 1537, 1539. Nós vamos ter aqui, em 1549, a definição do estado português de colonizar o Brasil porque antes eles não tinham nem como procurar. E trazem para fundar a cidade de Salvador, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, três coisas: a cana, o gado e o padre.

A primeira escola brasileira é jesuíta, magistrocêntrica, emulativa, disciplinadora, meritocrática e moralista.

O padre jesuíta, da Companhia de Jesus, vem para Salvador para cristianizar, na expedi-

ção de Tomé de Sousa (1503-1579), um militar e político português, que foi primeiro governador-geral do Brasil, de 1549 a 1553. A cristianização do Brasil se transforma, é o recurso ideológico para a colonização e a dominação mercantilista do estado. O padre Inácio de Loyola (1491-1556), criador da Companhia de Jesus, tinha criado uma Ordem (uma congregação de padres, uma agremiação religiosa) para restaurar tudo que a modernidade estava quebrando: o papado, a igreja católica, a ideia de privilégio.

E aí, o primeiro lugar para onde os jesuítas vão: o Japão, são os mártires do Japão. Depois eles vão para Goa, na Ásia, são os mártires de Goa. O terceiro lugar é para o Brasil. E aqui no Brasil eles fazem um estigma: a produção de uma cultura colonial mercantilista e eurocêntrica. O livro que nos orienta até hoje, queridos e queridas que estão me ouvindo, chama-se *Ratio Studiorum*, de 1555. Ele foi terminado em 1599. É a matriz da educação e da cultura brasileiras.

Todos são chamados à função social, mas nem todos, dizem os jesuítas, têm as mesmas qualidades. A uns, Deus chamou para governar e a outros para obedecer. É a mesma categoria predeterminista platônica, agostiniana e agora jesuíta. Se você um dia ler o *Ratio Studiorum*, vai encontrar:

No dia da avaliação, tirem as crianças do

lugar para que elas não tenham a seu favor, nem a familiaridade do espaço, só a memória e a grandeza da alma, da obediência.

Os jesuítas achavam que o Brasil era uma nação a educar, e a primeira escola é jesuíta, magistrocêntrica, emulativa, disciplinadora, meritocrática e moralista, enquadradora, machista, voltada para os homens. E nós vamos ter essa matriz até os nossos dias, Fernando. Se você perguntar para alguém hoje o que é ser professor, é muito provável que ouça como resposta:

- É colocar ordem na sala, é organizar as crianças sentadinhas, é transmitir o conhecimento quase que revelado, e enquadrar.

Nós passamos longe dos alvos críticos da pedagogia moderna, fomos constituídos medievais, uma economia mercantilista, escravocrata, patriarcal, machista, meritocrática, seletiva. Essa é a matriz de 300 anos da sociedade brasileira. Quando houve o império (1822-1889), que nós conhecemos pouco e recentemente se falou um punhado de bobagens sobre esse período político, o império era uma ação entre amigos, que pagaria dois milhões de libras esterlinas à Inglaterra, faria um estado estendido de Portugal pelo chamado Congresso de Viena³ e mantém o único

³ O Congresso de Viena foi uma conferência entre embaixadores das grandes potências europeias que aconteceu na capital austríaca, entre setembro de 1814 e junho de 1815, cuja intenção era a de redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica na primavera anterior. Este congresso pretendia também restaurar os tronos das famílias reais derrotadas pelas

estado monárquico nas Américas, único estado monárquico, não tem mais nenhum.

Você vai até nos Estados Unidos, é Casa Branca. Você vai na Argentina, empobrecida, Casa Rosada. Aqui é um palácio, tudo é palácio, até na cidade pequenininha tem o palácio municipal, que logo vira paço municipal. Tudo é rei, rei da carne, rei da linguíça, rei da bicicleta, porque a monarquia aristocrática marcou indelevelmente as artérias da nossa cultura dominadora, perversa, baseada em uma categoria, *ex privilégio*, que costumava perguntar:

- Quem você está pensando que é? Coloque-se no seu lugar.

Há tempos, um ministro disse:

- Há pouco tempo, até o filho de porteiro estava entrando na universidade tirando zero no vestibular.

Primeiro, que ele não sabe se tirou zero porque o vestibular é uma coisa no mínimo secreta, mas é o preconceito que corrói

tropas de Napoleão (como a restauração dos Bourbons). Além disso, foram tomadas decisões que atingiram o Brasil, como a entrega da Guiana para a França e a condenação do tráfico de pessoas escravizadas. O Congresso de Viena serviu para manter a Europa a salvo de grandes enfrentamentos até a Primeira Guerra Mundial, em 1914.

FONTES

WIKIPÉDIA / ACESSO 29.01.2023

https://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso_de_Viena

TODA MATÉRIA, JULIANA BEZERRA, PROFESSORA DE HISTÓRIA.

<https://www.todamateria.com.br/congresso-de-viena/>

e destrói a aristocracia conservadora brasileira. Eles continuam a acreditar que a hegemonia no estado, na política, na universidade, nas funções liberais é privilégio de classe, não é direito, não é disposição para todos. Isso está arraigada, alimentada pelo plasma jesuíta, alimentada por 300 anos de escravização e mais 70 anos de um império escravocrata violento, contra as mulheres negras e os homens negros, contra os indígenas, dizimando-os praticamente.

Na Primeira República (1889-1930), nossa educação sai de sacristia tridentina retardada, para ser um quartel militar positivista, perverso.

Depois nós vamos ter a República (1889). A república, eu não quero ser irônico, Terezinha, mas se a gente perguntar ao nosso sofrido povo brasileiro o que é república, dirão no senso comum que é moradia de estudante, porque nós não chegamos a compreender, ao menos de maneira um pouco aprofundada, o conceito de república. E aí, a república entre nós é patrocinada por uma força corporativa, o exército. O exército que, na Guerra do Paraguai, entrou como bandido e saiu como herói. E o exército brasileiro enquadrou a marinha, a aeronáutica não havia. E o exército passou a ser o partido do exército, o gendarme da ordem: quando ele quer e quando não está do seu modelo, ele intervém, e ele coloca o que supostamente

mantém seus interesses.

Eu tenho estudado um pouco a posse do ministro da guerra no governo do Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), Benjamin Constant (1837-1891), que é nome de rua em todo o país, é nome até de uma cidade. Ele era tenente-coronel do exército brasileiro que organizou o governo do Marechal Deodoro, um jovem oficial positivista, Terezinha, apaixonado pelo Positivismo. Ele tem uma frase curiosa:

- Separamos a igreja do estado. O imperador foi mandado embora. Faremos uma outra civilização no Brasil.

E sobre a escola, porque ele é o representante dos negócios da corporação militar e da educação, que não era ministério, era um departamento dos negócios do interior, ele diz:

- A escola não será mais um convento a fabricar súditos e fiéis. A partir da República, a escola será o quartel da pátria.

A gente sai de sacristia tridentina retardada, para ser um quartel militar positivista, perverso, de reprodução tutelada do controle social. Não é à toa que, vez por outra, isso volta. Está hoje na ordem do dia do governo Bolsonaro, essa estupidez chamada escola cívico-militar. Isso está na matriz da produ-

ção autoritária, fazer cinturões de controle sobre os meninos e meninas pobres, porque, ardidamente, não quer essa escola militar para classe média, ou média-alta. É só para os pobres na periferia da cidade, desde o começo republicano.

A escola do Getúlio Vargas, Terezinha, vai trazer a fundação do Ministério da Educação, por quê? Porque Getúlio Vargas inaugura em larga escala a urbanização e a industrialização do Brasil que vinha antes concentrada em São Paulo. O advogado, professor e jurista Francisco Campos (1891-1968), por oito anos, é o titular do primeiro ministério da educação, sucedido pelo mineiro Gustavo Capanema (1900-1985). Francisco Campos também era mineiro, de Pompéu, oriundo de uma tradição autoritária: militou no grupo integralista, fez a Constituição de 1937, a Polaca, e foi ele que deu de presente para ditadura militar, no fim da vida, a redação final do Ato Institucional número cinco (AI 05), na fatídica data de 13 de dezembro de 1968.

Francisco Campos, quando ministro da educação, disse uma lamentável frase memorável, que é uma chave para a gente entender o nosso atraso educacional, que não é um acidente, é uma política. Ele disse:

- A escola brasileira é irmã siamesa da fábrica brasileira. Teremos que ter escolas onde houver fábricas, pois a função da es-

cola é escandir os talentos necessários ao desenvolvimento industrial brasileiro.

A ditadura militar (1964-1985) esmagou a experiência liberal de educação brasileira

A escola que já foi prática proselitista para os elitistas jesuítas, a escola que já foi aparelho militarizado, agora vira prestação de serviço ao capitalismo retardado, que nascia ou se estruturava nos anos 1930. Se você perguntar, Fernando, ao nosso sofrido povo brasileiro, por que o seu filho tem que estudar, ele diz:

- Para que ele tenha um empreguinho melhor que o meu. Para que ele se venda melhor no mercado de trabalho.

É a tese Getúlio-Franciscocampista de que a escola tem que preparar empregados para se venderem no mercado de trabalho. E ainda hoje, queridos e queridas que me ouvem, eu vi a declaração dos assessores dos três candidatos majoritários que estão disputando a presidência, todos eles, lugares comuns, têm aqui e ali uma diferença de qualidade, mas nenhum deles compreende a educação escolar como forma de desenvolvimento humano, como forma de desenvolvimento antropológico, como formação plena para cultura, para a civilidade, para cidadania, para humanização, para a arte. Eles veem a educação como aparelho para preparar um

ciclo de desenvolvimento, para a inserção no mercado de trabalho, em uma suposta cidadania tutelada dependente da economia.

Ou seja, a concepção Getúlio-Franciscocampista ainda prevalece nos discursos oficiais em disputa em 2022, curiosamente. A ditadura militar acrescenta uma página triste com a Lei 5692/71, do ministro-coronel da educação Jarbas Passarinho (1920-2016). Terezinha, quando ele encaminha a nefasta 5692, afirma:

- Um novo sujeito bate na porta da escola, a criança pobre. Já não continuaremos com as democracias europeias elitizadas, faremos uma escola à semelhança dos Estados Unidos da América, preparatória para o trabalho e para a civilidade social.

E, de 1971 para cá, a escola pública tem que preparar para uma assistência social compensatória e para o trabalho; e a escola privada existe para preparar, para responder aos interesses liberais e para as funções de mando das elites do nosso país. Nós vamos ter duas escolas, uma, *vestibulóide*, preparar para o vestibular, para depois ascender às vagas públicas na universidade, e a outra, de assistência social compensatória, com todo o carinho e respeito que eu tenho pela escola pública, como ela foi pensada.

Na escola pública, tem que ter merenda, tem que ter práticas dentárias, tem que ter

campanhas sanitárias. A escola pública tem tudo, menos aulas, menos professores em condições dignas de trabalho, menos condições de trabalho, porque ela virou uma prática de assistência social compensatória na periferia. Menos arte, menos ciência, menos filosofia e, até hoje, tanto a direita e quanto a esquerda malformada dizem:

- Na escola tem que ter português e matemática.

Desidratam as ciências humanas, tiram a Filosofia, tiram a Arte, tiram Educação Física porque é só aprender a falar, a ler e escrever, e aprender a fazer conta, para saber o que se vende só até sábado e quanto pagar nos carnês das perversas chamadas cidadanias de consumo, elas estão por trás desse discurso perverso.

A ditadura militar (1964-1985) esmagou a experiência liberal de educação brasileira sonhada por Anísio Teixeira (1900-1971), jurista, intelectual, educador e escritor; por Darcy Ribeiro (1922- 1997), antropólogo, historiador, sociólogo, escritor; e, por que não dizer, pelo nosso mais famoso educador e filósofo brasileiro, reconhecido mundialmente, Paulo Freire (1921-1997).

A ditadura fez uma fissura: criou uma escola para os pobres, uma escola para classe média e outra para os ricos. Nós temos hoje uma

frase que é dura:

- A educação brasileira é o maior símbolo do *apartheid* social brasileiro.

Apartheid aquele regime segregacionista e racista sul-africano, supostamente já superado. Escola para rico aqui é de um jeito, escola para pobre é de outro jeito, e são elas que, supostamente, se não determinam, condicionam a chamada inserção social, econômica e política. Contudo, apesar disso, algumas delas incomodam bastante alguns quadros da elite brasileira.

Nós sonhamos uma escola, Terezinha, com a recuperação do estado de direito, da Constituição de 1988. Eu, a cada dia, amo mais a Constituição. Nós temos 28 vezes a palavra educação na Constituição de 1988. O artigo 205 diz:

A educação é direito subjetivo e social, dever do estado e da família.

Depois, tem mais 27 vezes a palavra educação. Eu me apego nisso, a ideia da educação como direito. De todos os direitos humanos, é o mais radical e é o primeiro, o direito a estar na escola, universalizar o acesso ao conhecimento, à cidadania, à sociabilidade. Direito a aprender na escola, universalizar a aprendizagem no sentido antropológico, aprender a falar, aprender a pensar, aprender

a cantar, aprender a jogar, brincar, correr, amar, abraçar, aprender a dormir, a tomar água, a limpar a casa, arrumar seu quarto, arrumar camiseta, a educação como desenvolvimento humano, como formação humana.

Criança não é um corpo que leva um cérebro para a escola; que, quando é classe média, é para supostamente treinar a memória e para fazer prova; e quando é pobre, ensinar a manejar a *amanualidade*⁴, como fala o filósofo e educador Álvaro Vieira Pinto (1909-1987): *amanualidade* para os pobres voltada para o manejo de dois tornos, o torno mecânico, mexer na máquina da fábrica, e agora, o torno eletrônico, aprender a mexer em computador. Duas besteiras de natureza enquadradora das elites.

A escola democrática, a escola humanista, a escola transformadora, ela tem que nascer das cinzas da escola do passado no Brasil. Não adianta uma pessoa bem-intencionada que vai para a Coreia e quer fazer uma escola coreana entre nós; vai para a Indonésia, populistas de esquerda e de direita; vai para Cuba, a experiência de Cuba é outra, é admirável, mas é muito menor, Cuba cabe na Zona Leste de São Paulo; a Suécia cabe na Zona Leste. Nós temos 48 milhões de crianças de quatro a 17 anos na escola brasileira, oito

4. O conceito de **amanualidade** em Álvaro Vieira Pinto
Citações no livro: *Consciência e Realidade Nacional* [volume I: *A consciência ingênua*]
Rede Álvaro Vieira Pinto
<https://alvarovieirapinto.org/conceitos/amanualidade/>

milhões na escola particular, 40 milhões na escola pública. A escola pública do Brasil é o maior sistema de inclusão social do mundo. A saúde é também, mas é como assistência primária. Na educação, são 40 milhões de crianças que amanhã vão levantar cedo, vão vestir em alguns lugares uma roupinha, por um tenisinho, a avó vai levar até a beira da estrada para passar um ônibus amarelinho para levar para a escola, e o dia em que a escola funciona, funciona a sociedade, por quê? Porque a função da escola é democratizar a condição humana, levar todos e todas ao acesso à cultura para que cada criança ou cada geração não precise reinventar a roda e descobrir o fogo, para que a humanidade continue a existir de maneira transgeracional.

As dificuldades para implantação de uma escola pública adequada às demandas da sociedade brasileira

De 1988 para cá, tivemos dois eixos educacionais, Terezinha. Temos que recuperar essa encruzilhada. Um primeiro, com Fernando Henrique Cardoso (1931) e os seus cardiais alinhados ao Banco Mundial, alinhados às determinações da OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, alinhado ao neoliberalismo, ao Consenso de Washington⁵, eles fazem uma reforma educa-

5 O Consenso de Washington é um conjunto de medidas neoliberais, que se compõem de dez regras básicas, formuladas durante uma reunião, em novembro de 1989, por economistas de instituições financeiras situadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, baseadas em um texto do economista John Williamson, do International Institute

cional necessária baseada em competências e habilidades, baseada na identidade de descritores de **competências e habilidades**, baseada em **provas** avaliativas da OCDE, do PISA⁶, baseada em português e matemática, e cria dispositivos artificiais de suposta modernização da escola, copiando a Espanha, os EUA e outros países.

Na Espanha de Felipe González, a social-democracia fazia também uma reforma. Na Espanha, tinha *el día de la familia en la escuela*; no Brasil, tem o Dia da Família na escola. Na Espanha, *la TV del futuro*, que era para preparar material didático; no Brasil, a TV Futura. Na Espanha, o programa universidade para todos, aqui, vira ProUni. Na Espanha, o exame nacional de *enseñanza media*, aqui vira ENADE - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. E o Brasil copia todos os dispositivos da reforma social-democrata sem ampliar investimento, sem ampliar determinantes de financiamento da educação, sem ter um planejamento político e filosófico de igualdade.

Fernando Henrique vetou 7% do PIB para edu-

for Economy. As medidas estimulavam a competição entre as taxas de câmbio, davam incentivos às exportações e previam a gestão de finanças públicas, se tornando a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990. As recomendações apresentadas giraram em torno de três ideias principais: abertura econômica e comercial, aplicação da economia de mercado e controle fiscal macroeconômico.

6 **PISA** é a sigla pela qual é conhecida o programa internacional de avaliação de alunos, uma rede mundial de avaliação de desempenho escolar, que teve início em 2000 e vem sendo aplicado aos países conveniados ou signatários de dois em dois anos. A sigla significa Programme for International Student Assessment - PISA). É um dos programas internacionais coordenados pela OCDE. O Brasil figura nesse ranking com índices baixos, altamente questionáveis.

cação. Podia fazer um discurso, mas não podia fazer uma reforma educacional. Competências e habilidades. Quais são os dispositivos da reforma de Fernando Henrique? A Lei de Diretrizes e Base de 1996, que já está praticamente **morta**, não tem mais função alguma, descaracterizada, porque ela é de 1996 - não tinham caído as torres gêmeas, não tinha mudado o mundo nem havia ainda o grande impacto das tecnologias - então, aquela é uma lei morta, não presta para nada. E aí, o Plano Nacional de Educação de 2001, que é o plano de avaliativismo, criou o Fundef - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Sim, uma primeira iniciativa, mas insuficiente.

Com eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (1945) nós vamos ter alguns ensaios, em 2003. Primeiro, um ministro que é uma boa pessoa, intelectual, mas não tem organicidade com educação: o economista, educador e professor Cristovam Buarque. Ele, a cada dia inventava uma coisa, falava sozinho, solo de clarinete. E tristemente é demitido. Depois, Tarso Genro, um jurista, que não tem vínculo algum com a área. Embora tenha sido um bom parlamentar.

Depois, nós vamos ter Fernando Haddad (1963), acadêmico, advogado, professor e político. Fernando Haddad tem um mérito para mim: ele constitui uma política de fortalecer os

colegiados. Fortalecer as diretrizes curriculares da educação infantil; as diretrizes curriculares do ensino fundamental; o Conselho Nacional de Educação. E o cardinalato neoliberal do Fernando Henrique perde espaço. E vem o que? Pessoas que anunciam **a educação como direito e o direito a estar na escola**. O Plano Mais Educação, liderado pela professora e pedagoga Jaqueline Moll, uma das principais referências sobre a Educação integral; o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC); piso nacional salarial docente; nove anos da educação básica; um terço de hora atividade; diretrizes curriculares nacionais; conteúdo afro-brasileiro na história; Filosofia no ensino médio; Geografia e História no ensino médio; Educação Física na educação fundamental, educação inclusiva, respeito ao nome social, entre outros.

E aí a economista e presidenta Dilma Rousseff (1947) assina o Plano Nacional de Educação de 2014. Por último, assina 75% do Pré-Sal, 10% para a educação, por dez anos. Aí o governo é derrubado. E a primeira coisa que eles mexem? A chamada emenda da morte, macabra, do advogado, professor e escritor Michel Temer, vice de Dilma que virou presidente. Ele congela os recursos sociais, porque a classe média continua indo para a escola particular. E faz nefastamente uma reforma do ensino médio mentirosa, que confunde o protagonismo juvenil com artificialidades,

desidratando as ciências humanas e acreditando que a função da escola é preparar gente para o mercado de trabalho, através de percursos ou vazias trajetórias formativas.

Pragas da educação: *kit gay*; ideologia de partido, escola sem partido; ideologia de gênero; *homeschooling*; escola cívico-militar.

Nós estamos entre essas duas coordenadas. Há uma pedagogia das competências e habilidades, revitalizada, requentada com a BNCC - Base Nacional Comum Curricular e reapresentada em alguns estados como São Paulo, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, como se fosse ainda novidade, completamente já superada, porque ela é filha do Consenso de Washington. E a possibilidade do direito à educação, com dispositivos de compreender a presença da criança na escola como experiência educacional humanizadora, como acolhimento.

Educação infantil, como brincar, cuidar e conviver. E não alfabetizar precocemente na educação infantil, não tem sentido. O ensino fundamental com nove anos de exposição à cultura humana. Com ciclos de aprendizagem. E o ensino médio como coroamento da educação básica, não como trampolim para o mercado de trabalho, quando pobre, e para a universidade, quando classe média. Só que daí, queridos e queridas, nós estamos nesses dois procedimentos. E é preciso que a educação brasileira aprenda com as experiências

da educação popular, com Paulo Freire; com a educação indígena; com a educação quilombola; com a educação dos privados de liberdade; com a educação de jovens adultos e idosos; com a educação inclusiva, que é diferente de mobilidade. Mobilidade é um direito, mas educação inclusiva é outro, é muito mais. Não pode uma professora dizer:

- Eu tenho 25 alunos normais e um de inclusão.

Ele já está excluído. Eu tenho 26 alunos, não é? Não tenho 25 e um de inclusão. E tem que ser um tratamento autônomo. Então, nós estamos no limiar de uma revolução educacional, que a gente precisa fazer ainda. Esse hiato que o Brasil viveu, de 2000 e - hiato macabro - de 2016 para cá, no limite da democracia burguesa, a gente corrige uma eleição com outra eleição, com escolhas coletivas. E aí, veja, isso é direito constitucional. Agora, não acreditem nos factoides que foram colocados nesse período. Eu chamo "as pragas do Egito": *kit gay*; ideologia de partido, escola sem partido; ideologia de gênero; *homeschooling*; escola cívico-militar.

Isso tudo vai ser fagocitado por um processo social de esclarecimento e por uma democracia digna, de corte liberal para cima, que seja adequada, radicalmente antifascista. E as decisões coletivas são fundamentais para essa década, que está começando agora. Es-

sas propostas são simulacros de programas de enquadramento ideológico conservador e não haverão de ter sucesso. Serão todas enter-
radas, em razão da pobreza e mediocridade, conceitual e epistemológica, que encerram.

**A maior herança que um povo pode
deixar para os seus filhos é
uma escola digna, bem planejada.**

Nós estamos no segundo ano da terceira dé-
cada do terceiro milênio. Tem muita coisa
para acontecer. O filósofo Friedrich Nietzs-
ch (1844-1900) e tem uma frase, que eu não me
lembro bem a forma muito adloquial do Niet-
zsche:

- Quem inventou a esponja de apagar horizon-
tes e nos deixou tão desorientados?

A esponja de apagar horizontes é o fascis-
mo, é o privilégio, é o discurso de ódio, é
a violência. E aí eu me apego em Manoel de
Barros (1916-2014), o poeta pantaneiro, que
diz:

Ser professor é ser esticador de horizonte.

É esticar os horizontes. É compreender quem
é que está na escola pública brasileira
hoje. Nós não temos ainda um recenseamento.
Mas o PNAD, Terezinha, mostrou que 11% das
crianças da escola pública têm pai ausente
ou não declarado. Essa pesquisa revela novas

formações familiares com 28% das mães como
chefes de família. Deveria ser seis horas de
aulas, mas são quatro horas de aula e seis
horas de *lan house* e televisão.

Nós temos que criar uma escola integral. Nós
temos que qualificar a educação infantil,
para que ela não seja colonizada pelo ensi-
no médio e fundamental, mas que a educação
infantil liberte o ensino fundamental da
estrutura autoritária que ela tem, adulto-
cêntrica, classificatória e meritocrática.
E que, na educação integral, o protagonismo
do professor seja capaz de pensar uma outra
educação básica, compreendendo a beleza da
cultura popular, da cultura afro-brasileira,
da educação inclusiva, das pessoas com defi-
ciência, dos idosos. Compor uma grande sin-
fonia, polifônica, na educação e na escola.
Direito a estar na escola, direito a apre-
nder na escola. A maior herança que um povo
pode deixar para os seus filhos é uma escola
digna, bem planejada. Gestores esclarecidos,
professores motivados e paciência histórica.

O dia que uma geração somente de brasileiros
e brasileiras tiver uma escola digna e boa,
nós não teremos mais fascismo de qualquer
natureza. Eles não conseguem nascer na luz,
na beleza, na humanização. E para terminar,
eu queria lembrar Paulo Freire, com quem
tive a honra de conviver, de buscá-lo em São
Paulo para dar aula em Campinas. Fui dois
anos motorista dele. Ele dizia:

- Cesinha, nem um dia de minha vida se passou sem que alguém me acusasse de coisa que eu não disse, de coisa que eu não fiz, de coisa que eu não sou.

E aí ele deu uma estalada no dedo e na língua e disse:

- Mas nem um dia de minha vida eu deixei de responder com amorosidade, mas com argumento e com firmeza; eu respondi para que eles não tivessem, de maneira alguma, a totalidade de leitura de mundo.

Paulo Freire completava:

- Professor e profeta vêm da mesma palavra: professor.

E ele concluía a sua aula dizendo:

- Professor é maior que o profeta, porque o profeta prevê o futuro, mas o professor já o constrói, com as crianças sentadas ao seu lado ou à sua frente.

Me impressiona sobremaneira uma frase do poeta Fernando Pessoa (1888-1935):

- Os olhos são a janela da alma.

E eu tremo cada vez que eu entro na sala da graduação hoje, mas já entrei no ensino fundamental, no ensino médio. E já entrei na

educação infantil como coordenador. E o menino, suado, olha para você; e a menina olha para você, suada, com as características brasileiras e diz:

- Professor, o que é que o senhor vai dar para nós hoje? Não dá aquele de ontem não que estava chato, viu dona? Dá aquele (tema) da borboleta.

E tem gente que fala:

- Mas eu já dei a borboleta.

Professor, dá novamente, negocia com eles. Não sacrifica em nome do conteúdo a relação humana com eles. Dá a borboleta! Outro dia você continua. Por quê? Porque quando uma criança diz:

- O que é que a senhora vai dar para nós? Assim, no coloquial, ela está olhando e reconhecendo uma marcha milenar, que diz, se fosse academicamente o discurso da criança:

- O que é que você, professor e professora, em nome da humanidade, em nome da civilização, em nome dos meus pais, em nome do Estado, trouxeram para colocar no meu coração, na minha alma? Eu estou aberto para você.

Muito obrigado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

"Ninguém escapa da educação".

Beleza, César. A gente continuaria aqui te ouvindo por muito tempo mais e eu acho que expressei o pensamento, o coração de todos nós. Uma coisa muito boa que tem acontecendo aqui nos nossos encontros é exatamente a gente poder pegar temas dos quais já temos algum conhecimento, mas vê-los transfigurados pela palavra, pela reflexão daquele que nos visita. Educação é algo que todos sabemos. Eu estava olhando a minha coleção dos Primeiros Passos⁷, e lá, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940), no seu livro *O que é educação*⁸, diz:

Ninguém escapa da educação.

É uma afirmação do Brandão. Em qualquer lugar, em qualquer tempo, ninguém escapa da educação. Então, o saber da educação que a gente tem é um saber incorporado mesmo. Só

7 A **Coleção Primeiros Passos**, subtitulada **Uma enciclopédia crítica**, é uma célebre série de livros de caráter propedêutico, de vocabulário mais acessível e formato de bolso, lançada e editada pela Editora Brasiliense a partir do fim da década de 1970, famosa pelo padrão dos títulos (*O que é...*). Os volumes explicam conteúdos das mais variadas áreas do conhecimento e do comportamento humano, da tradução à homossexualidade, abrangendo títulos, por exemplo, da História à Linguística. Dos 312 títulos, apenas durante o ano de 1999, foram vendidos meio milhão de exemplares. O mais vendido é *O que é Ideologia*, de Marilena Chauí. O sucesso desta coleção fez com que a editora criasse outra, Tudo é História, voltada para o estudo de temas marcantes para o Brasil e para o mundo.

WIKIPÉDIA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cole%C3%A7%C3%A3o_Primeiros_Passos

8 O QUE É EDUCAÇÃO

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Editora Brasiliense, São Paulo, 19ª edição, 1989.

que, por ser incorporado, talvez tenha sido Platão que disse isso, ele tem aí defeitos. E aqueles que vêm nos trazer uma reflexão mais aprofundada nos ajudam a olhar de outra maneira. Tenho falado aqui sempre que a gente ganha o dia, na escola, quando o aluno vira para a gente e diz:

- Você sabe que eu não tinha pensado isso?

CÉSAR APARECIDO NUNES

É verdade.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Eu faço a aula junto, na escola, na vida, nessa aprendizagem e nessa ensinagem, que é o ensino e a aprendizagem, junto com os alunos.

E a gente fica gratificada porque o aluno começa a pensar de outro modo. A cada momento que você foi trazendo as suas considerações, cada um de nós foi pensando:

- É, não tinha pensado nisso.

Ou:

- Isso para mim tinha outro caráter.

É algo extremamente gratificante ouvir você. Eu até estava achando que você estava de-

morando a falar no Paulo Freire. E ele te chamando de Cesinha. Inveja, inveja nossa de ter tido um acompanhante tão próximo do Paulo, tão querido. E uma coisa: nós estamos aguardando aqui as considerações, as perguntas. Aqueles que quiserem fazer, abrir o microfone e falar, têm toda a disposição para isso. E nós vamos ver aqui no *chat* as perguntas que surgem.

Mas eu queria falar uma coisa desse final que você estava trazendo, César. Essa ideia do trabalho docente como uma espécie de doação. Assim, de que a gente vai para dar alguma coisa. E que o pressuposto é que eles não têm e que então a gente vai dar. Gosto muito de pensar em uma ideia de fazer a aula, ao invés de dar aula. Às vezes brinco, logo no começo das minhas aulas, com os meninos, eu dizia:

- Olha, eu vou avisar uma coisa: não vou dar aula.

E aí eles ficam assustados, a gente tem que explicar. Eu digo:

- Não vou dar, porque não se trata de uma doação, sou paga, apesar de muito mal, pelo trabalho; e porque eu não posso dizer que eu dei se eu não contei com a disposição de alguém para acolher aquilo que eu vim trazer. Eu faço a aula junto, na escola, na vida, nessa aprendizagem e nessa ensinagem, que é

o ensino e a aprendizagem, junto com os alunos. Eu acho que esse é o grande mérito mesmo de Paulo Freire, de trazer para a gente essa perspectiva do fazer junto, não de eles já saberem tudo e ser aquele movimento platônico mesmo de recordar. Mas de olhar para o mundo de uma maneira mais ampla. Eu queria que você voltasse a isso por favor, enquanto o pessoal vai colocando as suas observações.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Nós precisamos reeducar o educador para compreender as culturas infantis, as culturas juvenis, as culturas universitárias.

Terezinha, eu acho que você formulou plenamente a contradição e a potencialidade. Veja, nós temos a predominância de uma concepção de aprendizagem, de relação transgeracional, adultocêntrica, na qual alguém tem uma suposta autoridade e outros têm uma suposta inferioridade. E temos também a prevalência, na escola, de uma compreensão magistrocêntrica, o professor é que domina, e os alunos não teriam qualquer disposição e nenhuma possibilidade. E que a aula seria, na feliz expressão de denúncia do Paulo Freire, uma transmissão, de cima para baixo, bancária, de dados. Produzir dados fundamentais dos quais o aluno tem que reproduzir.

Esse paradigma educacional escolar e cul-

tural político tem que ser superado em uma escola revolucionária e transformadora. Uma escola que queira novas relações humanas tem que pressupor que nós temos diferenças enquanto profissionais, enquanto pessoas, enquanto cidadãos, mas somos iguais enquanto pessoas. Então é preciso construir juntos, a partir da autoria das funções sociais. Nós precisamos reeducar o educador para compreender as culturas infantis, as culturas juvenis, as culturas universitárias. E colocar-se em uma disposição de troca simbólica. Diferente de uma imposição de cima para baixo.

Há uma compreensão educacional que favoreceu isso na França, na Inglaterra - muito frágil na Inglaterra -, na Itália, chamada Escola Nova. A Escola Nova lutou contra aquela compreensão tradicional da educação, centrada no professor, nos conteúdos rígidos e abriu-se para a participação dos alunos. E aí, entre nós, só um é prevaemente dessa compreensão, o Anísio Teixeira. A ideia de construir uma escola, um fazer juntos. O próprio Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto têm uma compreensão do reconhecimento da autoridade cultural, de todo ser humano, de todo grupo social.

O grupo de bairro tem autoria, o grupo familiar, o grupo comunitário. E a escola tem que ser uma instância de intercâmbio e diálogo, não só unilateral. A partir, inclusive, da especificidade dos conhecimentos viven-

ciados e aprendidos em sala de aula. A sala de aula vira um laboratório de humanização, de trocas. E a criança e o adolescente, o jovem e o adulto, eles teriam que vir e trazerem as suas coisas.

Eu me lembro, em uma experiência que marcou a minha vida, que foi com uma primeira professora, que me alfabetizou, eu queria trazer um pão para ela e os alunos meus colegas diziam que o meu pão, que era do sítio, tinha *caca*⁹ de galinha. Eu fiquei tão nervoso com essa acusação que derrubei o pão e saí da sala. Ela me viu, e eu ia embora, porque foi uma frustração. O pão que eu trouxera para ela caiu no chão e os meninos caçoaram de mim.

Ela foi atrás de mim, Terezinha, e perguntou:

- Menino, sai de aí para a gente conversar.

Eu olhei para a mão dela, porque a minha mãe quando falava "sai de aí para a gente conversar" estava com a mão atrás, com a varinha de marmelo. E ela não estava, ela estava com a mão do lado. Ela falou:

- Como é o teu nome?

Eu falei:

⁹ Expressão popular que chama os excrementos das galinhas de *caca*, denotando desprezo.

- É César.

Ela falou assim:

- Você não tem sobrenome, não?

Eu falei:

- A senhora não perguntou o sobrenome, a senhora perguntou só o nome.

Respondi bem como responde uma criança. E ela, Fernando, poderia ter me dado um pito, que era como a gente falava no Paraná. Ela disse:

- Está bom menino, então eu vou perguntar: como é o seu sobrenome?

Respondi:

- É Nunes.

Ela olhou bem para mim e argumentou:

- E como é que a tua mãe faz esse pãozinho que você queria tanto me trazer?

Estava ali uma professora que valorizava a cultura e a identidade da criança. E eu falei o que, Terezinha? Olhei bem para ela, meio desconfiado:

- Dona, quando a minha mãe vai fazer o pão,

pouquinho, ela pega a bacia pequena; quando ela vai fazer bastante, ela pega o tacho; e ela põe os ovos.

Numa fala bem como criança eu continuei a narrativa, que eu sabia:

- No meio, ela põe o fermento, põe farinha e põe os sais e o açúcar. Ela diz que é um para combater o outro, para ficar bom; e ela põe a farinha do lado e mexe com a colher de pau.

Tudo derivado dos saberes que a criança tem.

- E aí dona, ela pega e põe leite, porque tem gente que põe água, mas em casa tem muito leite, ela põe leite; e ela vai cantando música de igreja e batendo naquele pão; tem hora que ela aumenta a voz e bate mais no pão.

Já é uma criança, lendo aquela situação.

- E daí dona, ela põe tudo isso no lugar e ela vai amassando. Depois, ela faz o pãozinho. O meu pai põe no forno e fecha a tampa, para não sair o calor; porque daí, quando ele põe, ele tampa logo para não perder calor. Depois, ela tira todos eles. Ela vai espetando cada um vai falando 'esse está bom', e vai embrulhando nos paninhos dela, que ela bordou, porque ela diz que se ficar molhadinho apodrece cedo.

Quantos saberes uma criança da roça trazia para a escola da cidade!

- Aí, ela põe tudo guardadinho, para ficar seco. E um, dona, ela põe no alto, que é para esfriar, porque no alto o vento é mais forte e ele esfria bem rápido; e ela cortava cinco pedaços de pão, cinco fatias, em cinco canequinhas de café com leite e coloca as fatias do pão com manteiga e gritava 'meus filhos, venham comer o pão da mãe, que se não tiver bom eu não vou servir para ninguém'.

Eu falei assim:

- Professora, o pão da minha mãe é a coisa mais bonita que tem na minha casa, é por isso que eu tinha que trazer para a senhora.

Quando eu olhei para ela Terezinha, ela estava chorando. Ela falou assim:

- Menino, como você é inteligente.

Foi a primeira vez que me chamaram de inteligente no mundo, mas bastou uma só também. E ela disse assim:

- Se você olhar para mim do jeito que você olhou para a tua mãe, você vai aprender tudo na escola, porque aprender é só olhar com amor que a gente guarda tudo no coração e na cabeça.

Eu tive uma aula de humanização, de valorização da cultura da criança. Ela corrigiu mais tarde a minha conversa, mas ela criou laços profundos em mim. E ela falou assim:

- E cadê o pão que caiu?

- Dona, caiu no chão.

- Deixe-me ver.

Mostrei o pão e ela:

- O que não mata engorda, tem muita comida aqui.

Tirou a parte suja e me deu o *toquinho*. Eu comi. E ela falou:

- Me dá a sua mãozinha, porque agora você comeu. Saco vazio não para em pé, nós vamos voltar para a sala de aula.

Eu voltei de mãos dadas com a dona Cotinha, a minha professora, para dentro da sala. Nem Napoleão Bonaparte entrou com tanta glória em Paris depois de ter vencido a Europa duas vezes e ter feito o Arco do Triunfo. A mão da dona Cotinha era a mão da civilização, a mão da humanidade. A primeira pessoa fora da minha família que, na primeira crise que eu tive, me olhou nos olhos, valorizou a minha cultura, me ouviu e me conduziu pela mão, além de me chamar

de inteligente. Eu acho que essa função humanizadora é que a escola brasileira precisa. Reconhecer os sujeitos que nela existem. Quebrar os paradigmas autoritários que excluíram tantas vidas e crianças, que não são mais as crianças da escola.

Existia uma cartilha de alfabetização chamada *Caminho Suave*. A cartilha Caminho Suave tinha na capinha um menino de calça curta, sapato Vulcabrás; a menina de saia plissada; e a palavra “Escola”.

Como é que era ensinar o “na ne ni no nu”, a família fonética do N? A palavra era “Navio”.

Descemos a Santos para ver o navio zarpar.

Quem é que desce a Santos para ver o navio zarpar? A Zona Sul, a Zona Norte, sei lá. De São Paulo, não é? Zona Sul de São Paulo, não é? Então hoje, o sujeito que está na escola é a criança empobrecida, subalternizada. Nós temos que realizar um choque de amorosidade, de leitura antropológica. Para quebrar todos os elementos sociológicos e psicológicos, que fazem com que a criança não se reconheça na escola. Para colocá-la em condição de humanização. E depois, com didática criativa, colocar arte, cultura, brinquedo, filosofia, sociologia, história, geografia, física, matemática, poesia, teatro, abraço, dança, tudo o que a gente puder.

Você tem razão, nós temos que criar uma atitude política plenamente nova, que nos faculte uma nova didática e uma nova relação educacional escolar. Fagocitando as identidades da escola jesuíta, da escola positivista, da escola fascista, da escola preparatória de mão de obra para fábrica. A escola que a gente precisa é lugar de acolhimento. Eu tenho falado nas palestras: cidade que educa, escolas que acolhem, currículos que humanizam, professores que amam o que fazem e têm dignidade e respeito pela função pública que exercem. A gente precisa chegar nisso, Terezinha.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Saber e sabor têm a mesma origem. Um bom conhecimento é saboroso.

É verdade, César. Minha voz está assim de taquara rachada, primeiro, por causa de uma gripe grande que está aqui comigo; e segundo, por causa do engasgo com essa narrativa tão bonita que você traz para a gente e que eu acho que aponta para a escola que a gente quer. Enquanto você ficou falando sobre o pão da sua mãe, eu fiquei pensando no pão que o filósofo e querido amigo Marcos Lorieiri (1940) costuma fazer sempre e partilhar com a gente de um jeito ótimo. E ele tem partilhado pão e sabedoria, com essa ideia de formação que a gente vai buscar nele. Eu quero que ele possa nos dizer algo a respei-

to disso. Na semana passada, lembramos que **saber** e **sabor** têm a mesma origem. Um bom conhecimento é saboroso. Nós temos aqui algumas colocações. Todos chamam a atenção para a beleza do que você traz. Cilô nos chama e comunica para a gente algo que ela está fazendo.

CILÔ LACAVAL

Mesmo sem ter a menor ideia se haverá procura ou não, apresentarei, em 2023, o curso *Laban - Arte do Movimento no Brincar, na Arte, nas profissões e diferentes realidades*, no Instituto Sedes Sapientiae (<https://sedes.org.br/site/>). Matéria prima de toda minha vida. O que será o resultado? Só aguardando para saber.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Quem sabe vamos lá para saber e partilhar, não é Cilô? As pessoas trazem observações. A Cilô mesmo é quem fala:

- Viva a dona Cotinha.

É isso aí. Meu professor inesquecível. Tem essa coisa tanto para o bem quanto para o mal também. Porque eu tenho um professor inesquecível, de matemática, que chegava perto de mim e dizia:

- Pode entregar a prova, você não vai conse-

guir mesmo fazer.

Meu professor inesquecível. O anti-dona Cotinha. É essa coisa ignorante do poder. Fernando traz aqui uma pergunta.

FERNANDO RIOS

A escola tem reproduzido a ideologia da classe dominante. Nossa classe dominante é capitalista, militarista, preconceituosa, cada vez mais. E precisamos ainda enfrentar a nefasta convivência com a internet, sem uma leitura crítica. Onde buscar os instrumentos, teoria e prática, para sensibilizar pais, mães, cuidadores, professores, políticos, governantes para essa educação verdadeira e ampla? Onde e como começar esse processo? Quem vai fazer isso?

CÉSAR APARECIDO NUNES

Cresce a sensibilidade da identidade de gênero e surgem novas formações familiares, apesar da reação perversa dos circuitos conservadores religiosos, reacionários.

Olha. Eu acho que a pergunta do Fernando é uma tese. Eu diria que a gente tem que atuar nas condições objetivas da sociedade. A escola está integrada à dinâmica da sociedade. Os poucos anos que nós tivemos na direção de uma sociedade mais democrática, nós criamos dispositivos que foram anunciados na

direção de uma transformação. Mas eles não foram ainda plenamente apropriados e implementados. E isso, Fernando, traz uma grande preocupação, em um país como o nosso, que nunca respeitou a criança. O Brasil, por sua tradição, respeitava o adulto, branco, rico, proprietário e documentado. Nós fizemos o *Estatuto da Criança e do Adolescente*¹⁰, que tem 30 anos. Mas é muito pouco perto de 500 anos da nossa história como colonizados. Nosso país também nunca respeitou a pessoa com deficiência. Chamávamos e chamamos o Antônio Francisco Lisboa de Aleijadinho. Ceguinho? O surdinho? De uma maneira pejorativa? Nós fizemos a *Lei brasileira de inclusão*¹¹. Foi o penúltimo ato da presidenta Dilma Rousseff. Na escola, a pessoa tem que ter plena integração.

Um país que nunca respeitou o meio ambiente. O Brasil é nome de árvore. Brasil, pau-brasil. Veja o que nós temos feito pelo modelo econômico prevalecente. Rios poluídos. Eu vejo o metro quadrado mais caro do Brasil, que é do lado dos rios Pinheiros e Tietê. Ao lado do Pinheiros construíram aqueles prédios enormes. E aquele rio agonizante, com

10 ECA Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990, de 13 de julho de 1990).
PORTAL GELEDÉS
https://www.geledes.org.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca/?gclid=EA1aIQobChMIWj7p8e-fh_gIVs-BcChl8uQmMEAYAAEgKBhvD_BwE

11 **LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**
Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência).
https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao_pessoa_deficiencia.pdf

toda a tecnologia que o mundo já tem, de recuperar rios. Nós temos um defeito ambiental produzido pela educação política e econômica predatória.

Em um país que nunca respeitou o negro. Mas criamos o *Estatuto da igualdade racial*¹², o conteúdo afro-brasileiro, leis de reparação, política de cota. A UNICAMP tem, na medicina, 51% dos que foram aprovados esse ano são da escola pública. Temos já 20 anos de vigência da política de cotas. Estamos longe, mas já estamos chegando a alguns lugares.

Os cursos de pedagogia precisam formar profissionais que compreendam a necessidade do surgimento de um novo sujeito histórico que está na escola pública. É preciso entender a criança diante da indústria cultural. A criança que tem amores. As novas formações familiares. É a mãe chefe de família. As famílias podem ser de dois homens, duas mulheres, um homem e uma mulher, um homem, uma mulher. Mas, o que não pode faltar é proteção às crianças, amorosidade. E o reconhecimento da dignidade de todas elas. Todos os embriões históricos que podem desencadear uma nova relação educacional escolar estão

12 ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL E COMBATE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

O Estatuto Municipal da Igualdade Racial e Combate à Intolerância Religiosa (Projeto de Lei nº 549/13) foi aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal de Salvador no dia 29 de maio de 2019. Lei nº 9.451/2019 institui o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa no município de Salvador, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, defesa dos direitos individuais, coletivos e difusos, o combate à discriminação e às demais formas de intolerância racial e religiosa.
https://www.cms.ba.gov.br/uploads/abc0da447d4fabecaf1b1fb75b82d3_1616730202.PDF

postos na sociedade. Só que nós precisamos ter tempo e paciência histórica para implementá-los.

Em um país que sempre cantou Iracema, personagem do escritor José de Alencar (1829-1877), uma aristocrata, parecia que ela respirava em Paris. E depois de Iracema, Mário Lago (1911-2002), advogado, poeta, radialista, compositor, escritor, ator, um homem que via o Brasil criticamente, é coautor com o compositor e cantor Ataulfo Alves (1909-1969) do samba Amélia, que diz:

*Amélia que era a mulher de verdade
Às vezes passava fome ao meu lado
e achava bonito não ter o que comer.*

Nós tomamos toda a coragem do mundo para dizer que o nome da mulher brasileira não é mais nem Amélia, nem Iracema: é Maria da Penha¹³. É igualdade. Não quer mais repetir que “atrás de todo homem tem uma grande mulher”. Nem atrás, nem à frente. É ao lado. Só quer igualdade, dignidade. E nós temos visto crescer a sensibilidade da identidade de gênero, das novas formações familiares, apesar da reação perversa dos circuitos conservadores religiosos, reacionários. E avança a marcha da libertação.

13 LEI MARIA DA PENHA

A Lei 11.340/06, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, ganhou este nome em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes que, por vinte anos, lutou para ver seu agressor preso dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.
<http://www.tjmt.jus.br/INTRANET.ARO/CMS/GrupoPaginas/18/984/Lei-maria-da-penha-11340.pdf>

Então, quando eu vejo a criança, o idoso, o adolescente, o Estatuto da Juventude, o Estatuto do Meio Ambiente, o Greenpeace, as lutas pela Mata Atlântica; quando vejo a marcha das margaridas; lembro da música profética do cantor, compositor e instrumentista Alceu Valença (1946)¹⁴.

*Na bruma leve das paixões que vêm de dentro
Tu vens chegando prá brincar no meu quintal
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento
E o Sol quarando nossas roupas no varal
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais
A voz do anjo sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido, já escuto os teus sinais
Que tu virias numa manhã de domingo
Eu te anuncio nos sinos das catedrais*

A ocupação do Estado poderia nos fazer avançar. Mas ela não é determinante. É na sociedade civil que a revolução acontece. É passar a limpo os estigmas da relação escravocrata; os estigmas da relação machista; da relação proselitista; de uma visão religiosa estreita; para a liberdade religiosa, para o respeito a toda a dignidade de transcendência. E isso, Fernando, na sua belíssima pergunta, exige paciência. É tempo histó-

14 ANUNCIAÇÃO

ALCEU VALENÇA
<https://www.letras.mus.br/alceu-valenca/44006/>

rico, é paciência histórica. E aí, quando triunfamos, cultuaremos verdadeiramente a palavrinha que o filósofo Antonio Gramsci (1891-1937) ensinou para o marxismo: “hegemonia”. Temos o dever de ser revolucionários no conteúdo e na forma. Quando a gente vencer, na sociedade, nós venceremos no Estado e venceremos, orgulhosamente, na escola. É questão de luta, de firmeza. Então, a gente pode, pela nossa necessidade de ver alguma coisa, acreditar e lutar. A gente tem uma certa ansiedade.

Eu, Fernando, fiz Filosofia (licenciatura), como a Terezinha leu aqui. Só que a ditadura militar tinha tirado filosofia do currículo. Eu tinha o diploma, mas não tinha o que fazer. Eu voltei para a faculdade e fiz História (licenciatura). E comecei a dar aula onde todo mundo começa, no Estado, substituindo gente que tirava licenças, férias etc. Comecei a dar aula na periferia. Eu sabia um pouco de História, gostava de Filosofia, mas não entendia nada de Educação, não entendia quem eram os meus alunos nem do ato pedagógico.

Porque há uma autonomia do pedagógico. E eu voltei para a faculdade e fiz Pedagogia. Só que agora, Fernando querido, eu tenho essa esquizofrenia formativa. O filósofo acha que, por enunciar alguma coisa, ela já vai acontecer, pela nossa prática idealista. O pedagogo quer ensinar e acha que já nessa geração tudo já vai se resolver. E eu fico

abraçando os meus alunos e falando:

- Vocês vão mudar o mundo!

E o historiador se senta lá no cantinho da minha aula e fala:

- Calma, César. Calma. Continue filosofando. E continue ensinando. Mas tenha calma, que a história não é assim. A história é bem diferente.

Então se eu pudesse dizer para você, eu só queria transferir um pouco da minha esquizofrenia. *Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais*. As coisas que vão libertar o Brasil já estão postas. Pode acontecer de aqui ou acolá, refluxos, retornos. Mas eles não deterão jamais a primavera, como expressa um pequeno e contundente poema, atribuído ao poeta Vladimir Maiakovski (1893-1930) e, em outras versões, a Pablo Neruda (1904-1973), quando diz:

*Os poderosos podem matar uma, duas ou três
rosas,
Mas jamais conseguirão deter a primavera inteira.*

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Beleza, obrigada César. O Anaximandro tem uma pergunta para você

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

Professor César, enquanto há mais de vinte referências à palavra "Educação" na Constituição Federal, há uma, apenas uma, à palavra "Ética"... O que esse descompasso poderia explicar?

CÉSAR APARECIDO NUNES

A palavra ética precisa de aprofundamento e adensamento semiológico histórico, para que a gente compreenda que a ética é sempre a construção de valores.

Veja, Anaximandro, querido. Eu nunca falei com alguém chamado Anaximandro, eu estou tão emocionado, viu? Coisa boa. Eu ganhei a vida falando de Anaximandro, Anaxímenes, Parmênides. Porque eu acabei depois dando aula de Filosofia... Veja, ética é uma palavra que vai precisar, a cada tempo, de um maior esclarecimento histórico político. *Ethos* em grego, solto, tem o *ethos* pequeno e o *ethos* grande. O *ethos* pequeno, fonema pequeno, relacionava-se ao pau que segurava a casa grega. A casa grega era primitiva, ela era circular e tinha um pau no meio ao qual chamavam de *ethos*. Aí está a origem da palavra ética, estendida. Etimologicamente, ela adquiriu o sentido e significado atual. Quais são os valores que regem a vida privada? A vida privada, porque era o fundamento da casa. Então ética sempre dizia

respeito à vida particular, grupal, e não à vida coletiva.

A vida coletiva era o território da Política. Os interesses coletivos, a *politeia*. A ideia de que precisamos de ter ética na política precisa de esclarecimento. Porque etimologicamente a política deveria ser, internamente, uma própria ética coletiva, não dependente de uma outra área ou campo. As éticas que nós temos visto da modernidade para cá são éticas de classe. E algumas delas confundidas como condutas corporativas. Na maior parte das faculdades, o curso de ética é tido como um curso de conduta corporativa, centralizada na corporação.

A palavra ética precisa de aprofundamento e de adensamento semiológico histórico, para que a gente compreenda que a ética é sempre a construção de valores. Ela é muito diferente, inclusive, de moral, que foi confundida com outra coisa - *mos, mores*, em latim - que são os costumes.

Ética seria o exercício da reflexão para fundamentação do seu agir moral. Ela é a responsabilidade, considerando a marcha ocidental, do grupo, da parte, da família, e não da *pólis*. Pedir ética na política, nesse sentido que eu estou falando, é uma contradição de termos, porque a política tinha que ter mecanismos éticos. E aí, Anaximandro, eu vou apresentar uma visão minha. Eu acho

que o discurso ético na política, mesmo nessa versão um pouco mal localizada, ela não é a melhor discussão, porque, na política, a gente precisa de controle social. Não é a ética. Qualquer pessoa em condições, lamentavelmente, desarticuladas, tende a agir de maneira impulsiva, de maneira egocêntrica, de maneira supostamente desonesta. O que nós temos que ter na política é controle social, rigoroso, o tempo todo. A ideia de ética na política quase sempre pressupõe que a gente tem uma formação de valores e daí, por isso, deva ser honesto na política.

Isso me parece que gera um descompasso. Porque a política tinha que ser de tal maneira sagrada, que é o que há de mais sagrado, o bem comum, o bem coletivo, que não precisasse, digamos, da coadjuvante atitude do pensamento ético. É a política que deveria ser. E é por isso que talvez, respeitando muito a sua pergunta, a gente tenha essa pequena presença da palavra ética na Constituição. Porque a Constituição é necessariamente a gestão da política. A ética, nessa linha etimológica que eu tomei, é consideração dos valores grupais, particulares e familiares. A política não precisa de ética no sentido conservador. A política tem que ter a própria ética. A própria política tem que ser ética.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

"Fica abolida do dicionário a palavra ética;

daqui em diante, ela será algo no coração do homem, no miolo da política."

Sabe, César? Eu fico pensando, você trouxe essa definição breve de ética com uma reflexão, um olhar crítico sobre os valores. Nesse sentido, ela precisava estar presente em todo o contexto social, para que a gente pudesse fundamentar as nossas ações. Mas a gente tem discutido, o Anaximandro faz parte dessa discussão, que talvez a gente, seguindo no seu caminho, pudesse fazer uma paráfrase do que o poeta, jornalista e tradutor Thiago de Mello (1926-2022) faz lá no poema *Os estatutos do homem*¹⁵. Ele começa dizendo:

ARTIGO I

*Fica decretado que agora vale a verdade
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.*

E aí quando chega a última parte d'Os Estatutos, ele diz assim:

ARTIGO FINAL

*Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,*

¹⁵ **O ESTATUTO HOMEM**
THIAGO DE MELLO

Revista: Comunicação & Educação, São Paulo, (19): 103 a 106, set./dez. 2000.

*e a sua morada será sempre
o coração do homem.*

E aí eu acho que a gente pode parafrasear o Thiago dizendo

- Fica abolida do dicionário a palavra ética;
daqui em diante, ela será algo no coração do homem,
no miolo da política.
E aí efetivamente a gente pode ter essa vida verdadeira.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Como você é maravilhosa, Terezinha. Por isso que eu te amo, viu? Maravilha.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada, César. Eu quero ouvir o Marcos, dos pães e da Filosofia.

MARCOS LORIERI

É um prazer ouvir o professor César. Eu o conheço de longa data, mas nunca eu o tinha ouvido. Ele foi orientador de doutorado, se eu não me engano, do Sílvio Wonsovicz.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Sim.

MARCOS LORIERI

Lá de Santa Catarina, que trabalha com Filosofia para crianças.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Sim.

MARCOS LORIERI

“Professor é aquele que sabe algumas coisas e não sabe muitas coisas.”

Enquanto você estava falando, eu me lembrei de uma conversa que tive com uma menina de terceiro ano, do antigo primário, em uma atividade de Filosofia para crianças. Estávamos em um diálogo com as crianças: a professora, eu e elas. Essa menina disse assim:

- Eu gosto de vir na escola porque aqui os professores sabem tudo.

Eu lhe disse:

- Eu sou professor, você acha que eu sei tudo?

- Claro, você é professor, você tem que saber tudo.

E eu:

- Então me fale o seu sobrenome.

Lembrei do sobrenome, por causa da história que você contou.

Ela falou:

- Uai, ué, você não sabe?

- Não. E me diga onde você mora.

Ela respondeu:

- Na minha casa.

- Isso aí eu sabia, mas qual é a rua?

- Você também não sabe isso?

- Não.

Ela disse o nome da rua e eu perguntei:

- Qual o nome da sua mãe?

Meio ressabiada e meio em dúvida, ela falou:

- Acho que você não sabe nem o nome do meu pai, não é?

- Não, não sei.

E ela:

- Nossa, quanto coisa que você não sabe. Então você não pode ser professor, você não sabe nada.

Eu disse para ela:

- Pois é, professor é aquele que sabe algumas coisas e não sabe muitas outras coisas.

- Então eu não preciso de escola!

Eu argumentei:

- Mas há coisas que os professores sabem que, na escola eles podem ensinar para quem não sabe. E vocês podem ensinar para a gente coisas que nós professores não sabemos. Há muitas coisas que vocês sabem que a gente não sabe.

Ela refletiu assim:

- Olha, é uma boa ideia.

Eu acho que essa mudança é que precisa ocorrer.

Mas César, você falou da sua dona Cotinha. Eu tive a minha professora Cotinha, era dona Sílvia, no quarto ano do primário, 1949. Eu estou com quase 82 anos. Ela foi até minha madrinha de casamento. Era impressionante a amorosidade dessa mulher e, ao mesmo tempo, a seriedade com a qual ela tratava o traba-

lho da escola. E aqueles que tinham mais dificuldade, ou quando ela queria fazer alguma atividade extra com os alunos, ela nos convidava para irmos a um hotel, onde ela morava. Ela era viúva, não tinha filhos e resolveu morar em um hotel, na cidade de Varginha, no sul de Minas. O hotel tinha um pequeno salão de festas, que ela reservava para essa atividade. Eu adorava ir lá porque, na atividade, ela colocava para cada um de nós um guaranazinho que era fabricado na cidade.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Que bonito.

MARCOS LORIERI

E colocava umas bolachinhas. E ali a gente fazia as atividades, ensaiava peças de teatro, e outras atividades. Eu fiquei muito marcado por essas atividades, não pelos conteúdos, mas pelo jeito, o jeito humano de trabalhar com a gente. Você me fez relembrar isso.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Que maravilha, Marcos. Que maravilha.

MARCOS LORIERI

Ela não vive mais, mas ela vive em todos os seus ex-alunos. E você falou de ética na po-

lítica. A Terezinha me conhece bem, a gente deu aulas juntos. Foi um privilégio que eu tive. Por vários anos a gente repartia aulas no mestrado e doutorado na UNINOVE. Algo de que eu nunca me esqueço diz respeito a um gesto de delicadeza do Fernando. Houve a banca de defesa de mestrado de uma orientanda que era a primeira orientanda da Terezinha. Fernando chega lá de surpresa e traz um buquê de flores para a Terezinha, porque era a primeira defesa de mestrado dela. A partir daí eu fiquei fã do Fernando também. Até hoje eu o admiro muito. São gestos assim, humanos e necessários.

Mas quando se fala de ética na política, eu fiquei pensando: no discurso de ontem do Bolsonaro¹⁶, no Sete de Setembro, ele defendeu uma série de princípios e condenou outros. E aquele conjunto de ideias que ele apresentou como diretrizes de comportamento, inclusive olhando para a esposa dele, e ela fazendo um gesto de apoio. Há poucos dias, ela declarou que era importante expulsar do Palácio do Planalto os demônios que lá habitaram e continuam rondando por lá. Quais são os demônios? São os princípios éticos que orientavam determinados governantes. O Bolsonaro tem princípios éticos. Ele tem regulações morais, nem que seja só no discurso. Mas ele prega isso, ele defende isso. A ética está lá nessa política. Mas é uma política com uma ética

¹⁶ Refere-se ao então Presidente da República Jair Bolsonaro (2018-2022) conhecido pela sua conduta agressiva, pelo negacionismo, pela adoção de práticas irracionistas e pela defesa de posturas autoritárias e demagógicas.

que não é aquela que a gente quer.

Eu acho que é importante a gente levar esse tema para os alunos, principalmente do ensino médio, e discutir bastante isso. Qual ética? Quais princípios? Quais reguladores das ações morais? Que comportamentos a gente deveria ter?

CÉSAR APARECIDO NUNES

Perfeito, Marcos. Maravilha.

MARCOS LORIERI

Não sei se você concorda com isso.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Eu concordo sim, acho que você e a Terezinha completaram a minha resposta ao Anaximandro. Muito obrigado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Sabem, na verdade, se a gente qualifica a ética como essa reflexão, ela quase que tem a pretensão de ser permanente e universal, de alguma forma. E o que varia enormemente são essas morais mesmo. Essas prescrições de que Marcos falava. Não há nenhuma sociedade, nem nenhum indivíduo sem moral. Eu tenho fundamentos para o meu comportamento, sejam lá quais eles forem. É minha mãe que disse,

eu aprendi assim etc. etc. Mas eu tenho uma referência. E essa é a referência que Bolsonaro nos traz. Agora é preciso pensar qual é o fundamento disso. Nesse sentido é que eu acho que os princípios são éticos. Porque são fundamentos que não são elementos que estão só no princípio. Eu brinco dizendo:

- Tem gente que leva em conta as coisas no princípio e segue adiante sem princípio.

Acho fundamental nós pensarmos isso. E aí, nesse sentido é que eu acho que a educação vai buscar essa ética que, tomara, não precise ser pronunciada, quando ela já estiver no coração da escola, das pessoas, do mundo.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Maravilha, Terezinha.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O nosso tempo vai se esgotando. Eu vou voltar a você para fechar a sua fala. Mas eu quero, antes de mais nada, agradecer essa presença luminosa sua aqui. E agradecer a presença de todas essas pessoas que vieram caminhando conosco. Em outubro, nós retornaremos às atividades. No dia 13 de outubro, com Tatiana Roque e, provavelmente, no 27, com Sônia Guajajara. Mas por enquanto, quase que a gente já deixa uma fechadinha dourada, como a gente fala, com essa chave bonita que

você nos trouxe. Tomara que a conversa possa seguir adiante. Tomara que haja frutos, sementes, dessas sementes que a gente está lançando aqui. Obrigada demais, vamos com você, César.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Eu agradeço muito, Terezinha. Nós sempre convivemos, em diversos eventos. E o seu convite foi para mim uma distinção. E conhecer todo mundo aqui, estar com o Marcos, estar com o Fernando. Eu queria mandar um abraço para a Suzana, Alcione, para outros tantos professores e professoras que me acompanharam aqui. Parabenizar a Sabrina e o Sesc. É tão bonito e tão grande, a gente passar duas horas pensando sobre a condição humana. Eu acredito que saímos daqui reanimados, com o coração cheio de energia. Acho que as lutas, elas permanecem, porque o cantor e compositor Raul Seixas¹⁷ dizia:

*Tente
E não diga que a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida
Tente outra vez*

Então nós estamos juntos, parabéns ao Sesc, parabéns Terezinha e Fernando. Abraço a todos pela honra de estar com vocês. Quando

17 TENTE OUTRA VEZ
RAUL SEIXAS
<https://www.cifraclub.com.br/raul-seixas/tente-outra-vez/letra/>

quiserem, é só me chamar que eu virei com muito prazer. Até a próxima.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

Linda aula! Obrigado!

HELENICE DE BARROS



Nossa que aula maravilhosa! Gratidão por compartilhar conosco tanta sabedoria, tanto conhecimento!

CILÔ LACAVA

VIVA A D. COTINHA!

VALCIONE ALVES DA CUNHA SOUZA

Parabéns, Professor CÉSAR!

MARIA JULIA MARTINS

Grande professor César!

HELENICE DE BARROS

Parabéns, professor César! Parabéns, professora Terezinha!

CILÔ LACAVA

Agradecendo conhecer o professor César Apa-

recido Nunes, Terezinha. Muito obrigada.

SUZANA MONTAURIOL

Fé na Vida! Fé no homem! Fé no que virá!
Gonzaguinha.

Deixo um abraço para todos e todas! Tenho
que sair agora! Meu querido Professor Cé-
sar... Super, hiper, mega, gratidão!!! Foi Ma-
ravilhosa essa Palestra!

MARIA JOSE MARQUES

Todos/as luminosos/as!!! Que coisa boa... sa-
ímos com muita energia! Beijos no coração e
gratidão.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Parabéns. Obrigada, gente. Professor César.
Andrea Nogueira, que é a nossa gerente do
Centro de Pesquisa e Formação, acompanhou um
pouco a palestra. Não pôde acompanhar tudo e
pediu também para eu estender os agradeci-
mentos. Disse que a palestra foi muito bela,
pelo menos a parte que ela acompanhou. Vou
dizer que o restante também. Depois ela vai
conseguir acompanhar. Ela agradece também a
sua presença, César. Vou estender esse agra-
decimento a todos e todas que seguiram com a
gente, como a Terezinha disse.

Acompanhem a programação do Centro de Pes-

quisa e Formação. A programação de outubro
estará disponível no nosso site já na última
semana de setembro. Então com as duas mesas
confirmadas, da Tatiana Roque e Sônia Guaja-
jara, elas estarão disponíveis para inscri-
ção, para a gente poder se reencontrar aqui
em outubro. Em breve, esses textos também
estarão disponíveis para todos e todas e
para que eles circulem como o conhecimento
deve circular publicamente. Então eu agrade-
ço, desejo uma ótima semana, um ótimo final
de semana a todos. Espero nos vermos em bre-
ve em outras oportunidades. Até logo, gente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Até mais, obrigada, grande abraço para to-
dos.

CÉSAR APARECIDO NUNES

Abraço a todos.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Obrigada.

REFERÊNCIAS

- BAIA HORTA, José Silvério. O hino, o sermão e a ordem do dia. Campinas: Autores Associados, 2012
- FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum Societas Jesu. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- NUNES Cesar. Da educação que ama ao amor que educa. São Paulo: Ciranda Cultural, 2022.
- PINTO, Álvaro Vieira. Ciência e existência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969
- RIBEIRO, Maria Luisa. História da educação brasileira. São Paulo: Cortez Editora, 1988.
- SAVIANI, Dermeval. Educar é humanizar - da especificidade do indivíduo à generalidade do coletivo. Campinas: Autores Associados, 1986.

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

9

PROGRESSO A QUALQUER PREÇO? TATIANA ROQUE

tatiana roque

PROGRESSO A QUALQUER PREÇO?

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e
Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roque, Tatiana

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 9 :
progresso a qualquer preço? / Tatiana Roque ; idealização e
coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. --
São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo :
Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-22-0

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II.
Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180515

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

juliana santos

Apresentação

Olá a todos e todas. Sejam bem-vindas e bem-vindos ao ciclo - *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* - promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, com curadoria de Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios. Convidamos também todos a se inscreverem para a última mesa do ciclo que vai ser realizada no dia 27 de outubro. Vou deixar o link dessa inscrição no *chat*. Quero também reforçar que o encontro é ao vivo e síncrono e a gravação não será disponibilizada. As perguntas devem ser feitas via *chat* e serão repassadas à mediadora. A declaração de participação pode ser solicitada por e-mail em: - declaracao.cpf@sescsp.org.br - com seu nome completo e o nome e a data da atividade.

Agora tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios: graduada em Filosofia pela UFMG, mestra em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores - GEPEFE da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra à professora para apresentação da nossa convidada de hoje e desejo a todos e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

Queremos ver as diversas perspectivas de construção de nossas humanidades.

Muito bom dia para todo mundo. Estamos contentes por poder dar sequência a este ciclo de conversas que tem sido muito rico e esperamos que sigamos dessa maneira. Pensamos em fazer os encontros com Tatiana Roque e com Sônia Guajajara anteriormente, mas como elas eram candidatas no processo de eleições, a gente teve que fazer esta transferência de data. Que bom que podemos contar agora com elas para a gente seguir com a nossa conversa!

Quero agradecer à Juliana, que está aqui com a gente, no lugar da Sabrina da Paixão Brésio, e desejar que possamos ir adiante no trabalho juntas.

A Juliana falou no nome do evento: *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* e tenho dito que fazemos questão de traduzir o título em mineirês: *doncôvim? oncôtô? proncovô?* E a pergunta aí embutida que é: *quemcosô?*

Quem somos nós? Que humanidades temos sido? Que humanidades temos construído? Que sociedades nós, seres humanos, temos construído, que culturas, que histórias, que políticas? Procuramos retomar essas questões

que são tão antigas quanto os seres humanos, mas cujas respostas que foram dadas ao longo dos anos ainda não nos satisfizeram. Ou melhor, vão surgindo sempre novas respostas. É por causa disso que fizemos a proposta e procuramos ver as diversas perspectivas de construção dessas humanidades.

Tivemos uma reflexão sobre a questão da história, sobre a questão do andar junto, sobre a composição de grupos, sobre o jeito como moramos, o jeito como nos educamos, o jeito como nos comunicamos etc. E foi em função disso que surgiu a pergunta também: essa construção da história é sempre positiva? O progresso é sempre na direção daquilo que vai ao encontro, do desejo, da necessidade desses seres humanos? E é em função disso que a gente tem conosco hoje, com muita alegria, a Tatiana Roque.

Tatiana é professora, matemática e filósofa. Leciona no Instituto de Matemática da UFRJ, a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem doutorado pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia da UFRJ e sua área de pesquisa abrange a historiografia da Matemática, as relações entre História, ensino de Matemáti-

ca e história das teorias de equações diferenciais e da mecânica celeste.

Seu livro *História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas*, da editora Zahar, publicado em 2012, foi um dos vencedores do Prêmio Jabuti de 2013. Ela foi candidata em 2018 a deputada federal pelo PSOL e recebeu 15.789 votos, alcançando a terceira suplência da coligação.

Temos que parabenizar você, Tatiana, pelo resultado agora em 2022. Tatiana candidatou-se novamente a deputada federal pelo PSB e teve mais do que o dobro de votos de 2018, 30.764, conseguindo a primeira suplência. Coisa boa. Significa que há esperança, não é isso que a gente tem dito ultimamente? Estamos muito contentes em ter você aqui, em poder trazer essa reflexão sobre os caminhos da ciência e explorar as ideias também expostas em seu livro... Desejamos que a gente possa ter aqui uma boa conversa... Antes de passar a palavra para Tatiana, quero retomar, como tenho feito, uma referência que nos conduziu a este trabalho, que foi Carlos Drummond de Andrade nas suas *Especulações sobre a palavra homem*.¹ Drummond abre o poema dizendo:

Mas que coisa é homem, o que há sobre o

1 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Aeroplanos da Birmânia

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

nome: uma geografia, um ser metafísico, uma fábula sem signo que a desmonte.

Vai ele caminhando e perguntando:

Por que chora o homem? Por que mente o homem? Por que morre o homem?

E, ao final, diz:

Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos? Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem e sabe o demônio.

E finaliza:

Que milagre é o homem, que sonho, que sombra, mas existe o homem?

Existe, dizemos. E interfere no mundo, criando esse mundo e a si mesmo. A pergunta para a Tatiana era exatamente: que criação é essa e para onde vamos com esse avanço da ciência, da tecnologia?

Obrigadíssima, Tatiana. Bem-vinda entre nós.

9

TATIANA ROQUE



O negacionismo não é um movimento anticiência necessariamente, é um movimento contra o poder que a ciência adquiriu na política a partir da construção, no pós-guerra, de órgãos como a OMS e o IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change. Então, aqueles que querem evitar as consequências que isso teria, que seria, por exemplo, diminuir o uso de combustíveis fósseis, como fizeram as empresas de petróleo, fazem o quê? Fomentam o negacionismo. E isso se dá em várias áreas, se dá nas áreas ambientais, se dá nas áreas de saúde, se dá em áreas, por exemplo, do controle do desmatamento aqui no Brasil: você viu o governo Bolsonaro atacando o Inpe, atacando o Ibama, justamente porque são esses órgãos técnicos que fornecem pareceres embasados, dizendo que sim, o desmatamento está aumentando. [...]

A disputa do lugar na relação entre ciência e política faz parte dos argumentos da extrema-direita para não fazer, para que se evite a consequência natural da descoberta do aquecimento global, que seria o quê? Mudar radicalmente a economia, diminuir o uso de combustíveis fósseis, mudar a organização da sociedade e propor transformações que colocam em xeque, sim, o capitalismo. Não tem como a gente fazer essas transformações dentro do capitalismo, vai ser muito difícil. Tudo isso faz com que esses poderes se organizem para fomentar o negacionismo.

tatiana roque

Negacionismo e ataques à ciência não são apenas questões pontuais relacionadas a um certo poder político

Gente, muito obrigada pelo convite com esse tema tão oportuno e que trato longamente no meu mais recente livro, chamado *O dia em que voltamos de Marte*, pela Editora Crítica. Então, para pegar logo o gancho aí da sua pergunta, Terezinha, para onde vai... vai para Marte...

Tem alguns homens realmente querendo que a gente busque soluções em Marte e, obviamente, essa não é a solução. Por isso escrevi esse livro. Ele significa que a relação entre ciência e política estava nos direcionando, e por isso conto essa história a partir da ideia do nosso sistema planetário, das descobertas que envolvem o sistema planetário. Ela estava nos levando a passar por cima de algumas descobertas que foram absolutamente cruciais feitas recentemente, a partir dos anos 1970, mais ou menos, que é a questão do aquecimento global, das mudanças climáticas. Mostro no livro como isso reorienta as relações entre ciência e política e vou contar um pouco aqui para vocês essa história, que tem, pelo menos, 300 anos.

Ela vem desde o Iluminismo, da época em que a ciência começou a exercer realmente um papel fundamental na organização social, na orga-

nização política, nas instituições do Estado. Essa relação entre ciência e política foi se construindo ao longo dos últimos 300 anos e passa hoje por uma crise que é inédita. Esses fenômenos que a gente vê, como negacionismo e ataques à ciência, não são apenas questões pontuais relacionadas a um certo poder político. É claro que elas são armas dessa extrema direita reacionária e conservadora que se apoderou das nossas instituições.

Mas também são uma resposta a um problema mais profundo, que acontece realmente num momento inédito, um momento singular da nossa história, em que as relações entre ciência e política não devem mais ser feitas da maneira como elas vieram se construindo até aqui. Por isso, vou contar um pouco dessa história.

É isto: como refazer pactos nos dias de hoje, esse pacto entre ciência e política? E isso tem a ver com uma disputa pelos sentidos da história. A crise climática traz um novo sentido para o nosso presente, que desconecta o futuro do passado, porque a ideia que a gente construía da história, principalmente a partir da história da ciência, estava relacionada à ideia de progresso.

O que é a ideia de progresso? Trago uma definição conhecida do Reinhart Koselleck (1923-1960), um filósofo da história, que diz que a ideia de progresso é uma criação do século XIX. A partir do início do século XIX, começou a ser difundida a ideia de que a humanidade tenderia a um futuro sempre melhor. Essa ideia de que o futuro avança numa direção do melhor, ou seja, do aprimoramento das condições de vida das pessoas, da humanidade, diz respeito ao avanço da técnica, ao avanço da ciência e da tecnologia. Isso faria com que o nosso futuro tendesse sempre para um aprimoramento, que é essa ideia da modernidade, a ideia que constitui a modernidade. Há uma série de historiadores que mostram que essa ideia, de certa forma, chegou a um momento de virada, a uma crise. É um momento em que essa noção de que o futuro vai na direção do melhor está sendo colocada em questão e isso também provoca algumas reações de pessoas que querem, de certa forma, recalcar essa tendência, dizer que isso não está acontecendo, que a gente continuaria em direção ao progresso.

Acredito que isso é uma das razões do sucesso de autores como o psicólogo e linguista canadense naturalizado norte-americano, professor da universidade de Harvard e escritor de livros de divulgação científica Steven Pinker (1954), de quem não gosto nem um pouco. Ele escreveu um livro que é um best-seller chamado *O novo iluminismo*. A tentativa

do Pinker é justamente dizer que o progresso seguiria sua marcha, que todas essas ideias que foram tecidas durante a modernidade continuam trazendo o bem-estar, melhorias para a população, o que não corresponde exatamente ao que a gente tem visto ou que a gente tem sentido.

Digo isso para mostrar que existe realmente uma disputa pelos sentidos da história. E o meu livro pretende mostrar que as mudanças climáticas trouxeram uma virada decisiva, que mudam a imaginação e a ação política. Eu me inspiro muito nas teorias do Bruno Latour (1947-2022), um antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência. que acabou de nos deixar. Ele é uma pessoa muito lúcida. Falo bastante do Latour e de um historiador paquistanês, Kunal Chakrabarti (1954), que diz que as mudanças climáticas desafiam as estratégias analíticas dos historiadores críticos ao capitalismo e à globalização, assim como dos historiadores pós-coloniais.

Ou seja, todas essas histórias que marcaram as décadas do pós-guerra, justamente porque ali, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a ciência do clima estava expandindo a percepção de uma crise que não cabia ainda nessas análises e que se desenvolveu ao longo dos anos 2000, que é a questão da descoberta das mudanças climáticas. Isso é interessante porque a descoberta das mudanças climáticas é recente e ela coloca

à prova os sentidos da história, como diz Chakrabarti.

Tudo bem: Deus para a fé e para a religião; mas para o Sistema Solar, não.

Kunal Chakrabarti tem quatro teses sobre como as mudanças climáticas reconfiguram os sentidos da história.

Primeiro, a explicação antropogênica das mudanças climáticas, ou seja, o fato de que essas mudanças são provocadas pelo ser humano faz colapsar uma antiga distinção humanista entre história natural e história humana, ou seja, a história da ciência, a história natural se mescla agora com a história humana, a ideia do ser humano como força geológica: a ideia que está incluída na noção de antropoceno, que reconfigura as histórias da modernidade e da globalização. Essa ideia do ser humano como força geológica traz a necessidade de uma conversa entre a história global do capital e a história do ser humano como espécie, que são duas histórias que costumavam correr paralelamente. A história geológica, numa escala de bilhões de anos, e a história humana como espécie, numa escala muito menor.

Essas duas histórias se confundem: o ser humano como força geológica e o ser humano enquanto humanidade se confundem, o que coloca à prova a própria compreensão da história.

A ideia do meu livro é entrar nesse debate, mas a partir de uma história particular, que é a história do sistema planetário e de como isso teceu algumas ideias que têm tudo a ver com o modo como a sociedade contemporânea apreende o papel da ciência, que são as ideias de universalidade, de objetividade e da tecnologia justamente como o responsável pelo progresso.

Vou falar um pouco disso, desses três momentos, séculos XVIII, XIX e XX. Começo no século XVIII, a partir dessa ideia de universalidade. Esse foi o momento em que, na história da filosofia natural, assim era chamada a ciência na época; a matemática, a física, eram absolutamente interligadas. Existia a visão de que uma lei unificaria todos os movimentos, incluindo os movimentos dos céus e da terra. Essa lei era a lei da atração universal, que a gente também conhece como Lei da Gravidade, que teve um papel fundamental na ciência, que era a ciência mais importante da época: a mecânica celeste.

Isso tem a ver com outras perguntas que se faziam na época, que também dizem respeito ao universal na política. Trazendo para cá essa junção entre a ideia de universalidade na ciência e a ideia de universalidade na política, quero mostrar como essas duas coisas iam de par. Na política, a questão que se colocava ali, no princípio da constituição de uma democracia, depois, princi-

palmente com o Iluminismo e, um pouco depois, com a Revolução Francesa, era como ir além do individual e do interesse particular, como atingir o universal, o bem comum, o interesse geral, questões colocadas, por exemplo, nas obras do filósofo, teórico político, escritor e compositor Jean Jacques Rousseau e do filósofo e matemático Nicolas de Condorcet (1743-1794).

Eles discutiam se o governante não seria mais escolhido por Deus, como era no absolutismo. Isso estava sendo colocado em questão na época: o governante deveria ser escolhido pelos homens e pelas mulheres. Como os humanos escolheriam um governante indo além do seu interesse particular para o bem geral, para o universal, uma questão muito presente nas obras de Rousseau e de Condorcet. E isso tem um impacto na filosofia da ciência. Ao mesmo tempo, Rousseau e Condorcet eram pessoas da política e da ciência ao mesmo tempo.

Segundo Condorcet, a passagem do particular para o universal se daria através da instrução pública, ou seja, da educação. Seria com uma educação pública que os seres humanos aprenderiam a escolher a partir do interesse geral e não do interesse particular. Isso está nesta obra de Condorcet.

Exatamente ao contrário de todas essas teorias direitistas de hoje que eliminam, que

procuram colocar de lado a democracia como sendo essa busca do interesse geral, para além do particular, e que forjam um sistema, que seria um sistema minoritário, um sistema que não cria maiorias, que não está a serviço dessa pluralidade com a qual a democracia se comprometeu lá nos seus primórdios.

E Condorcet era uma pessoa importante nessa defesa. Isso para falar um pouco do contexto político em que a ideia de universal se coloca e como ela se coloca também na Filosofia Natural.

Na Filosofia Natural, surge essa ideia de um universo dotado de uma lei universal, a Lei da Atração Universal, que é defendida por uma série de pensadores dessa época que eram teóricos, filósofos e também matemáticos, físicos e homens políticos, como por exemplo d'Alembert, Jean le Rond d'Alembert (1717-1783), um filósofo, matemático e físico francês que participou na edição da *Encyclopédie*, a primeira enciclopédia publicada na Europa.

D'Alembert fala bastante disso na introdução da *Enciclopédia Universal*, mas também um pouquinho mais tarde, Lagrange, Joseph Louis Lagrange (1736-1813) e Laplace, Pierre-Simon, Marquês de Laplace (1749-1827), um matemático, astrônomo e físico, que escreveu *A exposição do sistema do mundo*, publicado em 1796. Laplace foi ministro de Napoleão, ou

seja, era um matemático e um homem político ao mesmo tempo, para a gente ver como essas ideias circulavam em todos esses mundos.

O objetivo da Lei da Atração Universal, tal como defendida nesse momento por Laplace, era eliminar Deus do sistema do mundo. Vou explicar um pouquinho isso, que é uma discussão interessante.

Isaac Newton (1643-1727), um matemático, físico, astrônomo, teólogo e autor inglês, um dos cientistas mais influentes de todos os tempos, uma figura-chave na Revolução Científica, é um pensador do século XVII. Ao propor a Lei da Atração Universal, explicando o movimento dos planetas em torno do Sol, ele deixa uma brecha para uma questão não resolvida: a estabilidade do sistema solar. O que quer dizer isso? Newton dizia que os planetas se movem em torno do Sol segundo a razão direta das massas e a razão inversa do quadrado da distância. Essa é a Lei da Atração Universal, a lei da gravidade. Mas se o Sol atrai os planetas e os planetas atraem o Sol, isso explica o movimento dos planetas em torno do Sol. Mas emerge um problema: os planetas também se atraem mutuamente entre eles. E essa atração poderia desviar o curso dos planetas em torno do Sol. Esse é o problema da estabilidade do sistema solar.

Quando isso foi colocado para Newton, ele dá

um *spoiler* do seu futuro e mais famoso livro: *Os princípios matemáticos da filosofia natural*: diz que isso é facilmente resolvido porque Deus, o mesmo ser todo-poderoso que criou o movimento dos planetas em torno do Sol, deveria intervir de tempos em tempos para recolocar o sistema solar em ordem. Essa intervenção divina no sistema solar era uma questão para o século XVIII.

Não é que no século XVIII esses pensadores não acreditassem em Deus. Alguns acreditavam em Deus, mas achavam que o sistema do mundo não deveria precisar de Deus. Laplace tem duas frases sobre isso que ficaram famosas. Ele pergunta e responde:

- Mas e Deus?

- Não preciso dessa hipótese.

Tudo bem: Deus para a fé e para a religião; mas para o sistema solar, não. Então, como explicar o movimento dos planetas em torno do Sol e a estabilidade desse movimento sem precisar recorrer a Deus? Essa era a questão da lei da atração universal e da necessidade de que essa lei fosse realmente universal. Para isso, foram feitas muitas pesquisas no século XVIII para provar isso, o que acabou por eleger a Lei da Atração Universal como a principal lei para explicar todos os movimentos dos céus e da terra.

No século XVIII, surgiram instituições para disseminar a ciência como organizadora de um modo de relacionar o indivíduo e a sociedade.

Isso se constituiu a partir da matematização da física, de uma série de ferramentas matemáticas que são desenvolvidas nesse momento e que são também expostas para o grande público. Essa também é uma ideia importante aqui, que todos esses desenvolvimentos matemáticos e físicos que estou citando não ficavam restritos às academias. Havia também uma série de iniciativas para levar esse conhecimento para além dos muros das academias, justamente porque ele tinha um papel importante no convencimento da população para essas teorias.

Vou dar um exemplo, *O newtonianismo para damas*¹ é um livro que foi muito popular no século XVIII. Infelizmente, as mulheres não estavam dentro da academia, mas havia iniciativas de divulgação científica visando as

| VOLTAIRE E ALGAROTTI: DIVULGADORES DA ÓPTICA DE NEWTON NA EUROPA DO SÉCULO XVIII

Breno Arsioli Moura Universidade Federal do ABC; Centro de Ciências Naturais e Humanas.

Cibelle Celestino Silva Universidade de São Paulo; Instituto de Física de São Carlos.

No início do século XVIII, Isaac Newton publicou seu principal trabalho sobre ótica, o *Opticks* (Ética). Impregnado por uma perspectiva indutiva, o livro logo se tornou a principal referência para os estudos sobre a luz e as cores, sendo amplamente popularizado pelos seguidores de Newton. Neste artigo, analisamos como dois importantes livros contribuíram para essa popularização e também qual era a imagem de ciência que tentavam propagar: o *Elements de la philosophie de Newton* (Elementos da filosofia de Newton) de Voltaire e o *Newtonianismo per le dame* (Newtonianismo para as damas) de Algarotti. Será possível perceber que ambos os autores distorceram o conteúdo do livro de Newton, no intuito de propagar uma imagem idealizada das ideias newtonianas e da própria filosofia natural.

SCIENTIAE STUDIA SÃO PAULO, V. 13, N. 2, P. 397-423, 2015
<https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/103335/101780>

damas da sociedade. Além disso, os salões, um lugar onde a ciência era popularizada naquele momento, eram os chamados cafés e salões literários, que eram muitos durante o Iluminismo e que ali circulavam tanto a arte quanto a ciência com esse papel de unificar uma nova classe que estava surgindo: a classe burguesa.

Ainda não era um conhecimento popular, mas era um conhecimento que buscava ir além da aristocracia e constituir essa burguesia a partir de valores que tinham a ver com os valores do Iluminismo, e um dos livros principais para hierarquizar, para sistematizar esses conhecimentos, foi a *Encyclopédie*², a famosa enciclopédia de ciências de d'Alembert e Diderot. Todas as ideias que citei estão ali expostas e fomentaram a Revolução Francesa. Depois da Revolução Francesa, criaram-se instituições para disseminar o ideal de que a ciência poderia ser organizadora de um modo de relacionar o indivíduo e a sociedade.

Surgiram algumas instituições que existem até hoje, muito conhecidas: a Escola Normal Superior e a Escola Politécnica na França, que são duas instituições posteriores à Revolução Francesa. A Escola Politécnica,

² *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (Enciclopédia, ou dicionário racional das ciências, artes e profissões) foi uma das primeiras enciclopédias. Publicada na França no século XVIII, ela reuniu 35 volumes, 71.818 artigos e 2.885 ilustrações. Foi editada e redigida, principalmente, por Jean le Rond D'Alembert (1717-1783) e Denis Diderot (1713-1784), mas teve a contribuição de importantes pensadores, como Voltaire (1694-1778), Rousseau (1712-1778) e Montesquieu (1689-1755).

para formar quadros do Estado, e a Escola Normal, para formar professores, as pessoas que iriam disseminar essas visões para toda a sociedade.

Concluindo muito rapidamente, estou resumindo um século em dez minutos para mostrar o quê? Que o papel da ciência se coloca como um instrumento daquela sociedade, não só a partir do conhecimento científico, mas a partir de um trabalho editorial, de um trabalho de divulgação científica, de um trabalho institucional de formação de pessoas para esse ideal.

É assim que essa junção entre ciência e sociedade se dá nesse momento, por todo um aparelho conceitual criado para que o ideal científico fosse realmente absorvido pela sociedade como um todo. Não basta a gente produzir ciência na universidade, na academia, e achar que todo mundo tem que perceber o valor da ciência a partir daí, não. Isso é feito a partir de um trabalho que tem a ver com a criação de instituições, um trabalho editorial, a criação de espaços de divulgação científica. Tudo isso é importante para que a ciência vá além dos muros da academia e realmente se constitua como uma visão da sociedade.

Há valores, virtudes epistêmicas associadas ao momento histórico. No século XVIII, a universalidade, no século XIX, a objetividade.

Isso foi um empreendimento importante do século XVIII. Agora, vou passar para o século XIX. Aqui é assim, gente, é um século em 15 minutos; se não, não chego no final. Vamos lá.

No século XIX, como falei, predomina a ideia de progresso, a primeira globalização, a ideia de progresso na virada do século XVIII para o século XIX e a ideia de crescimento econômico durante a primeira globalização, que foi mais para o final do século XIX.

Sabemos papel da máquina a vapor, da locomotiva, dos navios a vapor. Isso tem a ver com essa primeira globalização, a ligação entre os diferentes países e o papel da ciência e da tecnologia, muito associado à ideia de progresso, como aquilo que seria capaz de estender para diferentes classes sociais e para diferentes partes do mundo, um ideal de civilização que se forjava naquele momento, principalmente na Europa, e já com um deslocamento da França para a Inglaterra.

Nenhum desses ideais de progresso é uma conquista automática. Cada um deles precisa de uma criação institucional, de um trabalho de divulgação, de um trabalho de ir além dos

muros de onde a produção científica se dá, para chegar à sociedade como um todo.

No século XIX, uma marca disso eram as organizações das grandes exposições universais. A primeira grande exposição universal aconteceu em 1851, no Crystal Palace, em Londres. Era uma grande exposição na qual todos esses avanços da ciência eram expostos. Havia máquinas siderúrgicas, telescópios, uma série de avanços da ciência que serviriam à indústria e ao comércio internacional.

Assim como o outro lado disso, uma coisa bem terrível, que é a exposição de povos considerados bárbaros, que seriam civilizados por esses instrumentos. Então, ao lado de máquinas siderúrgicas, você tinha indígenas chamados “peles vermelhas”, da América do Norte, vivos em gaiolas, que seriam vistos como bárbaros e que deveriam ser civilizados por aquele processo do progresso que estava sendo exposto ali.

Descrevo em detalhes o catálogo dessa exposição no meu livro e é bastante cruel ver como essa ideia da oposição entre barbárie e civilização serviu à diminuição e ao aniquilamento de povos considerados primitivos na época.

Nesse momento, a objetividade surge como uma virtude epistêmica, ou seja, a ideia de objetividade como aquilo que a gente precisa

de um treinamento para poder captar o mundo como ele é. Para isso, era preciso recalcar a subjetividade. A ideia de objetividade surgiu em meados do século XIX, como essa necessidade de se recalcar a subjetividade, de recalcar o eu, o erro de recalcar o *self* para desenvolver técnicas de precisão, para observar e medir o mundo.

É nesse momento que a ciência se torna sinônimo de objetividade. Ao invés de você olhar o mundo como ele é, não, você olha por trás do mundo, com instrumentos, microscópios etc. Você olha por trás, porque isso é o verdadeiramente objetivo. Associado a essa ideia, cito a escritora e ensaísta Virginia Woolf (1882-1941). No livro *Três Guinéus*³ ela faz uma separação entre o público e o privado, como se aqueles que vão para fora da casa, que vão observar o mundo, precisam recalcar o eu, precisam recalcar a subjetividade. Nesse momento também se instala uma separação entre homens e mulheres, como mulheres sendo aquelas mais afeitas à sensibilidade, ao eu, à subjetividade e, portanto, essa ideia de ir para fora, de ir para o mundo, de descobrir o mundo seria um atributo dos homens.

3 TRÊS GUINÉUS

VIRGINIA WOOLF

Editora Autêntica

Virginia Woolf constrói aqui uma trama argumentativa para demonstrar o forte vínculo entre o militarismo e o papel subordinado das mulheres na esfera doméstica, política e social. Além do texto de Virginia, completam o livro extensas notas do tradutor Tomaz Tadeu e um posfácio de Naomi Black, pesquisadora de ativismo e teoria feminista, sobre o feminismo de Virginia Woolf.

Não à toa, as palavras usadas para designar aqueles que faziam ciência nessa época eram “homens de ciência”, *men of science*. Homens mesmo. E a Virginia Woolf se insurge contra isso, mostra como isso era perverso com as mulheres, mesmo as mulheres intelectualizadas como ela teriam que ter a sua produção intelectual, a sua formação acadêmica, restrita à casa.

À época do surgimento das universidades, Cambridge, por exemplo, você tinha universidades que só os homens podiam frequentar. As mulheres tinham acesso à universidade, mas faziam universidade em casa. Essa separação entre a casa e a rua, entre o público e o privado, que tem a ver com a separação entre o que seria um atributo das mulheres e dos homens que a gente até hoje vive ecos disso: “Ah, não, as mulheres são mais sensíveis, as mulheres são mais afetivas”. Ou seja, essa construção de alguns atributos ligados à subjetividade, que seriam mais das mulheres e atributos ligados a objetividade, a precisão, à capacidade de medir o mundo, a capacidade de ser frio, de recalcar a subjetividade, que seriam mais dos homens.

Isso é uma construção do século XIX, de que até hoje a gente vê ecos por aí. E era, nesse momento, a era das grandes instituições científicas, sendo a principal delas o Observatório Astronômico. O Observatório Astronômico é uma das instituições científicas

mais poderosas desse momento, com um papel, um poder nacional, porque também institui as medidas geopolíticas, a questão da hora universal. Como é que se mede a hora? Como você tinha uma globalização, você precisava unificar o tempo, você precisa medir o tempo a partir de uma mesma hora.

E aí teve toda uma disputa para saber qual seria o marco zero da hora mundial. E não à toa, a Inglaterra ganhou a disputa e até hoje a gente mede a hora mundial, a partir de Greenwich, de um observatório que está na Inglaterra. Mas em muitos lugares a gente tinha observatórios nesse momento, inclusive no Brasil. No final do século XIX, a gente teve um observatório aqui no Rio de Janeiro, que até hoje funciona no bairro de São Cristóvão, o Observatório Nacional.

Constatamos como o poder político, a questão das medidas, dos projetos internacionais, da medida da terra, cartografias da terra e dos céus, o poder nacional, as medidas geopolíticas, a hora universal, tudo isso passava pelo Observatório Astronômico. Era uma grande instituição no século XIX ligada ao poder nacional e, claro, com proeminência de alguns países europeus, mas também nas várias colônias que tinham seus observatórios.

Essa ideia, de novo, de que, resumindo o século XIX, para uma relação entre ciência e política se afirmar na sociedade, você preci-

sa de ações que vão além apenas da produção de conhecimento, você precisa de instituições científicas, de estratégias de divulgação científica. Você tem valores, virtudes epistêmicas associadas a esse momento histórico. No século XVIII, a universalidade; no século XIX, a objetividade. Então, como isso vai se constituindo como atributo da ciência historicamente e não é algo dado *a priori*.

Uma ambiguidade do século XX: tecnologia para o bem e para o mal.

A gente costuma achar que a ciência já nasceu assim: ciência exata, objetiva, universal! Não. Cada um desses atributos tem a sua história e é isso que estou mostrando aqui. É isso que a história da ciência faz. Como a gente pega alguns atributos considerados, que foram sempre atributos da ciência e mostra que isso tudo tem uma história, isso tudo foi uma construção.

Finalmente, chegando ao século XX: a questão é a tecnologia. Aqui é fundamental o papel da tecnologia na sociedade: a bomba atômica, a lua e o pacto do bem-estar social. A principal marca do século XX, o papel da ciência e da tecnologia, não é, na verdade, um exemplo positivo de utilização da ciência e tecnologia. É um exemplo bem negativo: são as duas bombas atômicas jogadas em Nagasaki e Hiroshima⁴. Elas encerram a Segunda Guerra

⁴ Os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas contra uma população civil em Hiroshima e

Mundial em 20 de agosto de 1945.

Então trouxe algumas publicações populares para a gente ver não como a ciência via, mas como o público, como a opinião pública enxergou esse momento e enxergou o papel da ciência nesse momento.

Os cientistas passam a ser vistos como super-homens capazes de, apenas apertando um botão, destruir completamente a vida humana sobre o planeta por meio de uma bomba atômica. Isso dá lugar a uma série de críticas ao papel dos cientistas e ao papel da tecnologia, como isso serviu para a destruição de Hiroshima e Nagasaki, destruição de populações inteiras. As imagens de Hiroshima e Nagasaki rodam o mundo. São muitas críticas: o Vaticano desaprovou e ainda fez menção a Leonardo da Vinci, que suprimiu sua invenção de um submarino original por causa do mal que isso poderia causar.

Como assim? Os homens seguiram na pesquisa, os cientistas seguiram na pesquisa sobre a bomba atômica, mesmo sabendo o mal que isso poderia causar. Isso trouxe uma série de críticas. O próprio Einstein se arrepende de ter escrito uma carta a Franklin Roosevelt recomendando aos Estados Unidos a fabricação da bomba atômica. Einstein tinha escrito essa carta, mas ele vem a público e se arrepende nesse momento de ter feito isso. E ele

Nagasaki, respectivamente em 6 e 9 de agosto de 1945. Elas deixaram de 90.000 a 166.000 mortos em Hiroshima e de 39.000 a 80.000 mortos em Nagasaki.

escreve uma nova carta:

“Cometi um grande erro na minha vida quando recomendei ao presidente Franklin Roosevelt a produção da bomba atômica.”

Nesse momento da bomba atômica, você tem o que se chama de *big science*, que é a ciência tendo um papel realmente de Estado, porque você precisa de grandes projetos, você precisa de muito investimento do Estado e isso tudo a gente sabe que, no final da Segunda Guerra Mundial, se inicia também a Guerra Fria⁵.

Esse momento registrou uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que você tinha essas críticas ao papel da ciência e da tecnologia por causa da bomba atômica, você tinha a constituição do Estado de bem-estar social. Recomendo um filme maravilhoso do Ken Loach, chamado *O espírito de 45*⁶, que mostra como nesse momento, no final da Segunda Guerra Mundial, você tem todo um esforço também de industrialização e de utilização daquela tecnologia para a indústria como capaz de gerar o estado de bem-estar social, todos os direitos trabalhistas, enfim, tudo isso que se segue à Segunda Guerra Mundial e que está associa-

⁵ Guerra Fria: março de 1947 a dezembro de 1991, com o fim da União Soviética. Um período de tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos e seus aliados, após a Segunda Guerra Mundial.

⁶ *O Espírito de 45*, de Ken Loach, é um documentário que mostra a ascensão e queda do estado de bem-estar social trabalhista inglês. O filme analisa o contexto sociopolítico do Reino Unido depois da vitória na Segunda Guerra Mundial, sob o comando de Winston Churchill. O Partido Trabalhista venceria Churchill nas eleições.

do à industrialização que, por sua vez, está associada ao uso daquelas tecnologias, inclusive tecnologias de guerra. Isso tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

Agora vou falar um pouco mais dos Estados Unidos e dessa ideia da industrialização como capaz de gerar uma sociedade melhor para todos e a industrialização como dependente dessas tecnologias, das tecnologias de guerra e das tecnologias da Guerra Fria. Aqui há uma iniciativa que é fundamental, inclusive para reatar a sociedade com a ciência, para que a sociedade voltasse a ver a ciência e a tecnologia como algo promissor de futuro, que voltasse a ver o progresso como algo que poderia dar outro destino para a humanidade: a corrida espacial.

A corrida espacial, de certa forma, vem sanar o problema da Guerra Fria, o problema da bomba, mas ela está inscrita nessa lógica da Guerra Fria e quem começa ganhando a corrida espacial é a União Soviética, em 1957, com o lançamento do Sputnik. Os Estados Unidos correm atrás, depois, com a ideia de que era preciso levar o homem à Lua. Então, todas aquelas frases, e falo bastante disso no meu livro, as frases muito esclarecedoras de John Kennedy (1917-1963)⁷, tanto na campanha presidencial como já eleito presidente, dizendo que um dos seus objetivos principais é levar

⁷ John Fitzgerald Kennedy, 35º presidente dos Estados Unidos, governou de 1961 a 1963, quando foi assassinado.

o homem à Lua e trazê-lo de volta a salvo, porque isso iria mostrar que o papel da ciência não é negativo, que o papel da ciência e da tecnologia está associado ao progresso e à ideia de um futuro melhor para a humanidade. Estão aí, ainda hoje, as imagens que rodaram o mundo do pouso do homem na Lua.

Protestos contra investimentos em ciência e tecnologia para a corrida espacial e a Guerra do Vietnã

Não podemos esquecer de que esse também foi um momento da contracultura. Alguns meses depois do pouso do homem na Lua, houve o festival de Woodstock⁸, é uma coisa que a gente não lembra muito e que era o momento também de muitos movimentos sociais, entre eles o movimento pelas ações afirmativas. Então, uso um livro muito bacana, chamado *Apolo na era de Aquarius*⁹. Esse livro conta que, no dia 16 de julho de 1969, quando aconteceu o lançamento da nave Apollo 11, o foguete que levou o homem à Lua, houve um protesto no campo de lançamento na Flórida, um protesto do movimento negro estadunidense,

⁸ **Woodstock Music & Art Fair** foi um festival de música, reconhecido como um dos maiores momentos na história da música popular, realizado entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969 na fazenda de gado leiteiro de 600 acres de Max Yasgur, próximo à região de White Lake, na cidade de Bethel, no estado de Nova York, nos Estados Unidos. O festival exemplificou a era da contracultura do final da década de 1960 e começo de 1970. Trinta e dois dos mais conhecidos músicos da época apresentaram-se durante um fim de semana para 400 mil espectadores.

FONTE: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_de_Woodstock

⁹ **APOLLO IN THE AGE OF AQUARIUS**
NEIL M MAHER
Harvard University Press, 2019.

se, que chegou lá com suas mulas no campo de lançamento para dizer o quê? Que todo aquele dinheiro que estava sendo gasto com a corrida espacial deveria ser empregado para melhorar a vida das pessoas aqui na Terra.

E o movimento contra a pobreza, o movimento negro que faz esse protesto, que é um protesto muito visual, foi registrado em todos os jornais. A gente não sabe muito disso, mas foi muito famoso esse protesto e isso fez com que a própria NASA - National Aeronautics and Space Administration fosse obrigada a rever as suas prioridades.

Havia muita pressão também por causa da Guerra do Vietnã. Havia protestos contra o papel que a ciência e a tecnologia exerceram na Guerra do Vietnã, que estava sendo muito criticada também por causa das atrocidades cometidas contra o povo vietnamita. Isso tudo levou a uma reavaliação do papel da ciência e da tecnologia. E, com isso, todos esses institutos científicos dos Estados Unidos, como a NASA, tiveram que rever seus projetos porque dependem do orçamento do Estado e o orçamento do Estado deve ser aprovado no Congresso Nacional pelos deputados. E para que isso seja aprovado, é preciso que a opinião pública esteja de acordo, porque esses políticos são eleitos.

Foi também nesse momento que a opinião pública começou a ter muita participação nas

decisões sobre prioridades da ciência. E a NASA, então, reorganizou as ciências espaciais para fazer um movimento chamado *down to earth*, de volta à Terra. Em vez de apenas utilizar aquela tecnologia para explorar outros planetas, para explorar o espaço, ela passou a explorar a própria Terra, juntando várias ciências: ciências atmosféricas, geologia, paleontologia e surgiram daí as chamadas ciências do Sistema Terra, que juntavam tudo isso para estudar a Terra como um sistema, como a Terra é sujeita a diferentes movimentos de diferentes ordens. A Terra como um sistema completamente integrado, tanto do ponto de vista meteorológico quanto geológico, quanto de todos os elementos que influem no equilíbrio do sistema Terra.

E foi isso que deu origem à descoberta do aquecimento global de um modo meio inesperado. Você passa a estudar a Terra e começa a observar que vinha tendo um aquecimento do clima, da temperatura média do planeta Terra. Isso começou a preocupar muito os cientistas. Vários desses cientistas, têm um e que é muito paradigmática a trajetória dele, um físico climatologista chamado James Hansen (1941). Hansen investigava a vida em Vênus e em outros planetas e, nesse momento, quando ele descobre o aquecimento global, ele muda totalmente a sua pesquisa para investigar a Terra.

É também o momento em que a gente tem aquela

primeira imagem da Terra vista de outro planeta, que foi a imagem, inclusive, que deu origem à música *Terra*¹⁰, do Caetano Veloso:

*“Terra, terra
Por mais distante
O errante navegante
Quem jamais te esqueceria?”*

Eu até tive um momento emocionante agora nessa campanha, porque fui à casa do Caetano e dei meu livro para ele e fiz essa dedicatória, a tal fotografia da terra, e é isso, essa ideia da terra vista do céu e como isso gera uma outra sensibilidade para o que é o nosso planeta Terra e a necessidade de a gente cuidar desse problema e do aquecimento global.

“Quando os fatos implicam em transformações profundas na economia e na sociedade, aqueles que não querem fazer essas transformações têm uma saída fácil: negar os fatos.” BRUNO LATOUR

Nesse momento, paralelamente, cresce outro fenômeno: o negacionismo, o negacionismo climático, que é na verdade o pai de todos os negacionismos. Quando começa a ganhar realmente muita força a ideia de que o aquecimento global estava acontecendo por causa da

10 TERRA
CAETANO VELOSO
Letras
<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44780/>

ação humana e que isso deveria levar a uma grande reestruturação da nossa economia, dos nossos modos de vida, dos nossos modos de organização social. Os grupos que seriam os mais afetados por essa reestruturação ficaram preocupados.

Quais são esses grupos? As empresas de petróleo. Estava óbvio para todo mundo que, a partir dali, seria necessário diminuir radicalmente o uso de combustíveis fósseis.

Então esses grupos têm uma bela ideia: negar o aquecimento global, fomentar o negacionismo, financiar quem quisesse negar o aquecimento global. Aí tem uma frase muito boa do Bruno Latour, fazendo aqui uma homenagem ao Bruno Latour, que acaba de nos deixar, ele diz:

- “Quando os fatos implicam em transformações profundas na economia e na sociedade, aqueles que não querem fazer essas transformações têm uma saída fácil: negar os fatos.”

É exatamente daí que vem o negacionismo.

Então as empresas de petróleo começam a intensificar suas ações nos anos 90, à medida que os movimentos ecológicos explodem. A gente teve no Rio a Eco92¹¹, que foi uma coi-

11 A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, Cúpula da Terra, Cimeira do Verão, Conferência do Rio de Janeiro e Rio 92, foi uma conferência de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas e realizada de 3 a 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Seu objetivo foi debater os problemas ambientais mundiais

sa fantástica. Eu fui à Eco92. Parecia que o mundo ia mudar no dia seguinte. A consciência ecológica estava muito forte e exigiam-se transformações muito profundas.

Quando isso ficou evidente, as empresas de petróleo começaram a se preocupar e se organizaram para fomentar o negacionismo. As afirmações deram origem a uma CPI no Congresso dos Estados Unidos, mostrando que essa estratégia negacionista tinha sido financiada por empresas de petróleo para semear a dúvida sobre o aquecimento global. Então, o que significa isso?

Significa que a indústria petrolífera percebeu que não adiantava dizer:

- “Os cientistas estão errados, não tem aquecimento global”.

A estratégia deles é mais sutil, é semear a dúvida, é tentar dizer que havia uma controvérsia onde, àquela altura, já havia um consenso. É essa ideia de que você pode ter uma falsa simetria na argumentação científica, com o argumento: temos que ouvir os dois lados. A gente ouve muito isso hoje - temos que ouvir os dois lados -, sendo que de um lado você tinha 99% dos cientistas. Do outro lado, você tinha meia dúzia de especialistas financiados para semear a dúvida de polemistas, e que estavam ali para criar polêmi-

FONTE: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eco-92>

ca, para criar falsa polêmica, para semear a dúvida, para fazer com que as pessoas vissem como uma controvérsia algo que era um consenso científico. Foram produzidos vários vídeos com essa intenção. Eles podem ser acessados no Youtube.

Essa estratégia do negacionismo mina um consenso e o fato de que as políticas públicas são baseadas em instituições que devem fornecer apoio científico para a tomada de decisão política. São os órgãos de experts que estariam em crise. Descrevo isso nesse meu artigo publicado na revista Piauí¹². Tem também o livro de um sociólogo da ciência chamado *A crise da expertise*¹³. O que significa isso? A partir desse momento do pós-guerra, foram sendo criadas várias instituições científicas que tinham como objetivo fortalecer pareceres embasados na ciência para a tomada de decisão política. A Organização Mundial da Saúde - OMS, por exemplo, foi criada em 1948; o Intergovernmental Panel on Climate Change - IPCC, Painel Intergovernmental para as Mudanças Climáticas, foi criado na ONU, em 1988, é recente.

12 A QUEDA DOS EXPERTS

TATIANA ROQUE

Revista Piauí, edição 176, maio 2021.

Folha de S. Paulo / Uol / Piauí

<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/queda-dos-experts/>

13 THE CRISIS OF EXPERTISE

GIL EYAL

Polity Press, 2019.

Com que objetivo? Você junta cientistas do mundo inteiro, todos eles concordam: sim, a temperatura média da Terra está aumentando e a gente precisa fazer alguma coisa, porque isso se deve à ação humana, principalmente a emissão de gases de efeito estufa. Em tese, esse parecer científico levaria os governos a tomarem decisões políticas no sentido correto, essa é a ideia dos órgãos de *experts*, órgãos técnicos. Assim você teria aí uma camada de mediação entre a ciência e a política, em que a ciência deveria embasar a tomada de decisão.

Contudo, isso entrou em crise com o negacionismo, essa é minha tese. O negacionismo não é necessariamente um movimento anti-ciência, é um movimento contra o poder que a ciência adquiriu na política a partir da construção desses órgãos no pós-guerra. Então, aqueles que querem evitar as consequências que isso teria, que seria, por exemplo, diminuir o uso de combustíveis fósseis, E o que fizeram as empresas de petróleo? Fomentaram o negacionismo.

Isso se dá em várias áreas, se dá nas áreas ambientais, nas áreas de saúde, em áreas, por exemplo, do controle do desmatamento aqui no Brasil. Vimos o governo Bolsonaro atacando o INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, atacando o Ibama - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, justamente

porque são esses órgãos técnicos que fornecem pareceres embasados, dizendo que sim, o desmatamento está aumentando.

Então, quem não quer controlar o desmatamento faz o quê? Fala: não, essa opinião é mentira, demite o presidente do INPE, Ricardo Galvão, meu companheiro de bancada da ciência. Essa disputa do lugar na relação entre ciência e política faz parte dos argumentos da extrema-direita para não fazer, para que se evite a consequência natural da descoberta do aquecimento global, que seria o quê? Mudar radicalmente a economia, diminuir o uso de combustíveis fósseis, mudar a organização da sociedade e propor transformações que colocam em xeque, sim, o capitalismo. Não tem como a gente fazer essas transformações dentro do capitalismo, vai ser muito difícil. Tudo isso faz com que esses poderes se organizem para fomentar o negacionismo.

Então, diante do fato de que isso levaria a essas mudanças, como eu disse, aqueles que não querem essas mudanças dizem: não, a gente continua na mesma linha do progresso, a gente precisa de um novo iluminismo, que é o que diz esse Steven Pinker. Eu o critico bastante do meu livro, essa ideia de que você, de que a gente, toda essa marcha dos últimos 300 anos que descrevi aqui nos levaria necessariamente à emancipação, a uma melhor situação social, ao combate à desigualdade, que é algo que está sendo colocado em questão

por todos os impasses que a gente vive hoje, principalmente com o aquecimento global.

A questão da confiança na ciência não é necessariamente um produto da ignorância ou que as pessoas não sabem ciência, as pessoas não entenderam bem a ciência, não. Existe realmente uma crise de confiança na ciência porque a ciência é afetada também pela fragilização de toda essa visão de mundo que erigiu o Estado moderno e a democracia representativa. Todas essas ideias da modernidade que coloquei aqui nessa história de três séculos estão sendo questionadas. Por quê? Porque elas não estão conseguindo dar respostas aos principais problemas que a humanidade enfrenta hoje, sendo o mais grave deles o aquecimento global. Então, tem volta? Acho que não. As mudanças climáticas vão exigir uma renovação radical desse pacto entre ciência e política, tal como ele foi construído nos últimos três séculos. A ciência contribuiu de modo decisivo para esse pacto, mas diante dessas novas exigências que estão surgindo, desse momento histórico inédito, a gente vai precisar reinventar a relação entre ciência e sociedade.

Do ponto de vista político, a extrema-direita dialoga com essa sensação de esgotamento da história moderna, só que ela propõe uma volta ao passado, que não é o caso também, obviamente. Por isso, a força do tradicionalismo, dos nacionalismos, até da ideia de

impérios, a força da extrema-direita vem daí também, do fato de que ela não nega essa sensação de que a gente chegou a um ponto de descontinuidade, ainda que as saídas que ela proponha sejam as mais terríveis, excludentes: nacionalismos, ideias que não respondem à questão da igualdade; a questão da prosperidade, as questões humanas, que são questões que podem realmente nos dar saídas no sentido do combate às desigualdades, que é um dos problemas principais do nosso tempo, da relação entre homem e natureza.

Todas essas questões que nos pressionam neste momento, a extrema-direita nega, daí o negacionismo como sendo também um escapismo, como diz o Bruno Latour, ela nega, coloca de lado e fala: não, vamos continuar aqui. Mas, ao mesmo tempo, ela leva a sério o ineditismo do nosso momento histórico, que é algo que acho que a gente ainda não conseguiu e aqui a gente tem uma limitação desse campo progressista do campo da esquerda, de que a gente ainda não conseguiu se desvencilhar da nostalgia do momento pós-guerra, quando parecia que a expansão industrial dentro capitalismo seria capaz de responder ao problema das desigualdades e criar sociedades verdadeiramente igualitárias.

Isso não é possível porque, como as teorias ligadas às mudanças climáticas nos mostram, foi justamente aí, no pós-guerra, que começou a grande aceleração, que é o quê? O es-

gotamento dos recursos naturais, a poluição, as mudanças climáticas, decorrentes de irresponsabilidades no com o crescimento econômico e a industrialização.

A grande aceleração na produção, a crise climática e a impossibilidade do uso de combustíveis fósseis mostram que é impossível a gente projetar naquela sociedade industrial do pós-guerra a nossa possibilidade de emancipação. Diante disso, a esquerda fala em soberania, indústria, crescimento, que são todas ideias vinculadas ao pós-guerra. Vem daí a sensação de que esse campo progressista parece estar deslocado no tempo. Parece que se fala do passado, enquanto a extrema-direita fala do futuro, mas de um futuro terrível, cruel, excludente, preconceituoso, para poucos, em que uma boa parte da humanidade seria simplesmente deixada para trás.

Aqui é uma pergunta que faço no meu livro: a nossa ideia de futuro ficou perdida nessa construção dos últimos 300 anos que coloquei aqui, colada na ideia de progresso? E agora, quando a ideia de progresso não parece mais responder às principais crises do nosso tempo, em especial à crise climática, como a gente reconstitui uma ideia de futuro que não seja projetada sobre a ideia de progresso?

Essa é a pergunta que deixo aqui para gente depois conversar e agradeço demais pela atenção.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Há oposição entre tecnologia e humanismo?

Beleza, Tatiana. MUITÍSSIMO obrigada por essa contribuição tão rica. É como você diz, a gente meio que naturaliza as coisas e acha que sempre foi assim. O recurso à história é mesmo muito valioso para essa reflexão que a gente está realizando e faz a gente até voltar à nossa pergunta para o título da sua fala: *Progresso a qualquer custo?* A história não é pensar em progresso a qualquer custo, mas na própria ideia de progresso, como você traz para a gente. Essa relação entre política e ciência é mesmo fundamental. Principalmente, é claro, neste momento em que a gente está vivendo por aqui, em função dessas atitudes que a gente vê.

Enquanto você ia falando, fui me lembrando um pouco de algumas coisas que ultimamente temos discutido na perspectiva da educação. O César Aparecido Nunes¹⁴, que esteve com a gente antes da sua contribuição, trouxe algo semelhante. Primeiro, uma espécie de oposição entre tecnologia e humanismo. Quanto mais cresce a tecnologia, parece que ela fica pior em termos de abrangência e se distancia do humanismo. E não podemos esquecer que a tecnologia é criada exatamente pelo ser humano, a quem deveria servir. Não a um ser humano, a todos...

¹⁴ Ver palestra número 8: *O mundo é uma escola*, por César Aparecido Nunes.

JULIANA SANTOS

Temos uma pergunta, Terezinha.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Ciências humanas e ciências exatas, ciências humanas e desumanas.

O Anaximandro (Anaximandro Orleans Calle de Paula) já fez a sua pergunta. Em função disso, eu gostaria que você, antes de responder a essa questão específica, sobre a qual estou curiosa também, refletisse sobre essa ideia de meios e fins. Nesse caminho que a ciência faz, até pensando também numa oposição problemática entre ciências humanas e as chamadas exatas. Eu tinha um amigo querido, com quem até escrevi o meu primeiro livro, o professor, escritor, Moacyr Laterza (1928-2004), um filósofo da melhor qualidade: ele brincava muito quando as pessoas diziam que as ciências exatas eram mais valiosas do que as ciências humanas. E dizia assim:

- “Ora, se vocês dizem que as suas ciências são exatas, vocês estão dizendo que as nossas humanas são inexatas; então, a gente pode dizer que se as nossas são humanas e as de vocês são desumanas.”

Quero ouvir você um pouco a respeito disso, porque a gente generaliza falando “a ciência” e eu gostaria de pensar nas múltiplas,

na diversidade das ciências. É muito interessante mesmo a gente pensar isso, no caráter de universalidade e objetividade da tecnologia e da ciência.

TATIANA ROQUE

No século XVIII, “exata” queria dizer “matematizável”, portanto, sem ambiguidade

Tenho desenvolvido bastante essa questão da invenção, da ideia de ciência exata. Ela também é histórica, historicamente determinada. E é do final do século XVIII, com a criação da Escola Normal, inclusive, onde se tinha a ideia de que o que teria gerado os excessos na Revolução Francesa teria sido um uso ambíguo da palavra, do discurso. Então, era preciso que o discurso político fosse tão exato quanto as ciências matematizáveis que eram aquelas consideradas exatas.

Nesse momento, começou a se defender que uma ciência política e social deveria buscar o recurso à matemática e à lógica da filosofia natural, que já era considerada uma ciência exata desde René Descartes (1596-1650). Então, coloco “humanas” entre aspas porque as exatas não eram opostas às humanas. Isso só surgiu no século XIX. Ali, naquele momento, no século XVIII, “exata” queria dizer “matematizável”, portanto, sem ambiguidade. E a ambiguidade teria gerado o terror, os excessos da Revolução Francesa.

Então, tem a ver com a filosofia da Convenção Nacional (1792-1795), a ideia de ciência exata, que marcou a fase do Termidor, o período na Revolução Francesa onde se encerra a fase conhecida como “Terror” e se interrompe a ditadura jacobina (1793-1794). Era preciso conter o ímpeto revolucionário, fazendo com que o discurso fosse mais exato. Essa é a ideia. É muito interessante como isso tem um objetivo político mesmo, a ideia de ciência exata.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Vamos ao Anaximandro.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

Como e por que a anticiência se firmou, com sucesso, como estratégia política e eleitoral no Brasil? Obrigado pela aula.

TATIANA ROQUE

O negacionismo é um instrumento da extrema-direita para uso ideológico

Obrigada, Anaximandro.

Isso que chamo de negacionismo é uma arma política. Como a gente viu aqui, é uma maneira de você semear a dúvida sobre questões científicas que podem trazer consequências indesejáveis para alguns grupos. Você usa o

negacionismo como forma de se utilizar, de aparelhar esse lugar técnico da ciência, que tem impacto em projetos políticos. Quando a extrema-direita descobre isso, passa a tentar se utilizar desse lugar dos *experts*, desse lugar do órgão científico, para embasar políticas que estão mais de acordo com os seus ideais. O negacionismo é um instrumento da extrema-direita para uso ideológico.

Aconteceu muito isso no Brasil no caso do tal do tratamento precoce, que são tratamentos sem eficácia comprovada, mas que foram muito difundidos e receitados durante a pandemia, um perigo inclusive, que atrapalhou muito o combate à pandemia, com recomendações para a utilização de medicamentos ineficazes, como cloroquina e ivermectina. Mas se você olha os vídeos que defendem esses medicamentos, aliás, gente, um perigo vocês aí que são de São Paulo, perigo máximo, que aquela Nise Yamaguchi, que foi uma dessas negacionistas contumazes durante a CPI da Covid-19, está apoiando Tarcísio de Freitas (na época, candidato ao governo paulista). Imagina uma mulher dessa como Secretária de Saúde de São Paulo, uma catástrofe.

O que eles faziam e que a gente viu na CPI da pandemia foi justamente isso: tentar criar uma teoria protocientífica, mas que não era embasada nos métodos legítimos na ciência, para receitar tratamentos que não tinham nenhuma eficácia comprovada para o

combate à pandemia. Isso é o negacionismo e a instrumentalização que eles fazem do parecer científico para critérios exclusivamente políticos que, no caso, foi o que o governo brasileiro defendeu na pandemia, o tal do tratamento precoce, que foi uma calamidade. A gente viu isso na CPI da pandemia.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Estamos muito ameaçados mesmo aqui em São Paulo, por todos os lados, em função exatamente dessa perspectiva aí. Fukushi tem uma observação.

IDENTIFICADO APENAS COMO FUKUSHI

Estou adorando a exposição! Parabéns a todos. Considerando a dúvida do Anaximandro, gostaria de saber o que você acha quanto ao que é possível fazermos para diminuir a força da anticiência aqui no Brasil.

TATIANA ROQUE

Ciência para construir um novo mundo a partir da emergência climática

É, aí tem muitas coisas. Acho que uma linha, claro, é a linha da divulgação científica. Outra linha, como falei aqui, é a questão política. Acho que se esses negacionistas se utilizam dessa estratégia para seus projetos políticos, a gente tem que colocar proje-

tos políticos que façam frente a esses e que tragam outra visão da ciência. Mas, como eu disse, não necessariamente uma visão da ciência para o progresso, uma visão da ciência para construir esse novo mundo a partir da emergência climática. Como falei aqui, a gente vai precisar muito de ciência para isso. Mas aí a gente tem que explicitar como a ciência vai ajudar na construção desse novo mundo. Acho que é mais uma questão política.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Esclarecimentos para um público muito mais amplo

Acho que é disso que precisamos. Há uma outra questão que é exatamente o esclarecimento. E aí não sei, Tatiana, o que pensa você, ou o que pensam vocês. Estamos na campanha no segundo turno: para quem e como a gente vai fazer esses esclarecimentos? Porque, na verdade, a gente tem principalmente conversado com os mesmos, aqueles que estão ligados à academia, à universidade ou aqueles que têm uma formação de nível universitário. A gente acaba falando para os mesmos e o problema é o esclarecimento das outras pessoas. Acho que precisamos de uma divulgação muito mais ampla, para atingir um público mais amplo.

TATIANA ROQUE

Exatamente.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Fernando Rios tem uma pergunta.

FERNANDO RIOS

Ideologias neoliberais e neofascistas frequentam a educação mundial

Olá, Tatiana. Obrigadíssimo, foi maravilha esse percurso do século XVIII, XIX e XX. Eu até incluiria um pouco o século XV, que parece a primeira grande globalização da humanidade.

Quero refletir com você.

A nossa matriz energética privilegia o petróleo e a energia atômica. Isso define o movimento do capital que, a cada dia, proporciona maiores concentrações de renda. Junto com os lucros da indústria armamentista. Há um direcionamento político internacional de manutenção das hegemonias. Em que direção caminha a ciência, considerando que a comunicação de massa não questiona esses processos. E a educação, não só nacional, mas a educação internacional, tem sido financiada por grupos neoliberais, muitos deles neofascistas.

TATIANA ROQUE

Pesquisas negacionistas foram desastrosas

para o combate à pandemia

Exatamente o que eu tinha colocado aqui: o papel desses negacionistas é gravíssimo, perigosíssimo. Acho que isso tem duas coisas. O importante é a gente cada vez mais ter e divulgar evidências para mostrar como os financiamentos desses grupos podem gerar uma situação de corrosão da confiança na ciência, que é muito grave. Então, isso tem que ter investigação mesmo, tem que ter punição, como a CPI da pandemia. A gente viu como aquela tal de Prevent Senior financiou pesquisas negacionistas, inclusive com essa Nise Yamaguchi, pesquisas desastrosas para o combate à pandemia.

Todo esse trabalho também investigativo, que acho que é importantíssimo. A gente tem um exemplo de sucesso aqui no Brasil, que foi a própria CPI da pandemia. Recebi em casa agora um livro do Randolfe Rodrigues e do Humberto Costa sobre a CPI da pandemia¹⁵. Não comecei a ler ainda, mas acho que é superinteressante, mostrando como o fato de entender a estratégia dos negacionistas foi fundamental na CPI da pandemia para a gente responsabilizar os grandes financiadores dessas estratégias negacionistas. no

¹⁵ **A POLÍTICA CONTRA O VÍRUS – BASTIDORES DA CPI DA COVID**
COMPANHIA DAS LETRAS

Randolfe Rodrigues é um professor e político filiado à Rede Sustentabilidade. É senador pelo Amapá, líder do governo Lula no Congresso Nacional e foi vice-presidente da CPI da pandemia.

Humberto Sérgio Costa Lima é médico, jornalista e político filiado ao Partido dos Trabalhadores. Foi deputado estadual e federal, é Senador por Pernambuco e líder do PT no Senado. Foi Ministro da Saúde durante o governo Lula.

Brasil, a gente tem esse exemplo terrível da Prevent Senior.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Os seres humanos como artesãos do oitavo dia

É isso. Alguém mais com alguma pergunta? Então, a gente vai caminhando, não é, Juliana, para o nosso encerramento. Mas quero ainda aproveitar a presença de Tatiana para pensarmos juntas em algumas coisas, levando em consideração o processo que a gente vem desenvolvendo. Partimos no início de uma consideração, buscamos uma referência do psicólogo, antropólogo e professor Carlos Rodrigues Brandão (1940) que, num livro muito interessante que se chama *Nós, os humanos*¹⁶, diz que os seres humanos são os artesãos do oitavo dia. Ele busca a alegoria da criação do mundo em sete dias, como se o criador, no sétimo dia, descansasse e entregasse para o ser humano a construção do mundo. E aí a gente brinca: e deu no que deu.

Lembro também de uma coisa muito bonita no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (Companhia das Letras), de Ailton Krenak, onde ele brinca com uma história de sua etnia. Diz a história que Deus fez o mundo e se afastou. Depois de algum tempo, resolveu vir ver o que tinha acontecido e, para não

¹⁶ **NÓS, OS HUMANOS: DO MUNDO À VIDA, DA VIDA À CULTURA**
CARLOS RODRIGUES BRANDÃO
Editora Cortez, 2018.

se apresentar imediatamente, tomou a forma de um animal. Ao virem o animal, os indígenas tentaram matá-lo. Ele foi salvo por duas crianças de uma comunidade. E aí as crianças perguntaram para Deus:

- “O que você achou do seu povo?”

E Deus respondeu:

- “Mais ou menos.”

É essa a história dos artesãos do oitavo dia. Estou brincando com isso também porque estamos esperançosos, mas preocupados. Preocupados, mas esperançosos, sejamos mais otimistas. E essa preocupação decorre um pouco disso, daquilo que temos construído até agora, de como é que organizamos nossa vida política e que nos faz pensar que acima e além deste momento, apenas, é preciso mesmo, Tatiana, como você está trazendo aí, a construção de uma coisa muito diferente que vai requerer a contribuição de todo mundo. Acho que a preocupação vem exatamente do que fazer daqui por diante, sendo um grupo que se dispõe a construir algo de um espírito democrático, justo, solidário.

TATIANA ROQUE

Exatamente, Terezinha.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Essa história de ser o artesão cria uma responsabilidade enorme e, junto com essa responsabilidade, o que a gente precisa para exercê-la é de conhecimento mesmo, é ampliação, é a possibilidade de podermos estar juntos nessa coisa.

Agradeço a todos a presença, muito particularmente a você, Tatiana. E você, tendo algum tempo que queira, use aí para dizer tchau para a gente.

TATIANA ROQUE

Então, gente, só agradecer. Agradecer a interlocução, as perguntas, acho que caminhamos na mesma direção. Acredito que a minha abordagem cabe muito bem na proposta deste ciclo. Digo também que todas essas ideias estão mais bem desenvolvidas no meu livro *O dia em que voltamos de Marte*, publicado pela editora Planeta em 2021. Então, quem quiser se aprofundar mais, está tudo lá no livro. Convido vocês depois a continuar a reflexão. Também estou disponível pelas redes sociais e podemos continuar essa conversa depois também, foi ótimo.

FERNANDO RIOS

Eu gostaria de fazer uma pergunta final, Tatiana. Tenho percebido, parece que há uma

espécie de dissolução do eu, sufocado pela tecnologia. Apesar de aparentemente nos comunicarmos mais, os indivíduos tendem, pelo menos é o que eu percebo, tendem a se isolar acreditando que estão conectados com o mundo. Essa tecnologia chega a ameaçar essa consciência individual?

TATIANA ROQUE

Acho que a tecnologia, na verdade, favorece essa ação mais individualizada. Esse é que é um problema, um pouco dessa ação em redes sociais. É que a gente ainda não conseguiu criar estruturas coletivas que levem em conta a possibilidade de socialização nas redes sociais e proponha uma ação menos individualizada. A individualização dá margem realmente para o fortalecimento dessas correntes políticas que exacerbam o indivíduo em detrimento do coletivo, que é uma coisa danosa para a vida social.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Mas vamos em frente.

TATIANA ROQUE

Vamos em frente. Temos a possibilidade agora de votar melhor, pelo menos, interromper um pouco o individualismo exacerbado. Obrigada, gente, muito obrigada.

JULIANA SANTOS

Gente, queria também agradecer em nome do Sesc, a Terezinha, o Fernando e a Tatiana e lembrar da última mesa do ciclo, que vai ser dia 27 de outubro. Obrigada

de onde viemos?
onde estamos?
para onde vamos?
SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

10

O PLANETA ESTÁ ENFERMO SÔNIA GUAJAJARA

sônia guajajara

O PLANETA ESTÁ ENFERMO

APRESENTAÇÃO DO CICLO
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –
CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira

EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e
Sabrina da Paixão Brésio

DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guajajara, Sônia

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 10 : o
planeta está enfermo / Sônia Guajajara ; idealização e coordenação
geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. -- São
Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo :
Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-20-6

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II.
Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180512

CDD-301

Índices para catálogo sistemático:

1. Humanidade : Antropologia 301
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

giovanna benjamin togashi

Introdução

Olá. Bom dia a todas e todos, sejam bem-vindas e bem-vindos ao ciclo: *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo, com curadoria da filósofa e professora Terezinha Azerêdo Rios e do jornalista e antropólogo Fernando Rios.

Antes de dar início à nossa conversa de hoje, algumas informações.

O encontro é ao vivo e síncrono. A gravação não será disponibilizada. As perguntas devem ser feitas via *chat* e serão repassadas à mediadora. A declaração de participação pode ser solicitada por e-mail em declaração.cpf@sescsp.org.br. Coloque seu nome completo e o nome e a data da atividade.

Agora tenho o prazer de apresentar a mediadora dos encontros. Terezinha Azerêdo Rios, que é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestra em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra à professora para a apresen-

tação da nossa convidada de hoje e deixo a todos e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

O planeta está enfermo! O que faz o homem neste planeta?

Muito bom dia para todo mundo. Quero agradecer a presença de vocês e muito particularmente da nossa convidada especial para encerrarmos juntos este ciclo: *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* Brinquei desde o primeiro encontro que a proposta tinha que ser também considerada em mineirês: *doncovim? oncotô? proncovô?* E a pergunta aí embutida aí: *quemcosô?*

Quem somos nós, os humanos? Como temos construído essas diversas e múltiplas humanidades? As perguntas são antigas e têm tido inúmeras respostas, mas nem sempre elas nos satisfazem. Por isso mesmo é que trouxemos a proposta de retomá-las, de fazer uma reflexão sobre elas, pensando como é que temos configurado essas múltiplas humanidades, se elas têm ido ao encontro daquilo que desejamos como o bem comum, como aquilo que é nuclear numa perspectiva ética.

Desde o início, tivemos buscado o apoio na obra, nas referências de Carlos Rodrigues Brandão (1940), que diz em um de seus livros mais recentes que os seres humanos são os artesãos do oitavo dia¹. Brandão pega a me-

1 NÓS, OS HUMANOS: DO MUNDO À VIDA, DA VIDA À CULTURA
CARLOS RODRIGUES BRANDÃO
Editora Cortez, 2018.

táfora da criação em sete dias e diz que o criador, no sétimo, descansou e nos entregou a tarefa de seguir adiante. O desafio tem sido esse. Somos livres para criar o mundo. Temos interferido nele. E, volto a perguntar:

- Temos mesmo feito aquilo que seria desejável?

Por isso mesmo é que fomos buscar, e eu vou hoje retomar a Carlos Drummond de Andrade, num poema belíssimo, que se chama *Especulações em torno da palavra homem*², no qual ele indaga sobre as características que a gente tem. Ele diz:

*Mas que coisa é homem, que há sobre o nome:
uma geografia, um ser metafísico, uma fábula
sem signo que a desmonte? Como pode o homem
sentir a si mesmo quando o mundo some? Como
vai o homem junto de outro homem sem perder
o nome?*

Lá vai o Drummond indagando e no final ele pergunta:

2 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Aeroplanos da Birmânia

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos? Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem e sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte, que milagre é o homem, que sonho, que sombra, mas existe o homem?

E a gente foi no decorrer do ciclo tentando mostrar que ele existe e como existe, problemática, ricamente, e chegamos agora a perguntar pelo que faz o homem neste planeta e trouxemos alguém que, sem dúvida, vai poder contribuir com a sua rica experiência para pensarmos sobre isso.

O planeta está enfermo! Buscamos a contribuição de Sonia Guajajara, que é política, professora, graduada em Letras e Enfermagem, pós-graduada em Educação Especial. Que é do povo guajajara/tentehar que habita nas matas da terra indígena Araribóia, no estado do Maranhão. Ela recebeu vários prêmios pela sua atuação em prol dos povos originários, dos direitos humanos, entre eles: o Prêmio Ordem do Mérito Cultural 2015 do Ministério da Cultura; Medalha Honra ao Mérito do Governo do Estado do Maranhão; prêmio Packard da Comissão Mundial de áreas protegidas da União Internacional para Conservação da Natureza (UICN). Ela compõe o Conselho da Iniciativa Interreligiosa pelas Florestas Tropicais do Brasil, um programa da ONU. Foi eleita pela revista Times, estadunidense, uma das cem pessoas mais influentes no mundo.

Contávamos com a Sonia antes e tivemos que fazer a modificação, porque naquele momento ela era candidata a deputada federal. Hoje a gente recebe a deputada federal Sonia Guajajara, a primeira indígena a participar da Câmara, com exatos 156.695 votos. Parabéns, Sonia. Temos uma alegria muito grande por você estar aqui, queremos recebê-la com carinho e já sabemos que a sua contribuição será rica para a gente fechar esse ciclo. MUITÍSSIMO obrigada. Estamos apreensivos neste momento, mas esperançosos, do verbo “esperançar”, de Paulo Freire. Seja bem-vinda, a palavra é sua.

10

SÔNIA GUAJAJARA



Chegou um momento em que nós (povos indígenas) entendemos que somente essa luta por meio do movimento indígena, fazendo a resistência no movimento social, não estava sendo suficiente para a gente demarcar nossos territórios, evitar os assassinatos, a violência, combater o desmatamento e tantos outros desmontes de direitos que vêm acontecendo. Então, entendemos que era importante ter representação indígena articulada com o movimento indígena também dentro da institucionalidade, dentro da política partidária.

sônia guajajara

A proteção do meio ambiente, entendendo os povos indígenas como centrais nessa defesa e nessa proteção.

Bom dia a todas, a todos e todes. Muito obrigada, professora Terezinha, Fernando, Giovana, obrigada pelo convite. Obrigada pelo espaço. Para nós, são sempre importantes estas oportunidades de falar, de dialogar com outras pessoas e atingir outros públicos que não comumente os nossos, que é alcançado pelo movimento indígena. Recebi o convite de fato ainda candidata e agora falo aqui já deputada eleita pelo Estado de São Paulo, pelo PSOL, e trago aqui essa representação da voz dos povos indígenas do Brasil, onde estive durante mais de vinte anos à frente do movimento indígena, seja estadual, regional ou nacional. Eu pude estar na coordenação executiva da COAPIMA por seis anos, que é a Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão. Em seguida, assumi a Coordenação Executiva da COIAB, a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira por uma gestão de quatro anos. Mais recentemente, estive à frente da coordenação executiva da APIB, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil durante nove anos, com um intervalo de um ano, em 2018, onde compus a chapa presidencial com o Guilherme Boulos nas eleições de 2018. Daqueles nove anos, um ano estive em campanha eleitoral.

Em 2018, foi a primeira vez em toda a minha história que pude concorrer a um cargo por um partido político e também entrar na política partidária. Acho importante começar fazendo este resumo porque, por muito tempo, nós do movimento indígena resistimos a entrar na disputa eleitoral, a participar das eleições, porque a gente entendia que era importante manter nosso movimento organizado, mobilizado, fortalecido e não estar nas estruturas de Estado, entendendo que o Estado não dá conta de atender às nossas históricas demandas. E, uma vez a gente dentro da política partidária, em vez de cobrar, a gente ia ter que justificar as falhas, as negligências. Então, a gente tinha que ficar fortalecido do lado de fora para continuar pressionando, continuar reivindicando e lutando ali por aquilo que nos interessa.

Mas chegou um momento em que entendemos que somente essa luta por meio do movimento indígena, fazendo a resistência no movimento social, não estava sendo suficiente para a gente demarcar nossos territórios, evitar os assassinatos, a violência, combater o desmatamento e tantos outros desmontes de direitos que vêm acontecendo. Então, entendemos que era importante ter representação indígena

na articulada com o movimento indígena também dentro da institucionalidade, dentro da política partidária.

Foi assim que, em 2017, lançamos pela APIB uma carta que clamou por um parlamento cada vez mais indígena. E ali a gente já articulou para que pudéssemos nos manter mobilizados, fortalecendo o nosso movimento, mas que era importante ter pessoas também dentro das instituições públicas para que a gente pudesse ter voz, que pudesse também ter poder de decisão.

Foi nesse contexto, nessa discussão, que aconteceu o Acampamento Terra Livre¹. O Acampamento Terra Livre já é considerado a maior assembleia dos povos indígenas do Brasil e também a maior mobilização indígena do mundo. E é a assembleia que orienta a luta dos povos indígenas e que também discute as estratégias de enfrentamento. Então, o Acampamento Terra Livre é a assembleia que orienta a APIB.

Em 2017, tomamos essa decisão de que era importante a gente participar. Em 2018, já pude compor a chapa presidencial, que foi uma candidatura de duas lideranças vindas de movimentos populares: Guilherme Boulos, vindo da luta pela moradia urbana, e eu, vinda do movimento indígena. Nós nos junta-

1 ACAMPAMENTO TERRA LIVRE
<https://apiboficial.org/atl2022/>

mos a outros movimentos e organizamos uma candidatura que a gente chamou de Campanha Movimento e apresentamos ao partido. Não foi exatamente o partido que convidou a gente para estar ali levando as suas representações. Fomos nós que nos organizamos e apresentamos as nossas candidaturas ao PSOL. Foi muito importante, foi a primeira vez na história que um partido político recebe uma candidatura que veio de movimento social e acolhe uma candidatura, uma chapa de duas lideranças que nunca teve experiência ou que nunca teve candidaturas anteriores pelo partido. Foi muito interessante isso porque a gente pôde levar as pautas históricas que nunca foram defendidas por nenhum outro partido. E tinha o Guilherme levando toda essa luta pela moradia.

Eu trazia para o centro do debate público, para o centro do debate eleitoral, a proteção do meio ambiente, entendendo os povos indígenas como centrais nessa defesa e nessa proteção, por conta dessa relação que, naturalmente, os povos indígenas já têm com a Mãe Terra, com a natureza. Então, era muito importante trazer a pauta ambiental para o centro, porque costumeiramente o meio ambiente é sempre um debate secundarizado. É sempre um debate que nunca aparece como central. E nós entendemos que qualquer outra pauta precisa estar conectada com a agenda ambiental, principalmente a discussão sobre crescimento econômico, sobre como pensar

a economia do país, precisa estar conectada com a agenda ambiental.

Bancada do Cocar, a bancada indígena, candidaturas indicadas pelo movimento indígena.

Hoje não tem mais como fazer discussões separadas. E aí, foi assim que a gente trouxe, não foi uma eleição com vitória eleitoral bem-sucedida, mas foi um ganho político muito grande para nós, porque ali a gente pôde consolidar uma aliança forte com outros movimentos, outros setores da sociedade e também começar a discutir a importância de ter representações indígenas nesses espaços. E aí, como resultado positivo, foi a eleição da deputada Joenia Wapichana (1973), que foi eleita a primeira mulher indígena parlamentar. Em toda a história, tivemos apenas o deputado Mário Juruna, que foi eleito na década de 80, ainda antes da redemocratização. Antes da Constituição de 88, ele foi eleito e daí nós tivemos mais de 30 anos de ausência indígena dentro do Congresso.

Em 2018, a gente acaba com isso. Elegemos a deputada Joenia Wapichana. Entendemos a presença dela ali como fundamental para articular muitas pautas daquilo que a gente defende e também para bloquear e tentar impedir a aprovação de várias outras medidas que eram contrárias aos direitos indígenas, ao meio ambiente e aos direitos humanos. Esti-

vemos ali como base, fortalecendo o mandato da Joenia.

Agora, 2022, entendemos que era importante lançar uma bancada e trazer isso como responsabilidade também do movimento indígena. Porque, em 2018, o movimento indígena fez o chamado, ajudou a candidatura, aliás, articulou, mas não abraçou, não apoiou diretamente. E entendemos que agora, além de fazer o chamado, o movimento indígena tinha que entrar de cara para poder fortalecer as candidaturas, estabelecer alguns critérios e fazer esse acompanhamento.

Assim, em 2022, tivemos 186 candidaturas indígenas registradas pelo Tribunal Superior Eleitoral e estabelecemos, enquanto APIB, alguns critérios para escolher candidaturas prioritárias, porque vocês sabem que o fato de ter 186 não quer dizer que todas as candidaturas estejam alinhadas com o movimento indígena ou que defendam as mesmas bandeiras. Estabelecemos o seguinte: as candidaturas prioritárias para o movimento indígena terão que estar inseridas dentro de alguns critérios.

O primeiro: candidaturas articuladas, alinhadas ou indicadas pelo movimento indígena, seja o territorial, estadual ou nacional.

Critério dois: candidaturas que estão em partidos do campo progressista, porque não

dá para a gente ficar fortalecendo candidaturas em partido de direita e extrema-direita, que historicamente são contrários aos povos indígenas e votam contra nós.

Terceiro critério: candidaturas que têm um potencial maior de viabilidade eleitoral e capacidade de articulação com outros movimentos da sociedade, com outros setores da sociedade, entendendo que somente com o voto indígena é impossível eleger nossos representantes. Era importante formar essas alianças com o MST, com o MTST, com mulheres, quilombolas, quebradeiras de coco, movimentos da periferia, juventude, LGBTQI+.

Então, fizemos uma articulação com esses movimentos que têm pautas semelhantes e que têm pautas comprometidas com situações de vulnerabilidade, que são totalmente marginalizadas pelo Estado. Fizemos tudo isso e, como resultado, tivemos candidaturas apoiadas pelo movimento indígena, tivemos a minha eleição: Sonia Guajajara, pelo estado de São Paulo.

Até ir para São Paulo foi também uma estratégia que a gente adotou, porque, em São Paulo, a gente tinha toda uma condição de aumentar a visibilidade da bancada e promover maiores alianças com outros movimentos, articulando toda essa luta em defesa do meio ambiente. E também ainda contrapor a essas empresas que estão em São Paulo,

que têm sede de São Paulo, que lucram com a destruição do meio ambiente, que apoiam a destruição ilegal dos nossos territórios. Em São Paulo, tínhamos mais visibilidade, a gente podia fazer essa chamada pelos nossos direitos e inclusive questionar a passagem do ouro que vem do garimpo ilegal. E aí foi isso que a gente pensou para ter essa estratégia para que eu pudesse me candidatar em São Paulo. Deu muito certo.

A gente comemora hoje que a nossa forma de organizar foi muito vitoriosa. Temos também a Celinha Xakriaba (1989), eleita deputada federal pelo PSOL, em Minas Gerais, uma candidata prioritária do movimento indígena. Nós duas fomos indicadas pela APIB e pela AMIGA, que é a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade. O que nós chamamos de bancada indígena são as candidaturas indicadas do movimento indígena. Bancada do Cocar. Fizemos o recorte “mulheres indígenas”, que foi apresentado pela AMIGA.

O planeta não precisa de nós, se a gente simplesmente deixa de existir, ele segue seu caminho.

Temos hoje uma Bancada do Cocar que elegeu duas indígenas. Chegamos nisso com o ATL - Acampamento Terra Livre de 2022², que

² Desde 2004, o movimento indígena realiza o Acampamento Terra Livre (ATL), o maior evento indígena do Brasil. Ele ocorre todos os anos em abril e, em 2022, reuniu sete mil participantes, de 200 etnias, se tornando o maior acampamento indígena do mundo.

foi retomando o Brasil, levando as aldeias à política, entendendo que é urgente a demarcação dos territórios indígenas. Mas para isso é importante ter representações na institucionalidade, representações que tenham essa sensibilidade, essa compreensão de que os territórios indígenas precisam ser priorizados pelo Estado brasileiro para serem demarcados, para proteger e para ter as condições para que os povos indígenas façam a gestão desses territórios com segurança e liberdade, dentro das suas terras. E entendendo os territórios indígenas como essa grande barreira contra o avanço incondicional do agronegócio, contra o avanço do desmatamento e contra toda essa exploração desenfreada que acontece hoje com o uso predatório da terra.

Entendemos também que é importante romper com esse modelo econômico hoje, que tem como base o aumento da produção por meio das grandes monoculturas ou pastagens, que acabam degradando totalmente o meio ambiente. Sabemos que não somente nós, seres humanos, precisamos deste planeta: nós o habitamos, mas também habitamos com outras espécies que precisam da nossa responsabilidade, do nosso compromisso de protegê-las. E se a gente não faz essa luta hoje para romper com esse modelo que só destrói, que só degrada, estamos sendo coniventes com esse rumo ao caos.

É preciso entender que dependemos do meio

ambiente protegido, da biodiversidade viva. O planeta não precisa de nós. Se a gente simplesmente deixar de existir, ele segue seu caminho. Mas precisamos hoje evitar que haja uma catástrofe. Para salvar a humanidade, precisamos primeiro dessa mudança de comportamento, mudar essa forma de consumo, precisamos de dar um passo atrás.

A gente pergunta:

- *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?*

Acho que fica muito claro de onde viemos: viemos desse lugar, onde o planeta tem muitas espécies, todas com direito de existir.

Onde estamos? Estamos num momento em que o ser humano só vê lucro, olha a floresta em pé, só vê carvão. Olha o subsolo, olha a terra, só vê ouro, minérios que precisam ser retirados. Então, estamos nesse momento de muita ganância, de muita aceleração, onde tudo tem pressa, tudo tem que ser muito rápido, tudo na velocidade do WhatsApp. Tu não tens mais domingo, tu não tens mais feriado, não tem mais noite, porque qualquer mensagem que você recebe tem que ser respondida imediatamente e você acaba se acelerando também, pegando esse ritmo onde a gente não tem tempo para viver, a gente não tem tempo nem muito para pensar, porque está tudo muito acelerado. E aí lembro bem

o velho Xakriaba, nosso ancião, avô dessa linha, inclusive, que diz assim:

- Antigamente a gente não tinha relógio, mas tinha tempo; hoje a gente tem relógio, mas não tem tempo.

A gente está o tempo todo correndo. Então, esse é o lugar que a gente está hoje, muita aceleração, muita pressa e muita sede para atender o capitalismo e o capitalismo é só destruição, é uso predatório da terra, é centralizador, opressor.

E aí, para onde vamos? Se a gente não cuidar agora dessa mudança, não vamos para lugar nenhum. Estudos já mostram que o planeta não suporta mais cinquenta anos, se a gente não agir agora para essa mudança comportamental e de uso mesmo da terra. Entendemos que é importante a gente estar do lado de cá fazendo toda essa mobilização para realizar um enfrentamento direto. Mas é importante também levar essa consciência para dentro da institucionalidade e fazer esse chamado para a sociedade, para todas as sociedades, para essa nova consciência política, ecológica, ambiental, que todas as pessoas precisam ter neste momento.

E esse chamado que fazemos neste momento é o que estamos denominando “reflorestar mentes”. É você reflorestar o seu pensamento, é você reflorestar suas ideias, seus projetos,

é você reflorestar o seu coração. Se a gente refloresta o nosso coração neste momento, a partir dessa nova consciência, a gente consegue reflorestar todos os territórios do mundo. Esse é o chamado para a solidariedade, é esse chamado para essa urgência que é essa vida em comunidade, essa luta pelos bens comuns, para uma vida coletiva.

No país do agronegócio, 30 milhões de pessoas que não têm acesso à alimentação.

Para nós, indígenas, o princípio da existência sempre foi o coletivo e hoje a gente vive esse individualismo, onde cada um tem que ter o seu, cada um tem que cuidar do seu, e o coletivo vai ficando para trás. E isso é o que diferencia essa luta que a gente faz pela demarcação das terras indígenas, porque os territórios indígenas são de uso coletivo. O que tem no território indígena é bem comum para todo mundo, diferentemente do que são as fazendas, do que são as lavouras do agronegócio que, quando muito, são de uma família. Mas a maioria é de uma pessoa, é de uso individual e nunca a propriedade é suficiente, é sempre uma demanda crescente por mais espaço para produção, para produção em grande escala, para exportação.

Então, temos essa missão agora, no Congresso, de entender e divulgar que a luta política também é importante e que a gente precisa estar dentro para a gente trazer

aquilo que realmente defende, para aquilo que realmente caracteriza a luta pela vida. Para mim, nunca pensei em ocupar um lugar como esse para ter status ou simplesmente para ter poder, mas para a gente poder ter ali a possibilidade de apresentar as pautas que realmente defendem a vida, a vida verdadeira. É pensar o dia a dia, é pensar a alimentação para as pessoas, é pensar como fortalecer a agricultura familiar com distribuição de terra, para que as pessoas possam produzir o alimento que a gente come. Não dá para a gente ficar escutando essa propaganda o tempo todo, que é o agronegócio que sustenta o Brasil, que 27% do PIB brasileiro vêm do agronegócio, portanto, ele precisa estar sempre subsidiado pelo governo.

Acho que vale a gente começar a questionar também para onde estão indo esses 27% do PIB, a quem está servindo esse PIB que vem do agronegócio. Se o Brasil é o país do agronegócio, porque é que temos 30 milhões de pessoas que não têm acesso à alimentação, não é? Se o Brasil é o país onde é o agro que sustenta, porque é que temos mais de 30 milhões de pessoas sem moradia, que não têm casa para morar? Pessoas sem emprego. Então é preciso você pensar também:

- Tá, é o agronegócio que está dando 27%, mas o que está sendo feito com esse lucro?"

Para as pessoas, não estão fazendo nada,

para as pessoas não está chegando. Então é um modelo que beneficia somente aqueles que mais têm. E aí você vê: todos os estudos mostram os ricos cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres. Então, é o modelo que precisamos contrapor, precisamos fazer esse debate:

- A quem interessa esse modelo econômico?

- A quem interessa esse PIB, se as pessoas não estão tendo acesso a ele?

E temos uma Constituição Federal que dá o direito à moradia, o direito à alimentação, as pessoas têm que ter três alimentações por dia, o direito a uma boa educação e a uma saúde de boa qualidade.

Mas o fato de você ter esse direito escrito não quer dizer que você tenha acesso a ele. Então, se você dá o direito, você tem que dar condição para que as pessoas acessem esse direito. E hoje, quando a gente fala para as pessoas somente de direito, as pessoas não estão nem aí. Porque o que adianta ter o direito se eu não pego, se eu não apalpo, se eu não sinto esse direito chegar para mim.

Além do mais, esse direito escrito está totalmente ameaçado pelo governo Bolsonaro. Vivemos um desmonte total de políticas públicas, de direitos adquiridos. Você viu aí

a política indigenista, a política ambiental totalmente desmoronada nesses quatro anos. Agora, você imagina, se a gente tem um direito já escrito e você não consegue acessar, imagina se você não tem. Hoje a gente faz uma luta com base num direito, com base no respaldo legal, para que você possa implementar esse direito. A gente luta para que esse direito seja respeitado, seja implementado, seja efetivado.

Mas se a gente não tem esse direito, como é que a gente vai poder fazer a luta? E aí entra essa questão do autoritarismo, do risco que vivemos neste momento, democracia ou autoritarismo? Porque se você não tem esse direito legal e você perde também o direito de se mobilizar, o direito de lutar por isso, aí não tem jeito. Então, é isso que nos faz neste momento pensar também sobre as eleições, que não estamos apenas para escolher entre um presidente ou outro, ou um partido ou outro. Estamos nesse momento para escolher sobre o que queremos para o nosso futuro, é a nossa democracia, aquela que nos dá o direito de continuar lutando, que nos dá o direito de continuar participando, de continuar inclusive participando das disputas eleitorais, para que aumente essa representatividade, dessa diversidade que é o Brasil, essa diversidade cultural, territorial, étnica que existe e que não está representada hoje na nossa democracia.

É nos territórios indígenas onde menos se desmata, mesmo sem uma política efetiva de proteção.

Temos que continuar com o direito de continuar lutando para que a democracia, em algum momento, também contemple essa diversidade, tenha a cara do Brasil. Então, hoje é isso que está em jogo, é a democracia ou o autoritarismo, ou mesmo a ditadura que muitos de nós aqui já vivemos, já conhecemos e sabemos bem o que representa. E muita gente que tem menos de 30 anos, só imagina ou, às vezes, nem imagina o que é ditadura. Por isso ficam hoje nas ruas brigando contra a democracia, o que é um absurdo e também inaceitável.

A gente vê hoje muitos jovens falando aí, defendendo o Bolsonaro como uma melhor alternativa para o Brasil. É difícil a gente entender como as pessoas não conseguem refletir sobre o passado e ficam defendendo ditadura. É muita coisa, muita questão que está em jogo, mas, no fim das contas, a terra se tornou o principal objeto de disputa pelo poder político, pelo poder econômico. E aí, é claro que, em toda a nossa história, todo e qualquer plano de desenvolvimento nacional de crescimento econômico teve como base a retirada daqueles que atrapalham. E nós, povos indígenas e a população negra, sempre estivemos nesse lugar como obstáculo, porque a gente sempre defendeu, sempre tivemos essa relação direta e aí sempre fo-

mos expulsos, retirados e aí é o que acontece hoje, de termos muitos povos indígenas ainda lutando pela retomada do seu território tradicional.

Muitos indígenas ainda em situação de acampamento, de estar na beira das estradas, que não têm sua terra, porque a terra foi entregue pelo próprio Estado brasileiro, principalmente na ditadura militar, para fazendeiros, para o agronegócio, para especulação imobiliária. E aí os indígenas seguem hoje lutando pelo território tradicional. E exatamente nesse governo Bolsonaro houve uma decisão política de não demarcar territórios indígenas. Aquilo era promessa de campanha, quando Bolsonaro disse:

- Na minha gestão não haverá nem um centímetro de terra demarcada para os índios.

Aquilo que era promessa de campanha se transformou em política pública logo no primeiro dia do seu governo. E daí a gente viu, foi o único governo que em toda a história que não demarcou nenhum território indígena.

E vemos toda uma mobilização da bancada ruralista que traz essa falácia toda, que é muita terra para pouco índio, mas é muito importante que todo mundo comece a pensar o papel dos povos e dos territórios indígenas para o Brasil, para o mundo, para o planeta,

porque, comprovadamente, é nos territórios indígenas onde menos se desmata, mesmo sem uma política efetiva de proteção.

Vocês viram aí, nos últimos estudos do desmatamento, que, de 27% desmatado, 1%, somente 1%, foi nos territórios indígenas. E aí isso não acontece porque tem uma política efetiva de proteção, porque o próprio modo de vida indígena, por si só, protege.

É muito importante as pessoas entenderem esse papel que os povos indígenas, com seu modo de vida, exercem para a proteção do meio ambiente e o quanto esses territórios contribuem como benefício para toda a humanidade e para todo o planeta.

Fala-se muito dos 13% que são território indígena no Brasil e pouco se fala dos 46% ocupado pela propriedade privada rural. Como não se questiona essa quantidade que está na propriedade privada, que é o lugar que mais emite os gases de efeito estufa, o gás carbônico, por meio da degradação ambiental, por meio das queimadas? E quando você olha o mundo inteiro, o que mais emite combustíveis fósseis são as indústrias. Mas o recorte Brasil é desmatamento, é degradação, é queimada. E aí, como combater tudo isso? Como combater as queimadas e o desmatamento no Brasil?

Uma legislação que pretende premiar os invasores de terras públicas, terras indígenas.

No ano passado, na COP26³, os representantes do Itamaraty do governo Bolsonaro foram à Conferência do Clima e declararam:

- Nós vamos zerar o desmatamento ilegal no Brasil até 2030.

Na volta, articularam no Congresso Nacional a aprovação do PL490⁴⁵, que é esse que inviabiliza toda e qualquer demarcação de terra indígena e abre as portas para passar a boiada do Sales⁶. O PL191, que autoriza a mi-

3 A COP - Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima é a maior e mais importante conferência sobre o clima do planeta. A COP26 de 2021 foi a 26ª conferência das partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, realizada entre 1 e 12 de novembro de 2021 na cidade de Glasgow, na Escócia.

4 Projeto transfere ao Poder Legislativo a competência para demarcar terras indígenas

Atualmente, demarcação é feita pela Funai; autor do projeto argumenta que essa decisão ultrapassa os limites da política indigenista.

O Projeto de Lei 490/07 transfere do Poder Executivo para o Legislativo a competência para realizar demarcações de terras indígenas. Segundo o texto, que tramita na Câmara dos Deputados, a demarcação será feita mediante aprovação de lei na Câmara dos Deputados e no Senado. A proposta altera o Estatuto do Índio.

A proposta foi aprovada pela Comissão de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural, rejeitada pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias e aguarda análise da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. Depois, seguirá para discussão e votação no Plenário.

FONTE: Agência Câmara de Notícias

<https://www.camara.leg.br/noticias/109190-projeto-transfere-ao-poder-legislativo-a-competencia-para-demarcar-terras-indigenas/>

5 PL 490/07: ENTENDA O QUE PRETENDE O PL DO MARCO TEMPORAL

LAYANE HENRIQUE

PL 490/07: entenda o que pretende o PL do Marco Temporal.

Disponível em: <https://www.politize.com.br/pl-do-marco-temporal/>

Publicado em: 31/05/2023, atualizado em: 27/06/2023, acesso em: 09.10.2023.

6 Ministro do Meio Ambiente defende passar "a boiada" e "mudar" regras enquanto atenção da mídia

neração nos territórios indígenas; o PL2633, que premia invasores de terras públicas na Amazônia que são, em média, 73 milhões de hectares de terras públicas não destinadas, não destinadas, porque o Estado brasileiro não cumpre o seu dever de regularizar, de demarcar terras indígenas, de regularizar território quilombola, de regularizar as unidades de conservação. Então, estão lá como terras públicas não destinadas.

E aí, os criminosos aproveitam para invadir nossas terras, fazer curral, desmatar, porque aquele que comprovar alguma benfeitoria é premiado com o título de posse daquela área.

Então, o PL2633 tem esse objetivo de premiar os invasores de terras públicas. E aí eu estou citando esses três. E tem mais um PL temporal do Supremo Tribunal Federal que também é apoiado ali e está dentro do PL490 no Congresso. E daí seguem mais de 200 medidas que tramitam no Congresso Nacional, que visam flexibilizar a legislação ambiental e retirar direitos adquiridos, sejam direitos

está voltada para a Covid-19

Declarações ocorreram em reunião do dia 22 de abril, cujas imagens foram divulgadas nesta sexta (22) pelo ministro do STF Celso de Mello. Salles defende mudar regras de proteção ambiental enquanto imprensa se concentra na Covid

Durante a reunião ministerial do dia 22 de abril, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, alertou os ministros sobre o que considerava ser uma oportunidade trazida pela pandemia da Covid-19: para ele, o governo deveria aproveitar o momento em que o foco da sociedade e da mídia está voltada para o novo coronavírus para mudar regras que podem ser questionadas na Justiça, conforme vídeo divulgado nesta sexta-feira pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Celso de Mello.

FONTE: GI / POLÍTICA / 22/05/2020

<https://gl.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>

indígenas, sejam os direitos ambientais.

Aqui vale a gente pensar que fazer a defesa do meio ambiente é a gente pensar exatamente para onde a gente quer ir, aonde a gente quer chegar. E é sim uma luta política! Temos que fazer toda uma luta política e defender ou apresentar candidaturas que tenham esse pensamento, esse comprometimento com o meio ambiente, com os meios da produção dos sistemas alimentares. Não dá para pensar as monoculturas como uma única forma de produção de alimentos, não dá. Até porque as monoculturas hoje não são produção de alimento para a gente comer, é produção de alimentos para exportação, sempre pensando somente no lucro.

Um estudo da ONU também já mostra que esse modelo hoje, por meio das monoculturas, reduz entre 25% e 30% a produção da diversidade de alimentos daquilo que a gente verdadeiramente come. Então, se a gente segue com esse modelo, a própria alimentação está em risco no que diz respeito àquilo que a gente tem para comer, não é?

Chegamos ao Congresso com essas prioridades: retomar a demarcação de terras indígenas, sabendo que não é obrigação, não é uma competência do Legislativo, mas podemos articular com o Executivo para retomar a demarcação de terras indígenas no país, distribuir sim essas terras (os territórios tradicionalmente ocupados pelos indígenas precisam ser

regularizados); fortalecimento da agricultura familiar; fortalecimento da agroecologia, da agrofloresta. Sem esquecer de pensar a educação como um espaço de conscientização para que as pessoas possam mudar as suas formas de consumo e pensar essa cadeia de produção, de onde vem, o que está impactando nos direitos humanos, no meio ambiente, assim como também a educação como esse lugar que conheça a própria história do Brasil.

Se hoje, por exemplo, nós, indígenas, causamos estranheza em vários lugares e as pessoas não sabem que no Brasil existem indígenas ou acham que só existe indígena na Amazônia é porque o nosso sistema educacional não está conseguindo falar sobre a nossa própria história. Quem não conhece a presença indígena hoje ou não conhece que o Brasil é um país originariamente indígena, não sabe a sua própria história. Então é importante pensar essa educação também como esse espaço de conhecimento da realidade brasileira e o que nós, povos indígenas, contribuimos também para o planeta.

Entendemos que o Congresso Nacional é um lugar também para essa chamada de consciência e, mais do que pensar somente a aprovação de novas leis ou apresentar projetos de lei, é a gente pensar como implementar as leis que existem, como fazer com que esses direitos que existem cheguem de fato para as pessoas e como podemos usar esse espaço também

da institucionalidade, para a gente fazer essa chamada para essa nova consciência, que é tão urgente, que as pessoas precisam ter, para entender essa crise climática e como combatê-la. E demonstrar como é importante essa mudança no modelo de produção, na forma de consumo, porque se a gente não fizer isso agora, não é somente os direitos que estão em risco, mas a nossa vida, a nossa própria existência. E aí não é somente nós, indígenas, é toda a humanidade.

E aqui termino dizendo que para a Covid, que foi esse fenômeno pandêmico que a gente viveu nos últimos dois, três anos, pudemos encontrar uma vacina, o antídoto que conseguiu conter a pandemia. Mas para as mudanças climáticas, qual é a vacina? O que se precisa fazer para conter as mudanças climáticas? A única vacina que temos é a consciência dos humanos, somente a consciência dos humanos. E é por isso que termino chamando para o reflorestar mentes. É preciso reflorestar mentes e corações das pessoas para assim a gente conseguir reflorestar todos os territórios do mundo. Muito obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Reflorestar mentes e corações

Obrigada, Sonia. Valeu demais essa contribuição tão rica que você traz para a gente. Enquanto vamos aguardando as questões que

vocês, na certa, terão para a Sonia, quero destacar aqui isso que você coloca mesmo no final, a questão do reflorestar mentes e corações. Isso aí tem que ser um bordão para a gente ir repetindo sempre, porque, na verdade, creio que o que você traz a partir da palavra, da voz, dos povos originários, dos indígenas, ela tem que ser feita nossa também, de todos, de todas as instâncias da política.

Acho que o que você traz é mesmo esse convite para a reflexão que a gente procura trazer aqui também, pensando na enfermidade do planeta. Você falou numa vacina, não é? E você já aponta uma resposta: a conscientização. Agora, como fazê-la acho que é o grande desafio nosso. Como fazê-la a partir não apenas de uma instância que é formal, que é essa que agora você tem presença nela, mas num espaço mais amplo, além do contexto político, e não só brasileiro, mas mundial.

Já temos pergunta aqui, mas eu queria que você trouxesse algum comentário que você tem a propósito das intervenções que se fazem não apenas no Brasil, mas no contexto mundial, da sua participação, a propósito disso.

SÔNIA GUAJAJARA

Por causa de nossa ação internacional, governantes disseram que posso ser condenada por crime de lesa-pátria por

estar difamando o Brasil, difamando o presidente Bolsonaro.

A gente tem tido uma articulação forte com uma rede internacional e uma rede consolidada que começou em 2019. Em 2019, a APIB realizou uma jornada pela Europa com a campanha *Sangue indígena nenhuma gota mais*. Essa campanha ficou 35 dias rodando 25 cidades em doze países, na Europa. A gente articulou com organizações da sociedade civil, vários movimentos, com representantes de empresas que produzem ou financiam ou compram produtos no Brasil, com o Parlamento Europeu, com o sistema ONU' Organização das Nações Unidas, OEA - Organização dos Estados Americanos, CIDH - Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

Começamos a discutir como essas empresas podem assumir sua responsabilidade por meio de seus modos de produção. Articulamos com o Parlamento Europeu a elaboração de leis. Leis que pudessem garantir a rastreabilidade dos produtos dessas empresas e adotar sanções para aquelas que descumprissem os princípios de direitos humanos e a proteção ambiental. Com a sociedade civil, discutimos também para que as pessoas pudessem continuar pressionando os parlamentares, cada um no seu país, para a formulação dessas leis. Aquele foi um momento muito importante para criarmos toda essa rede com empresas, com a sociedade civil, com o próprio Parlamento Europeu.

Uma rede que não se desfez. A gente segue até hoje, sempre chamando o Parlamento Europeu para se posicionar. Temos consciência de que o Parlamento Europeu é composto por direita e esquerda, e a gente articula com aqueles que sempre comungam das nossas ideias.

Em 2020, o Parlamento Europeu se manifestou. Foi um fenômeno. Quando o Congresso Nacional estava tentando aprovar o Projeto de Lei 2633, aquele que premia invasores. Fizemos uma grande articulação aqui na sociedade que incluiu muitos artistas e foi no auge da pandemia, estava aquela loucura, aquele inferno, muita gente morrendo e eles aproveitando exatamente para passar a boiada no Congresso.

Articulamos para que não fosse aprovado esse projeto de lei. Acionamos essa rede na Europa e aí eles mandaram uma carta diretamente para o presidente da Câmara, o Rodrigo Maia. Foi uma rede de mais de 40 empresas. Elas disseram que se o Brasil insistisse em ficar aprovando leis que promovem a destruição do meio ambiente, elas iriam cancelar os seus negócios com o nosso país. Isso foi a gota de água para que esse projeto de lei fosse retirado da pauta. Naquele momento, ele foi retirado de pauta e ficou todo o restante do ano de 2020 fora do jogo. Só no ano passado, quando mudou de presidente para o Arthur Lira, ele retoma esse projeto de lei de novo e agora ele já foi votado na Câmara e falta levar para o Senado.

Coloquei essa questão da jornada porque foi uma grande oportunidade que a gente teve de consolidar essa rede internacional. E a gente chama sempre que possível ou quando a gente precisa de uma pressão maior para eles se posicionarem e a gente tem conseguido grandes feitos.

Fora isso, a gente tem participado frequentemente nas assembleias da ONU, das conferências climáticas, do Conselho de Direitos Humanos, que tem sede em Genebra, da ONU. Também temos levado essa voz do Brasil, dos povos indígenas para esse campo internacional de forma muito boa, muito positiva. Claro, já gerou até denúncia contra mim desse governo, de dizer que ando falando mal do Brasil lá fora, que posso ser condenada por crime de lesa-pátria por estar difamando o Brasil, difamando o presidente Bolsonaro. Mas tudo isso faz parte, não tem jeito.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Os louvores que se dão à nossa pseudodescoberta ficam para o colonizador e não para o povo que aí está, o povo originário.

E enquanto você falava, eu estava lembrando de algo que o escritor e ativista Eduardo Galeano (1940-2015) traz num de seus livros, que é curioso. Ele fala da primeira expulsão de classe que teve em uma escola, que foi

quando a professora disse que Balboa, conquistador espanhol, tinha sido o primeiro a ver, do alto de uma montanha, os oceanos Pacífico e Atlântico, na América Central. Galeano levantou a mão e perguntou:

- Os indígenas eram cegos?

Foi expulso da sala.

É um pouco para contestar mesmo que todos os louvores que se dão à nossa pseudodescoberta ficam para o colonizador e não na voz do povo que aí está, o povo originário.

Fernando Rios traz aqui uma questão para você.

FERNANDO RIOS

A Amazônia tem sido o principal tema ambiental não só no Brasil, mas sobretudo nos outros países. Uma das áreas mais importantes para o nosso país é o sertão nordestino, uma grande área que vai do Maranhão até a Bahia e que precisa de uma atenção especial para não se desertificar. Nessa região aconteceu um dos maiores genocídios de indígenas brasileiros. Vale lembrar o belo livro Grande Sertão, do professor e antropólogo Dirceu Lindoso (1932-2019), que conta a dolorosa história da destruição de dezenas de etnias dos povos originários da região. Como você avalia as medidas necessárias para a preservação des-

sa área e a valorização dos descendentes dos povos originários? O que tem sido feito?

SÔNIA GUAJAJARA

Nossa expertise é desarticular as iniciativas que são contrárias aos povos originários.

Olha, o que tem sido feito, pelo menos por nós, pelo movimento indígena, é mobilizar e tentar impedir a aprovação de medidas no Congresso que autorizem todo esse desmatamento e a utilização dessa área para outros fins, como do próprio agronegócio. Acho que a área a que ele se refere é o Matopiba, que é Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, que está ali como uma das grandes prioridades também de ser aprovada no Congresso para ser entregue ao agronegócio. É uma região de cerrado, riquíssima, que ainda não foi nada desmatada e, por mais que a Confederação Nacional da Agricultura, a CNA, e a bancada ruralista digam que o setor do agronegócio no Brasil não está mais desmatando e que eles estão utilizando áreas já degradadas, não passa sempre de uma grande mentira. Até porque, se fosse assim, eles não fariam tanto esforço para sempre desmontar a legislação ambiental. Veja a tentativa que estão fazendo de aprovar a exploração na região do Matopiba.

Nós, do movimento indígena, temos feito uma grande articulação para evitar a aprovação

dessas medidas que legalizam a exploração nessa área. E é isso que vamos seguir fazendo, porque, dentro do Congresso, a gente vai estar sempre tentando desarticular. Nossa expertise é desarticular as iniciativas que são contrárias aos povos originários. É desarticular e impedir a aprovação dessas medidas.

Sabemos que ali somos minoria em quantidade de parlamentares que defendem essas pautas. Somos minoria. Mas também o fato de a gente ser minoria em pessoa não quer dizer que eles, sendo a maioria, tenham as melhores pautas, as melhores políticas. Então, vamos contar muito com esse apoio da sociedade, dessa pressão mesmo dos movimentos para estar respaldando e estar apoiando ali o que a gente estiver defendendo. Vamos seguir convocando a sociedade para estar junto com a gente. Ali a gente faz pressão, mas também é importante esse apoio popular do lado de fora.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

É por meio de um processo educativo que vamos construindo nossas humanidades

Obrigada, Sonia. Aqueles que queiram trazer as suas perguntas ao vivo podem abrir seus microfones e imagem. Temos um tempo mais breve, até 11:30, porque a Sonia tem outro compromisso e vai precisar sair antes. Vamos aproveitar para as perguntas que vocês quei-

ram trazer, as questões que julguem importantes. E você também, Sonia, fique à vontade para retomar aquilo que você julga que possa também trazer adiante.

Quero lembrar que, no caminho do nosso ciclo, a gente trouxe mesmo profissionais que puderam discutir as questões que você está contando, principalmente, na perspectiva da educação 'que educação fazer?', porque a educação é a construção da humanidade mesmo. É por um processo educativo que a gente vai se tornando humanos, seres humanos, passamos da espécie, que é o *Homo Sapiens*, para seres humanos. É por meio de um processo educativo que vamos construindo nossas humanidades. Pensei, enquanto você falava sobre isso, no contexto da educação e no contexto indígena brasileiro, como é que ela se organiza, se há especificidades em relação a isso e, principalmente, dessa educação, que você fala que falta, que é de conscientização, não só da existência, mas da atuação desses povos. Gostaria de ouvi-la em relação a isso.

SÔNIA GUAJAJARA

Nas aldeias, se aprende sempre fazendo, é aprendendo a plantar, aprendendo a colher, é essa vida coletiva, essa vida em comunidade.

A educação escolar indígena é responsabilidade dos Estados enquanto federação e há

uma carência muito grande de condições para que essa educação funcione a contento e falta inclusive estrutura física e de garantia para esses profissionais da educação. Acaba que fica muito a desejar nesse campo da educação formal, como também no campo da educação empírica, que vem do conhecimento próprio dos povos. Nas aldeias, se aprende sempre fazendo, é aprendendo a plantar, aprendendo a colher, é essa vida coletiva, essa vida em comunidade.

É isso que a gente gostaria muito que a própria escola formal pudesse absorver, tanto dentro da estrutura do Estado como também nas próprias universidades, porque, quando os indígenas hoje vão para a universidade, tudo bem, temos a cota que permitiu a chegada, o auxílio permanência, que agora também está sob ameaça, que é o que garante a continuidade, essa permanência dos indígenas de universidade.

Mas ainda falta esse acolhimento das universidades em possibilitar essa troca, a troca de saberes. Acaba que os indígenas chegam às universidades e aí começam até a deixar de ser indígenas, porque nada do que vão aprender ali tem a ver com a sua vida própria. E a universidade também não consegue aproveitar aquele saber que eles trazem para que se possa também fazer essa troca com outras pessoas.

Temos defendido muito que a universidade precisa abrir esse espaço. Digo “universidade”, mas acho que o ensino básico pode também fazer isso, sei lá, promover intercâmbios, trazer lideranças para falar das vivências, das realidades, da luta hoje, porque tanto no ensino básico quanto na universidade, você ainda vê hoje falar de indígenas como povos do passado. É costume ouvir:

- Os índios viviam ou moravam, caçavam, pescavam.

É sempre no verbo passado, é como se a gente não existisse hoje e pouco se fala da realidade hoje dos indígenas. Quantos povos têm no Brasil, quantas línguas faladas, quais as principais lutas, quais os enfrentamentos, quais os desafios para a inserção dos indígenas também na universidade, no mundo do trabalho. Não se trata disso em nenhum lugar. E por mais que a gente tenha a Lei 13.645, que garante o ensino afroindígena nas escolas, no ensino básico, essa lei não é implementada e sempre se alega que não há profissionais especializados e aí não se consegue.

Em alguns lugares onde há essas classes, lugares onde se trabalham essas questões, são professores que, por conta própria, vão lá, se atualizam, se informam e tentam fazer essa discussão, mas nada muito sistematizado. É muito importante que as esco-

las se preparem para isso também. Para essa troca e para a implementação dessa lei, utilizando os próprios indígenas, as lideranças, os movimentos indígenas para vir fazer essa discussão na sala de aula. Acho que isso é uma forma também de a gente ir tornando isso concreto.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

O apoio popular em relação à temática ambiental é bastante difícil. Mudanças no sistema educacional são fundamentais para alterar esse quadro.

Sem dúvida. É verdade isso que você aponta, de falar dos indígenas no passado e falar também que é uma coisa complicada, de relações amigáveis com os colonizadores e de contar a história romântica que não vai ao encontro da verdade.

O Fernando Nogueira de Paula traz uma consideração aqui para você, Sonia.

FERNANDO NOGUEIRA DE PAULA

Infelizmente, a questão ambiental não é bem-vista pela população em geral. Apoio popular em relação a essa temática é bastante difícil. Mudanças no sistema educacional são fundamentais para alterar esse quadro. Porém, os resultados são em médio e longo prazo, infelizmente. Da mesma maneira que

vem ocorrendo com as cotas em universidades, muita coisa precisa mudar por força de lei.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Vou emendar com a fala do Fernando Nogueira, pensando em algo que você também já mencionou: leis são estabelecidas, a palavra da lei está ali, mas nem sempre se cumpre a lei, se segue o seu espírito e se caminha efetivamente na direção das mudanças. Diga lá, Sonia.

SÔNIA GUAJAJARA

Quem se elege mais não é pelo voto, é pelo poder econômico, quem tem mais dinheiro leva. Vence o poder econômico.

É isso, é preciso que haja sempre esse acompanhamento popular, porque uma coisa que sempre tenho falado também é que há esse distanciamento muito grande entre o poder e o povo, a sociedade. Nosso modelo de democracia representativa já não é mais suficiente para contemplar todas as pautas. É muito importante que a gente tenha representações ali, que tenha esse elo direto também com essa diversidade e que possa estar junto sempre. Acho que não dá para ter mais esse abismo entre o poder e o povo. A gente está ali, afinal de contas, as pessoas que estão ali foram eleitas pelo povo para apresentar as pautas que traduzam a voz do povo. E aí,

quando o candidato se elege, parece que ele se esquece do que prometeu, fica muito distante, parece que é outra pessoa, que vive em outro mundo.

Isso depende muito também das representações que a gente elege porque a forma de se fazer campanha política no Brasil ainda é uma forma muito injusta, muito desigual, onde quem se elege mais não é pelo voto, é pelo poder econômico, quem tem mais dinheiro, leva. Vence o poder econômico. Quem tem menos não consegue nem chegar perto. Isso cada vez mais se acirra e eu sei que é difícil mudar.

É difícil porque a gente que vive num país tão carente de tudo, de políticas públicas que funcionem, com tamanha desigualdade, as pessoas se aproveitam nesse período das eleições para poder suprir suas necessidades pessoais e aí acabam devendo favor para sempre para aqueles que receberam o voto delas. E isso vai se reproduzindo o tempo todo. É muito difícil pensar hoje como é que a gente muda, mas acho que vale esse debate permanentemente para as pessoas irem refletindo.

Mas acho que outro meio de se mudar isso é exatamente a educação. Temos que ter uma educação mais crítica e mais acessível para todas as pessoas; precisamos de professores que promovam mesmo, de fato, a reflexão para que a gente possa mudar. Acho que só mesmo mudando uma geração. Com os indivíduos é

difícil você conseguir mudanças; mas tem que se começar a trabalhar mesmo a mudança em geração.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A utopia não é o que é impossível de existir, mas é o que “ainda não” existe. Esta é a expressão da esperança; “ainda não”.

Alguém gostaria mais de trazer a sua observação, a sua pergunta? Quero já ir encaminhando para pensar nesse contexto geral do ciclo e que traz esse complemento rico que a Sonia cede para a gente e traz aí com a sua palavra rica. A gente criou o ciclo exatamente no sentido de proporcionar uma reflexão de caráter crítico para olhar de um jeito diferente aquelas coisas que estão presentes no nosso cotidiano. Muitas vezes a pressa, e Sonia já fez referência a isso, o tempo apressado impede a gente de fazer essa reflexão. Temos também o propósito de ser algo que a gente possa fazer juntos, coletivamente e com uma perspectiva utópica mesmo. Queríamos trazer os temas com a intenção de explorá-los pensando nesse: “para onde vamos?”

Só há um momento de fazer a história, que é o presente. Este tempo é o tempo de todos nós. Por vezes, a gente fala no passado como o que ficou para trás. Gosto de brincar perguntando às pessoas: onde ficou o garoto

ou a garota de sete anos que você foi? E, no geral, elas dizem que ficou para trás. Que nada, ficou aqui. Eu sou essa mulher hoje por causa da garota de sete anos que fui e da mulher de 90 que quero ser.

Então o tempo é de todos nós. Este é o nosso tempo, hoje, e é nele que se constrói o futuro, que se começa a construir o futuro como um ideal. Por isso falo na utopia, a utopia não é o que é impossível de existir, mas é o que “ainda não” existe. Esta é a expressão da esperança: “ainda não”. Quando digo “ainda não”, significa que eu chego lá. Ainda não temos o país, a educação, o meio ambiente que a gente quer.

- Ainda não, mas podemos chegar lá!

E por isso mesmo é que quero agradecer muito a todas e todos vocês que estiveram conosco nesse caminho. Aqueles que com fidelidade nos seguiram desde o início até agora e, muito especialmente, aos que trouxeram a sua contribuição, que se encerra agora dessa maneira brilhante com a Sônia Guajajara.

O professor João Paulo Pimenta que nos brindou com considerações únicas sobre a história. O professor Ladislau Dowbor, que explorou a questão da economia apontando elementos que depois foram retomados por vários que aqui estiveram. Frei Beto, que fez as discussões a propósito da transcendência

da religião e da política. Rita Von Hunty, que falou sobre educação e que trouxe uma indagação séria para a gente: o que é que se precisa para estar na categoria de humano, quantos são os que têm direito a ser assim chamados. Raquel Rolnik, que pensou na moradia, que pensou junto conosco nessa ausência de casas, de lares. Tales Ab'Sáber trabalhou com a gente as questões da psicanálise, dessa inconsciência que a gente tem em relação à realidade. Maria Elisa Garavelo, que falou a questão da alimentação trazendo, Sonia, aquilo que você mesmo diz: como é que se explica, num país que produz tanto alimento, milhões de pessoas passando fome. O professor César Nunes, que explorou ideias da educação, que trouxe a indagação sobre a necessidade de uma educação democrática, solidária. Tatiana Roque, que abordou questões relacionadas a ciência e a política.

E agora trazendo você, Sonia, a gente, com muita alegria, encerra este ciclo. Eu disse que é uma perspectiva utópica. Por quê? Porque nos ajuda a pensar hoje em como cada um de nós vai construir esse futuro. Você mesma disse que a democracia representativa parece já não atender, mas é importante pensar nela: nessa ideia da representação. Acho que nesta semana, particularmente neste dia, é bom a gente pensar que nós é que estaremos lá na pessoa de nossos representantes: quem representa é o que está no lugar de... Eu não posso ir, peço para Fer-

nando me representar e tenho a expectativa de que ele aja como eu agiria. Não é que ele faça o que eu tenho que fazer, mas é em função de um programa, de um projeto que é desenvolvido. É saber que você está lá no meu lugar, é fazer o que você disse que faria se fosse eu mesma, porque penso assim. Então, acho que é fundamental buscar esse país, essa vida que a gente precisa.

O Fernando Nogueira de Paula agradece.

FERNANDO NOGUEIRA DE PAULA

Muita força, Sonia, nessa nova empreitada como deputada. Você será extremamente testada e desafiada pelos colegas do Legislativo.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

E vou me juntar a ele, Sonia, para te dar a palavra para você terminar dizendo que a gente não tem dúvida que será com a garra e a coragem que você tem mostrado, que você vai nos representar por lá. Também por isso, desejamos a você muito boa sorte e agradecemos imensamente a sua contribuição. Não posso deixar, por último, de agradecer ao Sesc, a parceria bonita, calorosa, que foi feita primeiramente com a presença de Sabrina e depois com a Juliana e Giovana. Obrigadíssima por estarem com a gente. Estamos em companhia da melhor qualidade e tomara que a gente possa seguir adiante assim.

GIOVANNA BENJAMIN TOGASHI

Terezinha, a Sonia tinha um compromisso e precisou sair. Ela não está mais na sala.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Então, olha, aí vou pensar em amarrar trazendo outro nordestino da melhor qualidade, o poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Apenas para um recadinho para todos nós nesta finalização do trabalho.

Antes, temos mensagem da Tatiana Vasconcelos.

TATIANA VASCONCELOS

Força e apoio à Sônia nessa nova empreitada! Parabéns ao CPF pelo evento e organização.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

E lá vai o João Cabral:

Um galo sozinho não tece uma manhã, ele precisará sempre de outros galos, de um que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro, de outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro, e de muitos outros galos, que com outros galos se cruzem os raios do sol de seus gritos de galo para que a manhã, em vez de uma teia tênue, se vá tecendo entre todos os galos. Um galo sozinho não tece uma manhã.

E aí, peço licença para o João Cabral para deslocar uma letrinha. Ele diz:

Um galo sozinho não tece uma manhã.

Eu desloco e digo:

- Um galo sozinho não tece “um amanhã”.

Por isso mesmo é que vamos em direção a esse futuro que podemos tecer juntos e vamos fazê-lo com coragem, com muita esperança. Obrigada a todos, todas.

GIOVANNA BENJAMIN TOGASHI

Obrigada. Obrigada, Terezinha, e a vocês que estiveram conosco aqui. Relembramos que, em breve, as transcrições das palestras estarão disponíveis na biblioteca do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. Desejo um ótimo final de semana para vocês. Obrigada.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Um beijo para todas e todos.